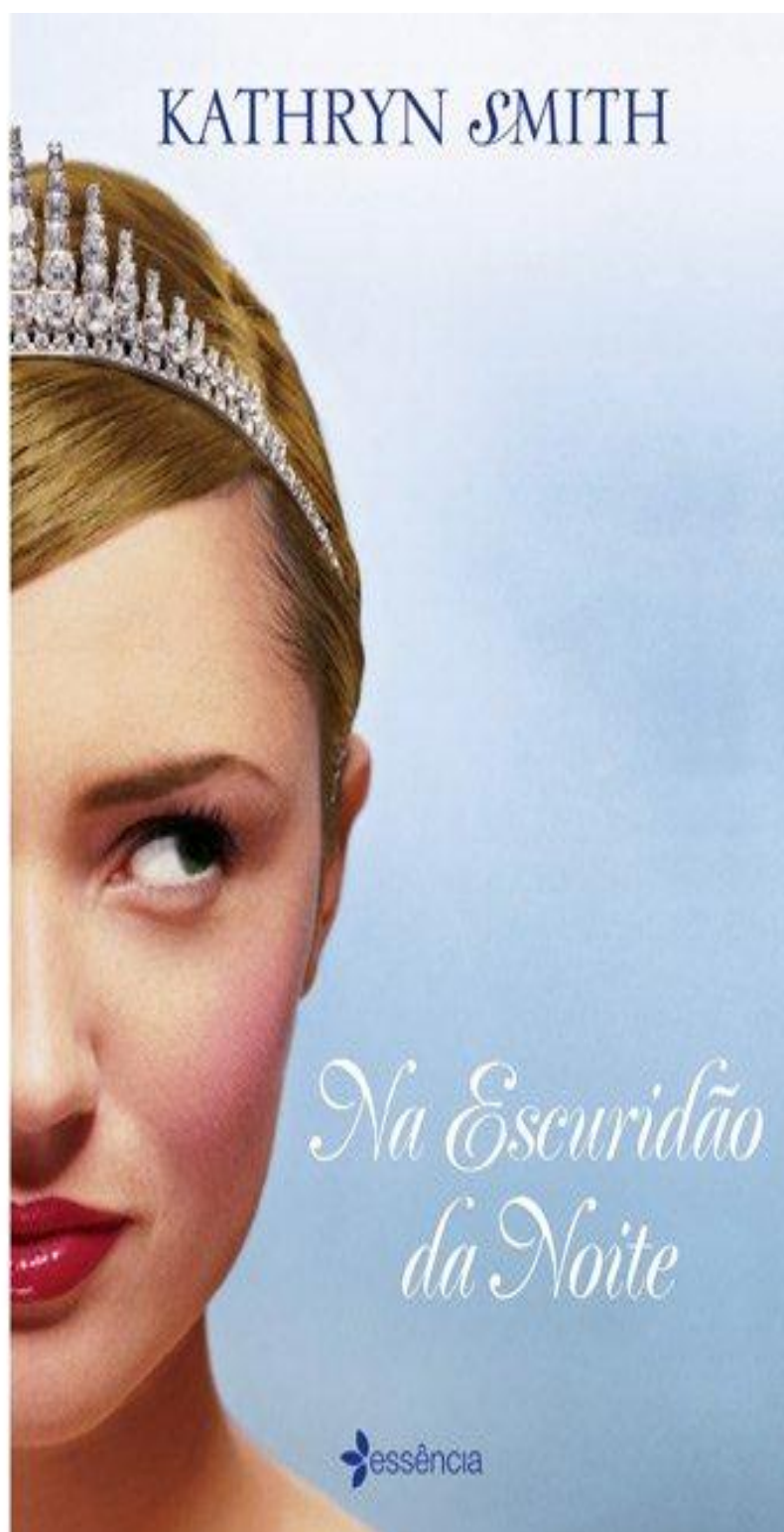


KATHRYN SMITH
NA ESCURIDÃO DA NOITE





Wynthrope deu uma lambidinha no glacê que ficara em seu garfo.

Moira sentiu um arrepio.

Sem terminar o bolo, ele pôs o prato de lado.

- O fogo está muito forte para a senhora, Lady Aubourn? – perguntou ele com suavidade e polidez.

- Não, senhor Ryland, estou muito bem.

- Perguntei porque parece que a senhora está sentindo calor. Está ruborizada.

- Acho que o senhor está sendo impertinente, senhor Ryland. – E ela estava gostando disso.

- Sem dúvida está certa, mas acaba de me lembrar de uma coisa, minha cara.

- Oh! E o que é?

- A senhora ainda me deve um beijo, e se insistir em me olhar como se quisesse me envolver em cobertura de chocolate, é melhor que esteja pronta para tirá-la de mim.

Os lábios de Moira se entreabriram, mas deles não saiu nenhum som. Ela só conseguia ficar parada ali, encarando-o, ardendo da cabeça aos pés.

Um leve rubor lhe subiu ao rosto, enquanto ele fixava o olhar em sua boca.

- Por Deus, senhora! – murmurou ele. – A senhora me faz desejar que me cubram de glacê de chocolate.

Capítulo um

Londres

Dezembro de 1818

- Você não ousaria!

Então ela disse isso? O que ela estava pensando? Que ele era algum moleque incapaz de resistir a um desafio?

Provavelmente. E até certo ponto estaria certa. Suas palavras o espicaram, mas seria preciso mais do que uma aguilhada para impedi-lo de agir. Wynthrope voltou-se para sua acompanhante com um sorriso frio mas encantador.

- Receio não poder aceitar esse desafio.

A mulher de seios fartos agitou sedutoramente o leque na altura do colo. Sua surpresa diante da recusa estava estampada no lindo rosto.

- Céus! Por que não pode aceitá-lo?

Voltando a atenção para os pares que rodopiavam diante deles, Wynthrope sorriu de modo ainda mais frio. Era por isso que não gostava de festas no inverno – a tagarelice era inevitável.

- Porque já sei o que aconteceria se convidasse a senhora em questão para dançar.

Lady Dumont não estava satisfeita com uma resposta tão indefinida.

- E o que quer dizer isso, caro senhor?

Polidamente, ele terminou de beber seu champanhe e em seguida respondeu, gesticulando com a taça vazia:

- A irmã dela sem dúvida teria um ataque histérico.

Isso era melodramático demais para ser real, mas as palavras não conseguiam esconder a verdade. A maioria das mulheres se sentia intimidada por ele – o que ele achava ótimo. As que acabavam sendo-lhe apresentadas, como muitas dessas tolas que apareciam no Natal, geralmente estavam em dificuldades financeiras ou simplesmente circulavam em busca de relacionamento. Obviamente, bons relacionamentos estavam fora de cogitação quando se tratava da família dele. Os Rylands, mesmo os ramos mais distantes, não eram conhecidos como “boa” aristocracia.

No entanto, a parte dele que não conseguia resistir a nenhum desafio forçou-o a lançar os olhos na direção da linda e popular Minerva Banning e de Moira, viscondessa de Aubourn, sua vigilante irmã mais velha.

Pessoalmente, ele considerava a beleza uma qualidade supervalorizada. E nesse ambiente, para ser popular bastava dizer a coisa certa na hora certa. Que tédio! Apesar disso, não tirara os olhos das duas irmãs a noite toda. Devia estar sendo muito indiscreto, para que sua acompanhante o notasse. Costumava a ser mais cuidadoso.

Agora, se Lady Dumont o tivesse desafiado a roubar dela um beijo em vez de convidá-la para dançar, esse era um desafio que valeria a pena aceitar. Convidar era algo que ele nunca fazia. Já roubar era uma coisa com a qual se sentia perfeitamente à vontade.

Aparentemente, Lady Dumont não estava interessada em aumentar o desafio. Tanto pior.

- Wynthrope querido, você pretende ir ao sarau de sua cunhada amanhã?

Pondo o copo na bandeja de um criado que passava, Wynthrope voltou-se novamente para sua acompanhante. Dez anos mais velha que ele, Lady Dumont era uma mulher atraente, de cabelo louro-prateado e aparência sedutora. Chamá-lo pelo nome de batismo não era uma tentativa de forçar intimidade – isso ocorrera anos atrás. Ele dividira a cama com ela por uns bons meses, antes e depois de aliviá-la de algumas pinturas de autoria do falecido marido. Naturalmente, achava que sua atividade criminosa era exercida em nome do bem da Inglaterra. A sensualidade era o motivo da tela. Naquela época ele era jovem e estúpido.

- É claro que tenho a intenção de ir à festa de Octavia – disse ele, tirando o passado da cabeça. – Ela não me deu escolha. – De qualquer modo, ele nem sonharia desapontá-la. Octavia conquistara sua lealdade no momento em que tinha se casado com North, também era boa para ele.

Lady Dumont esboçou um sorriso tímido enquanto continuava a se abanar vagarosamente.

- Mulheres! A única fraqueza dos homens da família Ryland.

Wynthrope pigarreou ligeiramente, zombeteiro. Antes disso do que a imprecisão em que pensara primeiro.

- Dificilmente a única, mas uma entre muitas – disse, ironicamente, dando de ombros.

Essa conversa estava começando a se tornar enfadonha. Fora esse o motivo de ele ter abandonado a antiga amante; não pela necessidade de se manter calado sobre sua família, mesmo sendo ele o único a criticá-la. Enquanto compartilhavam a mesma cama, jamais falara de seu passado com essa mulher. Então, por que faria isso agora?

- Acho que vou aceitar seu desafio, afinal. Por favor, me desculpe, senhora. – Contrariando seus hábitos, fez uma mesura, enquanto sua atenção já se desviava. O fato de se concentrar em sua presa aliviava um pouco a inquietude que já há algum tempo o atormentava. Ele jamais admitiria, nem mesmo para os irmãos, que sentia como se faltasse algo em sua vida. Se ao menos um de seus irmãos estivesse por perto, poderia recorrer a ele para livrar-se daquela sensação. Até Brahm acalmava seu espírito. Maldito!

Mas nenhum deles estava por perto. North estava em casa com Octavia. Devlin, o mais novo, viria de Denver com a mulher para o Natal, e Brahm não era aceito pela sociedade, embora a opinião geral sobre ele tivesse melhorado um pouco ultimamente.

Talvez tivesse cismado com essa mulher pelo fato de ela estar sempre junto com a irmã.

Realista, sabia que ela o aborreceria depois de algum tempo, mas naquele momento a desejava.

Abrindo caminho entre a multidão, Wynthrope tomou a direção das duas irmãs. Além da cor do cabelo e do contorno do queixo, havia muita pouca semelhança entre ambas. Minerva era mais baixa e roliça, o cabelo enrolado em cachos; a pele tinha um sombreado escuro, a linha entre os seios era mais profunda. Estava encantadora em seu vestido amarelo-pálido. A viscondessa era alta e reservada; tinha a pele pálida, e sua expressão era circunspecta, enquanto a da irmã era aberta. Era estranho que, das duas, ela usasse a cor mais forte. O traje verde-escuro, realçava o dourado de seu cabelo.

Parecia desprovida de humor, mas ele sabia que isso não era verdade. Todos os que a conheciam louvavam sua natureza afável, sua presença de espírito. Talvez a perda do marido dois anos antes lhe tivesse roubado a alegria. Ou quem sabe fosse o estresse de tentar casar a irmã mais jovem fora da temporada londrina. Não havia na cidade muitos jovens disponíveis nessa época do ano, embora ninguém se desse conta disso, pelo número de admiradores que rodeavam a senhorita Banning.

Não era segredo que a viscondessa era terrivelmente protetora em relação à irmã menor, e extremamente exigente na escolha de suas companhias. Comentava-se que, desde sua chegada a Londres, a senhorita Banning reclamara mais de uma vez do controle exercido pela irmã. Minnie, como era chamada em sociedade, gostava de atenção, e não queria que a irmã lhe tirasse a oportunidade de ser notada.

Por isso mesmo, Wynthrope devia parar ali, dar meia-volta e ir pegar outra bebida, em vez de se envolver com duas mulheres tão complicadas. Grande idéia!

Girou nos calcanhares, o que bastou para ver que Lady Dumont o observava do outro lado do salão. Maldita sociedade londrina, tão escassa que uma pessoa conseguia enxergar todo o salão de baile de um extremo ao outro. A ex-amante exibia um ar indagador. Ele quase podia ouvir a pergunta contida em sua expressão: será que ele perdera a coragem? Não – não era essa a questão. Ele estava cheio de coragem – Lady Dumont não tinha idéia da extensão de sua coragem. Se ao menos imaginasse quem roubara aquelas pinturas bem debaixo de seu nariz, pensou com cáustico deleite.

Não que lhe importasse o que Lady Dumont pensava. Que pensasse que ele era um covarde. Não havia nada de errado em querer evitar ser o motivo de um conflito entre irmãs.

E mesmo assim, apesar do risco, ele foi ao encontro das duas mulheres. Estava fazendo aquilo porque queria, e não por algo que Lady Dumont pudesse dizer. Não obstante o risco potencial de irritar a irmã, ele queria convidá-la para dançar, queria ouvi-la dizer sim.

E também queria tomá-la nos braços, descobrir se sua pele era realmente tão pálida quanto parecia a distância. Por quê? Porque apenas poucos dias antes a havia visto diante de uma

loja em Bond Street – com a irmã, é claro. Seu rosto estava rosado por causa do frio e, ao sorrir, os olhos brilhavam. Não fora o único homem a notá-la – mas apenas ele ganhara sua atenção.

Por um segundo ela olhou para ele como se pudesse ver o que se passava em seu coração – e como se pudesse entender o que vira ali. Isso o atingiu profundamente, deixando-o sem ação, vulnerável. E mesmo agora, só de pensar em fitar de novo aquele olhar, seu coração disparava.

Ninguém o deixara tão vulnerável antes, nem mesmo um canalha que o fizera de bobo, o enganara. Nem mesmo Brahm ou seu pai o haviam deixado tão exposto, tão nu, como fizera aquela mulher. Que pessoa estranha devia ser, para provocar nele tal reação. Seu instinto de sobrevivência lhe dizia que desse meia-volta enquanto ainda podia. Sabia que não sairia incólume desse encontro. Se o recusasse, seu orgulho sofreria, mas se o aceitasse poderia estar arriscando mais do que seu orgulho.

Em que raios estava pensando? O que mais, além de seu orgulho, poderia estar em risco? O que mais ele tinha? Por certo, não seria seu coração. Aquele pedaço de carne trêmula não conhecia o significado de um vínculo verdadeiro. A única coisa que ainda o afetava eram os laços de sangue. Nenhum outro vínculo restara. Nada mais havia sido real.

Essa atração que experimentava não era real. Os poucos minutos que se seguiram provariam isso. Ela olharia para ele, e seu olhar seria igual ao de qualquer mulher. Ele descobriria afinal que não havia nada de especial nela, e perderia o interesse. E então acabaria bebendo além da conta e iria para a cama com Lady Dumont.

Um bom porre iria clarear-lhe as idéias e o livraria de toda essa bobagem. No futuro, estaria preparado para não dar crédito a essas coisas.

Ao aproximar-se das mulheres, elas o olharam. Ambas tinham no rosto uma expressão de surpresa, embora a mais nova parecesse ligeiramente mais alegre.

Por sorte, era preciso mais do que um ar desapontado para fazê-lo desistir de algo que já tinha em mente.

Fez uma mesura diante delas, exibindo o mais charmoso sorriso.

- Lady Aubourn, senhorita Banning, que prazer vê-las novamente!

A mais jovem, mostrando as covinhas ao sorrir, disse:

- Boa noite, senhor Ryland.

A outra franziu o cenho. Era desapontamento o que via no fundo de seus olhos cor de âmbar?

- Senhor Ryland – cumprimentou-o.

Impassível, Wynthrope seguiu em frente.

- Estava me perguntando se poderia ter o prazer...

A viscondessa não permitiu que ele continuasse.

- Sinto muito, senhor Ryland, mas o carnê* de minha irmã está completo.

Wynthrope deliberadamente levantou as sobrancelhas diante desse tom brusco, mas antes que ele abrisse a boca para falar, a jovem se adiantou e disse, com um olhar irritado:

- Meu carnê não está cheio!

Lady Aubourn corou. Na verdade, ficava bem atraente com alguma cor no rosto.

- Minnie, cale-se!

A jovem também ficou ruborizada, e seus olhos faiscavam de indignação ao dizer:

- Não me calarei! Não preciso que você fale por mim.

- Tem razão, senhorita Banning – acrescentou Wynthrope, pondo mais lenha na fogueira. –

Nunca deixe ninguém falar pela senhorita, seja sua irmã ou não.

Deus sabia que ele não ia querer que nenhum de seus irmãos falasse por ele. Nem conseguia imaginar o problema que isso causaria.

A viscondessa o fuzilou com um olhar entre chocado e furioso. Foi a fúria que chamou sua atenção. Nunca teria imaginado que ela fosse

*Nos bailes europeus dessa época, as mulheres tinham um carnê com todas as músicas que a orquestra tocava. No começo da festa, os pretendentes se candidatavam a dançar com as damas de seu interesse, que marcavam o nome deles ao lado da música, e iam preenchendo o carnê. Quando não queriam dançar com algum cavalheiro, diziam que o carnê estava cheio. (N. E.)

uma mulher dada a emoções fortes. Ela sempre parecera tão calma, tão equilibrada...

- Senhor Ryland, embora aprecie seu convite e a atenção para com minha irmã, o senhor há de concordar comigo que os dois não fariam um bom par.

Uma gargalhada ficou presa na garganta de Wynthrope, quase asfixiando-o. ele não sabia se a soltava ou se dizia ela exatamente o que pensava de sua arrogância.

- É assim? – perguntou ele, rindo.

Por um instante, Lady Aubourn pareceu confusa, enquanto o tom de mofa da voz dele ecoava em seus ouvidos. Dessa vez, quando o fitou diretamente nos olhos, Wynthrope pôde sentir como ela tentava buscar neles a resposta.

- Sim, senhor Ryland, é assim. – Seu tom soava divertido mas firme.

Minerva bateu o pé no chão com tanta força que se assustou. Wynthrope não se surpreendeu.

Aqueles sapatos finos não opunham resistência ao duro chão de mármore.

- Mas, Moira, eu quero dançar com ele! – insistiu Minerva.

- Fico muito agradecido por isso, senhorita Banning – disse Wynthrope com um sorriso, desviando os olhos da irmã repressora -, mas não é a senhorita que estou convidando.

Só para ver a reação das duas já teria valido a pena. A semelhança entre as duas de repente se fez notar. Era impressionante como se pareciam ao exibir uma expressão de susto.

- Mas talvez seu carnê também esteja completo, não é, Lady Aubourn?

Era magnífica quando parecia embaraçada. O rubor tomava suas faces e o pescoço, e havia um brilho em seus olhos verde-dourados que ele ainda não tinha visto. Subitamente, Moira Tyndale já não parecia calma e distante. E de repente, já não importava que nesse momento ela não tivesse sido capaz de vê-lo por dentro. Não lhe ocorrera que ele pudesse preferi-la a sua popular irmãzinha.

- Eu... – As palavras não saiam, embora ela mantivesse a boca aberta. Ela o fitou, desamparada. Era evidente que não sabia o que dizer. Ele queria que ela dissesse sim, queria descobrir se ela cheirava tão bem como imaginava. Devia ter o odor do inverno – frio e duro por fora, com uma nota mais cálida à espreita uma camada abaixo. Cacau e canela mesclados pelo vento amargo.

- Muito gentil de sua parte, senhor Ryland – começou Minerva, com uma expressão séria. – Mas receio que minha irmã ainda esteja guardando luto pela morte do marido e não queira dançar.

Mentira deslavada assim ele nunca ouvira – e ela também sabia disso, o que não a impediu de encará-lo diretamente enquanto falava. Mimada ou não, ele tinha de admirar a garota por ser tão atrevida.

Ele assentiu com a cabeça, o olhar fixo no de Moira.

- Minhas desculpas, senhora. Desejo-lhes boa noite.

Antes de sair, juntou os calcanhares e dirigiu à mulher mais jovem um leve sorriso.

- Desfrute o resto do baile, senhorita Banning.

Deu dois passos, mas não pôde conter o desejo de virar-se.

- Oh, Lady Aubourn!

Ambas o olharam.

Wynthrope sorriu, dessa vez de verdade, e disse:

- Se decidir voltar a dançar, por favor, avise-me.

O olhar da viscondessa se intensificou, e Wynthrope se foi, rindo, com a imagem dela maravilhosamente congelada em sua mente.

Seus olhos eram de um azul tão profundo que ela não conseguia pensar em nada que se comparasse a eles. A safira, muito comum. A turquesa, natural demais. O índigo, impróprio. Seus olhos eram...

- Caramba! – exclamou.

- Você está bem, Moira? – perguntou-lhe a irmã.

Assustada, Moira Tyndale enfiou o polegar na boca, lambendo uma gota de sangue. Afastou-se da janela com um suspiro.

- Nada que uma mente que funcione bem não possa resolver, Octavia. Outra vez machuquei o dedo numa tachinha.

Octavia Sheffield-Ryland sorriu de modo zombeteiro enquanto decorava a lareira com ramos de azevinho. Ela era alta e ruiva, com brilhantes olhos azuis e o resplendor de uma mulher recém-casada, algo que Moira invejava.

- Você está estranhamente distraída hoje. Aconteceu algo ontem no baile?

Para que a amiga não notasse o rubor em seu rosto. Moira tratou de se ocupar da decoração ao redor da janela.

- Claro que não – respondeu.

- Ninguém a convidou para dançar? – perguntou a amiga com uma ponta de interesse.

Moira cerrou os olhos, sentindo inundá-la uma onda de embaraço. Octavia sabia. Claro que sabia. Havia muita tagarelice nessa época do ano, mas poucas novidades; assim, qualquer coisa que acontecesse num baile ou local público virava notícia.

- Claro que não – respondeu Moira, e isso não era inteiramente mentira. Wynthrope Ryland, aquele dos olhos de um azul indefinível, não tinha na verdade tido a chance de convidá-la, não propriamente.

- Hum... Devo ter ouvido mal.

Teria sido melhor ignorar o assunto. O mais indicado agora era continuar com a decoração e fingir que não sabia do que se tratava. No entanto, pensando nisso, encolheu os ombros, resignada, e perguntou:

- O que você ouviu?

Deixando de lado os ramos de azevinho, Octavia aproximou-se dela. Felizmente os empregados iam ajudar na decoração, porque nesse passo não terminariam o trabalho antes da chegada dos convidados.

A expressão de Octavia era de satisfação, como se a humilhação de Moira na noite anterior fosse algo bom. Obviamente, qualquer coisa que a amiga tivesse ouvido, ela ouvira errado.

- Ouvi dizer – murmurou ela, como se alguém pudesse ouvi-las – que um certo cavalheiro se interessou muito por você.

Bem, essa era uma maneira de dizer. Moira abriu a boca, mas permaneceu calada. Qual seria a melhor resposta?

- Fiz papel de tola, Octavia. Foi isso que aconteceu.

A expressão alegre se foi, substituída por outra, de preocupação e confusão.

- Com certeza não fez.

Moira se afastou, preferindo brincar com os enfeites postos em uma mesa próxima a se defrontar com a solidariedade da amiga. Pegou entre o polegar e o indicador uma faixa vermelha e sentiu o toque macio do veludo.

- Acho que ele queria dançar com Minnie – disse Moira.

- Em vez de dançar com você?

Por que aquele tom de surpresa? De cenho franzido, encarou a amiga.

- Naturalmente.

Reproduzindo sua expressão, com a testa pálida meio franzida, Octavia disse:

- Por que você achou isso?

Moira riu, sem acreditar. Aquilo não era óbvio? Então respondeu:

- Porque todos cavalheiros que se aproximaram de nós num baile querem dançar com Minerva.

Octavia fez um gesto com a mão indicando sabedoria, dizendo:

- Meu cunhado não é “todos os cavalheiros”. Na verdade, nem sei se o termo “cavalheiro” se aplica a Wynthrope.

A simples menção de seu nome fez Moira corar novamente. Desde que pusera os olhos em Wynthrope Ryland, anos atrás, ela sempre o achara o homem mais atraente da Inglaterra. Na ocasião ele não lhe dispensara um segundo olhar. Por que o faria agora? Naquela época ela

estava meio rechonchuda, era uma típica camponesa. O único homem que prestara atenção nela fora Anthony, seu melhor amigo – seu marido.

Falecido marido. Querido Tony. Ainda sentia falta dele. Ele havia reparado na boa aparência de Wynthrope.

Mas Octavia não sabia que Moira admirava a figura do cunhado. Era muito humilhante para ela admitir isso. Como uma colegial tola, ela sempre o procurava em reuniões sociais. Era estranho, mas durante o período de luto não se lembrava dele. Não pensava em outra coisa que não fosse o fato de que seu melhor amigo estava morto e que o mundo ficara mais sombrio sem ele.

Mas o período de luto terminara, tanto em seu interior quanto na vida social. Pena Minnie ter feito o senhor Ryland pensar o contrário. No entanto, graças à intervenção da irmã, ela fora poupada de um vexame maior.

- Queria que você tivesse noção de seu próprio valor, Moira. – Desviada de seus pensamentos pela voz da amiga, Moira levantou os olhos e disse:

- Conheço o valor que tenho. Você o está subestimando sem razão.

- Não, apenas para que você perceba que é tão atraente quanto sua irmã.

Teria sido o tom grave ou suas próprias palavras que fizeram Octavia rir tanto?

- Você é uma boa amiga, mas não sou tão frágil que você precise mentir para mim por bondade – Ficou sem saber se Octavia estava rindo pelo que dissera ou pelo tom grave que empregava. – Minnie é dez vezes mais bonita do que eu.

A expressão de Octavia voltou a ficar séria.

- Beleza não é a única virtude a que uma mulher deveria aspirar.

Que bela maneira de dizer que Moira era uma pessoa melhor do que sua irmã mais nova.

Octavia não precisava ser tão cuidadosa com as palavras. A verdade é que Moira não fora insultada pela irmã. Ela era melhor do que Minnie apenas porque não fora mimada pelos pais. E Tony lhe dera tanto, lhe ensinara tantas coisas! O fato é que a vida ainda não havia dado uma chance a Minerva. Algum dia, Moira estava certa disso, sua irmã mais nova iria se transformar numa mulher que valeria a pena.

E mesmo que não fosse assim, Moira continuaria a amá-la. Por ser filha única, Octavia não conseguia entender isso. Mas ela apostaria dez libras que Wynthrope Ryland o entenderia perfeitamente.

Moira apostaria outras dez libras que ele, infelizmente, a entenderia da mesma maneira. Desde aquele dia em Bond Street, quando seus olhos se haviam encontrado, ela tinha a incômoda sensação de que ele podia mergulhar em sua alma. De sua parte, era como se ela o tivesse visto por dentro. Por um momento intenso e perfeitamente claro, ela o olhara e soubera que ele não era o que aparentava ser.

E isso era ótimo, porque ele sempre parecera ser um libertino, uma pessoa calculista, sem sentimentos.

Sorrindo com sinceridade, Moira tomou nas suas uma das mãos longas e finas da amiga.

- Octavia, sei que você fica impaciente com a preocupação de minha irmã. Obrigada novamente por oferecer esta festa a ela.

Os lábios de Octavia se estreitaram numa expressão desanimada.

- Estou fazendo isso porque quero que você tenha uma noite para você mesma.

- Não poderia recusar, já que você está se encarregando de tudo.

- Tudo, não – Octavia replicou recatadamente -, já que você está aqui.

Era verdade, mas Moira o fazia de boa vontade.

- Gosto de enfeitar uma casa no Natal. A minha já está decorada há dias.

Octavia colocou um par de pombos de porcelana em cima da lareira.

- Concordo, isso faz com que a época fique ainda mais festiva, não é mesmo?

Moira, pegando os ramos de azevinho e as tachinhas, sorriu e voltou ao trabalho, dizendo:

- Isso e bons amigos.

- E outros novos que virão. – Octavia recuou um pouco para admirar seu trabalho. – Creio que toda a aristocracia londrina estará aqui esta noite. Espero poder acomodar a todos.

Fosse porque a festa estava sendo oferecida por Octavia ou pela falta de vida social durante os meses mais frios, Moira não tinha dúvida de que a casa de Covent Garden veria mais gente da alta sociedade naquela noite do que numa grande estréia teatral.

De novo ela apostaria que os convidados que aparecessem naquela noite lá estariam para ver Minnie ou Octavia e seu famoso marido. North Sheffield-Ryland, que havia entrado para a política, era o favorito do regente e do primeiro-ministro.

Moira pendurou mais ramos de azevinho ao longo da moldura da janela.

- O irmão de North virá esta noite?

Octavia lançou-lhe um olhar furtivo enquanto colocava velas novas nos candelabros de prata sobre a lareira.

- Wynthrope?

Moira revirou os olhos. A amiga simplesmente não desistia.

- Você disse que o mais novo estava vindo de Devonshire, não?

- Ah, sim. Devlin. Ele e Blythe devem chegar esta tarde. Brahm também aceitou o convite.

Obrigada por consentir que o convidasse.

Moira franziu o cenho ante o agradecimento, enquanto escolhia que enfeite usaria no arranjo seguinte.

- Não teria sentido eu dizer quem você não deveria convidar para vir a sua própria casa. Além do mais, não tenho motivos para não gostar do visconde. Ele sempre foi encantador comigo.

Octavia sorriu.

- Os Rylands conseguem ser incrivelmente encantadores quando querem.

Fora por acaso ou intencionalmente que Octavia não mencionara se Wynthrope estaria ali naquela noite? Bem, Moira não ia se fazer de tonta perguntando.

Como se o destino quisesse ajudá-la a manter a decisão, nesse momento apareceu uma criada à porta.

- Desculpe, senhora, mas está aqui o homem com as flores que a senhora encomendou.

Parece que houve um problema com o pedido.

Não era exatamente isso que Octavia queria ouvir. Olhou para Moira como que se desculpando, pediu licença e disse:

- Volto num minuto, prometo.

- Fique à vontade. Tentarei não furar o dedo de novo na sua ausência.

A amiga sorriu e deixou o aposento. A menos que as flores estivessem completamente imprestáveis, Moira estava quase certa de que ninguém notaria coisa alguma. Assim, qualquer que tivesse sido o engano cometido pelo florista, não havia motivo para preocupação. Octavia ainda não voltara quando Moira terminou de decorar a última janela.

O que faria a seguir? Poderia ir procurar Octavia, mas não queria se envolver na questão das flores. A única coisa por fazer era pendurar o azevinho nos vãos das portas e em vários pontos por todo o salão.

Moira pegou a escada que Johnson, o corpulento mordomo de Octavia, trouxera e começou a pendurar as plantas em volta do salão. Naquela noite, a tradição natalina – segundo a qual a moça que estivesse debaixo de um ramo de visco ou de azevinho não poderia recusar um beijo – seria respeitada. Não haveria economia de beijos. Naturalmente, tudo estaria dentro do permitido e do espírito da ocasião. Muitos dos solteiros disponíveis iam querer levar Minnie para debaixo dos ramos de azevinho – mas, evidentemente, sob os olhos vigilantes da irmã. Moira subiu na escada para pendurar o último ramo. Como a posicionara mal na parede, teve de se esticar para prendê-la no lugar. Ficou na ponta dos pés, deslocando-se um pouco para a direita. Um tantinho mais... Oh, oh!

A escada balançou, enquanto os braços de Moira se agitavam parecendo um moinho de vento. Ela tentou recuperar o equilíbrio, mas foi inútil. A escada tombou, jogando-a no chão.

Em vez de aterrissar num piso duro, Moira caiu sobre algo quase sólido. Uns braços extremamente forte cingiram seu corpo, achatando-lhe os seios, empurrando-a de encontro ao peito de um homem cálido e cheiroso. Ela não precisava vê-lo para saber quem era. Sua sorte não a abandonara, só podia se tratar de um único homem.

- Calma! – murmurou ele, enquanto seus joelhos tremiam, impedindo-a de ficar de pé.

Não bastasse seu coração disparar, sua voz também vacilava. Trêmula, ela se virou, apesar de o bom senso lhe ordenar que fugisse para o mais longe possível.

Ele não a soltou, como faria qualquer cavalheiro decente. Apenas ficou parado ali, segurando-a de modo totalmente impróprio, esperando que ela olhasse para cima e deparasse com seu indescritível olhar. Bem, ela não faria isso. Não ia permitir que a seduzisse. Ia ordenar-lhe que a soltasse.

Sua decisão não foi além de três segundos. Sob as sobranceiras levemente arqueadas, aqueles atrevidos olhos azuis a encaravam. Os cílios eram longos e curvados em toda a extensão das pálpebras. Parecia que tudo nele era quase perfeitamente correto, mas não de todo – inclusive o nariz. Essas imperfeições poderiam comprometer um rosto menos

impressionante, mas não o dele. Céus! Era um belo homem. Sem dúvida ele sabia disso.

Homens assim em geral têm consciência de que são bonitos.

Naturalmente, segundo sua experiência, os homens bonitos quase sempre preferiam a companhia de outros homens bonitos; mas ela sabia que isso não era verdade em relação a Wynthrope Ryland. Ele seguramente parecia ter desfrutado a companhia de muitas mulheres. Era estranho, mas Moira tinha a sensação de que ele não tinha gostado muito delas. Por isso mesmo, não lhe parecia que ele gostasse muito de si mesmo, embora aparentasse justamente o oposto.

Seu cabelo escuro estava meio despenteado, e o rosto rosado por causa do frio. Os olhos azuis brilhavam, travessos, estreitando-se nos cantos, enquanto uma leve covinha aparecia em seu rosto. Estaria rindo dela? Será que estava sentindo seu coração bater através do fino tecido do vestido? Por que não estava usando uma roupa bonita, em vez daquele vestido comum, todo azul? Devia estar com uma aparência de meter medo.

Então por que ele olhava para ela como se estivesse gostando do que via?

- Devo dizer, Lady Aubourn, que sempre desejei que uma mulher simplesmente caísse em meus braços, mas não era bem desse jeito que eu imaginava.

Sua voz era suave e gentil, bem modulada, a quintessência de um cavalheiro.

Mas era também tão declaradamente falsa que Moira se assustou. Havia algo de zombeteiro no tom de sua voz, como se quisesse mesmo que todos percebessem que não era sincero.

- É mesmo, senhor Ryland? Que imaginação! Em geral, só penso nisso quando estou realmente caindo.

Ele arregalou os olhos. Bom, o tom da voz dela também não lhe escapara. Essa polidez cáustica ao falar não era própria dela, embora ela soubesse que muitos membros da aristocracia a haviam transformado numa forma de arte.

Que decepção Wynthrope Ryland parecesse ser um deles.

De olhos brilhando, ele continuava a segurá-la, embora os pés dela estivessem firmes no chão. Devia saber que o que estava fazendo era inteiramente impróprio. E devia saber que através do vestido ela podia sentir seu corpo pressionado contra o dela, que ela estava bem consciente de suas longas pernas coladas nas dela.

- De nada! – murmurou ele.

Essa era sua verdadeira voz. Soube disso pelo arrepio que lhe percorreu a espinha. Falava num tom baixo, suave e misterioso – como o aconchego sob um cobertor de arminho numa noite de inverno. Ela corou – não só pela reação que tivera, mas também pelo que ele dissera. Não havia justificativa para ser rude, não quando ele evitara que se ferisse.

- Obrigada. – Baixando os olhos, Moira firmou as mãos em seus ombros e o empurrou com firmeza. – Pode me soltar agora.

- Ainda não, minha senhora.

Ainda não? O que ele queria dizer com isso? Levantou a cabeça para lhe perguntar, mas ao olhar para cima percebeu o significado de suas palavras.

Eles estavam parados embaixo do azevinho que ela havia pendurado antes de cair.

Horrorizada, Moira voltou a olhar para ele. Em seu rosto viu aquele sorriso presumido, calmo, seguro.

- A senhora vai me beijar, Lady Aubourn? Ou sou eu que devo beijá-la?

Capítulo dois

Apenas um beijo. Era tudo o que Wynthrope queria. Só um beijo, e ele a soltaria.

Ele não sabia pó que queria tanto beijá-la, só que queria. Ela era tão delicada, mas não frágil, como ele suspeitara. Seus olhos eram enormes, o nariz, reto, o queixo, bem marcado. A única suavidade estava em sua boca – o lábio superior suave e o lábio inferior mais cheio.

Ela poderia tê-lo esbofeteado – muitas mulheres teriam feito isso por sua audácia, mas não a viscondessa. Ela apenas ficara parada ali, surpreendentemente delicada, com o corpo colado ao dele e as mãos pressionando seus ombros. Ela estava tremendo.

Tremendo. Deus do céu! Qual fora a última vez que uma mulher havia ficado assim em sua companhia? Não era porque ela estivesse com medo – ele sabia disso pela luz que via em seus grandes olhos cor de âmbar. Estava, sim, cautelosa em relação a ele, talvez um pouco intimidada, mas não com medo. Nem parecia aborrecida por qualquer coisa que pudesse ter visto em seu íntimo – e devia ter visto algo, porque ele podia sentir seu olhar até nos mais secretos recônditos de sua alma.

Seus dedos longos e finos se encolheram contra a lã de seu casaco.

- É muita crueldade sua, senhor Ryland.

- Crueldade? Acha-me cruel? – Tão cruel quanto sentir as calças começarem a apertá-lo? Tão cruel como não satisfazer o desejo provocado por seu corpo macio?

- Não é cruel atormentar-me como o senhor está fazendo? – sua voz soava ainda mais baixa, quase um sussurro. – Não devia fazer essas brincadeiras.

Então achava que ele a estava atormentando? Ela não sabia o significado dessa palavra. Nem ele, até aquele momento.

- O que acho cruel, Lady Aubourn, é que a senhora não permitirá que a beije, não importa o quanto eu deseje isso.

Ela arregalou os olhos. Talvez estivesse pensando que ele estava zombando dela. Talvez não tivesse percebido que ele não estava apenas flertando com ela, mas tinha que saber agora.

Quão inocente uma mulher tinha que ser para não notar quando a atração de um homem por ela era sincera? E ele se sentira atraído. Só pensava nela desde seu encontro na noite anterior. Ela era uma mulher intrigante, e ele queria conhecê-la melhor.

No sentido bíblico da palavra.

- Isso é uma punição? – perguntou ela, obviamente ressentida. – Está retribuindo meu comportamento de ontem à noite? Não precisa se incomodar, garanto-lhe que já me censurei o suficiente, por nós dois.

Wynthrope franziu a testa e disse:

- Que bobagem é essa? Quero beijá-la, criatura, não puni-la. Ou me acha tão repulsivo que um beijo seria um castigo?

Agora ele que dizia coisas sem nexos. Ele podia não ser tão alto quanto seu irmão Devlin, ou tão atlético como North, ou tão bonito como Brahm, mas sabia que não desagradava a uma boa parte do gênero oposto.

Também sabia que se Lady Aubourn o achasse uma pessoa desagradável o teria esbofeteado, exigindo que a soltasse.

- Repulsivo? – Ela o encarava com ar de descrença. – O senhor não pode ser tão tolo.

O que fazer senão rir? Sua risada soou meio rouca e seca, meio estranha ao sair da garganta. Ainda estava rindo quando seu olhar encontrou o dela mais uma vez. A risada morreu; o riso desapareceu.

Ela o estava encarando com tal espanto que ele imediatamente se arrependeu. Seu coração, que não era um primor de decência, deu uma reviravolta diante da súbita mudança em seu olhar. Tudo isso por causa de uma gargalhada? Ele raramente ria assim, mas merecia essa reação?

Parecia que Lady Aubourn pensava assim.

Se cinco minutos atrás ele queria beijá-la, agora estava morrendo de vontade de fazer isso.

Seus lábios se entreabriram. Seria isso um convite ou ela ia falar? Fosse o que fosse, ele estava condenado a não saber.

- Moira! – a voz de Octavia vinha do corredor. – Você está bem? Ouvi um barulho.

Sua cunhada era decididamente inoportuna. Será que Octavia estava observando-os de algum lugar secreto, esperando o exato momento para salvar a amiga de suas garras libertinas? Ou o destino estava simplesmente se divertindo com ele de novo como gostava de fazer?

Lançou um olhar resignado para sua viscondessa, murmurando:

- Negou de novo. Está me devendo, minha senhora.

- Por favor – disse ela, e novamente empurrou seus ombros ao ouvir a voz de Octavia mais próxima. – Por favor, solte-me.

Com relutância ele a atendeu, cuidando de manter uma distância razoável entre eles, dizendo:

- Pretendo cobrá-la mais cedo ou mais tarde – e com um último olhar para o azevinho, dirigiu a ela um leve sorriso, acrescentando: - Talvez esta noite.

- Wynthrope. – A voz da cunhada era tão cálida quanto uma brisa de verão. Não tão vigorosa quanto a da viscondessa, e felizmente não tão provocante. – Já chegou?

Encarou-a com um sorriso jocosos mas levemente zombeteiro, sem se ofender com a pergunta.

- Você não determinou a hora no convite.

A expressão de Octavia era suave e ao mesmo tempo divertida.

- Achei que chegaria numa hora decente.

- Nem mesmo me levanto da cama numa hora decente.

- Bem, estou contente por Moira ter tido alguém para lhe fazer companhia na minha ausência.

Com o canto dos olhos, ele relanceou o olhar para a viscondessa. Será que ela suspeitava, tanto quanto ele, das intenções de Octavia? A cunhada raramente solicitava sua presença antes do jantar. Em todo caso, talvez Octavia não estivesse querendo mantê-lo longe da viscondessa, mas quem sabe o contrário disso. Ela parecia a pura imagem da inocência. Isso era razão suficiente para suspeitar dela. Ela mentia tão bem quanto North, mas Wynthrope era melhor.

- Lady Aubourn é uma companhia muito encantadora – disse ele balançando a cabeça. – Bem, devo entender que você me chamou aqui por alguma razão, não?

- Oh, sim. – Sua reação pareceu mais natural nesse momento. – Preciso que você me ensine a dar um laço perfeito no plastron. Seu irmão quer usar esse estilo de gravata esta noite.

Girando os olhos, Wynthrope perguntou:

- Por que ele simplesmente não contrata um camareiro?

Octavia olhou-o interrogativa, como se a resposta fosse óbvia.

- Porque não quer.

Claro! Como podia ser tão tolo?

- Por que contratar um camareiro se ele tem a mim?

Sorrindo, o cunhado disse:

- Exatamente.

- Está bem. Vou lhe mostrar.

Não havia como negar-lhe nada – não poderia, nem que quisesse. Não negaria coisa nenhuma a ela ou a North, por menor que fosse.

- Obrigada. – Octavia virou-se para sua convidada. – Moira, você nos desculpa, não?

A viscondessa assentiu. Na verdade, ela parecia contente por livrar-se dele e de suas insinuações.

Wynthrope fez uma reverência.

- Lady Aubourn, gostaria que continuássemos nossa conversa mais tarde, esta noite.

Isso lhe tirou a satisfação do rosto, mas não podia ser muito fria com ele na presença de Octavia sem admitir seu breve encontro. De todo modo, ele sabia que a bela viscondessa não queria que sua cunhada ficasse sabendo do que houvera entre eles. Ao menos, ainda não.

Depois ela acabaria contando – as mulheres não costumam ter segredos entre amigas.

- Até a noite então, senhor Ryland – replicou ela polidamente com um ligeiro movimento de cabeça.

Ele sorriu, e seu sangue fervilhava de expectativa. Fazia muito tempo que não se sentia assim.

- Até a noite.

Ela não lhe escaparia tão facilmente naquela noite.

- Ele fez o quê?

Sentada na cama, de camisola, Moira bebericava uma xícara de chá quente e doce. Ofereceu um biscoito doce a seu querido amigo Nathaniel, estirado sobre o edredom como um gato comprido e preguiçoso. Ele fez que não com a cabeça quando ela lhe apresentou o prato, e antes de retirá-lo ela pegou um para si. Teria que dispensar o jantar.

- Ele disse que queria me beijar.

A lembrança das palavras de Wynthrope Ryland e de seus constrangedores olhos azuis lhe torcia o estômago, que fazia ruídos como se reclamasse mais bolachas.

- E você não deixou? – O rosto jovem e fresco exibia uma expressão horrorizada de descrença.

– Não lhe ensinei nada?

- Absolutamente nada – disse Moira, sorrindo docemente.

Estendido nos pés da cama, Nathaniel Caylan era a imagem da elegância despreocupada e da graça natural, em seu traje azul-escuro. Não era de admirar que Anthony tivesse adoração por ele; Nathaniel era uma mistura perfeita de homem e menino. Seus olhos azuis reluziam de ânsia de viver, embora o amor de sua vida tivesse morrido havia quase dois anos. Seu rosto resplandecia de saúde, mesmo tendo o hábito de ficar acordado toda a noite e dormir boa parte do dia. Era noitinha, e Moira, refrescada depois do banho, reservara algum tempo para relaxar antes de se arrumar para a festa de Octavia. Só fazia uma hora que Nathaniel saíra da cama.

- Wynthrope Ryland é um dos homens mais atraentes que a sociedade tem para oferecer. –

Nathaniel bebeu um gole de chá. – Qualquer um, mulher ou homem, estaria louco se o rejeitasse.

Moira sorriu. O amigo vivia dizendo coisas chocantes. Ela estava tão acostumada com isso, que só algo muito pesado a surpreenderia.

- Então deveriam me internar num manicômio, porque eu o rejeitei.

Franzindo o cenho sugestivamente, ele disse:

- Ainda há a noite de hoje.

Ele não deveria ter-lhe lembrado as palavras de Ryland. Seu coração, que acabara de sossegar, agora disparava novamente.

Como poderia se permitir tal reação? Seguramente era adulta o bastante agora para não alimentar essas idéias de mocinha. Wynthrope Ryland não devia estar mais interessado nela do que Tony estivera – embora por outras razões. Tony a teria amado, se tivesse sido capaz de fazê-lo. Ela a amara quanto pudera, dadas as circunstâncias, mas tinha demorado para conhecê-la. Qualquer pessoa podia conquistar o coração de outra se dispusesse de tempo. Ela realmente acreditava nisso. Talvez até pudesse conquistar Wynthrope Ryland se tivesse tempo suficiente, mas o interesse dele por ela era recente. Isso era novo, novo demais para que ela se sentisse segura. No passado, esse tipo de atenção geralmente significava que alguém tinha feito uma aposta em relação a ela, ou que estavam querendo usá-la para se aproximar de uma de suas irmãs.

Todo mundo que se interessava por ela no fundo tinha um motivo para fazê-lo – até Tony se aproximara dela por razões que não lhe diziam respeito. Parecia que seus interesses eram os mesmos, e foi assim por um tempo.

- Esta noite, aposto que o senhor Ryland descobrirá alguém com quem flertar. – Ela mergulhou o último biscoito no chá e enfiou-o todo na boca. – Vai me ignorar mais uma vez.

Nathaniel retirou algumas migalhas de biscoito de seu casaco com um displicente e delicado gesto e perguntou:

- E se ele não fizer isso?

- Então perguntarei a ele quais são suas intenções. – Que pena que ela não fosse tão corajosa quanto o que queria fazer crer. No entanto, permaneceria fiel a sua palavra. Fora feita de boba muitas vezes no passado para deixar que isso acontecesse de novo.

- E o que vai acontecer se ele disser que a quer? – perguntou o amigo com mais severidade do que de costume. – E se ele for culpado apenas de querer estar com você?

Corando, Moira sacudiu a cabeça.

- Ele não me quer.

O mais provável era que ele quisesse Minnie, apesar do modo espalhafatoso como dispensara a irmã mais jovem. Poderia estar se fazendo de difícil para provocá-la – Deus sabia que a garota só falava nele desde o incidente. Num momento, Minerva odiava Wynthrope, no seguinte estava decidida a conquistá-lo.

- Por que não?

- Simplesmente porque ele não quer. Só isso.

Ele parecia um cão que não larga o osso.

- Sim, mas como você sabe?

A resposta soou como uma chicotada.

- Porque ninguém nunca me quer.

Oh, Deus, aquilo era mais do que ela queria revelar. Pobre Nathaniel! Ele a fitava, horrorizado.

Ele realmente não precisava enfrentar aquilo. De ambos, ele é que parecia ser patético.

- Querida Moira! – disse ele. Moira recuou diante de seu tom compassivo, retirando a mão, enquanto ele tentava tomá-la nas suas.

- Como é possível alguém tão maravilhoso ter tão pouca auto-estima?

Ela sorriu, sarcástica.

- É surpreendente fácil.

- Sim, não duvido. – Nathaniel encarou-a. – Bem, isso vai acabar esta noite.

Moira riu. Como se ela pudesse numa noite desfazer uma vida inteira de dúvidas sobre si mesma.

- Esta noite você não tem autorização para criticar a si mesma. Esta noite, se Wynthrope Ryland ou qualquer outro homem se aproximar de você, você vai acreditar que é porque se trata de um homem inteligente o suficiente para perceber quanto você vale.

- Oh, será? – Por que ela iria acreditar nisso, se nunca fora assim no passado? Pelo amor de Deus, os homens sempre tinham feito pouco caso dela! E tudo porque ela resistia a qualquer aproximação, era “imune” à sedução. Como essas descrições a tinham ferido! Ela não era nenhuma dessas coisas, nem qualquer das outras palavras que eles usavam para descrevê-la. Ela simplesmente não sabia como se comportar diante de um homem e não queria fazer papel

ridículo ao revelar seu segredo e perder a vida que construía por si mesma. Preferiria morrer virgem a voltar para a casa dos pais.

- Sim, quando qualquer homem se aproximar de você, você vai acreditar que é porque ele não resiste a seus encantos. Agora termine seu chá e vamos começar a nos preparar para a noite.

Moira olhou para ele com ar de interrogação.

- Mas a festa começará daqui a horas! – Será que ela estava com uma aparência tão ruim que precisasse de cinco horas para se arrumar?

- Exatamente. Vamos ter de começar já se vou fazer de você uma deusa antes das oito.

Uma deusa!

Nossa! Nathaniel não estava brincando.

- O que você fez comigo?

Sentada diante do espelho, Moira olhou para si mesma, fascinada e assustada. Aquela era ela? Claro, pois seus lábios se moviam quando ela falava. Era ela mesma, embora não parecesse.

- Não fiz nada – disse Nathaniel, plenamente satisfeito consigo mesmo. – Simplesmente disse a sua criada o que fazer. Uma graça de pessoa. Muito talentosa.

Moira desviou os olhos do rosto dele para o espelho.

De onde viera todo aquele cabelo, puxado para cima e tão bem arranjado? As sobrancelhas arqueadas e escuras estavam mais finas, o que fazia os olhos parecerem maiores. O nariz e as maçãs do rosto, empoados, eliminavam o brilho e davam a sua pele um rubor luminoso.

Nathaniel insistira em que o pó se estendesse até o pescoço e o colo, para que sua pele nessa região cintilasse a luz das velas.

Todas essas coisas a que ele a submetera – o banho, cremes, poções – tinham valido a pena. Sua pele estava tão macia quanto a de um recém-nascido, e cheirava a morangos e mel, com uma aparência maravilhosa graças ao carinho de seu amigo.

- Como você sabe tanta coisa? – perguntou, girando para fazer a saia rodar.

Nathaniel sorriu.

- Quando era mais jovem, passava muitas horas com a criada de minha mãe. Todo mundo pensava que eu estava apaixonado. E estava – mas não pela garota, mas pelo fato de ser uma garota.

- E agora aproveita os benefícios de sua educação. Oh, Nate! Nem acredito em meus olhos. Estou realmente linda! – Era convencimento admirar sua nova aparência? Mas era verdade – ela se sentia muito, muito bonita.

- Você sempre foi bonita, meu amor – disse Nathaniel sorrindo bondosamente. – Tudo o que fiz foi ajudá-la a perceber isso.

Ela rodou a saia de novo, apreciando o movimento do tecido em suas pernas.

- Estou tão contente por ter aceitado sua sugestão para comprar este vestido! É perfeito para uma festa de inverno.

O vestido era suave, de um acetinado luminoso, de uma tonalidade não totalmente branca. Tanto a saia quanto a parte superior eram salpicadas de finos cristais, que reluziam com a luz, e pequenas pérolas, que acrescentavam calor e equilíbrio a todo esse brilho. Suas luvas e os sapatos eram do mesmo tom creme do vestido. O único adorno era a delicada tiara de brilhantes no alto da cabeça. Não usava nenhuma outra jóia.

- Espero que Anthony esteja vendo – disse Nathaniel com tristeza. – Ele ia adorar ver você assim.

Moira segurou suas mãos.

- Ele ficaria feliz de me ver usando a tiara. Sempre queria que a usasse mais.

- Combina com você.

Moira sorriu.

- Ele me disse que se me casasse com ele me trataria como a rainha que eu era. A tiara foi um presente de casamento.

- Ele a adorava!

Nem precisava que lhe dissesse isso. Sabia como o marido se sentia em relação a ela.

- Ainda sofre quando pensa nele?

Balançando a cabeça, Nathaniel disse:

- Não tanto como antes. Há mais felicidade do que dor quando penso nele hoje.

Pobre Nathaniel! Ele ficara junto dela durante o período de luto pela morte de Anthony, sentindo a perda tanto quanto ela. Como era possível ficar de luto por Anthony como uma esposa deveria ficar, se ele não tinha sido realmente seu marido? Ela guardara o luto por ele como faria em relação a um amigo querido, mas Nathaniel o fizera como um amante, e Moira sentira mais por ele do que pelo querido Tony.

Dois anos haviam se passado. As roupas de luto de Moira já estavam guardadas, mas Nathaniel ainda usava roupas de cor escura – cinza e azul-escuro, chumbo e marrom. Apenas alguém que realmente o conhecesse notaria a mudança. Houve um tempo em que ele usava roupas coloridas, no auge da moda, mas agora estava mais contido. Mesmo assim, nem o maior dândi poderia encontrar alguma falha em sua aparência.

O único desejo de Moira era que um dia os olhos do amigo voltassem a brilhar. E pensar que ela sempre invejara seu relacionamento com Tony, o que ainda podia sentir, mas o que não invejara era sua dor. A idéia de amar tanto alguém a ponto de uma parte ir junto com ele ao morrer aterrorizava.

E mais... que maravilha devia ter sido a relação de ambos quando Tony ainda vivia. Não importava que não pudessem se amar publicamente – se se atrevessem a manter esse relacionamento fora de casa poderiam ir para a prisão. Eles haviam se amado de modo perfeito, sem se envergonhar nem se arrepender. Sim, nisso, Moira sempre teria inveja deles.

- Venha! – A voz de Nathaniel interrompeu seus pensamentos. – Eles não iam querer que estragássemos esta noite com sentimentalismos. Afinal, vamos a uma festa!

Ele estava certo. Ninguém estranhava que Nathaniel a acompanhasse em tantas ocasiões sociais. Sua “amizade” de longa data com Tony tornava isso compreensível. Também oferecia

desculpa para o fato de nenhum deles se interessar por outra pessoa. Todos simplesmente davam por certo que um dia a viúva se casaria com o melhor amigo do falecido marido. Era um arranjo perfeito. Assim ninguém descobriria a verdade sobre Nathaniel e nem que Moira, embora casada por muito tempo, aos trinta e três anos ainda era virgem.

Todos aqueles anos passando fome a fim de emagrecer o suficiente para atrair um marido, e o homem com quem se casara não queria seu corpo.

Então por que continuava tentando tanto ser o que a sociedade achava que ela devia ser, se não pretendia se casar – exceto se encontrasse alguém que a fizesse acreditar no amor?

Porque era uma idiota e porque sempre tivera dificuldade para fazer o que queria. Antes podia culpar a mãe por isso, mas agora que era mulher feita não podia culpar ninguém além de si mesma. Ela era uma viscondessa – e com herança. Se não conseguia agir como lhe aprazia, nunca o faria.

- O que as pessoas vão dizer quando me virem assim? – perguntou com uma ponta de receio na voz.

- Irão comentar, claro.

Sorrindo, Nathaniel envolveu seus ombros com a capa de arminho.

- Só até que chegue alguém que dê motivo para que murmurem. Vão reparar em sua ótima aparência, minha amiga. Nada mais. E são assim desagradáveis devido a sua mente estreita e pouca sensibilidade.

Ele estava certo. Em seu íntimo, Moira sabia disso também. Secretamente, queria ser vista e admirada. Pena que para que isso acontecesse ela tivesse que se exhibir em público.

Será que Wynthrope Ryland ficaria admirado com sua aparência? Saberá que ela se vestira assim para atrair sua atenção? E se ele se interessasse por ela, será que ela gostaria? E se ele a ignorasse?

Não, ele não a ignoraria. Enquanto parte dela esperava que o fizesse – e pusesse fim a esse tolo sonho –, Moira sabia que ele não a deixaria sossegada, ainda não. Ryland não desistiria até conseguir o que queria. Independentemente das suas razões para flertar com ela – e, por tudo o que ela sabia, podia muito bem ser por casualidade –, ele queria beijá-la, e não deixaria de persegui-la até conseguir isso.

Talvez devesse beijá-lo na festa e resolver a questão. Quem sabe devia perguntar-lhe o que ganharia roubando-lhe um beijo.

Nathaniel lhe ofereceu o braço, e com um sorriso encorajava-a a enfrentar a noite.

- Podemos ir?

Enfiando o braço no dele, Moira inspirou profundamente.

- Sim, aposto que Minnie está a ponto de nos esganar por termos demorado tanto.

O amigo deu de ombros.

- Fará bem a Minnie esperar por você, para variar. Atrevo-me a dizer que ela certamente vai ficar verde de inveja quando a vir.

- Você não devia falar assim sobre minha irmã. – Era só uma repreensão fingida, e ambos sabiam disso. Embora Moira amasse a irmã, a garota às vezes era um tormento.

Eles seguiram pelo corredor até a escada em silêncio. De algum modo, as paredes azul-pálidas pareciam mais próximas, como se a casa tivesse encolhido enquanto Moira estava no quarto. É claro que isso era impossível. Até a escada, cujos degraus, antes suaves, agora pareciam mais estreitos e baixos.

- Você está tremendo – observou Nathaniel enquanto eles desciam. Se ele não a estivesse apoiando, com certeza tropeçaria.

- Estou nervosa. Isso não é ridículo? – Levantando um pouco a saia para não cair, Moira mantinha o olhar fixo à sua frente. – Octavia e eu planejamos esta festa durante tanto tempo, que agora que ela está começando, estou toda trêmula.

- A festa não é culpada de seu mal-estar de estômago nem de seu tremor.

- Não diga isso. – Ela sabia o que ele estava querendo sugerir.

- Não preciso. Você sabe tanto quanto eu de quem é a culpa.

- Ele não tem nada a ver com minha ansiedade. – Por que ela estava fazendo questão de negar? Se ela nunca escondera seus sentimentos de Nathaniel, por que fazer isso agora? Para não ter que ver pena em seus olhos quando Wynthrope perdesse o interesse por ela?

Parecia que Nathaniel não a ouvira – ou ele a ignorava de propósito?

- Eu costumava me sentir do mesmo jeito toda vez que ia me encontrar com Anthony.

Moira engoliu a inveja, o que lhe deu um nó na garganta.

- Trata-se de uma situação bem diferente. Só me encontrei com esse homem uma vez.

- Você o achou lindo desde que o viu pela primeira vez.

Sim, era verdade. Até onde ele podia lembrar, achava Wynthrope Ryland o homem mais lindo do mundo. Era estranho que nunca tivessem se encontrado antes.

- E daí?

Ele parou no meio dos degraus. Obviamente, ela teve que parar também. Esperou que ela o olhasse para dizer:

- Daí que você deve parar de agir como se fosse ser presa por ousar se sentir atraída por alguém e sentir algum prazer na vida.

Moira desviou o olhar. Ele sabia onde cutucá-la para provocar a reação que queria. E estava certo. Era ele que tinha de manter qualquer relacionamento em segredo, sob ameaça de perseguição, e não ela. Tudo o que tinha de enfrentar era um pequeno embaraço em público. Certamente havia coisas piores que isso.

Como ter que voltar para a casa dos pais. Só de pensar nisso seu sangue gelava. Essa era a razão por que ela não podia se arriscar a ter um romance. Não podia arriscar-se a que alguém descobrisse que ainda era virgem, e seu casamento, nulo.

A menos que o amante promettesse nada dizer, ou estivesse apaixonado e quisesse se casar com ela. Tal homem não revelaria seu segredo – não se a amasse, e ela a ele.

Era um grande risco, e Moira não estava muito certa se valia a pena, pois no passado já haviam se divertido à custa dela.

- Vou pensar nisso – prometeu ela ao amigo. Pensar nisso não era a mesma coisa que fazer. Ao fazer tal promessa a Nathaniel, ela estava assegurando a si mesma que ele sossegaría um pouco e diminuiria seus bem-intencionados esforços para que ela tivesse algum prazer na vida. Minerva estava realmente esperando por eles, andando de cá para lá no fino tapete da sala de visitas, como se estivesse empenhada em desgastar a delicada flor-de-lis estampada nele. Ficou de queixo caído ao ver sua irmã mais velha.

Moira conteve o riso.

- Desculpe-me por deixá-la esperando, querida.

A bela garota simplesmente a encarou com os olhos arregalados como dois pires.

- Moira, como você está linda!

Mesmo sabendo que não havia na surpresa da irmã intenção de magoá-la, Moira estranhou o tom de voz.

- Serei invejado por todos os cavalheiros – disse Nathaniel, dispensando Moira de responder. – Que felizardo sou, acompanhado de duas mulheres encantadoras!

Minnie sorriu ante o cumprimento, mesmo sabendo que devia estar mesmo linda, com sua bela tiara e um vestido cor de pêssego que a favorecia. Era toda cabelo, olhos e seios. Sabia que exercia atração sobre os homens, mas mesmo assim parecia precisar que lhe confirmassem isso.

Eles chegaram à festa antes dos outros convidados. Moira deveria dar-lhes as boas-vindas junto com Octavia, que se oferecera para organizar a recepção para ela e para Minnie.

Octavia se sentia feliz por ter Moira ao lado dela e do marido, North, até que a casa se enchesse de gente, quando então a liberaria para circular entre os convidados – o que para ela era tão penoso quanto arrancar um dente. Moira nunca sabia o que dizer às pessoas.

Felizmente, também sabia que a maioria delas gostava de falar sobre si mesmas.

Ela estava parada perto da lareira do salão de baile, bebendo champanhe e ouvindo o piano tocado por Varya Christian, marquesa de Wynter e princesa russa, quando Minnie se aproximou dela, afobada.

- Ele está aqui!

Havia muito tempo Moira via um entusiasmo assim, e isso a preocupou.

- Quem?

- Wynthrope Ryland – respondeu a irmã, de olhos brilhando e bem ruborizada.

- Fico me perguntando se ele vai querer dançar comigo esta noite.

Oh, isso não era nada bom. Minnie decidira que Wynthrope Ryland era um desafio que ela precisava vencer.

- Não deixe que ele perturbe sua noite, Minnie.

A irmã lançou-lhe um olhar cortante.

- Você não crê que ele vá me convidar.

- Não sei se vai ou não. – Era errado ela querer que ele não o fizesse? Minnie não era par para ele. Em relação a isso, nem Moira era.

Minnie franziu o cenho.

- Você quer ficar com ele.
- É claro que não, mas e daí se quisesse? Você só quer a atenção dele porque ele a esnobou.
- Bebericou um pouco de champanhe para não continuar falando. Minnie não precisava ser muito estimulada para perder a calma, e a última coisa que Moira queria era uma cena.
- Isso não é verdade! – O tom de Minnie dizia outra coisa.

Moira virou-se para a irmã e delicadamente pôs a mão em seu braço.

- Querida, por que você não se concentra em encontrar um homem que não precise ser convencido de que gosta de você?

Talvez estivesse sendo meio dura e um tanto egoísta. Podia ser que não quisesse Wynthrope Ryland para si, mas também não queria ver a irmã ser insultada.

Mas Minnie, é claro, não via as coisas assim. De queixo levantado, num gesto de desafio, deu as costas a Moira e, perambulando pelo salão, foi engolida por uma multidão que sem dúvida acalmaria sua agitação assim que a dança começasse.

Podia ser que houvesse alguma verdade nas ilusões de Minnie. Talvez Ryland soubesse que tipo de reação ela teria se ele convidasse Moira para dançar. Quem sabe era exatamente isso que ele queria – a irmã de Moira.

“Ou talvez”, uma vozinha sussurrava em sua cabeça, “ele esteja realmente interessado em você, sua grande tola.”

- Eu penso demais – murmurou com um suspiro, enquanto uma dorzinha pulsava em sua testa.
- Um traço nada atraente numa mulher, eu lhe garanto.

Oh, não! pensou. Seu rosto queimava enquanto dirigia o olhar para os zombeteiros olhos azul-escuros de Wynthrope Ryland, cuja boca se inclinava levemente para a direita – uma imitação ridícula de sorriso que Moira nunca vira.

- Boa noite, Lady Aubourn. Gostaria de dançar?

Ela não podia fugir dele agora.

Seu olhar estava cauteloso ao cruzar o dele, e as faces se ruborizaram. Ela realmente era uma mulher admirável, embora fosse um pouco magra. Tinha uma aparência encantadora naquela noite, como se tivesse caprichado na toalete.

Teria feito isso por ele? Seu orgulho o impedia de acreditar no contrário.

Ela olhou para o outro lado.

- Receio não ser uma boa dançarina, senhor Ryland.

Ah, então ia ser assim, é?

- Muito bem, talvez sua irmã...

- Não! – O olhar cauteloso agora estava firme.

Ele sorriu. Na verdade, não havia razão para isso.

- Achei que a sugestão poderia fazê-la mudar de idéia.

Algumas mulheres teriam corado, outras dariam um sorriso coquete. Moira Tyndale o encarou muito séria, como se eles fossem dois cães brigando por um osso.

- Se o senhor está tentando fazer que minha irmã fique contra mim, isso não vai funcionar.

Wynthrope não se preocupava em dissimular que estava se divertindo.

- Minha querida, preferiria me deitar numa cama de pregos a contrariá-la no que quer que fosse.

Isso pôs em seu rosto uma sombra rosada mais escura.

- Então por que está fazendo isso? Por que esse súbito interesse por mim?

- Céus, você é bem atrevida! – Ele não tinha certeza se gostava disso ou não. Sim, gostava.

- Não sou atrevida – respondeu, e seu olhar já não parecia tão seguro. – Simplesmente já me fizeram de boba tantas vezes, que quero evitar que isso aconteça de novo.

- Não tenho idéia do que a senhora está falando. Apenas a admiro e queria conhecê-la melhor.

- É mesmo? – disse ela, de olhos arregalados.

Ele continuava não entendendo o que ela dizia. Será que se referia a sua ignorância, ao fato de que a admirava ou o fato de querer conhecê-la melhor? Quem sabe estava se referindo às três coisas. Apesar disso, Wynthrope estava começando a se perguntar se talvez a viscondessa não exigiria um esforço maior do que qualquer mulher merecia. Isso seria realmente uma pena.

- Por que simplesmente não vou embora, e faremos de conta que nada disso aconteceu? – sugeriu ele desapontado.

Acabara de virar as costas, quando um toque em seu braço o fez parar.

- Espere, por favor.

Ele a olhou novamente, sem saber se ela lhe atiraria um corpo de champanhe no rosto ou se o acusaria de querer conquistar sua bela irmã. Ou talvez até o surpreendesse com outra maluquice qualquer.

Em vez disso, inclinou a cabeça, na qual a tiara brilhava à luz do candelabro – parecia uma rainha, uma rainha branca -, e levantou os olhos para ele.

Não, uma rainha branca, não. Ela era a rainha preta, de uma beleza escura solene e profundos segredos escondidos, inexplorados. Havia em seus olhos cor de âmbar uma força inquebrantável que Wynthrope não conseguia explicar. Se não tivesse certeza do contrário, quase poderia desconfiar que ela estava sentindo amedrontada, desafiada por ele.

Wynthrope esperou que ela fizesse o movimento seguinte.

Ela engoliu em seco.

Santo Deus! Não a estava convidando para fugir com ele, mas apenas para dançar.

- Desculpe-me, senhor Ryland. Acabo de ser indelicada com o senhor.

Ele fez que sim com a cabeça, dizendo:

- Sim, de fato a senhora foi. – Deixou que ela digerisse isso antes de acrescentar: - Mas talvez eu tenha dado motivo para sua cautela.

- O senhor sabe que não estou acostumada com essa atenção – disse-lhe sem desviar os olhos.

Por que raios não estava? Os homens da Inglaterra eram tão estúpidos que não reconheciam um tesouro à espera de ser descoberto quando o viam? Moira era um diamante bruto, não lapidado, coisa rara numa viúva que fora casada durante uns bons anos.

Ele queria ser o descobridor das facetas desse diamante – de tudo a respeito dele. Nunca sentira uma atração assim por uma mulher. Por mais desalentador que fosse, ele queria seguir esse impulso até onde ele o levasse.

- Vou me sentir honrado por ajudá-la a se acostumar com essa atenção, minha senhora. – E isso era verdade, e não um cumprimento fútil.

Ela enrubesceu, como se ele tivesse dito que queria desnudá-la e beijá-la dos pés à cabeça.

Esse não era, realmente, um mau pensamento.

- Boa noite, senhor Ryland.

Que maravilha! A irmã voltara. Ele a recebeu com um sorriso frio.

- Senhorita Banning, está linda esta noite. – A garota estava sempre encantadora – não tão atraente quanto a irmã, mas bonita, embora desinteressante.

Minerva sorria. Não corou, e seu pescoço não se alterara com nenhuma pulsação acelerada.

Estava habituada a receber elogios, ao contrário da irmã.

- Sobre o que o senhor e minha irmã estão conversando?

- Sobre dançar- respondeu Moira, para surpresa dele. Seu olhar encontrou o dele por um instante, um cálido momento, antes que se dirigisse à irmã:

- O senhor Ryland convidou-me para dançar.

Era imaginação dele ou Minerva olhara para Moira como se quisesse lhe chutar as canelas?

- E continuo esperando sua resposta, minha senhora. – Se ela pedisse permissão à irmã, ele iria embora. Realmente faria isso.

Mas Moira apenas dirigiu à irmã um olhar rápido – como que se desculpando – antes de oferecer a ele sua mão.

- Eu adoraria.

Mais do que aliviado, Wynthrope tomou-lhe a mão enluvada e conduziu-a até a multidão de dançarinos, sem nem olhar para Minerva. Conseguir que essa mulher lhe permitisse aproximar-se dela ia lhe custar muito mais esforço do que o que já fizera. Pouco tempo atrás, achara que ela não valia tal empenho. Agora começava a pensar que, afinal, ela valia o esforço sim.

Na verdade não, havia nada que lhe inspirasse tanto empenho quanto isso.

A orquestra começou a tocar uma valsa. Será que ela se dera conta de que iam tocar uma valsa quando concordara em dançar? Não ela não teria como saber. Finalmente o destino estava sendo bondoso com ele. Por alguns minutos, sem risco de interrupção, ele a teria toda para si.

- Creio que sua irmã queria dançar comigo – disse, enlaçando-a as costas. Que delicada ela era!

- Ela tem dezoito anos, e você a esnobou. Ela o vê como um desafio que deve superar.

- E como a senhora me vê? – Ele teria prazer em ser conquistado por Moira.

- Ainda não sei – disse ela, levantando o rosto.

Ele riu de sua franqueza, enquanto rodopiavam suavemente.

- A senhora é uma mulher difícil, Lady Aubourn.

Ela se empertigou em seus braços.

- Sinto muito. Eu o ofendi novamente.

- Fique tranqüila. – Espalmando a mão, ela a fazia deslizar pelo tecido de seu vestido, sentindo a rigidez de seu corpo. – Garanto-lhe que a senhora não chegou nem perto de me ofender.

- Mas pensei...

- Oh, mas a senhora pensa demais – disse, sorrindo com certa malícia.

Então ela riu francamente, deixando à mostra os dentes perfeitos e surpreendentemente brancos. O coração de Wynthrope deu um salto quando os viu. Sem dúvida, isso mexia com ele.

- Tomei uma decisão, senhor Ryland.

Isso parecia interessante. Ele podia sentir o corpo dela se distender enquanto a conduzia em novos rodopios. Ela absolutamente não dançava mal quando estava relaxada.

- Sobre o quê, senhora?

O olhar dela era franco mas incrivelmente tímido e inseguro.

- Acho que também quero conhecê-lo melhor.

A palpitação que Wynthrope sentia no peito começou a se manifestar também entre suas pernas. A rainha preta fizera seu primeiro movimento. Agora era sua vez. Ele tinha um beijo a cobrar.

Mas não faria isso naquela noite, que ele reservara para desfrutar sua pequena vitória, deixando que Moira achasse que estava controlando o jogo. Ele podia não ter iniciado a partida, mas pretendia ganhar.

Ele sempre vencia.

Wynthrope chegou ao seu apartamento muitas horas mais tarde e encontrou uma lâmpada acesa no vestibulo. Seu camareiro devia ter se esquecido de apagá-la. Apenas quando entrou no quarto notou que não estava sozinho. Havia mais alguém nele.

Alguém que se parecia muito com um homem que em certa época ele tivera como pai. Um homem que mentira para ele e o traía vergonhosamente. Um homem cuja presença era como uma lâmina afiada no peito de Wynthrope.

- Olá, garoto!

Capítulo três

Aquelas duas palavras romperam a fachada de compostura que Wynthrope tentava com dificuldade projetar. Aquilo era um pesadelo – o pior que já tivera – transformado em realidade. Ele atravessou o aposento até onde seu hóspede não convidado estava sentado. Agarrando o homem de idade pela lapela, levantou-o com imprecações, com o coração martelando selvagememente em seu peito e o sangue latejando nas veias. Seu rosto estava a apenas alguns centímetros do dele, e mesmo assim seu “convidado” não reagiu. Houve um tempo em que ele respeitava esse destemor, mas agora o desprezava. Queria esmurrar seu rosto até que não sobrasse nada.

- Que diabos você está fazendo em minha casa?

Sorrindo tranquilamente, William Daniels empurrou as mãos que amassavam seu casaco.

- Calma, garoto, isso é jeito de tratar um velho amigo?

- Você nunca foi meu amigo.

O que o infeliz tinha era sorte – de que Wynthrope exercesse algum controle sobre si mesmo e não o tivesse simplesmente matado.

Parte do charme místico desapareceu das feições do homem mais velho.

- Solte-me, rapaz! Tenho uma proposta a lhe fazer.

Por estranho que fosse, Wynthrope o atendeu. Largando o casaco de Daniels, ele empurrou o irlandês de volta à poltrona. Devia tê-lo matado quando essa idéia lhe ocorrera.

- Você tem cinco minutos para se explicar, antes que eu o atire lá fora. – Por que ainda dava ao canalha a chance de falar? Ele não aprendera, e da maneira mais difícil, que Daniels não era confiável? Quanto mais tempo passasse na companhia do irlandês, pior seria para ele.

Daniels o olhava com uma expressão quase divertida. Ele endireitou o casaco

displícitamente, parecendo despreocupado em relação a Wynthrope e a sua raiva.

O filho da mãe sempre fora meio convencido. E pensar que um dia Wynthrope tivera consideração por aquele homem, mais do que tinha por seu próprio pai. Claro que esse era o plano. Daniels sabia exatamente o que dizer a ele para que Wynthrope participasse encantado

de todas as suas atividades ilegais. E quando Daniels não podia dizer o que Wynthrope queria ouvir, ou dar-lhe o que queria ver, ele tergiversava, mas nunca chegava a mentir. Daniels era mestre em manipular a realidade de acordo com sua vontade.

- Não vai me oferecer uma bebida? – perguntou o irlandês, e seu tom era tão suave e pegajoso quanto a brilhantina que usava no cabelo.

Cruzando os braços no peito para controlar a inquietação de seus músculos, Wynthrope encostou-se na sólida estrutura de sua escrivaninha.

- Você não vai ficar muito tempo aqui.

Isso provocou riso no velho irlandês.

- Meu garoto, você mais do que ninguém deveria saber como eu sou rápido para acabar com um uísque.

Como era possível que ele falasse como se nada tivesse havido? Wynthrope o traía depois de ter descoberto a verdade. Daniels não era homem de esquecer algo assim.

- Sei que você falará mais rápido sem beber.

Daniels suspirou, olhando para Wynthrope como um pai faria com um filho que o tivesse desapontado. Como seu pai verdadeiro fizera com ele várias vezes.

- Você se tornou um homem duro, Wynthrope.

- Fico me perguntando por quê – comentou ele sem disfarçar a ironia.

- Ah!, então é minha culpa?

Já não se teriam passado cinco minutos?

- O que você quer, Daniels?

Desfazendo uma dobra na manga do casaco, respondeu:

- Tenho um trabalho para você.

Então era isso. Essa era a razão da atitude amistosa. Daniels precisava dele. Já fora muito condescendente com aquele homem por tempo demais.

- Saia!

Daniels permaneceu onde estava, com uma expressão arrogante no rosto sombrio.

- Não acho que você queira me pôr para fora ainda.

- Sim, quero. – Na verdade, queria mais do que isso. Queria bater nele, socá-lo até que Daniels não exibisse nunca mais aquele sorriso irônico. Queria fazê-lo dizer por que o havia traído, por que o fizera de bobo. Mas principalmente – e de modo mais patético – queria lhe perguntar se ele lhe mentia quando dizia que pensava nele como se fosse seu filho.

- Estou precisando de uma coisa – disse o velho -, e quero que você a consiga para mim.

Wynthrope deu uma gargalhada grosseira.

- Não há pagamento nenhum que você pudesse me oferecer que me fizesse trabalhar para você de novo.

Parte do ar de satisfação do velho desapareceu.

- Não há pagamento, garoto. Você ficou me devendo.

Devendo a ele? Se um deles devia algo ao outro, o credor era Wynthrope.

Anos atrás, Wynthrope fora um ladrão e tanto. Ele gostava do risco do trabalho e, sendo tão jovem, ficava encantado com os elogios que Daniels prodigalizava com ele. Mas isso ocorrera antes que ele descobrisse que tudo aquilo era uma farsa. North fora procurá-lo, de cara fechada, assustado. Ele trabalhava para um homem chamado Daniels? Sabia que Daniels era um receptador de primeira?

Wynthrope não sabia disso. Haviam dito a ele que Daniels trabalhava para o governo.

Disseram-lhe que também servia à Coroa, que tudo o que roubava, cada situação em que se envolvia, tinha como justificativa o bem da Inglaterra e a resistência a Napoleão. A farsa era bem montada e convincente, mas isso não impediu Wynthrope de se sentir um perfeito idiota quando a verdade finalmente se revelou. Ele não repetiria a estupidez.

Daniels voltou o olhar sombrio e sem vida para ele.

- Sei que seu irmão tem ambições políticas.

Wynthrope nada disse, e o sangue congelou em suas veias. Ele devia ter pressentido o que viria a seguir.

- Seria uma vergonha se as pessoas que o apóiam descobrissem que ele abafou uma investigação na Bow Street para impedir que o irmão fosse para a cadeia.

- Quem acreditaria em você? – Isso era mais bravata do que certeza, e Wynthrope detestava fazer isso.

Daniels deu de ombros.

- Provavelmente ninguém. Podem, no entanto, acreditar na prova que tenho.

- Que prova? – perguntou, mas a dúvida já começava a assaltá-lo.

A expressão confiante retornou. Daniels estava gostando do jogo. Sem dúvida levava tempo planejando aquilo.

- Vamos, rapaz, você sabe que registro e guardo tudo. Uma encomenda para a Bow Street, e Duncan Reed ficaria sabendo de tudo sobre sua relação de trabalho comigo. Um homem esperto como aquele não demoraria muito para perceber a razão pela qual seu irmão deixou a Bow Street.

De fato, não levaria muito tempo.

- Você não tem como provar tudo.

- Não preciso fazer isso. Basta que as pessoas queiram saber. Mando essa informação para os jornais, e seu irmão será o centro de um sórdido escândalo. O que você acha que isso fará com as aspirações políticas?

O frágil controle de Wynthrope se esgotou. De novo agarrou Daniels pela gola do casaco, mas dessa vez, quando levantou o sujeito do chão, não parou. Puxou-o na direção da porta, mesmo enquanto Daniels protestava e punha força nos pés para fazê-lo parar.

Relaxando o esforço pelo tempo suficiente para abrir a porta, Wynthrope atirou o antigo patrão no corredor e olhou-o fixamente, respirando com dificuldade pela força que fizera e também de raiva.

- Suma da minha vista! Vá para o inferno! – vociferou. – Nunca mais volte a me procurar.

Daniels novamente alisou as dobras deixadas em seu casaco.

- Não seja tão impetuoso, rapaz. Sei que você não quer arruinar a carreira de seu irmão, especialmente depois de tudo o que ele fez por você.

Cerrando os dentes, Wynthrope respirou profundamente. Mais uns segundos e ele perderia o controle e estrangularia Daniels com as próprias mãos.

- Eu lhe darei alguns dias para pensar no assunto – prosseguiu o homem no seu tom afetado. – É só um trabalhinho, que você poderia fazer de olhos fechados. E estará compensando o pequeno contratempo de anos atrás, sem pensar em todo o constrangimento que vai poupar a sua família. Estou certo de que seu irmão mais velho vai apreciar isso.

Daniels sabia exatamente onde bater. Sabia que Wynthrope não ia querer que nada acontecesse a North. Também sabia que ele faria quase tudo para que Brahm não descobrisse a enorme confusão em que se metera.

Mas Wynthrope não permitiria que ninguém o chantageasse, principalmente por um irlandês tão afeito à mentira quanto a arrombar fechaduras.

Lentamente, seu olhar foi se tranquilizando, ele fechou a porta, e o velho carvalho finalmente se encarregou de suprimir Daniels de sua vista.

- Três dias, garoto. – O som monótono, cantarolado, alcançou a porta fechada. – Espero que até lá você tenha mudado de idéia.

A porta se fechou com um clique que ecoou na cabeça de Wynthrope como o som de um martelo batendo no aço. Que Daniels voltasse. Ele não ia mudar de idéia. Não faria diferença. Três dias não iam mudar nada.

- Não acredito que ele prefira você a mim.

Tinham se passado dois dias desde a festa na casa de Octavia e North, mas Moira não precisava que a irmã lhe dissesse quem era “ele”. Apesar de sua costumeira tagarelice sobre seus vários galanteadores e sua condição de moça casadoura, Minnie continuava voltando ao assunto: que Wynthrope Ryland preferia dançar com Moira a dançar com ela.

- Você está sendo muito insistente – disse Moira, sem contemporizar. Elas estavam tomando o café-da-manhã diante da sala de visitas, com o sol matinal brilhando através da janela e aquecendo as paredes azul-pálidas.

- O senhor Ryland sem dúvida tem juízo bastante para saber que é muito mais velho que você. Lamentavelmente, acho que muito juízo é o que o torna tão atraente a seus olhos. Por favor, passe-me a geléia.

Minnie lançou-lhe um olhar hostil enquanto pegava o pote de porcelana que estava na outra extremidade da reluzente mesa de carvalho.

- Não coma muito. Não vai querer engordar de novo, vai?

Moira ficou paralisada. Seu café consistia em torrada e chá, portanto, algo muito frugal, mas ficou tentada a empurrar o prato e dar ouvidos à irmã.

Era exatamente isso que a pirralha queria, claro. Minerva não gostava de ser preterida por causa de sua insossa irmã mais velha. A garota definitivamente *tinha* que ser adorada por todos que se aproximassem dela, ou sua vida se tornava um desastre. Deus sabia que seus

pais não haviam sido capazes de demonstrar afeto pelos filhos, e talvez fosse esse o motivo por que Minnie queria a atenção de todo mundo.

Moira até se surpreendia pelo fato de sua irmã ainda não estar comprometida.

- Se sou gorda ou não, isso é algo que não lhe diz respeito – respondeu ela, cobrindo de propósito sua torrada com uma camada espessa de geléia de morango. Obviamente, ela não queria engordar de novo, não quando a condessa de Lieven a cumprimentara por sua boa aparência poucos meses antes. Naturalmente, alguns de seus trajes ficavam um tanto folgados agora, mas isso não podia ser algo ruim, não é? E certamente significava que ela podia dar-se ao luxo de comer um pouco mais de geléia.

- Duvido que o senhor Ryland goste de mulheres gordas.

Moira nem chegou a levantar a vista.

- Então talvez você devesse pensar se vai mesmo comer essa terceira salsicha.

O garfo de Minnie retiniu ao se chocar contra o fino prato de porcelana bege.

- Você é muito cruel!

Bebericando seu chá, Moira relanceou os olhos na direção da irmã.

- Como você. Será que isso significa que somos parentes?

Por estranho que fosse, essa observação fez a irmã menor dar um sorriso.

- É bobagem discutir sobre um cavalheiro, não é? Afinal, há *tantos* deles por aí.

Moira não podia opinar sobre isso, mas riu. Não conseguia ficar zangada com a irmã por muito tempo.

- É verdade.

- Mesmo assim... – Minnie, pensativa, deu uma mordida na salsicha – sinto inveja. Wynthrope é um homem muito bonito.

- Você acha? – Levantando a xícara, Moira fingiu inocência. – Não notei.

Agora foi a vez de Minerva rir.

- Ainda não estou pronta para desistir dele em seu favor.

Moira revirou os olhos, dizendo:

- Ele tem mais de trinta anos, Minnie. Você ainda nem chegou aos vinte.

- E daí? Papai é quinze anos mais velho que mamãe.

Esse era o melhor exemplo que lhe ocorria?

- E nós duas sabemos que união feliz foi aquela.

Seu intento surtiu efeito, e Minnie disse:

- Boa observação. Vou me lembrar disso.

Os lábios de Moira se abriram num sorriso. Às vezes, quando Minnie não estava dando trabalho, Moira gostava dela. Podia até sentir sua falta quando se ausentava. O que não lhe fazia falta eram as constantes cartas da mãe querendo saber o que Moira estava fazendo de errado para que Minerva ainda não estivesse comprometida.

A única coisa que impedia Moira de convidar a mãe para assumir o encargo de procurar o futuro marido de Minnie era o fato de que não conseguia suportá-la. Era uma coisa horrível de

admitir, mas Moira não podia contrariar seus sentimentos. A maioria das pessoas que conheciam Eloise Banning não gostava dela. Realmente, era uma mulher detestável. Como Moira ficara agradecida quando conhecera Anthony Tyndale! Não tinha muitos amigos, e seu querido Tony era provavelmente o mais importante deles. Pulou de alegria ante a oportunidade de se casar com ele, de dar adeus a sua família e nem olhar para trás. Não lhe ocorreria naquela época que ela podia vir a se arrepender, querendo que o marido um dia viesse a amá-la e que ela pudesse amá-lo do modo como marido e mulher se amam. A vida como viscondessa exigia muito dela. Nunca pensara que festas e bailes pudessem ser uma obrigação, e houve ocasiões em que teria preferido arrancar um dente a sair outra vez de casa. Havia emagrecido principalmente devido ao esforço que fazia para se tornar mais elegante e aristocrática. Tony lhe dissera para não ficar muito magra. Isso era coisa que se aconselhasse?

E assim, havia noites em que ficavam se divertindo em casa. Tony dera a Moira toda a liberdade para fazer o que quisesse com a casa, e ela fizera mais do que isso, garantindo que os empregados desempenhassem suas funções com perfeição. Fez questão de que todos os aposentos da casa tivessem estilo e elegância, que os tecidos fossem suaves ao toque, e as cores, agradáveis aos olhos. Ser viscondessa para ela era uma profissão, por isso decidiu ser a melhor viscondessa que pudesse, para que ninguém achasse defeito na esposa do visconde de Aubourn.

Lera vários livros sobre etiqueta, comportamento e entretenimento. Lia os jornais diariamente, para que pudesse discutir com os cavalheiros os acontecimentos do momento, e outras leituras, próprias para conversar com as damas. Familiarizou-se com os poetas populares e os romancistas- entre eles alguns até bem obscuros. Embora odiasse fazer isso, bordava, e aprendera a tocar pelo menos quatro peças no piano ou na harpa, embora ninguém jamais houvesse lhe pedido para tocar. Felizmente também, nem para cantar. Até aprendera alguns jogos de cartas, mas não tinha certeza se entendia as nuances dos jogos. Nunca chegara a ser uma grande jogadora. Como viscondessa, no entanto, era exemplar.

Apesar de todos os esforços que fizera e das dores de cabeça que eles lhe causaram, sua vida com Tony havia sido boa, e ela sentia falta de seu rosto alegre, de sua risada e seu humor, de sua inteligência. Acima de tudo, sentia falta de como ele a fazia sentir-se bem com ele. Tony nunca lhe pedira para ser nada além do que exatamente era. Nunca se sentira forçada a impressioná-lo.

Ela queria era impressionar Wyndrope Ryland, e isso tanto a incomodava como assustava. Como alguém devia se comportar para impressionar um homem como ele? E por que ela devia querer sua opinião? Ele fizera alguma coisa para merecê-la? Não, exceto “conhecê-la melhor”. Isso não era motivo suficiente para que ela quisesse tornar a experiência agradável para ele? Quantas vezes em sua vida uma mulher comum como ela atrairia a atenção de um homem como aquele?

Mesmo assim não se subestimava tanto que tivesse que se lançar aos pés de Wyndrope Ryland. Nem estava concentrada em si mesma e nos esforços que fazia para obter sua

aprovação. Não importava quão charmoso ele parecesse ou como sua voz era deliciosamente suave. Se ele não conseguisse gostar dela pelo que ela era, então definitivamente não ia poder gostar.

Talvez, pensando bem, ela também não gostasse dele. Talvez um rosto bonito e muito charme fossem tudo o que ele tinha para oferecer.

E talvez até pudesse comer uma barra inteira de chocolate e não engordar um grama.

Depois do café-da-manhã, Moira chamou a criada e a carruagem e foi às compras. Logo chegaria o Natal, e ainda faltava comprar algumas coisas. Ela precisava sair um pouco de casa, apesar do frio que fazia e da ameaça de nevar. Desde a morte de Anthony ela se acostumara a ter o tempo que queria só para si – embora nem sempre quisesse isso, o que era habitual. Ter Minnie em casa era ao mesmo tempo uma festa e uma tortura.

Várias horas mais tarde, depois que terminou as compras e contente porque ainda não nevara, Moira seguiu para Covent Garden, a fim de visitar Octavia. Só mesmo Octavia e o marido, North, para viver naquele lugar tão fora de moda. O tipo de entendimento que havia entre eles lhes permitia fazer o que quisessem, e a sociedade os achava encantadores. Eles eram um exemplo perfeito de como duas pessoas podiam se unir para formar uma só. Eles eram não apenas amantes, mas dois incrivelmente bons amigos, e amavam um ao outro como amavam a própria vida.

Naturalmente Moira os detestava por isso. Mas gostava tanto deles que era impossível detestá-los por muito tempo.

- Moira, você chegou bem na hora. – Octavia recebeu-a no vestíbulo. Ela estava muito bonita e elegante num vestido de seda cor de pêssego escuro e com o cabelo louro acobreado preso no alto da cabeça, imitando uma coroa.

- Na hora de quê? – perguntou Moira com um sorriso, enquanto Johnson, o mordomo corpulento, pegava seu casaco.

- A senhora Bunting está experimentando diversas receitas de bolo de Natal. Você precisa vir provar e me ajudar a escolher uma delas.

Bolo? Oh, céus!, ainda bem que não comera muito no café-da-manhã.

- Nunca ouvi falar em bolo de Natal. É uma tradição de família?

De braços dados, caminhavam pelo corredor. Aquela casa, cálida e brilhante, tinha um quê que fazia dela um verdadeiro lar. Cheirava a limão e pão e vivia agitada com o movimento de criados ocupados e satisfeitos. Sempre que os visitava, o humor de Moira mudava de tal modo que ela só queria rir. Era amor. O amor fazia desse canto de Covent Garden um lugar especial.

- Pode-se dizer que sim – respondeu Octavia com um sorriso acanhado. – Quando North e eu éramos crianças, a mãe dele pediu que a senhora Bunting fizesse um bolo especialmente para o Natal. A promessa do bolo era a única maneira de manter-nos comportados. Foi idéia de North pedir à senhora Bunting que fizesse um este ano, para comemorar nosso primeiro Natal como marido e mulher.

Vejam só!, North Sheffield tinha uma natureza romântica. Será que os outros irmãos Ryland também eram assim?

De todo modo, ela não conseguia imaginar Wynthrope tendo um gesto desses. Ao mesmo tempo, achava que ele era o tipo de homem que faria qualquer coisa para alguém que ele amasse – inclusive sacrificar-se. Em si, isso era muito romântico, mas teoricamente melodramático.

Octavia levou-a para a sala de visitas, onde um fogo vivo crepitava na lareira, num cálido convite. O aposento, de belas cores, era decorado com móveis finos e confortáveis. Em um dos lados da sala, perto da lareira, havia dois homens em pé: North Sheffield-Ryland e seu irmão, Wynthrope.

Falando no diabo... Moira encarou-o, confiando na memória para se lembrar de suas costas eretas sob o casaco azul-escuro, como seu cabelo estava o anoitecer, como parecia elegante e descontraído, até seu perfil fazia supor certa arrogância afetada, e o que mais? Ela sentia que havia algo além do casaco fino e de uma ou outra tirada maliciosa. Na festa ele falara de modo controlado, com menos segurança do que de costume.

O tom que usara ao dizer que queria conhecê-la melhor quase fizera parar seu coração. Uma vaga onda de incerteza alterou sua voz, fazendo-a perceber que, quaisquer que fossem os motivos, ele ao menos estava sendo sincero nesse ponto. A única questão era saber até onde iria sua indulgência em relação a ele. Ela se arriscaria a se expor por algo que poderia provar nada mais ser que um prazer fugaz?

Ele escolhera aquele momento para levantar a vista, e seu olhar se encontrou com o dela. Não foi mais que um instante, mas por um segundo ela teve a impressão de que ele parecia mais feliz ao vê-la do que a qualquer outra pessoa, segundo lembrava.

Sim, talvez valesse a pena, quaisquer que fossem as consequências.

Moira cumprimentou North e seu irmão, e a seguir Octavia lhe ofereceu uma fatia de cada bolo.

- Só fatias finas – disse Moira à amiga, a vê-la pegar um faca de prata. Fora mesmo bom que não tivesse comido muito no café-da-manhã. Havia pelo menos seis bolos na bandeja. Se fossem tão gostosos quanto pareciam, ia ter que esquecer o almoço e talvez até o jantar.

- Fatias finas não farão justiça à maestria da senhora Bunting, Lady Aubourn.

Aquela voz doce provocou um arrepio na espinha de Moira. Ouvi-lo falar era mais delicioso do que qualquer coisa que a senhora Bunting pudesse preparar. Teria ele idéia, por mínima que fosse, de como sua voz era agradável?

Bem-humorada, olhou para ele e disse:

- Mas fatias largas, senhor Ryland, não fariam justiça à minha cintura.

Seu olhar scrutador deslizou lentamente ao longo da figura de Moira. Se qualquer outro homem tivesse feito isso, ela teria se sentido ofendida com o exame. Mas a avaliação de Wynthrope a fez sentir calor. Muito calor.

Finalmente os olhos dele alcançaram os dela. A temperatura de Moira subiu mais um grau diante do calor que viu nos olhos dele.

- Uma cintura mais larga significa apenas que o prazer será maior para o homem que for acariciá-la, minha senhora.

Moira enrubesceu até a raiz dos cabelos.

- Wyn! – Octavia brandiu uma faca coberta de glacê na direção do cunhado. – Você perdeu o juízo?

Wynthrope não parecia ter sido minimamente afetado pelas palavras dela, mas inclinou-se diante de Moira, dizendo:

- Minhas desculpas, Lady Aubourn. Não quis ofendê-la, bem ao contrário.

Moira sabia exatamente o que ele tinha querido dizer. Ele a estava olhando com um mal disfarçado interesse de conquistador. Talvez seu irmão e Octavia não tivessem percebido, mas Moira sabia, sem dúvida, que a intenção de Wynthrope era chocá-la. Ele até podia fazer o papel de cavalheiro, mas a fachada criada com tanta habilidade não a enganava. De fato, ela podia apostar que ele não era absolutamente o que fingia ser.

Essa constatação o tornava ainda mais atraente. Perigosamente atraente. Devia ser audaciosa e ir em frente ou bater em retirada como desesperadamente queria fazer?

- Não se preocupe, senhor Ryland. Não me senti ofendida. – Não queria que ele percebesse como a perturbava – não podia, não se quisesse manter algum tipo de controle durante seu relacionamento amistoso. Toda a sua vida se baseava no controle, e não ia permitir que um homem mudasse isso.

De novo ele levantou as sobrancelhas com aquele ar zombeteiro, fixando nela os olhos escuros que brilhavam ante o desafio. Céus! O que ela estava fazendo ao iniciar qualquer relacionamento com esse homem? Ele era demais para ela. E o seria para qualquer mulher que quisesse manter intacta sua personalidade. Wynthrope era um redemoinho em forma de homem, que atraía as mulheres para si e as fazia girar à sua volta de modo a deixá-las tontas a ponto de não se preocuparem com o que ele faria a seguir.

Ter essa sensação uma vez podia ser até excitante, mas era muito assustador admitir isso tão cedo no jogo deles.

Jogo. Estranho que ela pensasse no que estavam fazendo, fosse o que fosse, como um jogo, mas ela supunha isso. Cada um deles queria estabelecer as regras e por sua vez ser o menos vulnerável.

Octavia passou-lhe um prato com as fatias de bolo – tão largas que Moira ia ter de cortá-las ela mesma.

Bem, não precisava comer tudo. Com Wynthrope observando-a, seria de admirar se conseguisse fazer isso.

Ele se voltou para a cunhada com seu prato vazio.

- Quero um pouco mais do bolo de chocolate, por favor, Vie.

- Mais? – perguntou-lhe a cunhada. – Você já comeu metade do bolo!

Ele deu de ombros, sem se importar com o comentário.

- É um bolo gostoso.

Enquanto lhe servia outra fatia, Octavia olhou para Moira com um olhar divertido e indagador.

- Acho que os homens não se preocupam com sua figura como nós, Moira.

- Apenas não somos obsessivos com nossa aparência – disse North, cujo prato vazio estava numa mesa ao lado. – Não é verdade, Wynthrope?

O irmão cortou um pedaço de bolo com o garfo.

- É verdade, no entanto, você se preocupa ainda menos que a maioria de nós, meu irmão. – Ele sorriu para Moira no momento em que levava o garfo à boca. – Será que essa pequena indulgência vai prejudicar minha aparência, Lady Aubourn?

Moira enrubesceu de novo.

- Por quê? O senhor pretende lambuzar o rosto com ele, senhor Ryland?

Ele riu, e os outros também.

- Bem-feito! Boa resposta para uma pergunta atrevida – disse Octavia provocando-o, enquanto olhava para Moira com ar de riso. – Parece que a inteligência de Moira é tão afiada quanto a sua, Wynthrope.

Wynthrope deu uma lambidinha na cobertura que ficara grudada em seu garfo. Moira sentiu um arrepio. Oh! Quem lhe dera ser aquele garfo...

- Não é a minha inteligência que é afiada, minha querida irmã, mas minha língua. – Sorriu com carinho para Octavia, mas quando ela voltou a atenção para o marido, Wynthrope desviou o olhar para Moira, e o que ela viu neles quase lhe derreteu os ossos.

Santo Deus! Será que ela invejara seu garfo? Parecia que sim.

Sem terminar o bolo, ele pôs o prato de lado e diminuiu a distância entre eles. Moira, com o coração quase lhe saindo pela boca, viu-o aproximar-se. Para parar de tremer, fincou os dedos no prato.

- O fogo está muito forte para a senhora, Lady Aubourn? – perguntou ele com suavidade e polidez.

- Não, senhor Ryland, estou muito bem.

- Perguntei porque parece que a senhora está sentindo calor. Está ruborizada.

O olhar de Moira cruzou com o dele, e o coração dela disparou.

- Acho que o senhor está sendo impertinente, senhor Ryland. – E ela estava gostando disso. Seus lábios se curvavam num leve sorriso, e ele disse:

- Sem dúvida está certa, mas acaba de me lembrar de uma coisa, minha senhora.

Ela se atreveria a perguntar?

- Oh! E o que é?

- A senhora ainda me deve um beijo, e se insistir em me olhar como se quisesse me envolver em cobertura de chocolate, é melhor que esteja pronta para tirá-la de mim.

Os lábios de Moira se entreabriram, mas deles não saiu nenhum som. Ela só conseguia ficar ali, encarando-o, ardendo da cabeça aos pés.

Um leve rubor subiu ao rosto dele quando ele fixou o olhar em sua boca.

- Por Deus, senhora! – murmurou ele. – A senhora me faz desejar que me cubram de glacê de chocolate.

E então ele se despediu deles e em questão de minutos se foi. Depois que ele saiu, Moira permaneceu ali de pé, segurando seu prato e olhando os pedaços de bolo que haviam sobrado. Wynthrope a queria. A *ela*. Como isso era possível? E o que dizer do fato de ela ter se deliciado com as coisas maliciosas que ele dissera, com o modo como a olhava, como se...

como se quisesse comê-la? Só de se lembrar de seu olhar sensual alfinetando-a já começava a transpirar. Sim, ele era um homem perigoso, mau, malvado.

Que Deus a ajudasse! Mais do que gostar, adorava aquilo. Desejava aquilo.

- Octavia – disse ela, estendendo o prato à amiga. – Você acha que pode me servir mais um pedaço de bolo de chocolate?

Ele deveria estar pensando em Daniels, mas em vez disso em sua cabeça só havia pensamentos para Moira Tyndale. Todo o tempo que se passara desde o incidente do bolo não aplacara seu desejo, ao contrário, o intensificara. Ele soube que ela estava na festa no momento em que chegou, embora não tivesse conseguido vê-la.

Aquela mulher o atraía de tal forma, que sua vontade parecia já não lhe pertencer. Ele não conseguia fazer nada que não fosse flertar com ela, fazer papel de tolo. Faria qualquer coisa para tê-la – qualquer coisa. Era uma sensação horrível saber que ele estava tão desesperado por uma mulher a ponto de lhe revelar sua fraqueza.

Mas seu passado era algo que ele jamais poderia admitir, nem para Moira Tyndale, nem para ninguém. Nem North sabia da extensão das coisas que ele havia feito, da profundidade da sua vergonha. Seus irmãos não sabiam das coisas que guardava em seu íntimo, dos medos que mantinha escondidos de todo mundo, guardados nas horas mais escuras da noite, quando toda a sua vida parecia fechar-se em torno dele, esmagando-o. Falar dessas coisas seria a maior humilhação que ele poderia enfrentar. Não podia nem pensar em mostrar-se tão vulnerável para outra pessoa; mal conseguia fazer isso para si mesmo.

Ele era do tipo de homem que conquista todo mundo. As mulheres mais velhas adoravam tê-lo em suas reuniões, os homens gostavam de jogar cartas com ele. As mulheres o achavam encantador, e os homens o consideravam agradável, mas ninguém o conhecia de verdade. Ele podia estar no meio de um salão de baile lotado, como esse em que estava agora, cercado de gente, e sentir-se totalmente só.

Às vezes ele tinha a sensação de que a pessoa que ele fingia ser, aquela que todos achavam que ele era, estava tomando o lugar do seu eu de verdade. Outras vezes ficava muito cansado de sempre fingir, de ter de ficar sempre alerta. Mas esse seu eu real era tão patético, tão vulnerável, tão fácil de magoar, que era mais fácil se esconder atrás dessa fachada charmosa. Entretanto, não era apenas a vulnerabilidade que ele queria dissimular. Havia também outras coisas – que não eram tão gentis –, coisas que haviam magoado ou assustado algumas pessoas. Ele mantinha isso tão bem guardado, tão escondido, que sua cabeça doía do esforço. Para aliviar seu sofrimento, ele se entregaria à bebida, se não achasse que ela faria tudo aquilo vir à tona.

Moira Tyndale, Lady Aubourn, sabia que ele escondia alguma coisa. Ele podia ver isso em seus olhos. Ela sabia que ele estava apenas representando. Como sabia? Por que essa mulher era capaz de vê-lo por dentro? Ela não tinha nada de especial. Era alta, muito magra, angulosa. Suas feições eram fortes, seu olhar, penetrante demais, e mesmo assim ela o atraía como uma sereia chamando um infeliz navegante.

Ela estava parada não muito distante dele. Usava um traje cor de vinho e conversava com um pequeno grupo de damas de companhia, enquanto sua irmã dançava alegremente com um jovem barão. Nas vésperas de Natal havia alguma coisa que tornava as pessoas mais sociáveis, a música mais vibrante e o riso mais alegre. No inverno, Londres não tinha muita vida social, exceto às vésperas e depois do Natal. Em comparação com a temporada, era mais difícil arranjar companhia, mas ainda havia mulheres em número suficiente para tornar a dança, o que era tão uma opção e não uma obrigação.

E durante toda a noite nenhum cavalheiro convidara Moira para dançar. Parecia que ela nem estava se importando. Como era possível não se importar de ficar ali em pé enquanto a irmã menor era alvo de tanta atenção? E o que havia de errado com aqueles homens, que preferiam a juventude espalhafatosa de Minerva Banning à sutil maturidade de Moira?

O que havia de errado com ele, que não a convidava para dançar? Não desejara outra coisa a noite inteira. Por várias vezes surpreendeu-a olhando para ele, mas desviava os olhos assim que percebia que ele a estava olhando. Ela devia ser meio acanhada, mas não era maliciosa. Para uma mulher que fora casada por dez anos, parecia que tinha pouca prática em matéria de artes femininas. Era desajeitada para flertar e parecia mais afeita a voar do que a pôr em prática seu encanto natural quando um homem chegava perto dela.

Então por que ele estaria se aproximando dela? Ela se perguntava isso enquanto ele caminhava na sua direção. Provavelmente porque ele queria comprovar se ela se sentia tão atraída por ele quanto ele estava por ela. Uma coisa era flertar com ele na casa de Octavia e North e outra era dançar com ele numa festa de Natal, mas o que ela faria se ele interrompesse sua conversa e a convidasse para ir lá fora com ele, mesmo que fosse por apenas um momento?

As mulheres que estavam com ela o viram aproximar-se. Talvez se perguntassem por que ia tão decidido na direção delas. Ou quem sabe já suspeitassem que Moira era seu alvo. Não lhe importava absolutamente nada que elas pensassem. Tudo o que lhe interessava era aquela mulher, que o encarava com um misto de cautela e excitação nos olhos grandes – que não eram castanhos como pensara, mas tinham camadas de dourado, azul e verde. Olhos de fada.

- Boa noite, senhoras – disse ele, sem olhar para nenhuma delas, mas fixando os olhos apenas em Moira. – Desculpe-me pela intrusão, Lady Aubourn. Queria saber se posso pedir um momento de seu tempo.

Para seu alívio, ela não hesitou.

- Naturalmente, senhor Ryland. Senhoras, queiram me desculpar.

Ele lhe ofereceu o braço, e ela o tomou, acompanhando-o com toda a elegância enquanto ele a conduzia até as portas do terraço. Estava frio lá fora, e o brilho da lua refletido na neve clareava a noite escura. Não havia muita neve – apenas alguns centímetros, mas o suficiente para cobrir tudo com uma camada branca e proporcionar uma bela visão, que sem ela não teria graça.

Ele não poderia mantê-la lá fora por muito tempo, mesmo querendo, acima de tudo, ficar com ela para si. Ela não estava agasalhada para enfrentar aquele frio, mesmo usando um vestido de veludo com decote modesto.

Se não podia ficar com ela quanto gostaria, devia usar o tempo de que dispunha da melhor maneira.

- Lady' Aubourn?

- Sim, senhor Ryland. – Seus olhos grandes e brilhantes à luz da lua atraíam-no para mais perto com uma magia a que ele não conseguia resistir.

- Vou querer aquele beijo agora.

Capítulo quatro

M^oira não teve tempo de reagir, nem sequer de pensar, antes que os lábios de

Wynthrope tocassem os dela.

Ele a pegou inteiramente de surpresa. Cada músculo de seu corpo se retesou ante a inesperada e excitante posse de sua boca. Os lábios dele eram suaves e cálidos – muito mais ávidos do que ela poderia ter imaginado. Tinham um gosto doce e salgado; a pele de seu queixo era macia, com uma ligeira aspereza quando tocava a dela. O ar da noite estava frio, gelado mesmo, e o calor que se desprendia dele atraía Moira ainda mais para dentro do delicioso envolvimento de seus braços, como que derretendo seus ossos. A sensação de alfinetadas espetava sua pele, enquanto a língua dele provava a sua. Finalmente, depois de todos aqueles anos esperando, imaginando, *isso* é que era ser beijada de verdade. Outras bocas haviam se pressionado contra a sua, mas nunca desse jeito. Jamais outro homem quisera entrelaçar os dedos em seu cabelo e segurar sua cabeça de um modo tal que ela não conseguia fugir. Ela não queria nada além de um beijo.

Por esse curto e mágico momento, ela queria obter tudo o que Wynthrope estivesse disposto a lhe dar.

Foi ele que tomou a iniciativa de romper o contato entre seus lábios. Com a respiração formando nuvenzinhas de vapor na escuridão da noite, Wynthrope apoiou sua testa na dela. A sensação de tocar sua pele foi quase tão deliciosa quanto o toque de seus lábios, e Moira teve que resistir ao impulso de esfregar a cabeça nele, como um gato carinhoso.

Com delicadeza, as mãos de Wynthrope acariciaram seus braços, aquecendo-os para evitar que se congelassem.

- Entre agora – murmurou ele com voz rouca.

O coração de Moira disparou.

- Você não gostou?

Que som fora aquele que escapara de sua garganta? Fosse o que fosse, Moira sentiu um arrepio na espinha.

- Gostei muito – respondeu ele, e seus olhos escuros mergulharam na escuridão quando ele levantou a cabeça. – Não quero que você seja alvo de mexerico no salão de baile.

Moira relanceou os olhos em torno deles. Não viu ninguém na sacada, e a luz das lâmpadas do salão não chegava até eles. Estavam sozinhos, e ela não tinha vontade de ir embora.

- Não há ninguém olhando.

- Nunca se sabe. – Sua cautela era o mesmo tempo afetuosa e lamentosa. – Neste momento, sou culpado de roubar apenas um beijo. Se você ficar aqui mais um tempo, vou conseguir muito mais do que isso, eu lhe garanto.

Suas palavras poderiam servir de estímulo para que ela protegesse seus segredos e a lembrança de Anthony, mas não o fizeram. Em vez disso, a voz dele produzia um ruído baixo e insistente em seu estômago. Ela pressionava as coxas uma contra a outra para aliviar a dor, mas isso só a fazia piorar. Ela devia ter medo de entregar a virgindade àquele homem, mas seu corpo desejava isso tanto quanto uma flor anseia pelo sol.

Como ela não se mexia, ele a olhou com uma expressão indagadora.

- Para uma mulher com reputação de ser tranqüila e distante, a senhora está se revelando uma bela sedutora, Lady Aubourn.

Sedutora? Ela? Certamente ele estava gracejando. Não, essa dureza que lhe pressionava intensamente os músculos não era brincadeira. Aquele beijo excitara tanto a ele quanto a ela. Era surpreendente perceber que conseguia afetá-lo desse modo.

Ela deu um passo atrás, e o ar noturno perpassou entre eles. O frio não aliviava seu tormento, tendo feito apenas que seus mamilos ficassem mais rijos e os arrepios na espinha, mais profundos.

- Assim está melhor, senhor Ryland?

Curvando a cabeça, levantou a vista.

- Não sei. Não consigo decidir se lhe agradeço ou se a beijo novamente.

O calor subiu ao rosto de Moira.

- Talvez devêssemos voltar ao salão de baile.

- Vá a senhora. Se eu entrar agora com certeza seremos o centro dos mexericos.

Naturalmente ele estava se referindo a sua ereção. Moira deveria estar envergonhada pelo modo como ele se comportara com ela, mas não estava. Nem conseguia encontrar nenhuma razão para duvidar ou desconfiar de sua atração por ela. Por ora, aceitava que aquele glorioso exemplar de homem queria tocá-la, beijá-la. Que estranho, equivocado e maravilhoso pensamento!

Fazendo que sim com a cabeça, ela decidiu voltar, tomando a direção das portas de vidro.

Hesitando por um momento, dominada pela curiosidade e pela insegurança, perguntou:

- Eu o verei lá dentro?

Com aquele seu sorriso zombeteiro, ele disse:

- Minha querida senhora, pretendo estar tão perto da senhora quanto sua própria sombra. Santo Deus! Será que ele quisera mesmo dizer aquilo? Como podia sequer não ser motivo de comentários se ele tinha em mente ficar tão perto dela durante toda a noite?

Lentamente, com o intenso frio noturno penetrando em seus ossos, Moira voltou à tepidez do salão de baile. Os candelabros reluziam acima de sua cabeça. O barulho era grande, com tantas vozes tentando sobressair acima do som da orquestra. Um perfume misturado com uma nota de canela chegou a suas narinas. Seu estômago roncou. Devia ter jantado. Será que alguém notaria se ela fosse até a outra sala, onde havia sanduíches e doces à espera daqueles que gostam de mordiscar algo ao longo da noite?

Incapaz de resistir por mais tempo aos apelos de seu insistente estômago, ela atravessou a multidão na direção de uns minissanduíches de pepino cuja visão lhe deu água na boca. Ninguém prestava atenção nela.

Bem, *quase* ninguém.

- Onde você estava? – Minerva perguntou, tomando-a pelo braço. – Como você está fria! Moira ignorou a pergunta e a observação com um movimento de mão.

- Estou ótima.

Sua irmã começou a falar de alguma coisa. Moira não estava ouvindo. Sua cabeça voltara ao terraço onde estivera com Wynthrope, sentindo-se novamente em seus braços, com os sedutores lábios dele pressionados contra os seus.

- Moira!

Piscando, Moira olhou para ambos os lados.

- O quê?

A irmã menor arregalou os olhos.

- O que está havendo? Você não ouviu uma palavra do que eu disse.

Diante de seu tom, Moira sorriu. Pobre Minnie! Estava preocupada ou simplesmente aflita em relação ao efeito que a estranheza de Moira poderia causar em sua própria noite?

- Desculpe-me, querida. Fui lá fora tomar um pouco de ar e fiquei com frio. Nada que um pouco de vinho quente não possa curar.

- Permite-me que vá buscá-lo para a senhora, Lady Aubourn?

Ao som daquela voz, Moira recuperou imediatamente todo o calor que lhe faltava no corpo.

Fazia pouco tempo que o deixara no terraço, mas, de tão contente de vê-lo, parecia que não se encontrava com ele há duas semanas.

Levantou a vista para ele, surpresa com sua própria demonstração de calma, ao dizer:

- Seria muita bondade sua, senhor Ryland. Obrigada.

Seu sorriso lhe dizia que aquilo nada tinha a ver com bondade. Wynthrope queria fazer o que pudesse para deixá-la em débito com ele. Iria até a Índia em busca de seda se ela quisesse, só para que tivesse que lhe dar algo em troca. Valeria a pena pedir coisas ultrajantes, para que ela tivesse que lhe pagar quando ele as cobrasse dela.

Apesar daquela *coisa* que houvera entre eles, Wynthrope continuava sendo um cavalheiro, como o provava sua atenção com Minerva.

- Senhorita Banning, posso lhe trazer também um refresco?

Minnie fez que não com a cabeça, fazendo alguns cachos de cabelo caírem no rosto. A garota exibiu uma expressão estupefata.

- Não, obrigada, senhor Ryland.

Ele se inclinou diante delas, lançando a Moira outro sorriso malicioso, que a fez corar como uma colega, e então desapareceu no meio dos dançarinos.

Boquiaberta, Minnie voltou-se para a irmã com uma expressão entre admirada e ressentida.

- Como conseguiu isso?

- Isso o quê? – perguntou Moira, com cara de inocente.

A outra, fazendo carranca, respondeu:

- Laçar Wynthrope Ryland, ora!

- Fale baixo! – sussurrou Moira, pegando a irmã pelo braço e puxando-a para si. – Não lacei ninguém.

Minnie apertou os lábios.

- Você não consegue mentir para mim, Moira. Aquele homem olhava para você como se quisesse mergulhá-la no açúcar e fazê-la de sobremesa. Que artimanha usou para conquistar o que muitas mulheres não foram capazes de conseguir?

Mergulhá-la no açúcar? Idéia pegajosa, mas nem por isso desagradável. O que havia com ela que levava todo mundo a associá-la com comida?

Tinha consciência de que já não estava gorda, muito pelo contrário; diferentemente do que pensava, talvez lhe faltasse habilidade para esconder sua tendência natural à gulodice.

- Não fiz nada! – replicou ela, o que não era inteiramente mentira. Não fizera nada – exceto retribuir a seu beijo, mas isso não ia contar para a irmã.

- Ele já a beijou?

- Minerva! – Moira correu os olhos à volta delas para se certificar de que ninguém as ouvia. – O que está dizendo é totalmente impróprio, e isso não é da sua conta!

Minnie arregalou os olhos e pôs a mão na boca para sorrir. Qualquer sinal de inveja agora parecia ter sido engolido pela curiosidade juvenil.

- Beijou! Como foi? Ele é tão delicioso quanto parece?

Moira teria estrangulado com gosto a irmã, não fosse a presença de tanta gente e o tremor de suas mãos. Como ela podia ser tão transparente?

- Estou com inveja – Minnie admitiu, balançando a cabeça com tristeza. – Você cativou a atenção do único homem que eu considerava um desafio.

Oh! Como era jovem e tonta!

- Minnie, um desafio não significa necessariamente que o homem valha o esforço.

A irmã olhou-a de sobranceiras arqueadas.

- De qualquer modo, não acho que você se refira ao senhor Ryland quando diz isso.

Naturalmente ele não tem sido um desafio para você, tem? Bem, já que você o foguei, preciso encontrar outra pessoa com quem me divertir. Que tal Sir David?

- Yorke, o barão? - Moira concordou com um movimento de cabeça. – Um jovem muito bonito e de boa família. Nunca ouvi nenhuma palavra maldosa sobre ele.

- Com isso quer dizer que ele é um chato.

- Não, que ele é o tipo de homem que vai tratá-la bem. É isso ou ele tem sido bastante esperto para não se deixar apanhar em nenhuma travessura.

O sorriso malicioso de Minnie fez que Moira sorrisse também.

- Por que você, por sua conta, não se informa sobre ele?

- Acho que poderia fazer isso. – Rodando a saia azul-escura, Minnie deslizou até onde estava o jovem barão, que de nada suspeitava. Pobre rapaz!

- Espero que sua irmã não tenha ido embora por minha causa.

O sorriso de Moira se suavizou quando ela olhou para aqueles olhos azuis, tão escuros que pareciam negros. Se é que isso era possível, ele era ainda mais bonito sob a luz das velas do que sob a luz das velas do que sob a luz prateada da lua.

- Minha irmã não faz nada por causa dos outros, mas apenas por interesse próprio, mas agradeço sua preocupação.

Ele inclinou a cabeça.

- Preocupação? Imagine! Estava apenas sendo educado. Francamente, gostei que ela tenha se afastado. Não quero dividir você com ninguém.

Ela devia repreendê-lo por isso – afinal, estava falando de sua irmã -, mas em vez disso, sentiu-se envaidecida.

- Seu vinho quente, minha senhora.

Ela pegou a delicada taça de cristal que ele lhe oferecia. A través da seda fina das luvas, podia sentir o calor da cheirosa bebida. O aroma de vinho e canela, estimulou seu olfato, fazendo-a serrar os olhos de prazer.

Ele fixou nela um olhar penetrante.

- Sempre que estamos juntos, a senhora me faz invejar o que estar comendo ou bebendo, Lady Aubourn.

- Eu estou prestando mais atenção em minha bebida do que no senhor, senhor Ryland? – Estaria flertando? Aquele sorriso coquete realmente parecia flerte.

Ele se aproximou um pouco mais. Ela podia sentir o perfume quente, com uma nota de especiaria, de sua colônia.

- Talvez, mas invejo-o mais pelo fato de que ele vai tocar seus lábios muito mais vezes do que farei esta noite.

Oh! De novo aqueles arrepios na espinha.

- Mais não de maneira mais intensa, senhor.

Isso era flerte. Estranho ela nunca ter pensado que sabia flertar. Wynthrope Ryland parecia despertar isso nela de modo natural.

Os olhos dele mudavam de cor quando a fixavam. Ela sabia que não havia como pudessem voltar a escurecer, mas eles pareciam fazer isso de qualquer maneira. Uma estranha luz parecia vir de seu interior, brilhando através daquele indescritível olhar.

Quantas camadas teria aquele homem? A maioria das pessoas era mais bonita do que parecia, mas não Wynthrope Ryland. Ele flertava e se pavoneava por aí como galo de terreiro, mas essa não era a sua verdadeira natureza. Tanto quanto ela, Wynthrope estava envolvido naquele jogo, e tinha mais experiência nisso que Moira.

- Quero beijá-la de novo.

Sua voz macia e doce a fazia ficar com água na boca. Ela desviou o olhar.

- Não devia falar assim. Alguém poderia ouvi-lo.

- E a senhora tem uma reputação a proteger.

Que zombaria era aquela em seu tom aveludado? Levantou a vista à altura dos olhos dele.

- Não estou acostumada com a atenção de um cavalheiro, senhor Ryland, mas sei que sua corte poderia ser mais prejudicial do que boa se os mexericos recaíssem sobre mim.

A cabeça dele se inclinou para a esquerda, como que em meditação.

- Dizendo que a fiz minha amante, suponho.

- Essa é uma coisa que poderiam dizer.

Ele exibia uma expressão divertida mas meio intrigada.

- E o que diriam sobre mim?

Ela deu de ombros e bebericou um pouco de vinho. O sabor se espalhou por toda sua boca ao mesmo tempo que lhe aquecia o estomago.

- Nada, o senhor é homem.

- Nada justo, não?

- Não. – Um sorriso espontâneo aflorou em seus lábios.

Ele deixou escapar um suspiro de resignação.

- Então é melhor que eu lhe faça mais bem do que mal, não é?

Estava gracejando ou falando sério? Às vezes era difícil afirmar uma coisa ou outra. Assim, sondou seu rosto para ter alguma indicação.

Todos os traços de humor desapareceram de sua expressão.

- Faça algo por mim.

Isso podia ser um problema.

- O quê?

- Beba mais um pouco de vinho.

O pedido era um tanto estranho, mas não havia nada de impróprio nele. Afinal, ele lhe trouxera a bebida, era natural querer que ela terminasse de bebê-la.

Levando a taça aos lábios, bebeu um pouco do vinho doce e aquecido.

Estava frio, mas não menos gostoso. O sabor frutado com especiarias banhou sua boca e chegou à garganta. Ela lambeu os lábios para saborear a bebida até a última gota.

O olhar de Wynthrope estava fixo em sua boca. Quando ela tocava os lábios com a língua, ele fechava olhos, e suas narinas se dilatavam ligeiramente enquanto respirava. Ela podia jurar que ele realmente estremecera.

Um calor sensual espalhava-se por sua pele quando se lembrava do que ele dissera sobre sentir inveja do vinho. Moira havia tomado mais um gole para aliviar a súbita secura da boca.

- Terminei – murmurou ela, admirada do tom baixo de sua voz.

Levantando as pálpebras lentamente, ele a olhou com mal disfarçado desejo.

- Quer outro?

Sim, queria. Sua cabeça já estava sentindo os efeitos do primeiro, e o modo como ele a olhava não ajudava a dispersá-los.

- Talvez pudéssemos compartilhar um copo, não? – Era a coisa mais atrevida que já dissera – principalmente porque sugeria muito mais do que ela podia dizer.

A sugestão não passou despercebida. Seu rosto esculpido ficou rosado. Moira engoliu em seco, esperando a resposta dele. Nunca revelara a um homem que queria que seu relacionamento continuasse – que ela o desejava fisicamente.

A expressão dele era inescrutável.

- Ia lhe dizer que já acabou o vinho quente.

- Oh! – Era verdade ou ele a estava rejeitando?

Ela era muito inexperiente para dizer algo e muito acanhada para tomar qualquer iniciativa, a não ser ficar ali parada, admirada.

- Você tem vinho quente em sua casa, Moira? – Ele deu um passo na direção dela enquanto falava, diminuindo a distância entre eles de uma maneira totalmente imprópria.

Ela franziu o cenho, insegura quanto à razão da pergunta e estranhamente emocionada de ouvir seu nome dos lábios dele.

- Sim, sempre tenho, nesta época do ano.

- A que hora devo ir?

O coração de Moira parou em seu peito. Então, com uma pancada, começou a bater tão forte, que ela achou que ele fosse se romper.

- Ir?

Ele a acariciou com um olhar que ardia.

- A sua casa.

- Esta noite? – perguntou num murmúrio carregado de intensidade.

Ele assentiu.

- Eu... – Oh, Deus! O que havia feito?

Os lábios dele se curvaram naquele sorriso zombeteiro, mas seu olhar exibiu um lampejo de vulnerabilidade.

- Minhas desculpas. Fui além de meus limites. Boa noite, Lady Aubourn.

Não. Ele não podia voltar a tratá-la de “Lady” depois de tê-la chamado pelo nome de batismo.

Não podia permitir que ele simplesmente se fosse, como estava fazendo agora.

- Wynthrope. – Graças a Deus ele ainda estava perto o bastante para que ela não tivesse que levantar a voz.

Ele parou e virou a cabeça para olhá-la por cima dos largos e bem torneados ombros.

- Três horas – disse ela, com a boca tão seca que mal conseguiu falar. – Entre pelo jardim.

Dessa vez seu sorriso não tinha absolutamente nada de zombeteiro. E nem de vulnerável. Era um sorriso sedutor, cheio de promessas maliciosas – promessas de prazer.

Ele simplesmente assentiu e se foi, deixando Moira pasmada atrás dele, com um aperto de medo na garganta.

O que ela havia feito? Wynthrope Ryland ia a sua casa mais tarde naquela noite.

E Moira tinha a sensação de que ia querer mais do que vinho.

Moira Tyndale vivia numa linda casa, num elegante bairro do West End. Era alta e estreita – como a dona –, com uma fachada bonita e decorada com simplicidade. E, se fosse possível que uma casa tivesse sentimentos, essa seria despretensiosa e insegura de si mesma. Sim, essa casa combinava com sua dona. Insistia em ter uma certa aparência, exatamente como fazia a viscondessa. As lâmpadas da rua iluminavam a frente da casa, assim como fazia o reflexo da lua sobre a brilhante camada de neve que cobria o chão. Wynthrope vivia amaldiçoando a claridade da lua quando se esgueirava por ali, o que talvez fizesse também essa noite, mas assim que viu o jardim de Moira, sentiu apenas gratidão.

Não havia flores, como era de esperar nessa época do ano, mas os arbustos brilhavam com o gelo que pendia deles. Estátuas pálidas e fantasmagóricas enfeitadas com musgo e hera guardavam silenciosa vigília enquanto ele passava. Aquele não era um jardim comum de uma senhora. Era selvagem e indomável, meio sinistro no meio da noite. No verão certamente ficava cheio de flores e parreiras entrelaçadas. Era surpreendente que uma casa assim escondesse esse jardim.

Ele o fazia ficar imaginando as delícias que Moira escondia.

O próprio fato de tê-lo convidado para ir a sua casa àquela hora da noite já era em si uma surpresa. Quem pensaria que a séria e respeitável Lady Aubourn fosse tão atrevida? Tudo o que ele ouvira sobre ela indicava exatamente o oposto, e mesmo tendo chegado ali, à entrada do jardim de sua casa, ele estava quase com medo de bater.

A atração que sentia por ela não era racional, mas selvagem, intoxicante e o deixava com a mesma sensação de ser recompensado por um roubo bem-sucedido.

Essa sensação aguda, vergonhosamente picante, deveria ser a razão suficiente para fazê-lo voltar à relativa segurança de seu apartamento. E era também o que o impedia de fazer exatamente isso. Ele queria ver Moira – *precisava* vê-la. Fazia pouco mais de uma hora que vira seu rosto anguloso, e estava ávido para vê-lo novamente. Ansiava ver seu próprio rosto refletido nas profundezas claras e tranqüilas de seus olhos de fada. Queria falar com ela e voltar a ouvir o que tinha a dizer – outro perigo.

E também queria beijá-la de novo. Desejava isso acima de tudo.

Levantando o punho, bateu de leve no vidro. Devia ter trazido alguma coisa. Quem sabe flores, ou chocolate. As mulheres gostavam de ambos. Ele ia gostar de ver o rosto de Moira enquanto o chocolate se derretia em sua língua. Só de pensar nisso ficava excitado.

Sim, ele realmente devia ter-lhe trazido chocolate.

A porta se abriu, e qualquer chance de voltar atrás evaporou. Apenas um olhar para a mulher à sua frente, e todo pensamento racional também se esvaía.

Ela ainda estava usando o traje daquela noite, mas sem as jóias. Parecia ainda mais sedutora sem elas, resplandecente no refúgio cálido de seu lar. Ele permanecia ali parado na escuridão prateada da noite que se abria às suas costas, banhado pela luz da neve que caía. A diferença entre eles não tinha como ser mais evidente, mesmo sem essa descrição.

- Pensei que não viesse – disse ela.

Ele esboçou um sorriso. Felizmente fazia muito frio, e sua constrangedora ereção já quase desaparecera completamente.

- Achei que houvesse mudado de idéia.

- Não mudei – respondeu ele.

- Talvez devesse tê-lo feito.

Ela nem sequer parou para considerar a sabedoria da sugestão dele antes de manifestar a sua.

- É melhor que você entre, antes que se esfrie.

Colocou-se ao lado da entrada e com um gesto convidou-o a entrar. Por um terrível momento, sentiu-se preso num sonho – no qual tentava fugir, descobrindo então que suas pernas estavam tão pesadas que pareciam ser de chumbo. Não conseguia se mover, por mais que quisesse cruzar a soleira daquela porta.

E então, de alguma maneira – ao que parecia, mágica -, ele estava lá dentro e ela fechava a porta às costas dele, encerrando-os ali, condenando-os ao que quer que o destino ou a loucura lhes reservasse.

O aposento era decorado em tons de azeitona, creme e dourado e pouco iluminado, sendo que sua luminosidade em grande parte vinha do fogo aceso na lareira. De ambos os lados, em estantes arrumadas, alternavam-se livros e pinturas de anjos. Mas as feições dos anjos de Moira Tyndale não eram serenas e meigas, mas vingadoras, selvagens, enlutadas, e a cor de suas asas ia do pálido marfim ao índigo forte. Alguns apareciam voando, outros em contemplação, e um deles olhava para o céu, com o rosto devastado pela dor, tendo no colo uma mulher moribunda.

- Deus meu! – murmurou Wynthrope chegando mais perto do quadro. – Isto é admirável! –

Então fixou o olhar no anjo. Era Moira – mais jovem e gordinha, mas negavelmente era ela.

Com um pouco mais de peso, tinha o olhar mais suave, mas sua expressão era de muita tristeza e mágoa.

- A mulher é minha tia Emily – soprou a voz de Moira por cima de seu ombro. – Eu era muito apegada ela.

Por isso a expressão do rosto angelical de Moira. Ele se virou para o rosto original.

- É lindo! Você é artista?

Ela riu e ofereceu a ele um copo de cristal. Ele notou que ela evitava olhar para o quadro.

Talvez estivesse acanhada por sua tristeza estar sendo examinada tão detidamente. Ou talvez receasse que ele pudesse perceber uma certa vulnerabilidade nela.

- Oh, não! foi meu falecido marido que o pintou, assim como pintou todos os meus anjos.

O modo como ela disse isso – com um tom de voz saudoso – produziu uma ponta de inveja e ciúme em Wynthrope. O falecido visconde era obviamente muito talentoso, mas mais do que isso era uma pessoa querida, cuja falta era muito sentida por sua viúva.

Wynthrope invejava não apenas o talento, mas o sentimento. Será que alguém falaria dele nesse tom nostálgico depois de sua morte?

E realmente também estava com ciúme do visconde pelo fato de sua mulher pensar muito nele – e ter a ousadia de anunciar essa devoção em sua presença. Isso era o bastante para fazê-lo sentir-se um libertino batendo em sua porta, esperando que ela se entregasse a ele naquela sala, sob o olhar vigilante de seus anjos torturados.

Ele pegou o cálice que ela lhe oferecia – vinho quente, como prometera. Sentiu na mão seu calor, sua fragrância tão potente e provocante como a mulher que o servia.

- Obrigado.

- Sente-se, por favor – disse ela, com um movimento de cabeça.

Quanta cordialidade! Será que ela não tinha idéia de que ele fora até lá com toda a intenção de seduzi-la, ou estaria brincando com ele?

Bebeu um gole do vinho enquanto a seguia até um sofá. Seu gosto era tão bom quanto o aroma. A canela, os cravos e o fino vinho inundaram toda a sua boca, um toque ácido embora doce na língua. Esse era muito, muito melhor do que aquela coisa adocicada servida havia pouco na festa.

Moira sentou-se numa das extremidades do sofá, um pouco de lado para ficar de frente para ele, sentado na outra. Só que ele não se sentou na outra ponta, mas bem perto dela, com o joelho apoiado numa almofada ao seu lado, de modo que toda a sua canela se apoiava em sua coxa. Seu corpo inteiro estava voltado para ela.

Ela deu um salto ante esse contato e olhou-o de cenho franzido, mas ele não se acanhou com seu ar arrogante. A pulsação em seu pescoço, de tão rápida, era perceptível.

- Há mais do que suficiente espaço neste sofá para que o senhor se sente tão perto, senhor Ryland.

- Meu nome é Wynthrope. – Ele tomou o cálice de vinho de suas mãos e o pôs na mesa junto com o seu. – Se eu me sentasse na outra extremidade do sofá, Moira, não poderia fazer isto. Antes que ela pudesse perguntar o que era “isto”, ele a tomou pela nuca e a puxou para si. No momento em que seus lábios tocaram os dela, Wynthrope soube que seria bem-sucedido em seu intento. Moira entreabriu os lábios à sua investida, enlaçando sua língua na dele. Era evidente que não opusera objeção aos avanços dele. Um desejava o outro quase com a mesma intensidade – não havia como ela pudesse desejá-lo mais. Quando estivesse dentro dela, talvez conseguisse compreender melhor por que parecia que ela podia ver tão facilmente o que ia em seu íntimo. Quando se esvaziasse dentro dela talvez deixasse de sentir aquela sensação angustiante que parecia se agravar ainda mais quando ela estava perto.

Seu sabor era mais acentuado que o do vinho, cuja doçura ainda permanecia em sua boca. Ela era cálida e úmida, meiga e dócil, e ele a apertava em seus braços, envergonhado só de pensar em quão receoso estava de que ela pudesse tentar escapar. Uma das mãos dela

estava apoiada em sua coxa, com os dedos enterrados nela. Ele não sabia onde estava a outra.

Lentamente, Wynthrope deixou que sua mão esquerda deslizasse sobre a perna dela. A direita ainda a segurava pela nuca, e os dedos lhe doíam por causa dos grampos em seu cabelo. Seu vestido era macio ao toque, e ele podia sentir seu calor, suas curvas delicadas, os ossos frágeis de seu corpo sob o tecido. Seus quadris eram delicados, o vale formado por sua cintura, uma curva que levava às costelas. Os seios eram maiores do que ele imaginara. Sua mão envolveu aquele volume inesperado, enchendo-o de prazer e excitando-o com a suavidade de seu toque. Seus dedos circularam a coroa dos mamilos. Moira respirou ofegante contra sua boca, e seu corpo tremia. Wynthrope exultava.

Ah, sua outra mão! Cobrindo a dele, impediu que a fizesse escorregar para dentro de seu vestido. Para piorar tudo, ela interrompeu o beijo que trocavam. Levantando a cabeça, Wynthrope a encarou, surpreso. Será que fizera algo errado?

Ela lhe devolveu o olhar com uma expressão muito parecida com cautela.

- Não sou tão fácil de seduzir, senhor Ryland.

Fácil? Não. Ela estava sendo praticamente virginal, ao agir daquele modo. No entanto, aquilo não significava que ele tivesse desistido. Afinal, ela ainda segurava sua mão, que pressionava prazerosamente sua cintura.

- Dificilmente não consigo o que desejo.

Ela o olhou com uma expressão de descrença brincalhona.

- Pobre homem!

Não fosse a dor na virilha, ele teria rido de seu sarcasmo.

- Eu a convenci a convidar-me para vir aqui, não foi?

- O senhor está aqui porque permiti que viesse, e se nosso “relacionamento” se tornar mais íntimo será porque também o permiti e não porque o senhor queria.

Seu sorriso era de admiração, o que ele não podia evitar.

- A senhora tem um tônus mais vigoroso do que aparenta, Lady Aubourn.

A decisão dela não servira para que ele parasse de passar a mão em sua cintura.

Agora era ele que a surpreendia.

- Acha que falta algo em minha aparência, senhor Ryland?

- Nada que umas quantas manhãs sossegadas de café na cama não resolvessem.

Sua animação atrevida foi recompensada com um leve rubor no rosto e um sutil arregalar de olhos, quando ela disse:

- O senhor me acha muito magra, senhor Ryland?

- Sim.

Ela o olhou completamente aturdida mas não insultada, como a maioria das mulheres teria se sentido.

- O senhor é muito atrevido, senhor Ryland.

Ela não o punira por suas tiradas sexuais, mas estava fazendo isso pelo que dissera sobre seu peso? Que criaturas estranhas eram as mulheres.

- Sim, sou. E creio que isso é o que a senhora gosta em mim, não é verdade?

- Só isso? Tem certeza de que não há mais nada? Imagino que o senhor tenha uma lista completa de coisas que as mulheres acham atraentes no senhor.

E agora ela estava gracejando. Encantadora! Que diferença fazia ela estar em sua casa! Que diferença fazia um vinho quente! Ele gostava dessa brincadeira e de seu lado coquete. Ela não estava fingindo nem tentando fazer parecer que estava agindo contra sua própria vontade. Ela simplesmente não queria ir rápido demais como ele, e, estranhamente, ele respeitava isso. Ela o fazia sentir-se jovem e feliz, e havia muito tempo que vinha tendo a sensação de que ninguém no mundo lhe dava atenção ou de que isso pesava em seus ombros.

- Não estou preocupado com nenhuma mulher, mas com você, Moira. Estou avisando: quero você e tenho toda a intenção de ter você.

Seu rubor aumentou, mas ela não desviou o olhar.

- Você não vai me achar um alvo fácil, Wynthrope.

Finalmente ela o chamara pelo primeiro nome.

- Não consigo resistir a um confronto de vontades. Aceito seu desafio.

Ela ficou pensativa por um momento. Ele achou que ela se afastara dele, embora seu corpo não tivesse feito absolutamente nenhum movimento.

- Será que os livros de apostas estão cheios de palpites sobre nós dois?

Wynthrope sacudiu a cabeça, como que clareando as idéias, porque seguramente não a ouvira corretamente.

- Desculpe-me, mas o que disse? – Ele não podia ter ouvido corretamente.

Ela finalmente tirou a mão dele de sua cintura e se soltou.

- Vou falar francamente: o senhor se interessou por mim para ganhar uma aposta feita consigo mesmo ou com alguém?

Se a sugestão não fosse tão ridícula, ele teria se ofendido.

- Está tentando me insultar de propósito ou se trata apenas de algum tipo de defeito de caráter?

O rubor que se estendeu de seu pescoço ao rosto foi simplesmente maravilhoso.

- Preferiria insultá-lo a acabar sendo novamente alvo de zombaria.

- Novamente?

Então isso já acontecera? Quem teria se atrevido a ridicularizá-la? Ele serviria a cabeça do salafrário numa bandeja – e suas bolas também.

Nesse momento ela olhou para o outro lado.

- Depois da morte de meu marido, enquanto ainda estava de luto, fiz amizade com um cavalheiro. Eu o considerava um amigo a toda prova. Ele me confortava e eu confiava nele. – Levantando o queixo, ela o olhou de modo a que ele pudesse adivinhar o resto.

- O sujeito fez uma aposta envolvendo você?

Moira assentiu.

- Ele e seus companheiros acharam que seria um bom esporte brincar com minhas emoções. Ofereceu-me sua amizade na esperança de abrir caminho para se meter na minha cama e ganhar quinhentas libras.

Wynthrope sustentou seu olhar, apesar do impulso de desviar os olhos. Ele sabia que essas coisas aconteciam. Os homens faziam apostas tolas o tempo todo em clubes de apostas e em outros lugares – de um espirro à morte de alguém. As mulheres também eram um bom motivo. Ele podia pedir desculpas em nome dos homens em geral, mas nem todos eram salafrários assim, e ele não queria dar a impressão de que tinha algo por que se desculpar.

- O único prêmio que quero reivindicar é você.

Ela sorriu com malícia.

- Sim, posso imaginar.

- Não creio que possa – respondeu ele secamente. – Você é muito mais do que apenas seu corpo. Quero *você*.

Ela franziu a testa enquanto tentava compreender o sentido de suas palavras.

Se tivesse que soletrar isso para que ela o compreendesse, ele o faria.

- Quero mais do que uma noite em sua cama.

Seus olhos se arregalaram.

- O que mais?

Wynthrope deu de ombros. Que diabos estava fazendo? Não tinha idéia, mas sentia que estava tão certo que não podia se calar.

- Muito mais. O máximo que eu conseguisse obter de você. Não posso lhe fazer nenhuma promessa – nenhum de nós dois pode ainda -, mas não acho que uma noite fosse suficiente para mim ou para você.

- Você está muito seguro de si.

- Sim. – Por que negar a verdade? – Seguro quanto a você também.

Seus olhos se estreitaram. Parecia que ela estava tentando penetrar em sua mente. Ele queria que ela tivesse sorte e conseguisse atravessar as grossas paredes de seu crânio.

- E você jura que não está zombando de mim?

- Dê-me uma Bíblia e jurarei sobre ela. Ou uma folha de papel, e farei um juramento por escrito – com sangue, se quiser.

- Não será necessário – replicou ela com uma expressão estranha, pensativa, mesmo enquanto sorria. – Confio em sua palavra.

Por alguma razão, as palavras dela lhe provocaram um arrepio na espinha – não sabia dizer se de receio ou de prazer.

- Então, vai permitir que a seduza?

A mão dela em seu peito o empurrou, quando ele tentava se aproximar para beijá-la.

- Você pode tentar.

Wynthrope sorriu.

- Excelente!

- Mas não esta noite. – Ela o empurrou novamente, com um sorriso de uma mãe a um filho, um sorriso doce, meigo, mas que não admitia oposição. – Agora é hora de você ir.

Não havia o que argumentar, e ele não queria que ela se sentisse pressionada. Não queria que se rendesse a ele por sentir que não tinha escolha – não queria de nenhum modo que houvesse escolha.

- Ótimo! – Ele se levantou junto com ela. – Quando vou poder vê-la de novo?

- Daqui a dois dias – respondeu. – Octavia e North virão jantar aqui. Você pode juntar-se a nós. Espectadores não eram bem o que ele tinha em mente.

- Até lá, então.

Ele a beijou, e foi um beijo intenso mas breve, que nem chegaria perto de durar até que a visse novamente.

Ela fechou a porta assim que ele saiu, e Wynthrope ficou parado ali por um minuto antes de pôr-se em movimento. Já esfriara, e a neve caía em flocos grandes, que iam se acumulando no gramado. Atravessou correndo o jardim, seguindo o caminho que ia dar na rua, e foi até a carruagem que o esperava. O cocheiro estava lá dentro, conforme lhe recomendara. Não queria que morresse congelado enquanto seu patrão se empenhava na conquista de alguma mulher.

- Para casa, John!

- Sim, senhor.

“Casa” em outros tempos significava Creed Manor, onde ele e os irmãos haviam crescido. Não era longe da casa de Moira, ficava nos limites saudáveis de Mayfair. Atualmente ele vivia num apartamento de solteiro na Grafton Street. Estava suficientemente perto de Mayfair para ser elegante e longe o bastante para que não se sentisse controlado. Era um arranjo confortável. Tinha um mordomo que cuidava de suas coisas pessoais e uma pessoa que fazia a faxina uma vez por semana. Comia o que e quando queria – geralmente na casa de North. Vivia a vida a seu modo e segundo suas regras. Qualquer um o invejaria.

Mas não o invejariam se soubessem quanta solidão sentia às vezes.

Havia uma lâmpada acesa no estúdio. O coração de Wynthrope parou. Ele tinha companhia.

- Olá garoto!

Wynthrope fechou os olhos. De *novo* não.

- Preciso trocar minhas fechaduras.

- Não há fechadura que eu não consiga abrir.

- Deve haver pelo menos uma. – Por exemplo, uma cela na Bow Street.

Daniels preferiu ignorar sua ironia.

- É coisa rápida, rapaz.

- Não.

- Será uma vergonha para os eleitores que apóiam seu irmão descobrir o envolvimento dele nas manobras para livrá-lo da inclusão de seu nome na notícia sobre sua fuga da Bow Street.

Quem sabe os dois possam compartilhar uma cela em Newgate. O marquês de Wynter

provavelmente não ia gostar de descobrir que sua irmã se casou com o irmão de um ladrão sujo.

Daniels tinha razão.

- Eu devia matar você.

- Se eu não voltar para casa em meia hora, um pacote será entregue a Duncan Reed na Bow Street,¹ detalhando seu envolvimento com minha gangue e todos os detalhes encobertos por Sheffield. E se tentar me trair de novo, vou dar um jeito de arruinar sua família. Juro.

Cerrando os dentes, Wynthrope encarou o ex-mentor, lutando para conter o ódio que sentia daquele homem.

- Se fizer isso, você sumirá para nunca mais voltar?

Daniels assentiu.

- Não vejo a hora de pôr o máximo de distancia possível entre mim e a Inglaterra. Não é preciso que lhe diga que tenho mais inimigos do que amigos aqui.

Isso era verdade. Daniels delatara diversos contatos que mantinha no submundo como parte de barganha que fizera com as autoridades. Havia escapado da força mandando outros em seu lugar. Wynthrope podia dizer a ele que se mandasse, deixando que seus inimigos cuidassem dele, mas não podia se arriscar a arruinar North ou Devlin.

- O que devo fazer?

O rosto desbotado de Daniels se iluminou.

- Apropriar-se de uma coisinha brilhante para mim – uma pequena jóia legítima. A tiara de uma viúva rica. Sem dúvida ele deve ter uma dúzia delas.

Wynthrope assentiu, mas mal o ouvia.

- Ela vive em Mayfair, é isso?

- É. Numa casa que comprou depois que o marido esticou as canelas.

- E você sabe onde ela guarda a tiara? – Ele não conseguia acreditar que estava fazendo aquelas perguntas. O bom senso lhe dizia para ir procurar North, mas ele não podia fazer isso, não depois de tudo o que o irmão já sacrificara por ele. North ia querer se envolver, e esse era um risco que Wynthrope não estava preparado para enfrentar.

- Não. Você terá de descobrir isso sozinho. A senhora em questão frequenta círculos bem distantes de meu mundo, por isso vim procurá-lo.

Wynthrope inclinou a cabeça, e seu rosto parecia de granito, de tão imóvel.

- Por que está fazendo isso?

- Digamos apenas que recebi uma oferta de dinheiro suficiente para ter certeza de que nunca mais vou precisar trabalhar.

Wynthrope emitiu um som de sarcasmo.

- Você jamais trabalhou um único dia em sua vida.

O homem idoso sorriu, revelando a miríade de rugas em volta dos olhos.

- Bem, e não ia começar agora, não é?

Ele teria sorrido, se não estivesse tão zangado.

- Então farei todo o trabalho sem receber nenhuma recompensa?

- Vai estar protegendo a sua família.

Wynthrope assentiu. Então era isso. Fazia anos que não roubava nada. Achou que tivesse deixado aquela vida para trás. Agora estava sendo forçado a voltar a ela, e uma parte dele... Uma parte dele estava *excitada*. Não tanto por cometer um delito, mas por assumir o risco. E sempre se sentira assim.

- E quem é essa viúva a quem supostamente devo “aliviar” de sua “joiazinha”?

- Uma viscondessa – respondeu Daniels. – Uma tal Moira Tyndale, Lady Aubourn.

Capítulo cinco

Era brincadeira – um gracejo cruel a que Wynthrope normalmente reagiria com uma gargalhada. Até riria nesse momento, se não receasse sufocar.

- Não!

Daniels olhou para ele intrigado.

- Não? – Então sua expressão mudou, tornando-se astuciosa e calculada. – Você a conhece? Droga. Era isso que acontecia por ele falar sem pensar. Ia além do que pretendia e ainda arrastava Moira junto com ele.

- Sei quem é – replicou, num tom de voz propositalmente casual. – Conheço-a de trocar algumas palavras, pois freqüentamos os mesmos círculos.

Daniels não se convenceu inteiramente.

- Então por que hesitou?

- Ela acaba de sair do luto pela morte do marido. Não seria correto.

As meias verdades saíram facilmente de sua boca, e ele ficou satisfeito. Daniels sempre fora bom para ele quando era mais novo, mas o velho irlandês não hesitaria em usar Moira para forçar Wynthrope a fazer o que ele queria. Poderia até pensar duas vezes antes de machucá-la, mas o faria, se isso significasse a diferença entre conseguir o que queria ou não.

E pensar que Wynthrope costumava admirar isso nele.

Daniels deu de ombros.

- Isso apenas quer dizer que ainda está vulnerável. É um pombo pedindo para cair no saco.

Ouvir falar de Moira assim fez ferver o sangue de Wynthrope. Ele não podia discutir com ele nem defendê-la, porque Daniels perceberia que ele havia mentido ao dizer que não a conhecia.

Ele já insinuara que o mandante do serviço era um homem rico. Se ele pertencesse à alta sociedade, poderia ter passado a Daniels informações, inclusive que vira Moira e ele juntos.

Roubar Moira. Santo Deus! Daniels não podia ter escolhido outra pessoa? Faria tal serviço num minuto, se não se tratasse de Moira, e por uma razão única – para proteger sua família.

Agora parecia que ele ia ter que trair Moira e o recente relacionamento entre eles. Não tinha

escolha. Se procurasse as autoridades, sua família, e talvez Moira, iriam sofrer. Se matasse Daniels, sua família sofreria.

Se ele roubasse a tiara de Moira, só ela sofreria. Não, não apenas ela. Ele também, mas não merecia menos do que isso.

Caminhou até o aparador de carvalho e abriu uma garrafa de uísque. Não se preocupou em oferecer nada ao irlandês enquanto se servia.

- Você tem um desenho da tiara?

Não havia como voltar atrás agora.

Daniels sorriu com uma expressão já não mais ameaçadora.

- Sabia que mudaria de idéia.

Mudar de idéia nada tinha a ver com o assunto. Daniels o tinha nas mãos e sabia disso.

- Bem, você sabe como ela é? – Bebeu um gole de uísque. Ele queimava e tinha um gosto amargo.

O irlandês tirou um papel dobrado do bolso interno do paletó.

- Aqui está.

Wynthrope pegou o papel, e o amargor em sua boca se intensificou. Ele devia saber que não se livraria de seu passado, como devia saber que tinha de pagar pelo que fizera.

Ao olhar para o desenho, assaltou-o novamente uma vontade imensa de rir. A tiara era exatamente a que Moira usara aquela noite – a mesma que o fizera pensar nela como uma rainha. Que preço apropriado era aquele.

- Não seria tão difícil para alguém charmoso como você arranjar, com uma conversa açucarada, um jeito de entrar na vida da tal senhora.

Dessa vez Wynthrope riu – um riso amargo, áspero. Realmente, bem a seu gosto. Um pouco de diversão. Não podia ser real. Havia muita ironia naquilo tudo. Devia ser um sonho.

- Não – disse em concordância, com os lábios curvando-se num sorriso malicioso -, absolutamente. Não será difícil.

la ser um inferno

- Eu morri e vim para o céu!

Sentada tranqüila no sofá, Moira levantou os olhos do livro com um sorriso de boas-vindas, enquanto Nathaniel entrava com passos sinuosos em sua biblioteca, com o sobretudo adejando em volta das pernas.

- Como ele se chama? – ela perguntou, divertida com o jeito de Nathaniel.

O amigo deixou o casaco escorregar de seus ombros, atirando-o de qualquer jeito sobre uma cadeira enquanto se aproximava.

- Matthew.

Moira olhou para o casaco e disse:

- Você podia pendurá-lo, não?

- Exatamente o que Tony teria dito.

Anthony vivia chamando a atenção de Nathaniel por ele ser tão displicente com suas coisas. Suas brincadeiras sobre isso sempre acabavam em demonstrações de carinho, o que fazia que Moira se sentisse uma intrusa e os invejasse.

- E então? Fale-me sobre Matthew – sugeriu rapidamente, para evitar que o amigo ficasse melancólico por ter falado de seu amor agora ausente. Era hora de Nathaniel seguir em frente. Ela também amara Tony e ainda sentia a sua falta, mas ele não ia voltar. Prender-se ao passado não levava a um bom futuro. E Tony também não ia querer que eles parassem de viver só porque ele havia morrido.

Fazendo um gesto para que Moira tirasse as pernas do sofá, Nathaniel estatelou-se na outra extremidade. Moira imediatamente aproveitou a situação e pôs os pés em seu colo. Como ela era grata por esse relacionamento, essa intimidade que ela não poderia ter com ninguém mais! Uma mulher não ia conseguir lhe oferecer a mesma amizade, assim como nenhum homem que preferisse um “companheirismo” feminino.

- Matthew – começou Nathaniel, revirando os olhos dramaticamente, enquanto dava uns tapinhas no joelho dela – é um anjo. Decididamente, merecia estar numa dessas paredes. Moira sorriu. Não ouvia o amigo falar de alguém com tanto entusiasmo desde que Tony morrera. O fato de achar que esse tal Matthew era digno do talento de Tony já dizia tudo.

- E ele compartilha seu encantamento? – Será que ele havia notado o tremor em sua voz? Nathaniel tinha que ser cauteloso com a pessoa por quem se interessasse. Se fosse uma pessoa errada e percebesse suas preferências...

- Acho que sim. Estava muito insinuante e até deu uma abertura, dizendo-me que ia a uma certa cafeteria esta tarde.

- Bem, isso é animador. – Parecia ser, mas ela não tinha idéia de como essas coisas funcionavam entre dois homens. Talvez eles se entendessem melhor do que se entendiam as mulheres. – E você “casualmente” vai estar lá?

- Sim, e você irá comigo. – Empurrando as pernas dela para o lado, ele deu um pulo, quase atirando-a no chão. – Agora.

Rindo, Moira deixou que o amigo a pusesse de pé.

- Ótimo! Eu vou, mas você vai me oferecer um chocolate.

- Fechado! – Apertou as mãos dela entre as suas e disse: - Obrigado, minha amiga.

Moira esboçou um sorriso que dispensava o agradecimento, embora ele a tivesse aquecido da cabeça aos pés.

- Pelo menos um de nós tinha que ser feliz.

Nathaniel riu com expressão maliciosa.

- Oh! Acredito que Wynthrope Ryland poderia pôr em seu rosto um sorriso.

- Você é incorrigível – disse ela, sem conseguir deixar de rir.

- Um sujeito precisa ter algo que o recomende. – Ainda segurando suas mãos, ele a puxou na direção da porta da biblioteca. – Venha, você vai vestir um casaco quente e luvas.

Moira o seguiu.

- Ansioso?

- Claro! – disse. – Diferentemente de você, me dei conta de que realmente quero me apaixonar de novo.

De novo? – Não creio que já tenha me apaixonado.

Ele ficou como que paralisado e virou-se para olhar seu rosto com expressão angustiada.

- Oh, minha querida!

Ela pôs a mão que tinha livre em seu queixo, antes que ele tentasse abraçá-la. Sem dúvida ela faria alguma tolice como romper em lágrimas, se o fizesse.

- Não tenha pena de mim. Uma espécie de amor como era o seu e de Tony não é para todo mundo.

Com um olhar sincero e honesto, ele disse:

- Talvez nem todo mundo, mas você, sim.

Moira apenas sorriu.

- Obrigada. Agora, chega dessa conversa. Leve-me para ver esse anjo.

Eles tomaram a carruagem de Nathaniel e foram para a cafeteria Blakney, em Covent Garden, onde havia vários desses estabelecimentos. Na Blakney, no entanto, não havia discriminação, nem era um bordel disfarçado. Ali, cavalheiros e damas podiam se sentar e tomar não apenas café, mas também refrescos, chá e chocolate.

A casa não estava cheia, mas não lhe faltavam fregueses, como Moira e Nathaniel constatarem.

Mal haviam se sentado quando Nathaniel apontou para Matthew. Confirmando sua descrição, o jovem de fato parecia ter caído do céu. Ele também fingiu não ter visto Nathaniel pelo canto do olho.

- Oh! Estávamos predestinados a vir aqui hoje.

Moira, que estava de costas para a porta, tentava olhar discretamente por cima dos ombros o que ele estava vendo atrás dela. A aba de seu chapéu não a deixava enxergar.

- Por quê?

- Não olhe, mas seu senhor Ryland está aqui.

Ela congelou. Com certeza seu coração parara de bater no meio de uma pulsação.

- Está? – Oh! Por que não pedira à criada que a penteasse antes de sair de casa? Bendito chapéu!

De olhos brilhando, Nathaniel fez que sim com a cabeça.

- E está vindo para cá. Ai, meu Deus, deveria haver mais homens como ele no mundo.

- Um já basta, eu lhe garanto.

- Boa tarde, Lady Aubourn, Caylan.

Moira cumprimentou-o com uma leve inclinação de cabeça, receosa de abrir a boca e dizer alguma tolice, como chamá-lo pelo nome e beijá-lo. Estava realmente muito bonito de casaco vinho e calça marrom.

Nathaniel sorriu de alegria.

- Bom dia, senhor Ryland. Quer se sentar conosco?

Moira, por baixo da mesa, cutucou-o com o pé, mas ele nem se mexeu. Não emitiu nenhum som nem se assustou.

- Estou esperando uma pessoa – respondeu Ryland, olhando para a porta –, mas terei muito prazer em esperar em sua companhia.

Moira mal o olhou enquanto ele puxava uma cadeira e se sentava. Pôs o chapéu na mesa e dentro dele as luvas. Sorriu, passando a mão pelo cabelo escuro.

- Como está hoje, Lady Aubourn?

- Muito bem, obrigada, e o senhor? – E quem diabos ele estaria esperando? Um homem ou uma mulher? Dada sua própria situação, ela não tinha o direito de perguntar-lhe isso, mas sentia no peito as pontadas do ciúme.

- Não posso me queixar.

- Oh, vejam! – disse Nathaniel animado, interrompendo sua troca de banalidades. – É Matthew Sedgewick. Vou cumprimentá-lo. Vocês me dão licença?

Não fosse o fato de ele já estar fora do alcance de seu pé, Moira o teria cutucado novamente. O traidor.

Ela voltou os olhos para Wynthrope. Havia algo diferente nele – uma tensão que ela não conseguia identificar.

Bem, um dos dois tinha que falar, afinal.

- Está um dia lindo, não? que bom que a neve ainda não derreteu.

Wynthrope virou a cabeça para olhá-la.

- Que relação você tem com Caylan?

Bem, fora uma pergunta seca e direta. Ela fez uma encenação para tirar as luvas a fim de evitar seu olhar.

- E o que isso tem a ver com você?

Ele não parecia nem um pouco perturbado com a rudeza dela.

- Gostaria de saber se tenho um concorrente.

Passou-lhe pela cabeça que ela, até esse dia, nunca pensara em perguntar a ele se estava envolvido com alguém. Simplesmente assumira que não.

- Talvez eu devesse lhe perguntar se posso ou não contar com a mesma cortesia.

- Naturalmente. – Disse isso com uma expressão de aborrecimento – e ela já o conhecia suficientemente bem para saber que era falsa. – Uma mulher já é preocupação que baste.

- O mesmo se pode dizer dos homens – disse ela sorrindo.

- Então não está envolvida com Caylan? – Seria imaginação sua ou aquilo soara para ele como algo auspicioso?

- Não. Somos apenas amigos. – Talvez ela estivesse revelando muita coisa sobre sua vida, mas se seu relacionamento prosseguisse, ele ia descobrir muito mais sobre ela do que o fato de que ela e Nathaniel eram apenas amigos. Se não fosse honesta com ele desde o início, nunca ia sentir que realmente podia confiar nele – nem ele nela.

- Amigos – ele repetiu, como se jamais tivesse ouvido essa palavra. – Uma devoção assim é um traço louvável num amigo.

- Sim, é mesmo. – Moira correu os dedos pela lateral do chapéu que ele havia deixado à sua frente na mesa. Era aveludado. – Não sei o que teria feito sem ele depois da morte de meu marido.

- Não tenho dúvida de que vai estar sempre pronto para consolá-la quando precisar dele novamente.

Essa era uma conversa estranha.

- Espero que sim. – Ela se atreveu a encará-lo, notando a mesma cor que aquele dia gelado pusera em seu rosto. – O senhor tem um amigo assim, senhor Ryland?

Ele fez que sim com a cabeça e mais uma vez olhou na direção da porta.

- Meu irmão North.

Devia ser ele a pessoa que Wynthrope estava esperando.

- Que sorte ser tão próximo de um irmão! Não tenho proximidade com nenhum dos meus, embora esteja gostando de conhecer Minerva melhor.

Ele pareceu surpreso com esse comentário, tão surpreso que olhou de novo para ela.

- É mesmo?

Moira riu de sua franqueza.

- É. Ela é apenas jovem e mimada. Ainda pode haver esperança para ela.

- Se houver, será graças à sua influência.

Ela o olhou, pensativa. Ele estava mesmo sério, diferente de sua loquacidade habitual. O que teria havido com ele? Era difícil não se perguntar se fizera algo que o tivesse ofendido ou se ele mudara de idéia sobre ela.

- O senhor me lisonjeia.

Ele deu de ombros.

- Estou sendo honesto.

- O senhor é sempre honesto? – Era uma pergunta difícil de fazer, e ela sabia disso.

- Não. Quem é?

- É verdade. – Fez-se silêncio. – Você está bem, Wynthrope? Parece diferente.

Ele pareceu ficar surpreso de que ela houvesse notado. Como poderia não notar?

- Perdoe-me. Não tem nada a ver com você. É que estou preocupado com uma coisa.

- Você se incomodaria de falar sobre isso?

Novamente ele se mostrou surpreso com sua sugestão.

- Obrigado, mas não. Trata-se apenas de uma dessas coisas aborrecidas que precisam ser feitas e das quais não se pode fugir.

Moira balançou a cabeça em concordância.

- Compreendo.

Ele a olhou como se não houvesse maneira de ela poder compreender.

- Espero que isso não vá impedi-lo de ir jantar amanhã à noite.

Santo Deus! Nada como ser excessivamente óbvia. Se não soubesse quão interessada ela estava nele, agora iria saber.

Ao balançar a cabeça, Wynthrope inclinou-se um pouco.

- Não, não permitiria que nada me impedisse de vê-la de novo.

Agora estava mais parecido com o homem ao qual já estava se habituando.

- Os outros virão às sete. Se quiser aparecer mais cedo, será bem-vindo, embora não possa lhe prometer que vá ser uma boa anfitriã.

Ele chegou a cabeça mais para perto dela, e seus olhos ficaram mais escuros. Seu braço estava muito próximo ao dela, na mesa. Ao menor movimento, eles se tocariam.

- Estou mais preocupado com o depois, depois que todos se forem. Vou poder ficar?

Ela sentiu que seu rosto ardia. Ele falara sério quando dissera que queria seduzi-la. Ela passou os olhos pelo salão. Não havia ninguém olhando eles? Felizmente não.

- Você não devia dizer essas coisas.

Ele deu aquele meio sorriso do qual ela já estava começando a gostar.

- Mas é muito mais divertido do que só pensar nelas.

Ela não podia discutir isso.

- Você sempre diz o que está pensando?

- Não, nem sempre. Acho que você é o tipo de mulher que pensa mais do que fala.

Isso era um insulto ou um cumprimento? Nenhum dos dois, pensou. Era simplesmente uma observação, e das mais astutas. As únicas pessoas a quem ela se permitiria dizer algo não muito próprio eram Tony e Nathaniel, e vez por outra Minnie. Wynthrope Ryland, contudo, estava se tornando rapidamente alguém a quem ela achava que podia dizer qualquer coisa, sem que ele pensasse mal dela por isso.

- É mais fácil voltar atrás a respeito de coisas que não foram ditas. – confirmou ela.

A resposta dele foi rápida:

- Faço questão de nunca voltar atrás em nada que digo.

- Nunca? – Seu tom era de dúvida.

- Nunca. – Ele tamborilava na mesa. – Se houvesse consequências, eu as enfrentaria.

Como era divertido ouvi-lo falar de maneira tão segura, sem fugir de nada.

- E não é melhor evitá-las de uma vez?

Ele cerrou os dentes e fechou o punho.

- Há coisas que não se podem evitar.

Por que ela achava que não estavam falando da mesma coisa? O que começara com um simples flerte agora parecia algo muito mais sério. Havia alguma coisa errada com Wynthrope.

Talvez ele estivesse apenas permitindo que ela visse seu verdadeiro eu, ou acontecera algo que o havia deixado com aquele estranho humor. Fosse o que fosse, ela não podia se intrometer, e não conseguia deixar de pensar que tinha algo a ver com ela.

Não fosse pelo fato de ele ainda estar muito atrevido com ela, poderia acreditar que tinha perdido todo o interesse. Ou talvez sua desconfiança fosse acertada e ele não estivesse realmente interessado nela. Sua vida não tinha nada a ver com ela.

- Você parece aflita, minha dama.

Ele dissera “minha dama” não como uma forma de tratamento refinada, mas como se ela realmente fosse dele.

Ela o olhava com franca honestidade.

- Estou aflita com esse seu curioso estado de espírito, meu senhor. Estou sendo muito áspera? Os lábios dele se curvaram num sorriso zombeteiro, mas o calor de seu olhar lhe dizia que ele apreciara sua preocupação, ao suavizar o sorriso.

- Prometo que serei eu mesmo de novo amanhã à noite em sua reunião.

- Que bom! – disse Moira, sorrindo-lhe também.

- Mas apenas se você permitir que eu fique depois que os outros se forem.

Oh! Ele era um homem perigoso, e, como a um garoto precoce, era impossível dizer não a ele.

- Está bem.

- Ótimo. – Seus dedos se aproximaram mais dos dela no tampo da mesa. – Você joga xadrez?

Xadrez. Sua mão estava a poucos milímetros da dela e ele queria falar de xadrez? Nada de sedução ou beijos ou associá-la com comida?

- Jogava – admitiu ela, enquanto seus dedos ansiavam tocar os dele. – Tenho um tabuleiro, era de meu marido.

Ele balançou a cabeça. Será que ficara aborrecido por ela ter mencionado o nome de Tony?

- Vamos jogar, então.

- Teria imaginado você como alguém mais chegado aos jogos de azar do que ao xadrez. – Os jogadores de xadrez costumavam ser do tipo intelectual. Isso não queria dizer que ela achasse que Wynthrope não fosse inteligente; sabia que ele era bem o oposto disso. O fato é que parecia ser do tipo que prefere algo mais... estimulante.

A expressão dele era ao mesmo tempo complacente e carinhosa.

- Minha querida Moira, o xadrez é um jogo de estratégia e astúcia. Não envolve sorte, mas a derrota sistemática do oponente.

Era impressionante.

- Falando dele assim, como poderei recusar?

O sarcasmo dela não lhe passou despercebido, e ele sorriu com uma expressão de menino travesso. Ela preferia esse sorriso àquele meio de lado, cheio de charme.

- Não me diga que a idéia de me ter a seus pés a atrai.

Aos pés dela? Ele? Ela nem sequer podia imaginar tal coisa. Mas havia alguma verdade em suas palavras. A idéia de tê-lo sob seu poder, mesmo que fosse por pouco tempo...

- Por sua expressão, vejo que a idéia a atrai, sim. – A luz em seus olhos queimava como chama ardente. – Vença-me e eu satisfarei todos os seus caprichos pelo resto da noite, até que você me deixe livre.

Oh! Ele sabia mesmo como tentá-la.

- E se você vencer?

Seu olhar chamejante percorreu-a brevemente – mas o suficiente para deixar todo o seu corpo ardente – antes de retornar ao dela.

- Tenho alguns caprichos que gostaria que você satisfizesse.

Ela devia ter sabido. Ela sabia. Metera-se por vontade própria nessa situação, sabendo muito bem no que ia dar. Não podia fingir que estava chocada quando no fundo de seu íntimo esperava que a conversa deles chegasse a esse ponto.

- Você não vai me forçar a fazer nada que eu não queira, não é?

Sua pergunta soara de modo tão suave, que ela própria teve dificuldade para ouvi-la.

Aparentemente ele não tivera a mesma dificuldade. Sorriu de maneira contida, como se estivesse ressentido por ela suspeitar que ele pudesse fazer alguma coisa desonrosa.

- Você poderá se surpreender com o que vai querer fazer, Moira, mas não, não vou forçá-la.

Parte dela sabia que ele não faria isso, mas mesmo assim tivera que perguntar.

- Está bem, vamos jogar. E veremos quem vai satisfazer a quem.

Os escuros olhos azuis brilharam quando ele se inclinou ligeiramente para mais perto.

- De todo modo, não vejo como eu possa perder. – Então deu uma piscadela para ela e endireitou o corpo.

- Ah! Meu irmão está aqui.

Aquilo não podia ser mais oportuno, já que Nathaniel acabava de voltar.

- Até amanhã à noite, então, Lady Aubourn.

Pôs o chapéu na cabeça e tocou na aba para cumprimentá-la.

- Senhor Ryland – disse Moira, com uma ligeira inclinação de cabeça.

E então, com uma palavra dirigida a Nathaniel, ele se foi. Seu amigo estava sentado diante dela, do outro lado da mesa, com uma xícara de chocolate quente e cheiroso em cada mão.

- Como foi com Matthew? – ela perguntou.

- Falaremos sobre isso mais tarde – disse Nathaniel, enquanto fazia deslizar uma xícara na direção dela. – Primeiro quero que me conte tudo o que você e Ryland acabaram de conversar.

Em Londres, anoitecia cedo no mês de dezembro. Ainda não era noite, e a cidade já estava mergulhada na escuridão. Sozinho em seu apartamento, Wynthrope estava sentado junto da janela, observando a rua lá embaixo. O aposento estava escuro, exceto pelo fogo aceso na lareira. O calor devia reconfortá-lo, mas, em vez disso, as chamas produziam nas paredes sombras sinistras que ameaçavam dominá-lo e arrastá-lo para dentro delas. Ele esperava, mas elas não vinham. Talvez não o quisessem. Talvez sua alma fosse muito negra até para elas. Um copo com uísque pela metade repousava em suas mãos enquanto ele apoiava os pés calçados com botas num ressalto da parede. Havia poucas reuniões sociais nessa época do ano, mas os clubes ainda funcionavam, e havia gente que, como ele, permanecera na cidade. Sem dúvida encontraria alguém com quem se distrair em algum lugar, mas ele não queria isso. Sentia-se obcecado por todo e qualquer detalhe de sua vida e precisava estar sozinho para se lembrar deles.

Desviando os olhos de seu próprio reflexo no copo, fixou-o no movimento lá embaixo. A rua estava molhada e vazia, a não ser por uma estranha faixa de neve suja e montes de dejetos de cavalos. As carruagens rodavam num ritmo tranquilo, bem diferente do alvoroço próprio daquela época. Havia gente caminhando nas calçadas, homens e mulheres de braços dados,

cavaleiros comprometidos conversando alegremente. De vez em quando passava uma dama solitária. Talvez nem fossem damas, afinal – não propriamente, já que estavam sozinhas. Aonde estariam indo? Estariam em segurança? Estariam preocupadas com isso? Ele estava? As luzes da rua estavam acesas, parecendo com seu halo bizarros anjos de metal na noite. Talvez fosse apenas seu estado de espírito, mas ele imaginava que havia algo místico com eles, uma coisa mágica e sobrenatural. Quem sabe se esperasse tempo suficiente, uma dessas lâmpadas lhe ofereceria as respostas que ele estava buscando.

Do lado de lá das luzes havia outras janelas nos edifícios ao longo da rua, iluminadas com luzes e velas. Não havia ninguém sentado diante de nenhuma delas. Apenas ele, com o olhar fixo na noite, sem que ninguém do outro lado o visse.

Acima das janelas, a neve caía nos telhados e beirais. Tão pura e branca, ela parecia ter luminosidade própria, e naturalmente essa visão na aveludada escuridão da noite o fez lembrar-se de Moira.

Seu encontro com ela na cafeteria fora ao mesmo tempo horrível e delicioso. Sua vontade era tomá-la nos braços e beijá-la até que tudo ficasse bem de novo. Também quis fugir, porque olhá-la nos olhos tinha sido mais difícil do que ele jamais pensara.

Ele não iria traí-la, porque seu envolvimento ainda não se aprofundara a ponto de se considerar traição o que estava para fazer. Ele simplesmente a usaria para protegê-la e a sua família. Fazia isso para seu próprio bem. Se não o fizesse, Daniels não desistiria de arruinar sua família. E arranjaria outra pessoa para fazer o serviço – alguém que não hesitaria em ferir fisicamente Moira para conseguir a tiara.

Que droga! Que diferença fazia saber o motivo por que estava fazendo aquilo? Ia fazê-lo e pronto. Não era uma coisa pessoal e não mudaria o que sentia por ela. E certamente não mudaria o fato de que pretendia conquistá-la. Moira tinha algo que ele queria – alguma coisa além da tiara. Não se importava com a tiara. Ele queria saber o que ela via nele. Queria que ela o fizesse sentir que era alguém especial sem ter que se fazer passar por outra pessoa.

Na verdade, ela não ia considerá-lo alguém especial se soubesse que ele planejava roubá-la, mas nunca saberia – desde que não tivesse perdido seu toque. Não seria a primeira mulher que ele roubava enquanto mantinha um caso com ela. E esperava que não fosse a última. Isso não mudava o fato de que só de pensar nisso já se sentia sujo e de que mais do que certamente seu relacionamento não passaria do contato físico. Não que ele quisesse mais, é claro. Roubar essa tiara não ia arruinar sua vida, nem sua perda seria a ruína de Moira, mas a verdade é que se não a roubasse North e Devlin sofreriam. Wynthrope não ia permitir que isso acontecesse.

Por mais que gostasse dela, Moira vinha depois de seus irmãos. E ele próprio vinha depois dela. Não importava o que ele quisesse, o que desejasse. Tudo o que importava era o processo que o esperava. Ele roubaria a tiara, e quando se cansasse de Moira ou quando descobrisse que ela já não o fazia sentir-se uma pessoa especial, iria embora e procuraria alguém ou alguma coisa que lhe desse isso. Porque a alternativa era encarar a possibilidade de ele não ser alguém especial, de não haver nele nada que valesse a pena amar; e ele não

estava preparado para aceitar esse fato, não importando quanto receasse que isso pudesse ser verdade.

Fora preciso lançar mão de toda a força de vontade que ele não sabia que possuía para evitar que North soubesse de seu segredo. Em sua cabeça, uma voz insistia em que lhe dissesse tudo, que ele saberia o que fazer. Outra voz argumentava que North já se sacrificaria o suficiente para limpar sua barra. Ele não podia permitir que o desejo do irmão de agir corretamente nublassem seu julgamento de novo. Não ia permitir que North desse prioridade a ele, principalmente porque tinha uma esposa em quem pensar.

Seu irmão provavelmente suspeitava que havia alguma coisa errada, mas nada lhe perguntara. Apenas o olhava com seus claros olhos azuis, esperando que Wynthrope lhe contasse. De algum modo, Wynthrope mantinha-se calado. Saber que a verdade significaria pôr o irmão em situação de risco ajudaria. Outra razão era saber que Brahm acabaria descobrindo – o irmão mais velho sempre o fazia. Não seria surpresa para ele se Brahm já soubesse o que havia feito no passado e estivesse guardando esse conhecimento para usá-lo em seu favor. Mas não daria a Brahm essa chance. Já bastava ter crescido à sombra dele, sempre querendo ser como ele e não conseguindo. Não jogaria fora a sua vida adulta comparando-se com um sujeito que não passava de um pária por não ter autocontrole.

Não o surpreendeu que North tivesse notado que ele não estava se comportando como de costume – ou melhor, que ele não estava se comportando como aquela pessoa que ele aparentava ser. Ele e North sempre haviam sido próximos. O que o surpreendeu foi Moira ter reparado nisso também. Ele era normalmente muito bom em esconder suas emoções. Até então apenas seus irmãos tinham sido capazes de perceber suas intenções. Talvez ele não fosse tão hábil quanto acreditava. Ou quem sabe Moira Tyndale fosse uma espécie de bruxa. Deus sabia que ela fizera uma espécie de bruxaria com ele. Teria de ser cauteloso com ela. Se percebesse o mais leve sinal de que ele a estava enganando, ela se afastaria dele, e seria muito mais difícil encontrar a maldita tiara.

E ele ainda a queria, e não estava preparado para ficar sem ela por enquanto. A razão de ser tão importante que ele ficasse com ela era um mistério. Apenas sabia que ela podia responder a uma pergunta que ele não conseguia formular, cujo sentido nem ele próprio compreendia inteiramente.

Só esse último trabalho, e então acabaria com essa gatunagem para sempre. Finalmente poderia fechar a porta dessa parte de sua vida. Pelo menos até que Daniels resolvesse chantageá-lo novamente.

Não, o velho cumpria o que dizia. Daniels tinha muitos defeitos, mas ainda era um homem de palavra – aquilo de honra entre os ladrões e tudo o mais. Queria deixar a Inglaterra e os inimigos que havia feito, e depois que se fosse não voltaria. Depois disso, Wynthrope nunca mais o veria.

E quanto a Moira? Quando tudo estivesse terminado, ele voltaria a vê-la? Provavelmente não. continuar qualquer tipo de relacionamento com ela depois de usá-la de modo tão maldoso nem mesmo ele o faria. O pior de toda a situação era que ele gostava de Moira. Não a desejava

apenas; gostava de sua companhia. Eles mal acabavam de se ver, e ele já ficava contando as horas até vê-la de novo. Tinha ciúme de sua amizade com Nathaniel Caylan; realmente já tinha havido algo entre eles. Caylan a conhecia melhor do que ele, o que o aborrecia. Teria que dar um jeito nisso.

Lamentavelmente, quando a fosse ver da próxima vez também teria que começar a tentar descobrir onde ela guardava a tiara.

Por que naquele dia na rua ela olhara para ele? Por que ela tivera de penetrar em sua alma com seus olhos perscrutadores? Quem dera ele não a tivesse notado. Quem dera ela não o tivesse notado. Tudo seria muito mais fácil se ele não gostasse dela.

Assim, de novo, seu poder de sedução sobre ela lhe daria grande oportunidade de vasculhar sua casa.

Com um suspiro, recostou-se na cadeira.

- Sou um canalha.

Ao dizer essas palavras, uma rajada de vento soprou fortemente contra a janela, sacudindo o vidro. Era como se a própria noite concordasse com ele.

Capítulo seis

N a noite seguinte, exatamente um minuto depois das sete horas, Wyntrope bateu na porta da casa de Moira. Seu desejo de vê-la era tão forte que ele teria chegado mais cedo, mas não queria se mostrar muito ansioso – principalmente porque is ficar lá depois que os outros convidados se fossem.

Ainda assim, fora muito difícil atrasar-se mesmo que por um só minuto. Ficou parado ali no degrau, com o sobretudo aberto apesar do vento, grato pelas gotas de chuva que caíam em seu rosto. Precisava aplacar esse fogo em seu sangue, essa terrível excitação que sentia toda vez que ia ver Moira.

Tinha que manter a calma. Ela agora era um negócio, não mais só prazer. Se precisava descobrir onde ela guardava aquela maldita tiara, não podia se deixar levar pelo entusiasmo, não importando quanto a desejasse.

Ele era geralmente muito cuidadoso em tudo o que fazia. Nunca se aproximava muito das pessoas, nem deixava que elas se achegassem a ele. Era irônico, divertido e terrivelmente penoso que a única pessoa que o fizera mudar isso e querer ter perto dele fosse aquela que ele tinha que usar – a quem tinha que roubar, apesar de tudo o que ela lhe oferecia livremente.

A porta se abriu. Um mordomo – pelo menos Wyntrope pensou que fosse – o recebeu.

- Boa noite, boa noite! – Gordo, bochechas vermelhas e brilhantes. Faiscentes olhos azuis sorriam para ele. – Entre, meu bom senhor.

Confuso, Wyntrope fez exatamente isso, sem tirar os olhos do homenzinho corpulento, cuja altura não passava de seu peito, de cabelo tão branco e rebelde quanto lã de ovelha. Não usava o costumeiro e austero uniforme da mais alta categoria do servidor doméstico, mas um casaco vermelho reluzente e sapatos combinando. O colete era verde-escuro.

O gnomo pegou-o encarando-o, mas não se ofendeu.

- Cores natalinas, meu bom homem. Nesta época do ano, gosto de me imaginar como um ramo de azevinho.

Estranhamente, Wynthrope surpreendeu-se concordando com a cabeça.

- Foi isso mesmo que pensei quando me abriu a porta.

O velho sorriu, transformando o rosto numa bola enrugada. Certamente era uma escolha estranha para um mordomo – nem um mínimo de subserviência na maneira de se portar.

- Esse é o espírito. O senhor deve ser o senhor Wynthrope Ryland. Eu sou Chester. Lady Aubourn está esperando o senhor. Queira me acompanhar.

A maioria dos mordomos pergunta o nome do convidado quando ele chega, ou pede seu cartão. Era estranho esse homem saber quem ele era quando nem se conheciam. Na verdade, à reunião de Moira estariam presentes poucas pessoas, mas era muito bom se sentir bem-vindo.

Essa era a primeira vez que ia à casa dela, sem contar a visita clandestina da outra noite.

Enquanto seguia o corpulento mas ágil Chester através do corredor, aproveitou a oportunidade para memorizar o que podia da planta da casa.

O vestíbulo era espaçoso e decorado em tons de cinza e creme, e o piso, de ardósia azul. Pinturas adornavam as paredes. Seriam mais obras do falecido visconde? Algumas eram retratos e outras, cenas da Bíblia ou mitos gregos. Anthony Tyndale fora um artista muito talentoso. Seu trabalho atraía Wynthrope, mexia com sua emoção, o que poucos haviam conseguido fazer.

Uma coisa era certa – não parecia provável que Moira mantivesse um cofre ali embaixo. O melhor que ele podia esperar era que estivesse localizado em um dos aposentos do andar superior, ou talvez em suas acomodações particulares, acima. O pior era que quem se encarregava da guarda de objetos de valor era a governanta, que devia ter uma caixa-forte escondida em algum lugar da casa. Ele já passara por uma situação como essa, e tinha sido muito difícil encontrar o que procurava.

O vestíbulo levava a um amplo corredor, iluminado por um tom creme ainda mais acentuado e delicados trabalhos em gesso. Duas portas à direita e três à esquerda. Chester o levou até a última delas.

- Senhor Ryland – anunciou o mordomo de cabelo encaracolado, antes de recuar e sorrir para ele. Então fez uma reverência e saiu.

- Wynthrope – cumprimentou-o Moira com uma voz alegre, como se estivesse dando boas-vindas ao próprio sol. Vestida com muito apuro, caminhou na sua direção com as mãos estendidas, que ele, sem hesitar, recebeu nas suas.

- Esse Chester é divertido – disse ele, beijando-a no rosto e sentindo seu suave perfume. – Onde o achou?

Precisou de toda a sua força para afastar dela a cabeça, embora quisesse mesmo mergulhá-la na curva de seu pescoço, onde uma mecha de cabelo escuro enrolada repousava sobre a pele pálida.

- Anthony o contratou quando nos casamos. Não admitia a idéia de deixá-lo com o novo visconde e sua família, por isso o trouxe comigo. – Apertou as mãos dele e depois as soltou. – Estou muito contente por você ter vindo.

Foi só então que Wynthrope percebeu que eles não estavam sozinhos. Idiota! Devia ter-se dado conta da presença dos outros assim que entrara no aposento, mas só tinha olhos para Moira e ninguém mais. Minerva, sua irmã, estava sentada perto da lareira, olhando-os com interesse juvenil. North e Octavia, seu irmão e sua cunhada, o fitaram quase ao mesmo tempo antes de trocarem olhares que diziam mais do que Wynthrope jamais esperara ver. Uma coisa era certa – ambos sabiam que havia algo entre ele e Moira. Pareciam muito satisfeitos, mas se soubessem o que ele tinha em mente não estariam tão felizes.

- Boa noite – disse ele, dirigindo-se aos três mas evitando o olhar do irmão. A última coisa que desejava nesse momento era ver North rindo para ele.

- Você gostaria de beber alguma coisa? – perguntou Moira. – Vinho? Ou quem sabe algo mais forte?

Era imaginação sua ou ela o estava provocando? O brilho em seus olhos multicoloridos dizia-lhe que ela percebera seu desconforto e estava se divertindo com isso.

- Obrigado, não quero nada – respondeu, fitando-a nos olhos. – Quero manter a cabeça em ordem para nosso jogo mais tarde.

A julgar pelo delicioso rubor que tingiu seu rosto, ela sabia que ele estava se referindo a algo mais que sua partida de xadrez.

- Jogo? – perguntou North. – Que jogo?

- Você está muito curioso – respondeu Wynthrope. Mais divertido do que zangado, enquanto se virava para o irmão. – Se quer saber, Lady Aubourn me desafiou para uma partida de xadrez.

Moira olhou para Wynthrope com ar de surpresa. Ela não ia querer que ele assumisse a autoria do desafio, não é? Se o fizesse, Octavia e Moira certamente iriam saber que estava interessado nela.

- Pensei que lhe havia dito para me chamar de Moira – disse ela, sem tirar os olhos dele. – Afinal, você fez tanta questão de que eu o chamasse de Wynthrope!

Touché! Ela não ia permitir que a embaraçasse sem lhe devolver o golpe. Um sorriso suave encurvou seus lábios, e ele já ia responder quando viu, com o canto dos olhos, que o irmão olhava para ele. Tanto North quanto Octavia estavam vibrando de curiosidade. Teria que ser muito cuidadoso com os olhares que trocava com sua sedutora viscondessa.

- Espero que não tenha feito nenhuma aposta em dinheiro, Wyn – observou Octavia jovialmente. – Moira é muito boa no xadrez.

- Você está brincando? – disse o marido com ar de incredulidade. – Meu irmão apostaria seu primogênito antes de arriscar qualquer moedinha.

Os olhos de Wynthrope se arregalaram. Batia no irmão ou ria?

- Você está insinuando que sou sovina com meu dinheiro?

North assentiu, como se isso fosse uma coisa óbvia.

- Sim, é exatamente o que estou dizendo.

- Não tenho uma carruagem e um criado?

- Mas ele é seu único criado, além da mulher que faz a limpeza uma vez por semana, e você vive num apartamento quando poderia manter uma casa.

- E para que ter uma casa e ficar sozinho nela? – Maldição! Tarde demais ele se deu conta da bobagem que havia dito. Falara mais do que devia. O aposento ficou em silêncio, e as pessoas que ali estavam pareciam realmente incomodadas.

Exceto Moira. Ela o fitava com um sorriso de simpatia e compreensão.

- Sei exatamente o que você quer dizer. Às vezes a pessoa que vive só se sente solitária. A solução é encher a casa de pertences que tenham significado para ela e, o mais freqüentemente possível, de pessoas queridas.

Ela compartilhava seu sorriso com a irmã e os amigos.

Pena que ele ia ter que magoá-la. Ali estava uma mulher a quem Wynthrope podia realmente amar. Amor. Quem imaginaria que ele pudesse pensar nisso? Mas se o amor implicava um forte anseio, um desejo de passar o resto da vida dentro de uma casa com outra pessoa, então o amor era decididamente uma emoção que Moira Tyndale podia inspirar.

- Você tem razão – replicou North, levantando os olhos. Com o que ele estava concordando? Ah, sim, com a idéia de Moira de encher a casa de pessoas queridas o mãos freqüentemente possível. Era uma pena que Wynthrope não tinha aceitado o drinque que ela lhe havia oferecido. Ele próprio teria feito um brinde a isso.

Pouco tempo depois, Chester apareceu para anunciar que o jantar estava servido. Wynthrope acompanhou as duas irmãs, para evitar que Minnie ficasse sem par, deixando que Moira o orientasse até a sala de jantar.

Foi um jantar sem cerimônia, com boa comida, conversa agradável, riso e boa companhia. Estavam muito à vontade e afáveis uns com os outros, até Minerva, que Wynthrope sempre achara desagradável. Essa noite ela estava toda jovial, sorridente, com uma curiosidade inocente. Talvez fosse influência da irmã mais velha. Quem não se tornaria uma pessoa melhor depois de algumas semanas na companhia de Moira?

Deus sabia como o fizera querer ser uma pessoa melhor, e isso com pouco tempo de convivência com ela.

Durante a refeição, ele mal conseguia tirar os olhos dela, pouco ligando que seu irmão notasse ou não. Ela lhe lançava igualmente olhares furtivos. Será que também estava ansiosa para que o jantar terminasse logo, contando os minutos para que ficassem sozinhos?

Finalmente, depois da sobremesa e do vinho do Porto, North e Octavia se foram, e Minnie foi ler em seu quarto.

- Podemos começar nosso jogo agora, minha dama? – perguntou ele quando afinal ficaram a sós.

Moira o olhou com uma expressão que fazia o sangue dele ferver. Ela lembrava uma corça, indecisa entre correr e se aproximar. A curiosidade e o interesse venceram, e ela assentiu.

- Será que a biblioteca é um bom lugar?

Ah, a biblioteca! Fora ali que ele provara seus lábios apenas duas noites atrás, onde o triste retrato dela, pintado por Anthony Tyndale, estava pendurado, entre os outros anjos.

- A biblioteca é um lugar excelente. – Por estranho que parecesse, era mesmo. Embora a casa guardasse muitas recordações do falecido visconde, Wynthrope não sentia que a lembrança dele impusesse qualquer obstáculo à sedução de Moira. Às vezes tinha ciúmes de Anthony Tyndale, mas não se sentia ameaçado por ele.

Ele a seguia pelo corredor, admirando o delicado movimento de seus quadris ao andar. Moira não podia ser uma mulher de aparência luxuriante, mas tinha muita graça e suavidade e se movia com uma sensualidade que parecia ignorar inteiramente. Ele a seguiria a pé até a Escócia, só para admirar o modo como andava.

Quando entraram na biblioteca, a mesa já estava arrumada. Num pequeno tabuleiro envernizado, decorado em preto e dourado, com quadrados de ébano e marfim, as peças estavam dispostas nos devidos lugares, segundo a sua cor, esperando que fosse feito o primeiro movimento.

Wynthrope indicou com um gesto o assento do lado das peças brancas do tabuleiro.

- Primeiro as damas.

Ela o olhou com ar sério.

- Você está sugerindo que preciso da vantagem para enfrentá-lo, Wynthrope?

- Absolutamente. – Com ela o riso vinha fácil. – Prefere que eu faça o primeiro movimento?

Ele percebeu seu arrepio e viu que ela havia tomado suas palavras num contexto bem distante do xadrez. Às favas o jogo. Talvez em vez disso devesse beijá-la.

- Não vai desistir agora, vai? – Sentando-se, ela disse: - Vou jogar com as brancas.

Ela combinava muito mais com as pretas, mas ele não disse nada. Na verdade, não lhe importava com que cor ela jogasse ou quem vencesse. Ele não iria embora até ter provado seus lábios mais uma vez.

Moira fez o movimento de abertura, pegando com segurança um de seus peões e levando-o na direção do centro do tabuleiro. Ele também tomou um de seus peões e o pôs na frente do dela. Moira movimentou-se de novo.

Enquanto pensava no movimento seguinte, ele perguntou:

- Podemos conversar um pouco, não? Se você quiser, claro.

Era evidente que ela não estava muito disposta a conversar enquanto jogava. Sem dúvida ele podia usar isso em benefício, especialmente se conversar a desconcentrasse.

- O que está imaginando sugerir que eu faça se você ganhar? – Ele moveu outro peão, colocando-o de modo a que ela pudesse tomá-lo.

- *Quando* eu ganhar – ela o corrigiu, mordendo a isca e tomando seu peão. – Não pensei nisso.

- Mentirosa! – Ele sorriu diante de sua cara de zangada e de modo casual ofereceu-lhe outro peão. – Você está pensando em começar com beijos ou vai querer me forçar a ir para o quarto?

Seu rosto se ruborizou enquanto ela pegava o segundo peão.

- Não estou pensando em nada disso. Agora, vai me tratar como uma oponente para valer ou está deixando que eu ganhe de propósito?

Ah, ela não gostava de pensar que ele pudesse “permitir” qualquer coisa a ela. Será que ele achava que ela ia querer ficar à sua mercê? Que graça! Talvez se ela fosse mais segura, um pouco mais hábil em matéria de sedução, ele podia querer apenas isso, mas ela não estava mais preparada para seduzi-lo do que ele para permitir que o vencesse.

- Você quer que eu deixe você ganhar? – Ele mexeu seu bispo. – Você está tão desesperada para fazer comigo o que quiser?

Moira estava perturbada. Embora tentasse esconder, ele podia perceber isso. Ela movimentou um cavalo.

- Não creio que precisasse chegar ao desespero, senhor, já que está inteiramente pronto para se oferecer numa bandeja.

Wynthrope riu. – uma gargalhada tão alta, além de repentina e estranha, que quase doeu. Ele fez o movimento seguinte.

- Não sou nenhum desafio. É disso que você está falando?

Moira moveu sua peça.

- Não, de jeito nenhum.

Agora ela estava abusando. Era hora de lhe mostrar como era perigoso. Moira achava que Wynthrope estava simplesmente querendo seduzi-la, e de alguma maneira estava certa, mas ele queria mais do que isso. Queria *ganhá-la*, e isso exigia muito mais habilidade do que sedução.

Ele simplesmente sorriu e mexeu outra pedra. Moira franziu o cenho. Percebera que sua rainha estava em risco, enquanto ele procurava proteger seu rei com uma fileira de peões.

Ela hesitou só um instante antes de fazer um movimento para tomar um de seus peões, mas já era tarde. Ele pegou sua torre e a usou para bloquear sua rainha. Não havia como ela pudesse contra-atacar, pois perderia o rei.

O sorriso que exibia era de imensa satisfação, e a vitória fazia seu sangue ferver de excitação.

- Creio, Lady Aubourn, que a partida é minha, e, por conseguinte, você também.

Ele vencera.

Moira encarou o tabuleiro, com seu rei e a rainha tão habilmente encurralados pela torre dele.

Como havia conseguido derrotá-la? Estava tão certa de sua vitória! De modo, ele não pretendia deixar que ela ganhasse. Apenas queria que ela *acreditasse* que tinha uma chance de ganhar dele.

Ela caíra na rede. De fato, parte dela quase esperava que fosse assim.

Devagar, levantou os olhos para Wynthrope. Ele estava recostado em sua cadeira com as mãos atrás da cabeça e sorria com ar malicioso.

- Não vai romper nosso acordo, vai, minha dama?

Sua dama. Sim, com certeza ia fazer que fosse assim, não ia? Se ela não fosse virgem, essa situação não lhe causaria tanta ansiedade. Esse era um pensamento totalmente impróprio, mas não conseguia tirá-lo da cabeça.

- Não – murmurou, sentindo a boca seca e a língua pesada. – O que você quer?

Ele pigarreou enquanto se levantava.

- Você fala como se estivesse indo para a forca. – Parou ao lado dela. – Venha, sente-se comigo aqui no sofá.

Moira olhou fixamente para as mãos que ele lhe estendia. Longas e finas, sua aparência não era nada ameaçadora. Por que tinha tanto medo de tomá-las? Medo daquilo a que elas poderiam levá-la?

Como tentativa, correu os dedos por elas e sentiu que eram quentes, fortes e seguras. Seus joelhos tremiam.

Ele a levou até o sofá – o mesmo que haviam compartilhado naquela noite em que tinham bebido vinho quente. Sentou-se e gentilmente acomodou-a ao seu lado. Moira mal conseguia respirar enquanto esperava que ele desse o passo seguinte – beijá-la, tocá-la, qualquer coisa. Ficaram sentados em silêncio durante uns instantes, enquanto ele relaxava. Pegou a mão de Moira, cuja palma acariciou com o polegar.

- Quantos anos você tinha quando conheceu o visconde?

A respiração que ela mantinha suspensa escapou de repente com força.

- Desculpe-me, o que disse?

Wynthrop balançou a cabeça e piscou seguidamente, sem entender o que estava havendo.

- Você está bem, Moira? Está nervosa.

Ele sabia perfeitamente que ela não estava bem.

- Você me meteu naquele jogo horroroso, passando por toda aquela ansiedade, e tudo o que quer é conversar?

A expressão dele era de completa inocência.

- O que mais poderia querer?

Ela poderia bater nele! Era alívio ou aborrecimento o que sentia no peito?

- Você queria que eu satisfizesse seus desejos!

Ele assentiu.

- E quero. Quero que me fale sobre você. – Outra vez aquele piscar inocente. – Você esperava alguma coisa mais?

Moira encarou-o, mais perturbada do que zangada.

- Sabe muito bem que achei que você se referia a sedução.

Mantendo o sangue-frio para parecer ofendido, ele disse:

- Não me lembro de ter dito nada sobre sedução, mas se é isso que você prefere...

Ela levantou a mão quando ele começou a se aproximar dela, fazendo-o parar antes que a beijasse e sentisse o batimento acelerado de seu coração. Como ela era covarde!

- Dezenove. Tinha dezenove anos quando Anthony e eu nos conhecemos.

Ele voltou a se sentar no sofá com um sorriso a um só tempo satisfeito e zombeteiro. Tinha certeza de que estava brincando com ela. Como um gato com um rato, estava simplesmente cansando-a antes de atacá-la.

- Foi amor à primeira vista?

Ela poderia dizer sim, mas não queria lhe mentir. Se um dia eles fossem para a cama, ele ia descobrir que seu casamento havia sido uma farsa, e seria difícil para ela explicar.

- Não, nunca foi dessa maneira. – Moira engoliu em seco e teve vontade de revelar mais coisas. – Tony e eu nos adorávamos, mas não assim. Nosso casamento foi de conveniência. Ele precisava de uma noiva e eu precisava fugir de minha família.

Que sorte ele não ter insistido no assunto do casamento. Que azar ter encontrado outro tema difícil.

- Fugir de sua família? Que bom que conseguiu. Deu certo?

Zombava dela ou estava surpreso de verdade? Moira sorriu.

- Durante algum tempo funcionou. Conhece Minerva, e é por causa dela que ainda mantenho algum contato com eles.

Ele a olhava com uma expressão perspicaz.

- Mais do que você gostaria.

- Sim. – Como era fácil admitir essas coisas para ele... – Tenho alguma proximidade com duas de minhas irmãs, e acho que Minnie e eu estabelecemos uma espécie de vínculo, mas não desejo ter contato com nenhuma das outras.

Ele assentiu, aparentemente satisfeito. Não queria saber por que não gostava de sua família? Ou simplesmente não lhe importava a razão?

- Quando menina, como você era?

Sem pensar, e grata porque mudara de assunto, ela respondeu:

- Apegada aos livros. Gorda.

- Gorda? – disse com ar de riso. – Não!

- É verdade. – Ela corou ao perceber que ele não acreditava. – Minha mãe vivia me depreciando por causa de meu peso.

Ele a olhou de cima a baixo, como que examinando-a, sem o mínimo traço de atrevimento.

- Mas você é tão magra agora!

Moira levantou as sobrancelhas. Não era a primeira vez que ele falava desse assunto com certa preocupação.

- Você acha que sou muito magra, não acha?

Falavam disso tranquilamente.

- Penso que você poderia engordar uns seis ou sete quilos, sim.

Ela riu. O riso saiu alto do que pretendia, mas ela não estava totalmente no controle de suas emoções.

- Ninguém me achava bonita quando estava gorda, e agora sim.

O olhar dele nunca oscilava, sua expressão era firme.

- Magra ou gorda, você é bonita, e isso nunca mudará.

Moira virou a cabeça, contraindo a garganta na tentativa de evitar que as lágrimas lhe viessem aos olhos. Quando estava gorda, ansiava que qualquer pessoa lhe dissesse que era bonita, e tudo o que ouvia era como ela seria atraente se fosse magra. Agora esse homem maravilhoso e intrigante estava lhe dizendo que não lhe importava o peso que tivesse. Podia acreditar que dissera isso?

Por um instante, ele permaneceu em silêncio. Era como se soubesse que ela não queria continuar a falar disso.

- Qual seria para você o pior destino do mundo?

Abençoado fosse ele por ser capaz de ler sua mente tão facilmente, não importando quanto isso a assustasse.

- Ter de acabar vivendo o resto de meus dias com minha mãe.

O riso agradável dele a contagiou.

- É mesmo?

Ela deu de ombros e mudou de assunto.

- Gostaria de conhecer o verdadeiro amor antes de morrer.

De dedos entrelaçados, ele apertou delicadamente sua mão. Como era bom ficar ali sentada com ele de mãos dadas!

- É o que todos queremos.

O tom ansioso de sua voz levou-a a fazer uma pausa. Apoiou o cotovelo no braço do sofá e a cabeça na mão enquanto estudava o rosto dele.

- Nunca teria imaginado que você fosse o tipo de homem que acredita no amor.

Será que se ofendera? Teve um leve sobressalto, como se ela lhe tivesse acertado um soco.

- Acredito que o amor existe. Só não acho que todo mundo tem sorte suficiente de achá-lo. –

Falara como um homem temeroso de que o amor chegasse.

- Talvez tenhamos de encontrá-lo por nossa própria conta.

- Talvez. – Então deu de ombros, como se descartasse essa idéia. – Apesar disso, não creio que ele e eu vamos nos encontrar.

- Por que não? – Quando o equilíbrio de força entre eles mudara? Desde quando era ela que fazia as perguntas? E por que lhe doera ouvi-lo dizer jamais conheceria o amor?

- Com certeza você não se considera uma pessoa sem sorte, não é?

Ele cruzou os braços no peito. Sim, ele estava decididamente se retraindo.

- Sem merecimento.

- Isso é um absurdo! – Já era hora de tirá-lo de sua concha, mesmo tendo que intimidá-lo. – Você merece o amor tanto quanto qualquer pessoa.

Ele levantou uma sobrancelha, mas, oh, sua expressão era puro sarcasmo.

- Tanto quanto você?

Dava vontade de bater nele. Estava tentando pegá-la numa armadilha com suas palavras?

- Claro.

- Acho que você merece mais do que eu.

Oh, pelo amor de Deus!

- Não vou permitir que tenha pena de si mesmo.

- Não é autopiedade. – Ela se perguntava por que ele parecia estar tão na defensiva. – É só honestidade – disse ele.

De cenho franzido, levantou a cabeça. Que bobagem!

- Honestidade? Se não é honesto consigo mesmo, como pode sê-lo com quem quer que seja? Seu queixo caiu.

- Como? O que disse?

Essa conversa deixou de ser leve e frívola pouco depois de ter começado. Ele não hesitara em dizer a ela exatamente o que pensava – como, por exemplo, que devia engordar um pouco -, então, por que ela hesitaria em fazer o mesmo com ele?

- Você disse a si mesmo que não merece o amor por algum pecado antigo, sem dúvida. Não precisa me contar nada, não faz mal. O que importa é quem é você hoje. E esse homem merece ser amado.

Pálido, ele a encarou. Evidentemente ela estava perto da verdade.

– Como é possível que você saiba disso?

- Porque às vezes ele aparece quando você esquece de fingir que é outra pessoa. Apesar dos erros que cometeu ou vai cometer, acredito que você seja um homem bom.

Por um breve e terrível segundo, Moira pensou que ele poderia se levantar de um salto e ir embora. Ele exibia um olhar tão magoado, tão confuso, que ela se deu conta de que ele realmente se achava uma pessoa muito ruim.

E isso lhe cortou o coração.

Mas ele não se fora. Em vez disso, virou-se para ela e a agarrou. Ela não se mexeu, mal conseguia respirar. Qualquer hesitação de sua parte, e ele poderia fugir para sempre – e ela preferiria voltar a ser gorda a perdê-lo agora.

Eles estavam muito próximos. Ela segurava a respiração, e seu coração disparou quando se olharam. Então fechou os olhos e não viu mais nada.

Os lábios de Wynthrope eram firmes e cálidos, mas também inegavelmente suaves enquanto se moviam de encontro aos seus. Moira acompanhava os movimentos de sua boca, suspendendo a respiração enquanto ele tentava separar seus lábios. Abrindo a boca para que ele pudesse explorá-la, Moira mergulhava cada vez mais fundo na escuridão de seu beijo. Ele tinha na boca o cálido e suave sabor do vinho que haviam bebido durante a partida de xadrez. Era estranho, mas ela bebera o mesmo vinho, e ele não estava tão saboroso quanto agora. Insegura, deixou que suas mãos deslizassem sob a gola de seu casaco para segurar as lapelas. Talvez quisesse empurrá-lo, mas suas mãos recusavam-se a fazer isso. Não conseguiam nem puxá-lo para mais perto como seu corpo pedia, apenas ficavam agarradas ali, mantendo-o junto dela.

As mãos dele habilmente retiravam do cabelo dela os grampos, um a um, produzindo um barulho abafado quando ele atirou uma porção deles no tapete. Então desmanchou seu elaborado penteado, aliviando a dor de seu couro cabeludo ao massageá-lo com dedos suaves enquanto o cabelo lhe caía pelas costas. Ninguém a vira de cabelo solto assim desde

de criança. Nem Anthony. Das vezes em que usara assim, estava sempre trançado ou amarrado. Agora esse homem, em tudo um estranho, ia vê-la como nenhum outro homem a vira.

E na verdade isso parecia muito apropriado.

Mas ele não interrompera o beijo para olhá-la. Com os lábios ainda colados no dela, exigentes e insistentes, empurrou-a suavemente para trás, deitando-a de costas no sofá. Moira se deixou levar de boa vontade, ainda agarrada ao casaco dele.

Embora não fosse um homem muito grande, Wynthrope era forte e sólido, de ombros e peito largos. Esperava que fosse mais pesado, mas ele apoiava a maior parte de seu peso no antebraço que pusera sob a cabeça dela, e puxava suas saias para cima até os joelhos.

Meteu-se entre suas coxas, transferindo para lá a maior parte de seu peso, de encontro a uma parte do corpo dela que adquiria vida ao contato com a suave dureza de seu corpo.

Com a mão que estava livre sob o joelho dela, Wynthrope levantou sua perna e a colocou sobre seus quadris. A pressão entre as coxas dela aumentou. Instintivamente Moira levantou os quadris, pressionando-os contra o dele. Os dedos em sua perna se dobravam contra sua panturrilha quando os quadris de Wynthrope por sua vez empurravam os dela.

Moira ofegava, colada à sua boca. Então era isso, essa era a razão por que as mulheres se entregavam aos romances e se arruinavam. Agora ela começava a entender. Uma saliência dura ameaçava machucar a carne entre suas pernas, quase chegava a doer, mas ela mesmo assim continuava se pressionando contra ela e querendo mais.

Não devia estar fazendo isso. Não era apropriado, e ela sempre se comportava de maneira apropriada. Apesar disso, algo dentro dela argumentava que uma coisa tão boa não podia ser errada. Ela era viúva, e não vivia sob as mesmas regras das mulheres solteiras.

Sua língua procurava a dele. Os quadris de ambos subiam e desciam ao ritmo de seus beijos. A pulsação dentro de Moira cresceu, até se tornar estável, dolorida.

Ela podia ser virgem, mas não era tonta. Sabia o que acontecia entre um homem e uma mulher – tinha imaginação e vira ilustrações em um livro. Sabia que seus corpos se ajustavam. Sabia o que era o clímax e como era sentido, e sabia como aliviar a dor. Mas nenhuma dessas coisas a havia preparado para a excitação provocada pela necessidade de ter o corpo de Wynthrope pressionado contra o seu. Queria que esse homem a tocasse em lugares que ninguém exceto ela jamais havia tocado. Queria-o dentro dela, mesmo que isso doesse.

E ainda assim temia que isso acontecesse. Se ele a possuísse nesse momento, será que lhe voltaria as costas no dia seguinte? Iria perdê-lo tão cedo?

Ele continuava deitado sobre ela, mas seu peso já não era o mesmo. Moira sentiu a perda de sua proximidade. Sem a pressão de seu corpo, o dela reclamava com algo muito parecido com dor, tão agudo era o desejo que sentia.

Segurando a cabeça de Moira com uma mão de cada lado, Wynthrope olhava-a deitada ali sob ele. Tinha as faces rosadas à luz suave. O cabelo estava despenteado e o casaco, todo amassado. Os lábios, ligeiramente separados, estavam mais vermelhos por causa de seus beijos, e os olhos brilhavam com um fogo que faziam Moira desejar arder nele.

- Você está parecendo um dos anjos de suas pinturas – disse ele, com voz estranhamente rouca.

Moira sentiu um aperto na garganta. Ela sempre achara que os anjos de Tony estavam entre as criaturas mais bonitas que já vira.

- Obrigada.

- Moirã, vamos continuar ou você quer que eu pare?

Então ia fazer que ela decidisse, é? Supôs que isso era uma grande gentileza dele, mesmo sabendo o que ele queria que dissesse. Ela sabia o que queria dizer, e também que as palavras não viriam. Poderia dar sua virgindade a ele agora, naquele sofá, sem se preocupar com seu segredo, confiando em sua discrição para não o revelar, ou deixar para outra ocasião, esperando que ele não se cansasse – nem dela nem de esperar nesse meio tempo.

Ele se levantou do sofá.

- Seu silêncio basta como resposta.

Rápida e desajeitadamente, Moira também se sentou.

- Não é que eu não queira...

Ele a silenciou com um dedo nos lábios.

- Quando fizer amor com você, não quero que haja nenhuma hesitação de sua parte.

Acontecerá porque você dirá para eu não parar.

Moira sacudiu a cabeça. Como tudo isso era embaraçoso!

- Sinto muito.

O mesmo dedo que lhe tocara os lábios agora levantava seu queixo. O olhar de Wynthrope era gentil, até compreensivo, com uma pitada de gracejo.

- A sedução é como uma partida de xadrez, Moira. Todas as peças têm que estar no lugar para que o rei faça sua reivindicação.

Ela sorriu ante a analogia.

- Um rei agora! É você?

Ele sorriu para ela também, roçando de leve os lábios nos dela.

- Claro, e você, minha rainha preta, é o prêmio que estou preparado para ganhar.

Moira encarou-o de olhos arregalados. Ele estava preparado para vencer. Preparado para lhe dar tempo. Isso significava que ia aproveitar cada oportunidade para apressar sua conquista?

Para acabar com todas as suas defesas até que ela não tivesse outro recurso senão se submeter? Sim, era exatamente isso que ele queria dizer. Deus a ajudasse, mas ela não precisava se preocupar com o fato de ele ter dado as costas a ela. Devia se preocupar com o que aconteceria quando ele descobrisse que ela lhe entregara o prêmio maior que uma mulher podia oferecer a um homem.

Tinha a sensação de que Wynthrope Ryland se agarrava a tudo o que considerava propriedade sua, o que era ainda mais assustador do que a idéia de não vê-lo mais.

Capítulo sete



Natal chegou tão frio e perfeito como devia. Em Londres, a noite estava escura e

tranquila. As casas pareciam quentes e confortáveis, com velas acesas nas janelas. As estrelas brilhavam no céu, e apesar da falta de neve o ar estava frio o suficiente para fazer que o hábito das pessoas formasse nuvenzinhas de vapor. Havia no Natal alguma coisa que tornava a noite mais convidativa e o coração de todos mais completo.

- Minnie, pare de se arrumar. Você está bonita.

A jovem sossegou, enquanto a carruagem balançava suavemente, rodando sempre em frente sobre as pedras nuas do calçamento.

- Talvez você se satisfaça com isso, mas eu quero parecer mais do que “bonita”.

Moirá franziu o cenho, mas sua irmã nem notou. Naturalmente Minnie não poderia notar, pois estava muito envolvida consigo mesma, como devia estar. Era jovem e estava indo a uma festa de Natal à qual também estaria presente um jovem – um outro jovem – em quem ela estava de olho.

Mas Moira também ia a uma festa onde encontraria um homem que lhe interessava, e igualmente se preocupava em não parecer apenas “bonita”. Só com seu cabelo a criada levava duas horas, modelando e prendendo-o com grampos de modo que o penteado agüentasse a noite toda. Tinha as sobrancelhas feitas e os lábios ligeiramente pintados. Usava um conjunto de colar e brincos pendentes de diamantes que Anthony lhe dera em seu quinto aniversário de casamento. Seu vestido era novo, de seda verde-dourada brilhante, e parecia mudar de cor conforme a luz. As luvas e os sapatos haviam sido tingidos num tom um pouco mais claro que a roupa, para fazê-la sobressair, como recomendara Madame Villeneuve, a modista de Moira. Mas ela não se importava que o vestido sobressaísse ou não. Apenas se preocupava com a reação de Wynthroppe ao vê-la.

Durante a última semana e meia, ele se tornara um visitante habitual de sua casa. Em quatro dessas dez noites ele ficara para jantar e jogar xadrez, vencendo sempre, embora ela dificultasse isso ao máximo. Às vezes ele pedia em troca alguns beijos, outras, fazia perguntas sobre sua vida, sua casa – coisas com as quais ela normalmente não esperaria que ele se preocupasse, como, por exemplo, se ela guardava seus objetos de valor em lugar seguro, pelo fato de ela e Minerva viverem ali sozinhas.

Suas perguntas a incomodavam – não porque as achasse indiscretas, mas porque em geral eram pessoais. Isso lhe lembrava algo em que acreditava – que uma pessoa podia fazer que outra se apaixonasse por ela se lhe fosse dado tempo para conhecê-la. Wynthroppe com certeza a estava conhecendo. Será que estava começando a se apaixonar por ela? Deus sabia

que ela estava tentando preservar o coração, porque não só ele conhecera um bocado de coisas sobre ela ao longo de seu relacionamento; ela também aprendera muitas coisas sobre ele.

Soubera, por exemplo, que Wynthrope era muito amigo de North, e que, apesar de afirmar que não gostava do irmão mais velho, Brahm, parecia desejar desesperadamente sua aprovação. Percebera que, apesar do espírito mordaz e do sarcasmo, ele era um homem vulnerável, que relutava em mostrar sua verdadeira natureza, porque temia ser rejeitado. Era essa vulnerabilidade que a atraía, porque gostava de seu lado mais suave. Preferia seus sorrisos verdadeiros aos afetados, premeditados, preferia suas brincadeiras e sua risada às tiradas embaraçosas e ao sarcasmo. Ele dava a impressão de ser pouco mais que um dândi, quando na verdade era muito mais que isso. Era inteligente e gostava de falar com ela sobre coisas que outras pessoas ridicularizavam. Discutiam a existência de Deus, as religiões de outras culturas, mitologia e muitos outros assuntos pelos quais Moira se interessava. Nunca zombava dela. Na verdade, ele falava de muitos assuntos que lhe interessavam, e os dois passavam a maior parte do tempo conversando sobre eles e discutindo acontecimentos do mundo que os cercava.

Por estranho que fosse, quanto mais tempo passavam conversando, mais ela queria que ele a beijasse, e menos tempo gastava preocupando-se com as conseqüências desses beijos. De fato, ela queria que os beijos levassem a algo mais, mas Wynthrope não se apressava. Moira sabia que ele também a queria, mas parecia se retrair, e ela sabia por quê: estava esperando que ela dissesse que estava pronta. Quando chegasse o momento de fazerem amor, ele queria que ela estivesse completamente consciente de que isso era idéia dela – e que a seduzira inteiramente.

Só de pensar nisso sentia um arrepio na espinha.

Ela ainda não estava certa se podia confiar a ele seu segredo, mas estava começando a se inclinar nessa direção. Wynthrope era muitas coisas, mas ela não podia imaginar que ele a traísse dessa maneira. Ele não era o tipo de homem que usa os outros em benefício próprio.

- Você não vem?

A voz da irmã lhe interrompeu os pensamentos, e Moira levantou os olhos. Parados junto da porta aberta da carruagem, Minnie e o cocheiro olhavam para ela com ar de expectativa. Santo Deus! Havia chegado, e ela nem notara. Murmurando uma desculpa, Moira desceu da carruagem, ajudada pelo impávido cocheiro.

A festa dessa noite era em Wynter Lane, a mansão londrina do marquês de Wynter e de sua esposa, a princesa Varya. Fazia exatamente um ano que a irmã do marquês, Blythe, se casara com o mais jovem dos irmãos Ryland, Devlin. Moira suspeitava que fora convidada por influência de Wynthrope – ou possivelmente de Octavia, já que os homens não são dados a essas considerações.

Era uma honra ser convidada para uma reunião essencialmente familiar. Fora os Ryland, Miles e Varya Christian, apenas haviam sido convidados alguns amigos, e Moira e sua irmã. Ela

estava extremamente grata pela cortesia, pois de outra forma ela e Minnie passariam a noite em casa, sozinhas.

Dentro da casa, seus agasalhos foram entregues ao mordomo, que sorriu e desejou a ambas uma noite prazerosa. Em seguida deixou as roupas aos cuidados de um criado e acompanhou-as ao salão de festas.

Minnie arregalou os olhos ao atravessarem o grande *hall*.

Até Moira achou difícil não reparar. Ela estava acostumada a luxo e elegância, mas a opulência de Wynter Lane ia além do que ela imaginava, sem ser espalhafatosa. Ela supunha que muito daquilo se devia a Varya, que era russa e sem dúvida estava acostumada a muita grandiosidade.

Agora estavam na sala de musica, cujas portas abertas davam para um salão onde os convidados poderiam descansar e dançar, se quisessem. Era linda. As velas espalhadas pelos aposentos proporcionavam um brilho quente e suave. Os homens usavam os costumeiros trajes de gala em preto-e-branco, enquanto as mulheres pareciam refletir as cores do arco-íris. A princesa Varya estava usando um vestido estampado com uma rica floresta verde que realçava seus seios magníficos. O abundante cabelo negro estava preso no alto da cabeça, num penteado perfeito. O brilho dos diamantes realçava-lhe não apenas o cabelo, mas as orelhas e o pescoço. Sua origem real era evidente, e Moira estava maravilhada de vê-la. Ela se aproximou das irmãs com um sorriso no lindo rosto iluminado pelos olhos azuis.

- Lady Aubourn, senhorita Banning, que alegria estarem aqui conosco! – Seu sotaque, apesar de exótico, não era carregado.

Retribuindo o sorriso, Moira fez uma reverência.

- Obrigada pelo convite, alteza.

Varya fez um gesto com a mão enluvada, dizendo:

- Deixe disso. Você é amiga de Octavia, portanto, minha amiga. Tomarei a liberdade de chamá-la de Moira e você me chamará de Varya. Vamos ignorar essas tolas convenções sociais. A simplicidade da princesa deixou Moira completamente à vontade, e a fez que pensar que poderia vir a gostar muito dela.

Depois de estender o mesmo cumprimento amistoso a Minerva, Varya tomou Moira pelo braço e a levou até um grupo no centro da sala. Minerva foi conversar com algumas pessoas mais jovens, a maioria das quais ela já conhecia. Entre eles estava o jovem sobre quem ela vinha falando muito nos últimos dias. Moira estava aliviada por se tratar de um rapaz da mesma idade dela, diferentemente de Wyntrope.

Falando do diabo, ele fazia parte do grupo a que Moira se juntou. Conversava animadamente com um homem extremamente alto, e parecia que não notara sua aproximação, embora Moira tenha percebido que a olhara com o canto dos olhos.

Como o outro homem, usava traje de gala, mas parecia diferenciar-se dele em algo. Parecia tranqüilo e à vontade vestido assim, diferentemente de alguns outros homens, duros e presos na roupa. O nó de sua gravata era complicado, e as pontas do colarinho de sua camisa, segundo o costume, estavam ligeiramente levantadas.

Uma ruiva altíssima juntou-se a eles. Deus do céu! Era tão alta quanto Wynthrope! Tinha apenas uns dois centímetros menos que ele. Devia se tratar de sua cunhada Blythe, que era irmã de Lord Wynter. Isso queria dizer que o mais alto de todos era Devlin, seu irmão mais novo. Ela devia saber disso. De todos os homens presentes, apenas os Ryland e um ou dois outros vestiam calças convencionais em vez do traje de noite usual, de culotes justos com meias por cima. Esses irmãos não faziam parte daquele tipo de homens guiados pela moda e preferências sociais.

Varya apresentou Moira a vários convidados, entre eles Blythe, que ela achou meio tímida a princípio, mas logo se soltou. Era muito difícil não gostar de uma pessoa tão franca e amistosa. Blythe a apresentou ao marido, Devlin. Moira procurou não encará-lo enquanto ele lhe estendia a mão. Ela era uma mulher alta, mas aquele homem tinha uns trinta centímetros a mais que ela. Ele era o par perfeito para a colossal Blythe, mas Moira não ia querer para si um homem tão grande como aquele. Preferia mil vezes Wynthrope, que, embora alto, estava longe de assustar.

Na verdade, não achava que ele fisicamente intimidasse, absolutamente. Nesse particular era excitante, sim, talvez emocionalmente pudesse ser um tanto assustador, mas seu tamanho e altura de jeito nenhum a incomodavam. Sua figura, sim, fazia-a imaginar como seria ele sob todas aquelas camadas de roupas passadas com perfeição.

Wynthrope a olhava com aquele sorriso enervante que indicava que estava sabendo exatamente em que ela estava pensando.

- Boa noite, Moira.

Se alguém estranhou que a chamasse pelo primeiro nome, Moira nem notou. Ela apenas percebeu o seu tom de desafio. Ele estava deliberadamente permitindo que soubessem que se conheciam bem, sem dúvida para perturbá-la.

- Wynthrope.

- Você está lindíssima esta noite.

Será que estava sugerindo que ela normalmente não tinha boa aparência? Não, talvez achasse que havia feito todo aquele esforço para agradar a ele. Bem, o danado estava certo, mas ela não ia admitir isso.

- Você também – respondeu ela, fazendo-se de inocente. – Fico me perguntando quem teria demorado mais para se arrumar – você ou eu?

Blythe e Devlin riram muito, contagiando Wynthrope, cujo o riso revelava dentes surpreendentemente brancos. Sorriu abertamente para ela, e seus olhos brilhavam, mostrando sua alegria.

- Eu, não há dúvida – respondeu. – Uma beleza natural como a sua não precisa de muitos cuidados.

Oh! Mas que bela resposta. O bandido sem dúvida sabia que ela ia ficar perdida na réplica.

- Que palavras bonitas, senhor. Obrigada.

- Meu irmão é muito bom com as palavras – afirmou Devlin meio secamente. – Já o vi causar mais dano com a língua do que com uma espada.

Wynthrope lançou ao irmão um olhar sarcástico.

- Oh, sim, mas prefiro usá-la para dispensar prazer em vez de dor.

Moira corou até a raiz dos cabelos. Até Blythe ficou meio chocada com essa falta de pudor.

Devlin, no entanto, apenas sacudiu a cabeça.

- Se você seguisse esse preceito, a esta altura já teria se casado.

Com um sorriso enviesado, Wynthrope respondeu:

- Espada, estratégia, casamento – você sempre relaciona tudo com guerra, não é?

Revirando os olhos, Blythe pôs a mão no braço de Moira, dizendo:

- Isso pode durar algum tempo, Moira. Por que você e eu não vamos conversar com Octavia e Varya?

Moira nunca admitiria isso, mas hesitava em se separar de Wynthrope. Com ele se sentia relativamente a salvo e segura. Com aquelas outras pessoas ela não sabia o que dizer, e tinha medo de fazer papel de tola. Mesmo assim, deixou que Blythe a levasse embora e logo se viu rindo como se conhecesse aquelas mulheres há anos.

Algum tempo depois, seu estomago resmungão a levou até a mesa de refrescos. Incapaz de continuar lutando contra a fome, encheu um prato com sanduíches de pepino, seus preferidos. Dando as costas para a outra sala, onde a festa prosseguia, ela começou a comer os sanduíches.

Oh! Estavam muito bons!

- Vai querer dividi-los ou pretende comer tudo sozinha?

Virando-se para olhá-lo, Moira corou enquanto engolia um bom pedaço. O prato estava pela metade.

- Não comi nada desde esta manhã...

Wynthrope deu um sorriso relaxado ao cruzar os braços no peito.

- Não é preciso que se justifique, Moira. Aprecio uma mulher de apetite saudável.

Oh, céus! Isso evocava os mais deliciosos pensamentos e assuntos. E alguns não tão deliciosos.

- Continua com sua campanha para que eu engorde?

Não percebera seu tom irônico ou o ignorava de propósito?

- Faça o que for melhor para você. Mas não me importaria absolutamente se tivesse um pouco mais de você para pegar.

O rosto dela ficou mais quente.

- Você diz coisas muito maliciosas.

- Você achou malicioso o que disse?

- Deus meu! – disse Moira, queimando até a ponta das orelhas.

Ele pegou um sanduíche e deu uma mordida.

- Se quiser devorar todo esse prato e ir buscar mais, eu lhe darei de coração todo o meu apoio.

Ela levantou o olhar para ele.

- Por que fala assim comigo? – perguntou.

Ele terminou de comer o sanduíche.

- Porque você gosta.

- Não, não gosto – respondeu, indignada. A quem ela estava tentando convencer?

Ele deu de ombros e pegou outro sanduíche.

- O jeito como você me olha me diz que gosta.

Ela negara, mesmo sabendo que o que ele dissera era verdade.

- É que simplesmente não estou acostumada com esse tipo de conversa.

- É claro que não está – disse ele cruzando os braços novamente. – Às vezes você é tão maravilhosamente afetada, Moira! É uma delícia!

- E você é extremamente irritante, Wynthrope – respondeu ela, estreitando os olhos.

- Faz parte do meu charme. – Oh, como aquele sorrisinho às vezes a aborrecia!

- De fato. – Ela levou outro sanduíche aos lábios. Ele a observava enquanto fazia isso. Sentindo que estava sendo atrevida, Moira umedeceu os lábios com a língua antes de lentamente dar uma mordida. Ela mastigou e engoliu, consciente de que ele não tirara os olhos de sua boca o tempo todo.

- E o que você fará por mim? – ela perguntou.

- Como? O que disse? – perguntou ele, pestanejando.

Ela sorriu docemente. Estava brincando com fogo, mas não podia evitar, gostava disso.

- Se eu for boazinha com você, se me adocicar para você, o que você fará por mim?

Ao engolir, Wynthrope sentiu seu pomo-de-adão se mexer.

- O que você quiser. Estarei inteiramente às suas ordens. Tudo o que você tem a fazer é dizer uma palavra e fazer de mim o que lhe agrada.

O estomago de Moira se contraiu. Ele falava sério. Essa conversa estava saindo do controle. Forçando um sorriso sedutor, manteve o tom suave ao dizer:

- E que palavra seria?

Wynthrope se inclinou na direção dela para chegar a boca junto de sua orelha. Podia sentir o hálito dele em sua pele, o calor que ele irradiava. Haveria na terra um homem cujo cheiro fosse assim tão bom!

- Sim. – Sua voz era pouco mais que uma brisa, mas atingiu-a como se fosse um ciclone. Tremendo, deparou com o olhar dele. Seus olhos azuis estavam tão escuros que pareciam impenetráveis.

Ela não conseguia falar, sua língua estava paralisada, incapaz de formar palavras. Calada, olhou para o prato que tinha nas mãos. Onde estava com a cabeça ao enchê-lo com aqueles sanduíches? Não conseguia comê-los todos – não com seu estomago daquele jeito, trancado de tantos nós.

- Quer que a ajude a comer estes? – Não havia nenhum sinal de zombaria em sua voz.

Moira assentiu. Ela estava correndo sério perigo de se apaixonar por aquele homem. Isso a assustava? Excitava-a? fazia que ela sentisse vontade de chorar?

- Sim – murmurou, pegando outro sanduíche.

No dia de Natal, depois de jantar com North e Octavia, Wynthrope foi para a casa de Moira. Ainda não sabia onde a tiara estava guardada, mas não ia pensar nisso por ora. Essa noite, ele prometera a si mesmo, estava estritamente reservada para o prazer da companhia de Moira. Passar a noite com ela em sua casa era algo que estava se tornando um hábito. Ele não estava brincando consigo mesmo – apenas parte disso visava à localização da tiara. A única razão para a busca da maldita tiara era proteger North e Dev. Se ele realmente quisesse vasculhar a casa, esperaria que ela saísse por algum tempo ou que estivesse dormindo. Não, ele ficava lá muito tempo porque ansiava pela companhia de Moira.

Ela esperava por ele na sala de visitas. Usava um vestido simples, de musselina violeta. Seu coração disparou ao vê-la. Só se passara um dia da última vez que a vira, mas sentia-se como se houvesse ficado sem vê-la durante meses.

Isso não era bom, não era nada bom, mas não conseguia fazer que seu coração acreditasse nisso.

- Você está pronto para jogar ou gostaria de um drinque primeiro? – ela perguntou.

Sorrindo de sua presteza, Wynthrope lhe disse:

- Primeiro, quero lhe dar algo. – E deu a ela uma caixinha de ébano que trouxera consigo.

A expressão de Moira era de admiração.

- Oh! Não devia ter feito isso. Não tenho nada para lhe dar.

Jamais lhe ocorrera que ela lhe desse alguma coisa.

- E o que tem isso? Por favor, aceite.

Ela a pegou, e sua relutância foi substituída por deliciosa curiosidade.

- Obrigada.

- Não me agradeça antes de ver o que há dentro.

Como um garoto ingênuo, prendeu a respiração até que ela abrisse a caixa, soltando o ar somente depois que o rosto dela se iluminou de satisfação.

- Oh, é lindo! – Com cuidado, ela retirou do forro um pequeno anjo de marfim entalhado com esmero.

Wynthrope estufou o peito, satisfeito consigo mesmo, o que era raro.

- Achei que ia gostar.

Ela se aproximou dele e o beijou no rosto. Aquele beijo era mais do que ele achava que merecia.

- Gostei muito. Obrigada.

Moira colocou o anjo e a caixa na mesa próxima ao lugar onde sempre se sentava, acariciando-o de leve antes de se virar para ele. Como parecia feliz! O que não daria para vê-la sempre tão contente!

Como sua expressão mudaria se soubesse a verdade sobre ele...

Mas não pensaria nisso por ora. Nessa noite ele não seria um bastardo insensível para roubá-la. Essa noite não passava do homem patético que não era nada sem ela.

Sentaram-se no lugar de costume, ele jogando com as brancas e ela, com as pretas. Como ia jogar com as pretas, se ele há muito pensava nela como a rainha preta? Wynthrope fez o primeiro movimento.

Foi Moira, no entanto, que pôs fim ao jogo, tomando finalmente seu rei.

- Você venceu. – Ele estava mais surpreso do que ela. Então algo lhe ocorreu. – Você esteve praticando!

- E daí? – Ela ficou ruborizada ao máximo, mas não se mostrou nem um pouco arrependida.

- Muito bem! – disse Wynthrope, rindo. – Como ganhadora, pode dizer qual o seu prêmio. O que vai me pedir? – Com a sorte que estava, provavelmente ia pedir que lesse para ela algum romance horroroso – ou pior, poesia.

Ela corou ainda mais. Para uma mulher viúva que fora casada por dez anos, ela se comportava como uma virgem.

- Quero que me beije – disse, com voz pouco firme.

Ela o quê? Essa era uma mudança de panorama interessante. Então sua paciência estava finalmente sendo recompensada. O coração de Wynthrope disparou antecipadamente. Ela o queria. Ele devia ir devagar. Não queria parecer muito ansioso.

Ele se inclinou sobre a mesa e beijou-a no rosto.

- Aqui está.

Seu rubor aumentou ainda mais. Até que ponto ia ficar vermelha antes que pegasse fogo?

- Na boca.

Rindo por dentro, Wynthrope inclinou-se de novo na mesa e roçou os lábios nos dela. Ele queria devorá-la, mas resistiu e sentou-se novamente.

- E aí?

Ela parecia positivamente furiosa agora.

- Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe muito bem.

Fingindo ignorância, piscou para ela.

- Receio não estar entendendo o que você quer dizer. Talvez deva me mostrar.

Ela o encarou. Sabia que ele estava brincando com ela. Se ele não fosse com cuidado, o feitiço podia virar contra o feiticeiro, como acontecera na festa da Wynter Lane na noite anterior.

Talvez fosse melhor não ser cuidadoso. O feitiço viraria contra o feiticeiro de um modo muito *estimulante*.

Empurrando a cadeira para trás, Moira se levantou e deu a volta à mesa até o lugar onde ele estava sentado. Wynthrope também empurrou sua cadeira enquanto ela se aproximava.

- Levante-se – ela ordenou.

- Não estou com vontade – disse ele, rindo tranquilamente. – Por que não se senta em meu colo?

Por um instante achou que ela ia mandá-lo para o inferno, mas um brilho estranho surgiu em seus olhos, e ele percebeu que ia passar por uma tortura.

Ela se sentou em seu colo bem devagar, deliberadamente, com a desculpa de estar se ajeitando, mas ele sabia que fazia isso para levá-lo à loucura ao esfregar seu delicioso traseiro

naquela parte de seu corpo que nesse momento estava em plena ereção. Para uma mulher às vezes tão insegura de si, ela certamente tinha um talento natural para a arte da sedução.

- Está bem acomodada? – murmurou, quando ela finalmente parou de se mexer.

- Sim, obrigada. – Ela sorria docemente. – Tomando o rosto dele nas mãos, virou-o de leve e começou a acariciar-lhe o queixo com os dedos macios. E quando passou a acariciar a cabeça, ele quase fechou os olhos em êxtase.

- Você gosta disso, não? – perguntou, enquanto o penteava com os dedos. – Parece que gosta.

- Gosto – respondeu, finalmente entregando-se, de olhos fechados. – Quando eu era criança, minha avó costumava ficar horas mexendo em meu cabelo.

- Você era chegado a ela?

- Eu a adorava. Nunca precisei me preocupar em ser suficientemente bom para deixá-la contente. Ela amava a nós quatro de maneira igual e do jeito que éramos.

Ela parou de mexer em seu cabelo e disse com tristeza:

- Você teve muita sorte de tê-la.

Wynthrope abriu os olhos ao perceber o tom melancólico de sua voz.

- Tive mesmo. – Ao fitá-la, deu-se conta de que ela não tivera, como ele, ninguém que a compensasse da estupidez de seus pais, das coisas que lhe diziam e da gritante diferença que faziam entre ela e os outros filhos. Não era se estranhar que se esforçasse tanto para se superar. Nem que às vezes se sentisse inferior, ou pior, que desperdiçasse a própria vida casando-se por conveniência, quando merecia muito mais que isso.

Será que seu marido alguma vez havia se dado conta de quão abençoado fora por ter uma mulher que, só com um olhar, podia fazer um homem se sentir o máximo?

- Você me espanta, Moira Tyndale.

- Eu? – admirou-se ela.

- Não consigo imaginar como você, com a criação que teve, se tornou uma pessoa tão boa. Você me deixa envergonhado.

- Mas você não tem do que se envergonhar.

A confiança que tinha nele lhe doía.

- Você não tem idéia das coisas que fiz pensando que estava no direito de fazê-las. Passei muito tempo de minha vida me sentindo amargurado, como se tivesse um grande peso às costas, quando não tinha o direito de ter tanta pena de mim mesmo. Tinha meus irmãos e minha avó. Quem você tinha?

- Eu tinha a mim mesma – disse ela com um sorriso tranquilo. – E tinha minha tia. Não a via muito freqüentemente, mas suas visitas e as cartas que me enviava eram algo a que eu me apegava. Não sinto pena de mim, Wynthrope. Não vou tolerar isso.

Alguma coisa se modificou em seu coração enquanto a fixava nos olhos. Era como se a concha dura que o envolvia tivesse se rompido e estilhaçado, e os cacos o estivessem espetando por todo o lado.

- Gostaria de beijá-la agora – murmurou. – Posso?

- Sim. – Chegou o rosto ao dele. – Você não me disse que só tenho que pronunciar uma palavra para você ficar sob minhas ordens?

- Sim – murmurou -, disse.

- Então beije-me, eu lhe ordeno – disse, roçando os lábios nos dele.

Levantando os braços, Wynthrope pegou sua cabeça e colocou a boca na dela, sentindo-a cálida, úmida e doce. Ele devia ir em frente, convencendo-a a render-se, mas não conseguia fazer nada disso nesse momento. Tremia de desejo por ela, e seus músculos se ressentiam da contenção. Sua língua tomava a dela com fúria, enquanto seu beijo o consumia.

As mãos de Moira desabotoaram seu casaco para acariciar-lhe o peito. Será que ela sentia nas palmas das mãos a pulsação irregular de seu coração? Será que podia sentir sua ereção?

Teria ela alguma idéia de que ele estava fora de si de tanto medo por querê-la?

Ele tinha que fazer alguma coisa para aliviar a tensão que ameaçava se apoderar de ambos.

Wynthrope tirou as mãos da cabeça de Moira, pegou sua saia, puxou-a para cima e empurrou-a para o lado, começando então a alisar a meia de seda que cobria sua perna, até alcançar a liga e depois a pele acetinada e cálida da parte interna de suas coxas. Moira teve um sobressalto.

- O que você está fazendo? – perguntou com a boca colada à dele.

- Você disse que queria me dar um presente – lembrou-a num murmúrio, quase sem respirar. – É isso que eu quero, Moira. Quero tocar você. Abra-se para mim.

De olhos bem abertos, com o olhar fixo no dele, suas pernas se separaram. Ele olhava seu rosto enquanto roçava os dedos pelos delicados caracóis. Ela estava ofegante, e seu corpo se tensionava ao contato da mão de Wynthrope. As pálpebras tremulavam no rosto corado enquanto ele acariciava os pêlos delicados e úmidos.

Oh! Ele a queria! Queria-a por baixo dele, por cima, qualquer que fosse o modo como pudesse tê-la, mas principalmente queria ver seu rosto ao lhe proporcionar prazer. O que significava mais para ele era saber que conseguia despertar essas sensações nela.

Wynthrope passava os dedos por aqueles pêlos enrolados, movendo um deles vagarosamente dentro da fenda aberta. Observava suas sobrancelhas levantadas e a boca entreaberta. Ao movimentar o dedo, sentia-a quente, úmida e escorregadia. Devia ser deliciosamente apertada, instintivamente sabia disso.

Suas coxas se separaram até onde a roupa o permitia – o suficiente para que ele movimentasse toda a mão entre suas pernas. Devagar, deliberadamente, ele fez deslizar o dedo inteiro para dentro dela, e seu próprio corpo se retesou quando viu sua expressão mudar cada vez mais suavemente. Suas mãos se agarraram à lapela do casaco e os quadris começaram a se mexer, impondo o ritmo aos dedos úmidos e ávidos. Abaixo dela, seu pênis pulsava com ansiedade, irritado pela fricção com a roupa de baixo, exigindo liberdade. Rangendo os dentes, ele se concentrava mais no prazer de Moira do que em seu próprio desconforto.

Sem dificuldade, encontrou com o polegar o ápice do sexo dela, enquanto seu dedo se movia lá dentro, acariciando a intumescência vedada. Seu corpo todo vibrou quando Moira gritou,

comprimindo-se de encontro à sua mão. Levado pela própria luxúria a ouvir os gritos dela, pelo desejo de sentir seu espasmo em torno de seu dedo, ele a estimulou com um ritmo cadenciado e insistente.

Ainda com uma das mãos agarrada a seu casaco, Moira fez deslizar a outra por dentro dele, encontrando a dura saliência que pulsava sob sua roupa. Ele gemeu quando ela o acariciou através do tecido, e quando seus dedos se apressaram para abrir o fecho da calça, ele nada fez para impedi-la.

Seus dedos, ávidos e inexperientes, se fecharam em torno de seu pênis nu. Eles se acariciavam e se abraçavam com tanto desejo, que ele sentiu que não ia se segurar por muito mais tempo.

Ela mudou de posição em seu colo, apoiando-se mais na perna do que na virilha, para facilitar o acesso a seu membro. A mão de Wynthrope deslizava pelas costas dela enquanto o acariciava.

- Para cima e para baixo – ele murmurou. Se ela queria dar-lhe prazer, não iria impedi-la, mas a ensinaria a fazer aquilo do modo correto. Então, com mais confiança, começou a mover o pulso para cima e para baixo na cadência da mão colocada entre suas pernas.

- Assim! – Ele ofegava à medida que o aperto em sua virilha ficava mais insistente. Aumentou a pressão do polegar, fazendo que dos lábios dela escapasse um gemido baixo.

O suor gotejava acima dos lábios de Wynthrope. Seu desejo por ela era quase tão agudo quanto a necessidade de se satisfazer. Ajustou o ritmo dos quadris dela ao seu polegar, e quando os gritos se tornaram cada vez mais urgentes e o aperto em seu membro, mais forte, ele aumentou a pressão.

Seus arrulhos e gritos se tornaram mais estimulantes, mais freqüentes. Quando ela jogou a cabeça para trás, com a boca entreaberta em gritos mudos, o corpo pressionado contra sua mão enquanto os espasmos a dominavam, Wynthrope perdeu o controle. Curvando o pescoço e mergulhando a testa nos seios de Moira, seu clímax irrompeu.

Ele só abriu os olhos ao deixar de ver estrelas. Moira estava como que desmaiada sobre ele e o olhava com uma expressão que ele só podia chamar de satisfação desconcertante.

Wynthrope sabia que aquele era o sorriso de um gato depois de engolir um canário, mas não se incomodou. Ele estava saciado, lânguido e satisfeito consigo mesmo, dane-se. Tirando o lenço do bolso, deu-o para ela. Sem dúvida ia querer limpar a mão.

Sem pressa, ela retribuiu o sorriso dele e aceitou o lenço.

- Bem, isso foi com certeza melhor do que o pente que ganhei de Minnie.

Não conseguindo conter o riso, Wynthrope puxou-a para si num abraço apertado.

- Realmente. Feliz Natal, Moira!

Ela o beijou no rosto e se aconchegou em seu peito.

- Feliz Natal, Wynthrope!

Capítulo oito

N a manhã seguinte, Nathaniel, numa lufada elegante de sobretudo e echarpe, entrou todo esvoaçante na sala onde Moira tomava o café-da-manhã. Ao olhar para ela, franziu o cenho e deixou cair o queixo.

- Deus meu, você o levou para a cama!

Felizmente estavam sozinhos, senão Moira tentaria estrangulá-lo. Assim, levantou-se rápido e foi fechar a porta atrás de si.

- Pelo amor de Deus, Nathaniel, fale mais baixo!

Ele parecia nem ter ouvido a reprimenda, ao atirar o sobretudo, sentando-se em seguida em uma das cadeiras à mesa.

- Você vai ter que me contar tudo. Cada detalhe. Ele ficou surpreso?

Era impossível ficar zangada com ele, apesar de sua impertinência exagerada.

- Não o levei para a cama – respondeu-lhe Moira, sentando-se também.

O rosto angelical de Nathaniel exibia um ar de dúvida.

- Aconteceu alguma coisa. Tenho certeza.

De cenho franzido, serviu-lhe uma xícara de café de um bule de prata próximo.

- Não tem.

- Tenho – insistiu ele, gesticulando com a mão na direção de Moira. – Você está resplandecente!

Oh, céus, agora ela estava começando a corar. Passou-lhe a xícara.

- Não posso contar.

- Pode, sim. Ele a fez conhecer *la petite morte*, não foi?

Moira não era uma mulher experiente em matéria de sexo, mas até ela sabia a que os franceses se referiam ao usar essa expressão. Não tinha o que responder, sentia o rosto em fogo, e já não podia esconder isso dele.

- Fez! – Nathaniel gritou deliciado e batia palmas. – Oh, como gostaria que Tony estivesse aqui!

Moira o encarou desconcertada e disse:

- Se Tony estivesse aqui, isso jamais teria acontecido.

É claro que isso não o incomodava nem um pouco. Ele apenas deu de ombros, como se todo mundo tivesse relações extraconjugais.

- Devia estar aqui. Tony sempre dizia que queria que você tivesse um romance.

- É mesmo? – Levou o café aos lábios e deu um gole, meditando sobre essa nova informação. Tony fizera algumas insinuações, mas sempre acreditou que dizia essas coisas sem maldade ou de brincadeira.

- É claro! – Nathaniel pareceu um tanto perturbado pelo fato de, ela pensar ao contrário.

- Ele queria que você fosse feliz. Nunca desejou que o casamento de vocês fosse tão injusto para você.

- Suponho que levei meus votos muito a sério, não importando que não tivessem sido sinceros
- disse Moira levantando os ombros e as sobrancelhas ao mesmo tempo.
- Insinceros, não. – Nathaniel tomou sua mão. – Não convencionais.
- Que maneira mais educada de qualificá-los – disse Moira sorrindo.

O amigo recostou-se na cadeira, com tranquilidade e elegância.

- Então, vai me dizer o que houve entre você e o belo senhor Ryland? – perguntou. – Ora, vamos lá! – Nathaniel endireitou o corpo e pôs os cotovelos na mesa. – Então vou lhe dizer o que aconteceu entre o anjélico Matthew e mim.

Essa era uma proposta interessante. Não apenas porque o amigo mostrava uma vibração que ela não via nele havia tempo, mas também porque tinha curiosidade de saber o que dois homens faziam juntos. Além disso, tinha necessidade de falar sobre Wynthrope – com alguém que não o conhecesse, alguém que tivesse experiência nessas coisas.

Por exemplo, que significado havia no que acontecera entre eles na noite anterior? Havia sido algo muito prazeroso, muito intenso. Posteriormente, tinham ficado um tanto sem graça um com o outro, embora ele tivesse permanecido ali por mais duas horas antes de ir embora. E ele a beijara de modo intenso ao partir. Tinha que significar alguma coisa, não? Mas o quê?

Significava que seus sentimentos por ela eram mais do que apenas sexo?

Ele poderia ter ido até o fim na noite anterior. Provavelmente ela não oporia resistência se ele a tivesse atirado no chão e a possuísse ali mesmo. Em vez disso, mostrara a ela que era capaz de resistir e tinha ido embora. Por quê? Será que pensava que ela ainda estava relutante? Estaria tentando fazer que ela tomasse a iniciativa? Ela também não fizera isso na mesma noite?

Ele poderia ter levado as coisas mais longe, disse consigo mesma, mas não o fez.

Apoiando o queixo na mão, Nathaniel perguntou:

- Até onde ele foi, em primeiro lugar?

Com o rosto em brasa, Moira respirou profundamente e respondeu:

- Ele me tocou em lugares que só minhas mãos conheciam, embora não tão intimamente.

Os olhos azuis de Nathaniel se arregalaram.

- Não! E você gostou?

Moira baixou os olhos. Estava tão embaraçada!

- O que é isso, Nathaniel?

O amigo girou a mão no alto num gesto dramático.

- O quê? Se você não gostou, é porque ele não está fazendo a coisa direito e também precisa ser ensinado, ou não vale a pena que perca seu tempo.

Ela mal conseguia olhar para ele.

- Mas eu gostei!

Sua confissão foi recebida com um sorriso malicioso.

- Excelente! – Ele pegou uma fatia de presunto que sobrava do café e a enfiou na boca. – E você retribuiu?

Oh, céus, que conversa escandalosa! Moira jamais discutira esse tipo de assunto com ninguém. Mas antes não havia essas coisas para contar.

- Sim – respondeu.

Nathaniel uivou de alegria. Moira tinha vontade de se meter debaixo da mesa e ficar ali.

- E você acha que ele gostou? Você precisa de algumas dicas?

Moira olhou para ele de cara fechada.

- Sim, ele gostou. Bem, acho que sim. Ele... Ele...

Nathaniel assentiu, poupando-a de maior embaraço.

- Estou entendendo. Obviamente, você fez tudo certo. – Ficou pensando por um instante e então disse: - Claro, não estou seguro de que haja um jeito *errado*.

- Você pode me ensinar? – perguntou Moira, com a curiosidade superando a humilhação. – Que outras coisas ele poderia gostar que eu fizesse?

Nathaniel franziu o cenho.

- Veja só quem está ficando provocante! É claro que posso compartilhar com você o que sei. Além de gostar de homens, também sou homem, não é? E sei do que eu gosto.

Moira não tinha dúvida sobre isso.

- Mas – acrescentou ele –, antes que você se ponha a atirar pérolas aos porcos, deixe-me perguntar-lhe uma coisa.

- O que quiser. – O que poderia ser pior do que qualquer outra coisa que ele já lhe perguntara?

- Você tem alguma idéia de até onde vai o interesse de Ryland por você?

Ela balançou a cabeça, tocada por sua preocupação.

- Não tenho certeza. Passamos muitas noites juntos – às vezes apenas conversando. Ele demonstra gostar de minha companhia, e sei que ele aprecia o modo como nos relacionamos fisicamente, mas não estou certa em relação à profundidade de seu apego a mim.

Nathaniel parecia estar pensando nisso.

- O fato de que ele podia ter levado você para a cama e não o fez é um bom sinal.

Moira sentiu um peso no coração.

- Devo entender que isso significa que ele não está muito apegado a mim?

Nathaniel franziu a testa como se ela fosse a mais simplória das criaturas.

- Não, sua tonta! Exatamente o contrário!

Isso a aliviou mais do que ela gostaria de admitir.

- É mesmo?

Mas um apego maior não o teria forçado a ir em frente? Ela teria agido assim, mas as reações masculinas são muito mais difíceis de prever.

- Claro! – Nathaniel olhou-a com ar paciente. – Obviamente ele pressente sua hesitação.

Parecendo ou não, você é virgem, e como qualquer pessoa que experimente alguma coisa nova, as virgens têm uma relutância natural a se aventurar no desconhecido. Sem dúvida

Wyndrope quer que você saiba que ele não vai pressioná-la. Quer que você adquira confiança.

Como ela queria acreditar nele!

- Devo admitir que isso não tem sentido.

- Claro que tem! Minha primeira vez foi terrível.

A curiosidade de Moira era enorme, mas haveria tempo para ouvir Nathaniel falar de suas experiências mais tarde. Naquele momento ela queria a opinião dele sobre *sua* vida romântica. Seu acanhamento de início da conversa estava praticamente esquecido, e ela queria seguir adiante.

- Então você acha que o que houve entre nós na noite passada foi uma coisa boa para o desenvolvimento de nossa relação?

Ele revirou os olhos.

- Minha querida, o que pode haver de mau no fato de um homem incrivelmente bonito lhe proporcionar prazer? Mas, claro, você me deu tão poucos detalhes... – disse ele baixando o tom de voz, com um sorriso malicioso.

Moira também riu.

- Não consigo crer que você esteja tão interessado.

- Quem não estaria? – disse ele depois de pigarrear. – Nem todo mundo tem sorte bastante para ter um encontro romântico com um dos mais cobiçados solteiros de Londres.

- Quem teve esse encontro? – É claro que foi esse exato momento que Minerva escolheu para entrar na sala, exibindo todo o frescor de sua beleza e exuberância juvenis.

O rosto de Moira se incendiou. Meter-se debaixo da mesa era o melhor a fazer, mas lamentavelmente Minnie talvez se metesse com ela sob a toalha.

- Ouvir conversa alheia às escondidas não é coisa de gente bem-educada – disse Moira à irmã mais jovem.

Minnie fez uma careta enquanto se sentava ao lado de Nathaniel.

- Não estava ouvindo às escondidas. Estava vindo tomar o café-da-manhã quando ouvi vocês dois conversando. – Pegando um pãozinho da cesta que estava no centro da mesa, ela se virou para Nathaniel e continuou: - Então, de quem estamos falando?

- De Wynthrope Ryland – respondeu ele sorrindo com doçura.

Moira podia tê-lo cutucado com o pé, mas em vez disso provavelmente esbarraria em Minnie. Ela o encarava, mas ele a ignorava.

Os olhos escuros de Minnie se arregalaram. Ela lançou a Nathaniel um olhar de conspiração.

- Ele é um dos solteiros mais cobiçados de Londres.

- Divino! – ele concordou com uma piscadela. Naturalmente Nathaniel se sentia quase tão à vontade com Minnie quanto com Moira. Ela não tinha certeza se gostava disso, acostumada que estava a ser a única pessoa que conhecia o segredo de Nathaniel.

- Eu teria um encontro com ele em qualquer dia.

Como resposta, Nathaniel apenas assentiu, enquanto ambos voltaram o olhar para Moira, que os encarou com ar de desafio.

- Infelizmente – observou Minnie, colocando um pedacinho de pão na boca -, Wynthrope Ryland preferiu Moira a mim. Azar dele.

Moira deu um sorriso zombeteiro.

- É mesmo. Estou certa de que todo dia ele sente isso também.

Os olhos de Minnie brilharam com malícia.

- Moira, como pode ser tão sarcástica? Sabia que ela podia ser assim mordaz? – perguntou a Nathaniel.

Seu Judas fez com a cabeça que sim.

- Ela esconde isso atrás de uma aparência bem-cuidada e respeitosa, mas tem uma língua viperina, creia em mim.

Minnie pegou outro pedaço de pão, mastigou-o e engoliu.

- Quanto mais tempo passo com você, Moira, mais acho que devia ter vindo para sua casa antes.

Suas palavras soaram como um golpe direto no peito de Moira, deixando-a sem ar.

- Você acha?

A garota assentiu.

- Pensei que você fosse igual a nossas irmãs. – Fez uma pausa e continuou: - Pensei que fosse igual a mamãe. Fico muito contente de que você não seja.

- Não – concordou Moira, meio confusa. – Não sou nada parecida com elas. – Na verdade, não era parecida com ninguém da família. Era estranho que pensasse que isso fosse um defeito em sua formação. Quando será que se dera conta de que na realidade era uma virtude? Provavelmente bem perto do tempo em que começara a se sentir à vontade em sua própria pele – quando Wynthrope Ryland entrara em sua vida e lhe dissera que ela podia comer o que quisesse.

Seu olhar se desviou para a cesta de pães. Ela adorava pão. Poderia viver só comendo pão. Queria comer tudo o que havia ali.

Abriu um pãozinho, espalhou manteiga nele e então deu uma bela mordida. Oh, que delícia! Enquanto mastigava, Minnie a olhava com uma expressão angelical.

- Então você teve um encontro romântico com Wynthrope Ryland?

Moira levou um susto e quase engasgou. Só conseguiu engolir depois de tossir um pouco e de beber um gole de café. De olhos marejados, olhou para a irmã e disse:

- Isso não é da sua conta.

- Teve, sim! – disse Minnie com um largo sorriso.

- Vocês dois são incorrigíveis. – Moira limpou os lábios com o guardanapo.

- Ele beija bem? – perguntou Minnie com expressão sonhadora. – Parece que sim. Ele tem uma boca bonita.

- Bem desenhada – Nathaniel acrescentou.

Boquiaberta de espanto, Moira encarou os dois antes de se dirigir à irmã:

- O que você sabe sobre beijar?

Minnie revirou os olhos novamente, num trejeito que parecia ter sido aperfeiçoado pelos jovens de menos de vinte anos.

- Moira, já fui beijada!

- Oh! – Nathaniel subitamente endireitou o corpo outra vez. – Por quem? Alguém que eu conheça?

Espalhando mais manteiga em seu pãozinho, Moira deu outra mordida. O que acontecera nessa manhã? Como essa conversa tinha virado uma palhaçada? Isso era ridículo – e escapara de seu controle.

- Adam Westlake – respondeu Minnie, olhando Nathaniel com um sorriso convencido.

A expressão de Nathaniel era de alguém justificadamente impressionado.

- Você acha que vai poder se casar com ele?

Moira demorou um minuto para se dar conta de que a pergunta fora dirigida a ela, mas a quem mais, se era Minnie que estava perguntando?

- Com quem? Wynthrope?

A irmã fez que sim com a cabeça.

- Vai se casar com ele?

Pobre Moira! De tão perturbada, mal conseguia responder.

- Eu... Ele não me perguntou nada, e não vejo razão para pensar que o fará. – O fato de admitir isso lhe deu uma estranha sensação de vazio no estômago, mas era verdade. Sempre soubera que o que tinha havido entre ela e Wynthrope sem dúvida não seria nada mais que algo passageiro. Não lhe parecia que ele fosse um homem de assumir um compromisso duradouro.

- Por que não? – Minnie perguntou.

- Sim – Nathaniel quis saber também -, por que não?

De repente, veio a frustração. Nenhum dos dois a ouvira? Não conheciam nada?

- Porque não tenho idéia de como ele se sente a meu respeito, ou de como me sinto sobre ele com relação a isso. – Aí estava toda a ridícula verdade: mal conhecia a si mesma, quanto mais aos outros...

Minnie deu de ombros.

- Vocês dois ficaram juntos por tempo suficiente. Isso deve significar alguma coisa.

Como explicar à irmã que havia uma razão para que Wynthrope continuasse a procurá-la?

Naturalmente, se o que ele queria era ter relações sexuais com ela, já podia ter conseguido isso – ela sabia que isso era real.

- Afinal – Minnie continuou, pegando outro pãozinho -, se tudo o que ele queria era alguém que aquecesse sua cama, poderia achar isso em qualquer lugar. Parece que ele realmente gosta de ficar com você.

Aparentemente, ela não precisava explicar isso. Parecia que Minnie já havia compreendido, de modo claro e preocupante, a situação.

Nathaniel assentiu.

- É exatamente o que eu ia dizer. – Levantou os olhos para Moira, que lhe devolveu o olhar. – Seja cautelosa até descobrir quais são suas intenções, mas não fique pensando que elas sejam as piores.

- Ele deve gostar de você – Minnie acrescentou. – Estaria arrasado se não gostasse. Você é uma pessoa boa, é bonita e rica. E gosta dele. Por que ele não ia gostar de você?

Na cabeça de alguém de dezoito anos, era assim que o mundo devia ser. Por que não iria gostar dela?

E por que Moira, lá no fundo de seu coração, suspeitava que queria muito mais do que simplesmente *gostar*?

Ele não conseguia fugir dela.

Estendido no sofá em sua pequena sala de visitas marrom e dourada, Wynthrope, olhando fixamente para cima, contava as voltas do desenho que decorava o teto.

O que quer que fizesse, ou por mais que contasse, não conseguia tirar Moira da cabeça. Nas horas em que estava desperto, lá aparecia ela em suas lembranças de conversas, risos, beijos – e daquela noite inesquecível em sua biblioteca. E quando ia para a cama isso ficava ainda pior, porque toda vez que rememorava aquela fatídica partida de xadrez e o pedido dela para ser beijada, seus sonhos se transformavam numa situação diferente – em que ele estava dentro dela e não em sua mão.

Passava a maior parte do tempo frustrado, perdido de desejo ou consumido pela culpa. Sentia sua falta quando ela não estava por perto e não conseguia conciliar seus sentimentos com o fato de que ia ter de roubá-la.

Havia dias em que simplesmente tentava não pensar nisso, mas nesse momento era só o que fazia. Ele ia traí-la, e ninguém, a não ser ele e Daniels, jamais saberia a verdade. Moira nunca saberia que fora ele. Será que ia poder continuar com aquele teatro? Ia conseguir mentir para ela apenas para mantê-la em sua vida? Não podia lhe contar a verdade. Ela poderia procurar as autoridades e piorar as coisas. Poderia contar a Octavia, e ela num instante diria a North. Pior ainda, poderia fazer alguma coisa que talvez a pusesse em perigo. Se Daniels tivesse a menor suspeita de que Wynthrope o havia exposto, não hesitaria em causar dano a Moira para obter a tiara.

Moira o culparia por qualquer coisa que Daniels lhe tivesse feito, e teria razão. Não, era melhor que não soubesse – porque para ele seria insuportável ver o ódio em seus olhos. Preferia abandoná-la, sem se incomodar que pensasse nele como um sujeito covarde e grosseiro, a deixar que percebesse a fraude que ele era.

Ela achava que ele – o Wynthrope real – merecia ser amado. O que sabia ela, uma mulher já amadurecida, que obviamente não tivera nenhuma satisfação sexual no casamento ou fora dele? Com sua experiência, ele sabia quando uma mulher havia experimentado seu primeiro orgasmo. Na sua idade, ela talvez já tivesse por si mesma chegado a sensações parecidas, mas fora ele o primeiro homem a fazê-la chegar lá.

Por sua vez, ela o fizera sentir-se um deus, ainda que apenas por alguns minutos, e somente em pensamento.

Por Deus, ela estava linda. Toda selvagem e arrojada em seus braços. Tão úmida e cheia de desejo. Devia tê-la possuído. Poderia ter feito isso.

Então por que não o fizera? Alguma tola noção de cavalheirismo o fizera recuar. Talvez tivesse sido errado aproveitar-se dela. Ou não fosse capaz de ter outra ereção. Não, ele teria ficado pronto de novo em um minuto, se ela o tivesse levado a isso. Tivera medo de ir em frente.

Prometera seduzi-la, dissera-lhe que pretendia fazer exatamente isso, e ela tinha aceitado o

desafio. Mas o que aconteceria depois? Ele não ia querer ir embora, e não teria sido fácil fazer isso. E a menos que quisesse passar o resto da vida mentindo para ela, teria de ir.

O resto da vida. Será que já alimentara a idéia de passar a vida com uma mulher? Não.

Sempre associara o casamento a prisão. Certamente seus pais e muitos de seus contemporâneos haviam provado que ele estava certo. Mas Devlin e North eram exceções. Eram bem casados, cada qual com a mulher que adorava e por quem eram adorados. Havia visto mudanças em ambos por causa da mulher, e não de modo negativo, como os homens gostavam de brincar. Blythe e Octavia haviam sido inclusões positivas na família Ryland, ajudando a curar as feridas que os dois irmãos haviam suportado por muito tempo.

Será que Moira poderia ajudar a curá-lo? Será que ia querer fazer isso? Era muito pedir que ela lhe desse alguma coisa além do que ele já estava decidido a tirar dela? Moira confiava nele, ou pelo menos ele temia que sim. Deixara-o entrar em sua casa pensando que ele estivesse lá por nenhuma outra razão que não fosse ela. Talvez suspeitasse que ele só pensava em sedução. Talvez não tivesse idéia de que isso se transformara em algo muito maior.

Felizmente ela não tinha idéia de quanto ele passara a precisar dela em sua vida. Esperava que ela nunca viesse a saber quão covarde ele fora, mas não podia arriscar seu coração, não quando havia um trabalho a fazer, quando não podia ter certeza se ela o queria. Não quando nem sabia como se dar a ela. Essa idéia o assustou mais do que o pensar em prisão ou morte ou ser o responsável pela ruína de North.

- O que está fazendo aqui, sozinho e no escuro?

Por falar no diabo... Estava escuro? Não havia notado. E devia ter pensado duas vezes antes de dar a chave de sua casa a North.

- Acenda a luz, se isso incomoda você – respondeu, nem se preocupando em se levantar.

Alguns passos soaram às costas de Wynthrope, e logo uma luz dourada inundou um canto da sala. Sim, estava escuro. Muito escuro. O que faria ele quando os dias se tornassem mais longos novamente e não houvesse noite para escondê-lo? Teria que desenhar as sombras e fingir.

- Você está doente? – perguntou o irmão, aproximando-se de Wynthrope.

- Não. – Não da maneira como North imaginava.

- Então por que está aí todo caído?

Virando a cabeça na almofada, deu um sorriso fraco.

- Porque gosto.

- Isso não é coisa sua – disse North, de cenho franzido.

Wynthrope riu secamente.

- Não é coisa minha? Claro que é. Sou aquele que medita, lembra? Eu medito. Gosto de pensar e de ser melancólico. Estou cogitando em dar aulas.

O irmão não estava impressionado com seu sarcasmo. Estava tudo bem. Parecia que tinha que se esforçar mais nesses dias para ser irreverente. O sarcasmo não vinha tão facilmente

como antes, e a única pessoa que parecia se chocar com alguma coisa que dissesse era ele mesmo.

Wynthrope suspirou.

- Por que está aqui, North?

O irmão sentou-se no braço de uma poltrona.

- Preciso de um motivo para visitar meu irmão?

- Não, mas apesar disso você sempre parece ter um.

Talvez o sarcasmo não fosse tão difícil, afinal.

A expressão de North estava totalmente impassível, mas ele não conseguia esconder a inquietação.

- Octavia pensou que você poderia gostar de jantar conosco. Acha que você não come o suficiente.

Wynthrope sorriu.

- Sua mulher é muito boa para você.

É claro que o irmão não contestaria isso.

- Digo isso a mim mesmo diariamente. Você virá ou não?

Pondo um braço atrás da cabeça, Wynthrope mudou de posição no sofá estreito.

- Agradeça a Octavia e peça-lhe desculpas por mim, mas creio que ficarei por aqui.

- O que é que há, Wyn? – perguntou com uma expressão impassível, que rapidamente deu lugar a outra, de frustração. – Que diabos está havendo de errado com você?

Agora era sua vez de ficar com ar inexpressivo.

- Nada.

North franziu o cenho.

- Que grande mentiroso você é.

Rindo, Wynthrope olhou para o irmão com um sorriso de agradecimento.

- Estou bem. Só não estou querendo companhia esta noite.

North balançou a cabeça, curvando ligeiramente os lábios.

- Nem mesmo a adorável Lady Aubourn?

Ele devia ter imaginado que isso acabaria surgindo. Se sua cabeça não estivesse tão longe de suas partes mais baixas, teria previsto isso.

- Como se trata de uma senhora, não é muito provável que viesse desacompanhada à casa de um homem solteiro, e sinceramente duvido que isso ocorresse.

Ele também devia ter sabido que o irmão estava apenas começando.

- Você tem passado um bocado de tempo com ela ultimamente.

Olhando para o teto novamente, Wynthrope fechou os olhos.

- Sim, tenho.

- As pessoas estão comentando.

- Sim, estão. – Aonde essa conversa ia dar?

Ele podia ouvir North se mexendo na poltrona.

- Ela é muito amiga de Vie, você sabe.

Ah! Agora estavam indo para algum ponto. E o irmão não precisava de motivo para visitá-lo!

- Eu sei.

- Também tenho muita consideração por ela.

Wynthrope levantou as sobrancelhas, mas permanecia de olhos fechados.

- Sem dúvida.

- Octávia e eu odiaríamos que ela... se decepcionasse por qualquer razão.

- Como amigos dela, imagino que sim.

Como parecia calmo, mesmo com o futuro já lançado diante dele...

Moira ia se decepcionar com ele, de um jeito ou de outro.

- Pelo amor de Deus, Wyn, quer olhar para mim?

Deu outro suspiro enquanto abria os olhos e os voltava na direção do irmão.

- O que você quer me dizer, North?

O irmão o encarou de cenho franzido e com uma expressão ameaçadora.

- Diga-me, quais são suas intenções em relação a Moira?

- Não sei. Conhecê-la melhor, suponho. – Mentiroso! Era de admirar que não tivesse tropeçado nas palavras.

- Ela merece mais do que um tombo.

Seu irmão estava certo. Merecia muito, muito mais – mais do que ele pudesse talvez esperar lhe dar.

- É disso que você pensa que estou atrás?

O olhar de North estava penetrante e sua expressão, séria.

- Não sei. Você está atrás do quê?

Maldição! Ele devia saber que North o encurralaria. Com cuidado, sem demonstrar nenhuma emoção, Wynthrope respondeu:

- Mais do que um tombo, é claro. Poderia levar um em qualquer lugar e com menos esforço do que o que estou dedicando à adorável Lady Aubourn.

- É isso que ela significa para você? Um esforço?

Algo dentro dele o sacudiu e ele endireitou o corpo, ficando com as pernas dependuradas no braço do sofá.

- O que ela significa para mim não é da sua conta.

North o encarava com cara de espanto. Wynthrope teria rido se não estivesse tão zangado consigo mesmo por ter perdido a calma. Passou uma das mãos no cabelo e respirou profundamente, antes de voltar a falar. Dessa vez estava mais calmo.

- Que inquisição é essa, North? Você e Octávia acham que quero fazer mal a Moira, que estou brincando com ela? – Ele supunha que estava, mas essa não era a questão agora.

North deu de ombros. Pelo menos fizera a gentileza de se mostrar incomodado. Seus olhos azul-pálidos não olhavam diretamente para o irmão.

- Você não fica com uma mulher por mais de uma semana ou duas.

- Tenho me encontrado com Moira há quase quatro. – Santo Deus, aquilo já não tinha se alongado muito? Ele a conhecera no começo do mês, e já estavam no dia 29 de dezembro.

- É por isso que estamos preocupados. É evidente que Moira não é um caso passageiro.

Wynthrope se atirou no encosto do sofá. Céus! Como estava cansado!

- Se está tão certo de que ela não é um caso passageiro, qual é o problema?

- É que Octavia e eu estamos preocupados com o fato de que ela possa estar na expectativa de mais do que você está preparado para lhe oferecer – disse, levantando uma sobrancelha para enfatizar a questão.

- Casamento? – Como isso soava mal e amargo.

North assentiu.

- Você é o primeiro homem por quem ela demonstrou interesse desde a morte do marido.

Ainda está insegura.

- Ela não estava insegura quando sua mão envolveu meu pênis na outra noite. – Um segundo depois de dizer isso, Wynthrope quis engolir as palavras que lhe haviam escapado da boca.

Isso nada tinha a ver com Moira, e ele não tinha o direito de envolvê-la dessa maneira vil.

Fizera que aquela noite parecesse uma coisa vulgar e sórdida quando foi justamente o contrário disso.

- Vou esquecer o que você acaba de dizer – afirmou North, com um olhar tão frio quanto seu tom de voz

Wynthrope esfregou os olhos.

- Bom, talvez eu faça isso também.

No entanto, seu irmão não estava a fim de encerrar o assunto.

- Pelo que vejo, uma de duas coisas estão acontecendo aqui.

Ao abrir os olhos, Wynthrope via a figura de North como pouco mais que um borrão. Piscando, olhou para ele desejando que fosse embora logo.

- E que coisas são essas?

North cruzou os braços sobre o peito. Wynthrope sempre invejara seu físico.

- Ou você está querendo destruir Moira por algum motivo ou está apaixonado por ela.

O coração de Wynthrope disparou em seu peito – não estava certo se pela primeira ou pela segunda afirmação.

- Talvez as duas coisas. Talvez eu queira destruí-la me apaixonado por ela.

A carranca de North se fechou ainda mais. North realmente conseguia ser um sacana intimidador quando queria.

- Que diabos significa isso?

Rindo alto, Wynthrope balançou a cabeça e deixou cair as mãos no colo.

- Não sei.

Obviamente, não estava disposto a desistir.

- Você sabe, ou não teria dito aquilo.

Ele estava certo.

- Não quero destruir Moira, North. Penso muito nela e não quero magoá-la nunca, mas não sei se sou capaz de qualquer outra coisa.

Embora houvesse entre eles pouca diferença de idade, Wynthrope naquele momento sentia que era muito mais velho que o irmão. Pobre North, parecia tão confuso!

- Você diz tantas besteiras quanto Devlin quando conheceu Blythe.

Wynthrope deixou escapar um som de desgosto.

- Não há como eu pudesse dizer tanta besteira. – Pobre Devlin. Hoje era um homem felizmente bem casado, mas algum tempo antes ele quase abandonara Blythe por achar que não era suficientemente bom para ela.

- Você não consegue ouvir a si mesmo? Fala como se não merecesse uma mulher como Moira – disse North com incredulidade.

Estaria louco?

- É isso mesmo. Não a mereço.

- Não seja idiota! – Se suas palavras fossem um chicote, ele estaria todo ferido.

- Não sou. Se fosse um monge e só tivesse feito boas ações, não mereceria uma mulher como Moira. – Ele suspirou e levantou o olhar fatigado para o irmão. – Isso não quer dizer que não aspirasse a chegar a essas alturas se houvesse uma chance.

Sua resposta parecia ter surpreendido não apenas North, mas a ele também.

- Você está se apaixonando por ela.

De novo sentiu aquela forte pulsação no peito. Talvez North tivesse se aproximado muito da verdade, ou era a culpa que o fazia sentir-se mal.

- Não sei o que estou fazendo. Antes de você chegar, estava tentando não pensar nisso.

- Se você está com medo de se apaixonar, tudo bem. Isso acaba acontecendo com todo mundo.

As palavras do irmão lhe davam pouco conforto, embora Wynthrope soubesse que eram intencionais.

- Obrigado, sabichão.

- Por que você tem que ser sempre um asno? – disse North, franzindo o cenho de novo.

- Por que ainda está aqui? – Wynthrope rebateu.

North suspirou profundamente enquanto alisava a barba.

- Porque você é meu irmão e eu o amo.

Wynthrope olhou-o com ar de surpresa, embora soubesse que suas palavras haviam tocado seu coração.

- Também o amaria, mas estou muito apreensivo.

Por um segundo, North o olhou como se quisesse esmurrá-lo. Se cedesse ao impulso, ia machucá-lo. Para sorte de Wynthrope, em vez disso, North começou a rir.

- Você é realmente um asno, Wyn. Sabe disso?

Wynthrope assentiu, com um sorriso hesitante nos lábios.

- Sei.

- Tem certeza de que não quer ir jantar conosco?

- Sim, tenho. Comi há pouco pão e queijo.

- E não terei de defendê-lo de minha esposa quando você machucar o coração de sua amiga?

O sorriso de Wynthrope desapareceu.

- Você sabe que não posso prometer isso, North.

North se levantou, deu de ombros e se encaminhou para a porta.

- Suponho que era tudo o que eu tinha a dizer.

Wynthrope deixou-se cair no sofá novamente, com o antebraço cobrindo os olhos. Logo haveria apenas silêncio e ele poderia lutar com seus demônios em paz.

A voz do irmão chegou até ele.

- Tem certeza de que vai ficar bem aqui sozinho?

- Ficarei muito bem – respondeu com uma careta.

Mas quando ouviu o suave clique da porta se fechando e a escuridão silenciosa tomou conta dele novamente, Wynthrope soube que não ia ficar bem. Não ia ficar bem de jeito nenhum.

Capítulo nove

Moira estava nervosa como uma noiva quando Wynthrope chegou para apanhá-la.

Era noite de Ano-Novo, e ela não o via desde o Natal. Não haviam ficado separados por tanto tempo desde que tinham começado a se encontrar. Preencheu seus dias e noites como pôde, mas não conseguia evitar muitas perguntas e dúvidas incômodas. Ela sabia que devia ter mais confiança nele – e em si mesma –, mas às vezes não conseguia deixar de se perguntar se ele perdera o interesse por ela.

- Estava começando a me indagar se ia voltar a vê-lo – disse-lhe quando ficaram um diante do outro dentro da carruagem. Era um veículo caro, bem conservado, de estofamento macio e deliciosamente aquecido naquela noite gelada.

Ele parecia constrangido, e por um segundo ela se arrependeu do que dissera. Talvez devesse ter fingido que não se importava, sem deixar que ele soubesse que sentira a falta dele, mas já tinha idade suficiente para fazer coisas desse tipo. Se ele não queria vê-la ou desejava manter certa distância entre eles, isso era prerrogativa dele, mas ela preferia que lhe dissesse isso diretamente, poupando-a do embaraço de ir sendo deixada de lado aos poucos.

Sua fisionomia permanecia impassível.

- Pensei que você podia precisar de algum tempo sozinha depois do que houve na noite de Natal.

Talvez bastasse um dia para pensar naquilo, mas ele a ignorara por cinco dias. Sua desculpa era muito frágil.

- Como lhe ocorreu isso?

Os olhos dele estavam bem escuros e inescrutáveis devido à pouca luminosidade.

- Porque eu mesmo precisava desse tempo.

- Oh! – O que mais ela podia dizer? Não esperava que ele fosse ser tão honesto. E o que ele queria dizer ao afirmar que precisara de tempo para ficar sozinho?

- Eu gosto de você, Moira.

Ela o encarou na luz bruxuleante, e ele devolveu o olhar. Do modo como falou, parecia que ele lhe contara um grande segredo.

- Também gosto de você, embora pensasse que isso devia ser uma coisa óbvia.

- Devia?

Com o rosto queimando, ela disse:

- Não costumo meter as mãos dentro da calça de homens de quem não gosto. – Ela nunca fizera isso, mas ele não precisava saber.

- E você me acusa de dizer coisas escandalosas – comentou ele, rindo.

Moira sorriu também; já não estava tão perturbada. Às vezes ficava muito à vontade em sua presença.

- Acho que você exerce má influência sobre mim.

O bom humor de Wynthrope parecia ter sumido diante dos olhos dela.

- Não duvido.

O humor dele estava tão estranho que ela começou a se sentir embaraçada. Será que ele estava querendo lhe dizer alguma coisa? Aquilo tudo parecia muito confuso. Exatamente quando ela acreditava que tudo corria bem entre eles, Wynthrope fazia alguma coisa que a levava a duvidar do que pensara.

- Você não quer me ver mais, Wynthrope? – Moira se firmou no assento quando a carruagem passou por uma depressão na rua. Ela esperava a resposta dele.

Sua risada dessa vez soou de modo mais áspero quando ele voltou o rosto na direção da janela. Já estava escuro, e Moira não tinha idéia do que ele estava vendo.

- Quero ver você todo o tempo.

Queria? Ela não sabia o que dizer. – Gosto do tempo que passamos juntos. – Que comentário mais sem graça!

Ele virou a cabeça e a olhou de um modo que parecia que ela não tinha idéia do que ele estava dizendo.

- É mesmo? Estes últimos dias têm sido vazios sem você. Diga-me, você pensou em mim? Olhando-o diretamente nos olhos, ela respondeu:

- A cada hora de cada dia quando estava acordada e também em meus sonhos.

Ele parecia muito satisfeito, e mesmo assim estava com pena de ela ter admitido isso. Voltou o olhar para outro lado e depois para ela novamente, com uma expressão séria e cansada.

- Moira, eu...

A carruagem parou, pois haviam chegado.

- Você o quê? – perguntou apressada. Queria ouvir sua resposta antes que abrissem a porta.

- Senti sua falta – disse ele sorrindo.

Não era bem o que ele queria ter dito, disso Moira tinha certeza, mas por ora estava bom. Era bom saber. Ela lhe retribuiu o sorriso.

- Senti saudade também.

A porta da carruagem se abriu, e Wynthrope saiu primeiro, dando a volta para ajudá-la a descer. Levantando um pouco a saia e a capa, Moira aceitou a mão dele e desceu os degraus. Ao olhar para cima, viu que estavam diante de um edifício elegante na King Street.

- Que lugar é este?

- O Éden – respondeu ele, colocando a mão dela em seu braço. – Seguramente você já esteve aqui, não?

Moira balançou a cabeça. Com certeza, já ouvira falar desse conhecido clube, mas nunca entrara lá, pois fora inaugurado durante seu período de luto pela morte de Anthony. – Seguramente você já esteve aqui, não?

Moira balançou a cabeça. Com certeza, já ouvira falar desse conhecido clube, mas nunca entrara lá, pois fora inaugurado durante seu período de luto pela morte de Anthony.

- Não, mas ouvi muitos comentários sobre ele, e há tempo que queria vir conhecê-lo.

- Estou contente por ter podido vir aqui com você em sua primeira vez. – Ele não a olhou enquanto falava. – Espero que ele satisfaça suas expectativas.

Quando subiram a escada, olhou-o com o canto dos olhos. Estava flertando com ela ou simplesmente sentia isso toda vez que ele dizia alguma coisa?

- A primeira vez sempre satisfaz as expectativas de alguém?

Sentiu que o braço dele se contraía sob sua mão. Pegara-o desprevenido.

- Minha querida Lady Aubourn, o que está querendo dizer?

- Não se faça de inocente, Wynthrope. – Era difícil não sorrir. – Isso não combina com você.

- Você está comigo – disse ele com um sorriso malicioso. – Quero ter certeza de que todos os seus sonhos se tornarão realidade.

Moira sentiu um forte arrepio na espinha. Se ele soubesse como ela queria materializar essa teoria...

- E se minhas expectativas não forem satisfeitas?

Ele parou diante da porta e fixou-a de tal modo que podia derreter até a sola de seus sapatos.

- Então terei de continuar tentando até que sejam. Agora pare de me olhar assim ou vou ter que rechear minha calça de neve.

Moira não sabia se ria ou se envia decia diante de suas palavras. A idéia de que ela pudesse provocar tal efeito nele era realmente um pensamento inebriante.

Dentro do clube, foram recebidos por um mordomo desajeitado, que pegou seus agasalhos e depois os levou para o salão de baile, onde estava sendo realizada a festa. O clube era de propriedade do Lord e Lady Angelwood, que administravam o negócio como sócios, muito a contragosto de grande parte dos aristocratas. No entanto, isso não impedia que boa fatia da sociedade o freqüentasse.

Essa noite o clube só recebia convidados. Wynthrope estava entre eles porque era um velho conhecido de Lord Angelwood e porque a amizade de Octavia com Lady Angelwood fazia que eles e os Ryland quase sempre se encontrassem em ocasiões sociais.

O salão de baile era enorme, com colunas e piso de mármore italiano cor de pêssego, que brilhava sob a luz dos lustres resplandecentes. Nas cadeiras alinhadas ao longo de uma das paredes as pessoas se acomodavam para conversar e apreciar a dança. Na parede da esquerda havia um conjunto de portas francesas que davam para outro aposento. Moira observou que ali estava um grupo de cavalheiros reunidos em torno de uma mesa de bebidas refrescantes, sem dúvida pegando um copo de ponche para suas damas.

Os músicos ficavam escondidos atrás de um biombo marfim e dourado, dando a impressão de que a música era mais produzida por uma magia do que tocada. Apenas alguns casais já estavam dançando, enquanto outros circulavam pelo salão.

Sim, para uma festa particular no meio do inverno, havia ali uma verdadeira multidão.

Moira estava percebendo os olhares dirigidos a eles enquanto caminhavam na direção do local onde Devlin e Blythe conversavam com outro casal. Nem Wynthrope nem ela costumavam ir a festas acompanhados. Essa falta de companhia era o que no passado a fazia alvo de comentários.

O que será que comentavam a respeito deles? Será que se perguntavam o que ele via nela?

Ou por que alguém como ela estava com um homem como ele? Pensariam que ser

relacionamento era puramente físico, ou duas ou três dessas pessoas teriam inteligência suficiente para imaginar que simplesmente gostavam um da companhia do outro?

Diriam que ela estava tão feliz de vê-lo de novo que poderia pular de alegria? Veriam como estava contente por ele ter sentido saudade dela? Bem-feito! Se não tivesse sido tão tolo, simplesmente teria ido vê-la, não tendo então motivo para sentir sua falta.

E por que ele precisara de cinco dias para pensar no que acontecera naquela noite? Nem ela ficara obcecada a esse ponto.

- Moira! – exclamou Blythe, abraçando-a carinhosamente. – Que bom vê-la de novo!

Moira também estava feliz por vê-la, mas achou meio exagerado o abraço da amiga.

- É muito bom ver um rosto amigo – disse Moira depois que Blythe a soltou. – Não conheço a maioria dos convidados.

- Podemos resolver isso. – Tomando-a pela mão, Blythe se desculpou com os homens e se afastou, arrastando Moira atrás de si. Não havia como não segui-la. Se ela fincasse os pés no chão e se agarrasse em alguém próximo, nem assim conseguiria conter a força de Blythe.

Durante os vinte minutos seguintes Moira foi apresentada a Lilith, à própria Lady Angelwood e a suas amigas, Lady Braven e Lady Wolfram. Gostou muito de todas elas e aceitou o convite para qualquer tarde tomar chá com as três.

Em seguida, Blythe a apresentou ao visconde Praed, um homem de negócios chamado Dunlop e sua encantadora esposa e várias outras pessoas cujos nomes ela nunca ia conseguir guardar. Em sua cabeça só havia rostos sem nome, pessoas que ela esperava ver novamente e com sorte lembrar.

- Oh, não! – Blythe murmurou quando três senhoras se aproximavam delas. – Moira, sinto muito, mas não creio que possamos evitá-las.

Moira arqueou as sobrancelhas, surpresa. Quem seriam aquelas três senhoras que faziam uma mulher como Blythe se sentir acuada?

Eram as Ladies Dumont, Pennington e Brightstone.

- Lady Brightstone é uma notória fofoqueira – Blythe cochichou enquanto a mulher se aproximava. – Pennington é uma víbora. Tentou arruinar a vida de Varya quando ela chegou a Londres. E Dumont... – a expressão de Blythe ficou quase simpática. – Lady Dumont é uma antiga amiga de Wynthrope.

- Oh! – Moira sentiu um calor que a fez corar. Sabia exatamente o que Blythe quisera dizer com “antiga amiga de Wynthrope”. Também sabia que se aquela senhora ainda sentisse algo por ele, poderia encarar Moira como um rival.

As mulheres já estavam quase junto delas, e não havia como fugir. Eram com harpias atacando vítimas indefesas. Usavam trajes elegantes, muito na moda, penas no cabelo e pesada maquiagem. Pareciam mais bonecas do que mulheres de verdade.

- Lady Blythe! – cumprimentou-a a mulher mais velha. – Oh, espere, agora é apenas Mrs. Ryland, não é mesmo?

O sorriso de Blythe estava tão sereno quanto o de um anjo.

- Lady Ryland, na verdade, Lady Pennington. Meu marido foi nomeado cavaleiro, a senhora deve se lembrar.

- Oh, sim. – A roliça mulher voltou-se então para Moira. – E esta deve ser Lady Aubourn.

Blythe as apresentou, e Moira fez o que pôde para ser cordial com cada uma das mulheres, ainda que a também robusta Lady Dumont a olhasse como se quisesse lhe arrancar os olhos. Era rivalidade mesmo, embora Moira não considerasse a corpulenta mulher uma rival. Sim, tinha uma figura lasciva, mas havia nela uma aura de vulgaridade que não manteria o interesse de Wynthrope por muito tempo. Moira sabia disso.

- Veio para cá esta noite acompanhada de Wynthrope Ryland, Lady Aubourn? – perguntou Lady Pennington.

Elas não perdiam tempo para chegar aonde queriam. Moira se manteve tão impassível quanto pôde.

- Sim, vim.

Os olhos estreitos de Lady Pennington brilharam.

- Ele é um homem muito atraente.

Moira assentiu e disse:

- Creio que a maioria das mulheres concordaria com a senhora. – Ela não ia morder a isca. Não mesmo.

Aparentemente, Lady Pennington estava esperando o contrário.

- Ele é realmente um extraordinário espécime masculino.

Lady Brightstone lançou-lhe um olhar intrigado.

- A senhora fala dele como se estivesse se referindo a um inseto ou um animal.

Lady Dumont sorriu para as companheiras.

- Bem, ele é bem equipado como um cavalo.

Deus! Será que elas haviam orquestrado toda aquela conversa apenas para essa única observação? Moira fez uma careta. Até ela sabia que Lady Dumont estava exagerando.

- Isso é ridículo. Nenhum homem poderia jamais ser desse tamanho. – Nossa, dissera aquilo alto?

As outras mulheres também se surpreenderam com o comentário, especialmente Blythe, que tentava esconder o riso com a mão.

Lady Dumont olhava-a de modo estranho.

- Eu lhe garanto, Lady Aubourn. Sei tudo sobre o equipamento de Wynthrope Ryland.

A mulher estava tentando ridicularizá-la de propósito, procurando fazê-la de boba – tentando deixá-la com ciúme. Moira endireitou o corpo, sabendo que Blythe, atrás dela, estava igualmente incomodada com aquilo.

- E garanto à senhora, Lady Dumont, que sei que ele não é como um garanhão. Talvez não conheça o equipamento dele como acredita.

Oh, se de algum modo ela tivesse podido capturar esse momento! As quatro mulheres encaravam-na de olhos arregalados e boca aberta. Embora Blythe estivesse positivamente impressionada, as outras três estavam estarecidas. Jamais esperariam nem por um momento

que ela, a empertigada e respeitável viscondessa, pudesse ser tão escandalosa. Realmente, Wynthrope Ryland exercia má influência sobre ela.

- Agora, se as senhoras me desculparem, acho que preciso de um pouco de ar.

Não se afastara muito quando Blythe a alcançou.

- Foi hilariante. Você é minha nova favorita.

Parando, Moira lançou-lhe um olhar hesitante. Toda a raiva e bravata haviam desaparecido.

- O que você acha que Wynthrope vai dizer quando ouvir isso tudo? – E ele ia ouvir, disso ela estava certa.

Blythe fez com a mão um gesto que significava que aquilo não tinha importância.

- Ele vai rir, principalmente com o que você disse em resposta.

Oh, sim, sem dúvida ia ficar encantado por ela ter dito a uma das maiores fofoqueiras de Londres que ele não era incrivelmente bem-do-tado. Os homens adoram esse tipo de coisa.

- Você está aborrecida com o que houve, não está? – A expressão de Blythe era de completa simpatia. Se Moira já gostava dela antes disso, agora a adorava.

Moira assentiu.

- Não estou acostumada com essas coisas. Acho que fiquei reclusa por muito tempo. – Ela passara muitos anos sendo uma viscondessa perfeita, e arruinar isso agora dizendo algo tão abjeto e escandaloso a fazia sentir-se como se estivesse de algum modo manchando o nome de Tony. E também o seu.

A ruiva alta lhe dirigiu um sorriso reconfortante.

- Você se manteve firme. Não deixe que elas estraguem sua noite.

Moira aproximou-se de Blythe e pressionou seu braço em agradecimento.

- Não vou deixar, mas vou ver se encontro algum lugar onde possa ficar sozinha por um momento. Você me dá licença?

- Claro! Vou lhe dizer onde pode ter alguma privacidade.

Seguindo as instruções de Blythe, Moira deixou o salão de baile por uma porta lateral e se encontrou num corredor fracamente iluminado. Caminhou até a segunda porta à direita e entrou.

Não havia lâmpada acesa no aposento, mas as cortinas estavam abertas, permitindo que a lua e a iluminação de fora lançassem um brilho prateado ao longo das paredes pintadas num tom suave e no carpete decorado com elegância. Moira cruzou a sala, passou ao lado de uma mesa baixa e um sofá, chegou à janela e encostou a testa no vidro frio.

Por que descera ao nível de Lady Dumont? Por que abrira a boca? Não podia ter sido como uma daquelas damas elegantes, distantes, que não deixavam que as atingissem? Em vez disso, agira como se tivesse a idade de Minnie.

- O que foi isso que ouvi sobre você contestar minha masculinidade?

Deus do céu! Ele já ouvira? Como teria feito para encontrá-la? E por que não ouvira a porta sendo aberta? Aquele homem era um fantasma silencioso.

- Não pude evitar – disse Moira, sem nem se virar.

- Não pôde evitar? – O tom de incredulidade de Wynthrope soava mais alto à medida que ele se aproximava. – Não podia ter dito alguma coisa um pouco mais lisonjeira?

Moira, de cenho fechado, voltou-se para olhá-lo.

- Como o quê? Que você é equipado como um garanhão?

- Pelo menos um touro. Um carneiro, talvez – disse, sorrindo.

Quando Moira percebeu que ele não estava zangado com ela, a tensão em seus ombros desapareceu. De fato, ele parecia estar se divertindo, como Blythe dissera que aconteceria.

- Sinto muito.

- E está com ciúme. Não esqueça o ciúme – disse ele com um sorriso convencido.

- Não estou – insistiu ela, e fez outra careta.

Ele chegou mais perto, tão perto que ela podia sentir o calor de sua pele e o suave perfume de seu sabonete.

- É claro que está. Ela não teria nem chegado perto de alfinetá-la, se você não se sentisse ameaçada por ela.

- Não me sinto ameaçada por aquele enorme peito de pombo – insistiu ela com veemência, acrescentando: - E aquela não é a verdadeira cor de seu cabelo.

- Sei – ele respondeu, rindo mais.

- Como... – Então se deu conta do que dissera, e seu rosto ficou afogueado. Ele havia dormido na cama dela, é claro que sabia qual era a cor natural de seu cabelo.

Era provável que soubesse todo o tipo de segredos íntimos sobre Lady Dumont.

- Então foi com ela que você passou os últimos cinco dias? – Oh, Deus! Talvez estivesse mesmo com ciúme.

De repente, Wynthrope ficou completamente sério. Tomou-a pelos ombros e disse:

- Desde que a conheci, não há outra mulher. E creio que nunca mais haverá. Nenhuma que se compare a minha rainha preta.

Moira abriu a boca para responder, para dizer que aquela fora a coisa mais doce que já ouvira, mas não teve chance, porque ele a cobriu com seus lábios e a beijou. E continuou beijando-a até ela sentir que seus ossos pareciam ter virado uma pasta e se esquecer de onde estava.

De repente, os últimos cinco dias não mais importavam. Ele sentira falta dela, e ela aparentemente o arruinara perante todas as outras mulheres. Alguém poderia pedir mais?

O novo ano de 1819 não ia longe, quando Wynthrope decidiu que já dividira Moira com os outros por tempo suficiente. O bom senso lhe dizia que não devia ficar sozinho com ela, para não tornar as coisas ainda mais difíceis. E ele ainda não pensara em como seria mais tarde. Essa noite, só conseguia pensar no *agora*. Queria aproveitar todo o tempo que passasse com ela, qualquer que fosse sua duração. Queria desfrutá-la, porque era verdade que nunca encontraria outra mulher como sua rainha preta.

- Aproveitou a noite? – perguntou a Moira na carruagem, quando estavam voltando para casa.

- Sim, obrigada, e você? – Sentada diante dele, sua cabeça balançava de um lado para outro.

- À parte os gracejos sobre minhas partes pudendas, aproveitei, sim – disse ele sorrindo.

- Sinto muito por aquilo – disse ela dando uma risadinha estranha.

- Estou vendo.

De repente, ela se levantou e praticamente se atirou sobre ele. Tropeçando na capa, teve sorte de desabar bem no colo dele. Só sua rapidez de reflexos evitou que caísse no tapete.

Ela voltou a rir enquanto se ajeitava sobre as pernas dele.

- Tomei muito champanhe esta noite.

Esse provavelmente ia ser o subentendido desse novo ano.

- Verdade?

- Sim. – Seus olhos estavam brilhantes e ligeiramente fora de foco sob aquela luz. – Você é um notável espécime masculino, sabe disso.

Wynthrope, mordendo a língua para não rir, simplesmente assentiu.

- É verdade. Embora não tão notável como um garanhão.

- Por que você ia querer ser um garanhão? Não há em todo o mundo nenhuma mulher que fosse querer fazer amor com um cavalo.

Deus! Mas ela era realmente ingênua em algumas coisas.

- Que tal um touro ou um carneiro?

Ela franziu o nariz e se contorceu no colo dele. Mesmo embriagada, ainda podia excitá-lo mais do que qualquer mulher já o fizera.

- Nem com esses. Por que você ia querer se comparar com esses animais?

- Porque todo homem quer pensar que tem uma masculinidade enorme, que seu membro é o maior que sua mulher já viu.

Essa era uma verdade universal, mas Moira fez pouco caso dela como se fosse, uma bobagem. Talvez até fosse mas isso não mudava o fato de que, quando eles fossem fazer amor, ele quisesse ser o melhor amante – o maior amante – que ela já vira.

- Masculinidade – ela repetiu. – Soa como uma espécie de instrumento.

- Suponho que seja, de certo modo.

Ela se recostou em seu peito, e seu peso exercia sobre ele uma suave, deliciosa pressão.

- Por que é tão importante que uma mulher pense que você é grande?

Seu marido não lhe ensinara nada? Apesar de tudo o que ouvira a respeito de Anthony Tyndale ser um homem maravilhoso, bom marido não devia ter sido – não do modo que Wynthrope achava que devesse ser.

- Porque boa parte da confiança de um homem está entre suas pernas.

Moira tinha as pálpebras pesadas por causa da bebida.

- Isso é ridículo! As mulheres julgam os homens por seu caráter e não por seus dotes físicos.

Ela obviamente ignorava a existência de algumas das mulheres que ele conhecia, o que provavelmente era uma boa coisa.

- Nós mesmos quase sempre nos julgamos por nossos dotes. – Sim, era uma tolice, mas todos os homens tarde ou cedo se perguntavam se seu “equipamento” estava pronto para funcionar a qualquer momento.

Ela pôs os braços em volta do pescoço dele.

- Bem, vou julgá-lo baseada em seu caráter.

Ele sentiu seu suave perfume e foi invadido por um desejo agudo e desesperado.

- Em meu caráter, não.

Moira pressionou o corpo contra o dele.

- Devo julgar você baseada em alguma outra coisa?

O tom de voz dela fez seu coração disparar. Como Moira se transformara desde a primeira vez que se haviam encontrado! Às vezes ficava divertida, tão aberta e maravilhosamente sensual!

Wynthrope passou as costas da mão pelo seu rosto. Ela era tão suave, tão linda!

- Também, não.

Ela se afastou um pouco e olhou-o com uma expressão tão séria quanto permitiam seus olhos quase sem foco.

- Com base em que devo julgá-lo, então?

- Beijos – sugeriu ele, lançando mão da primeira coisa que lhe veio à mente. – Julgue-me por meus beijos.

- Gosto disso. Gosto de seus beijos – disse, sorrindo.

Ele passou a mão pela suave curva de seu quadril.

- Também gosto de beijar você.

Moira abaixou a cabeça.

- Beije-me agora.

Wynthrope não precisava de nenhum estímulo. Ali, na penumbra, ele levantou o rosto para que sua boca buscasse os lábios dele. Eles tinham sabor de champanhe com um leve toque de sanduíche de pepino. Ante a combinação, sorriu intimamente. Comeria muito aquela noite, mas talvez ele não devesse julgá-la por seu apetite.

Parecia que tinha engordado um pouquinho, o que ele apreciou. Não havia por que ela ser tão magra, para se ajustar a uma espécie de tipo ideal que alguém definira para ela. Mas mesmo que ela permanecesse magra, ele ainda a adoraria. Moira era perfeita como estava, e qualquer que fosse sua aparência, ainda seria perfeita para ele.

Ela interrompeu o beijo e encarou-o de olhos bem abertos.

- Vamos fazer amor.

- O quê? – perguntou ele, estarrecido. Oh, céus! Não podia ter ouvido direito.

- Vamos fazer amor – ela repetiu.

- Aqui? – A voz dele estava realmente alterada.

Ela deu de ombros.

- Aqui, em minha casa, não importa – disse, pressionando seu corpo contra o dele.

Santo Deus, ela devia estar mais embriagada do que ele pensava.

- Aqui não.

- Em minha casa, então. – Mexeu-se para beijá-lo de novo.

Ele a fez parar, segurando-a pelos ombros a certa distância.

- Lá também não.

- Por que não? – ela insistia em saber.

O momento era tão absurdo, que ele desatou a rir. Era fazer isso ou chorar. Tinha diante de si a mulher que queria implorando que as possuísse, e ele se recusando a atendê-la.

- Porque você está alcoolizada, essa é a razão. “E porque não estou certo de que posso fazer amor com você agora e mais tarde causar-lhe mal”, pensou ele. E ia fazer isso, ao roubar sua tiara.

- Você não me quer? – Tudo nela denunciava sua mágoa: a expressão, a voz queixosa.

Wynthrope sentiu que a ferida em seu coração ficava maior. Nesse passo, não demoraria a se partir em dois.

- Mais do que você jamais saberá.

- Então me ame. – Mexia os quadris, comprimindo-se contra seu membro dolorido. – Também quero você.

Ele reprimiu um gemido. Deus, com certeza esse gesto nobre o livraria das profundezas do inferno, quando chegasse a sua hora.

- Você está muito embriagada para saber o que quer. Confie em mim; você iria se arrepender quando ficasse sóbria.

- Não vou me arrepender. – Ela estava tão desafiadora, tão segura!

- Vai, sim. – Agora estavam discutindo. Podia haver algo mais ridículo? Já não era suficientemente ruim ele estar negando a si mesmo a única coisa que há muito tempo queria? Que diabo, ele havia lhe dito algumas semanas antes que tencionava ir para a cama com ela, e agora que Moira estava se oferecendo a ele, não podia fazer isso.

Algum dia ela ia se arrepender de tê-lo conhecido, e ele não queria agravar isso. Sua consciência não permitiria tal coisa.

A razão deve ter rompido o nevoeiro da embriaguez. Ou isso ou ela vira que não havia como convencê-lo. Escorregou de seu colo para o assento ao lado dele.

- Se eu estivesse sóbria, você concordaria?

Ele sorriu quando ela descansou a cabeça em seu ombro.

- Na mesma hora.

Ela bocejou e disse:

- Bom. Estava preocupada por achar que você havia perdido o interesse por mim.

Wynthrope engoliu em seco, com um nó na garganta.

- Nunca.

Sua única resposta foi um contido *hummm*. Poucos minutos mais tarde, pararam diante da casa de Moira, e Wynthrope carregou-a, ressonando, para dentro, colocou-a no sofá da sala de visitas e cobriu-a com um cobertor. Não teve confiança em si mesmo para levá-la até o quarto. Se ela acordasse e lhe pedisse novamente para fazer amor com ela, achava que não seria capaz de resistir. Afinal, era humano.

Wynthrope se sentia cansado e mais confuso do que já estava, quando chegou a sua casa. Ele podia reclamar da injustiça de sua vida, mas de alguma maneira não a achava injusta. De todo modo, parecia certo que, depois de todas as coisas terríveis que fizera, lhe fosse negado algo doce e bom.

Jesus, North estava certo! Ele estava parecendo Devlin. Poderia ser pior. Poderia estar parecendo Brahm, e então saberia que estava numa verdadeira enrascada.

Entrou no apartamento e fechou a porta com o pé. Não se preocupou em acender uma luz quando pôs a chave no lugar, mas foi logo tirando o casaco e começou a desfazer o nó da gravata. Dispensara o criado nessa noite, por ser época de festas.

Estava desabotoando o colete quando percebeu que não estava sozinho.

- Boa noite, rapaz! – Daniels levantou-se da cadeira em que estava sentado, no escuro, e foi para a claridade produzida pela luz da lua que atravessava as janelas.

- Maldição! Quando vai parar de rastejar para dentro de minha casa! – Com um suspiro de frustração, Wynthrope atirou o casaco e a gravata numa cadeira. A última coisa de que precisava essa noite era ter Daniels no seu pé.

- Espero que tenha ido atrás da minha joiazinha.

Wynthrope passou a mão pelo rosto. Estava muito cansado e tudo o que queria era cair na cama e puxar a coberta para cima da cabeça.

- Ainda não descobri onde ela a guarda.

O homem mais velho se moveu furtivamente, diminuindo a distância entre eles.

- Então por que não está lá agora, arrancando essa resposta dela?

Daniels era assim grosseiro quando Wynthrope gostava dele? Ou era só uma fachada, e ele achava que o outro se comportava como um pai? Sem dúvida ele vira o que quisera ver nesse crápula, não o que ele era na verdade.

- Vou consegui-la.

Daniels levantou um dedo no rosto dele.

- É melhor, mesmo. Tenho sido paciente por causa de nosso antigo relacionamento, mas não vou esperar muito tempo mais. Ou você chega à maldita tiara por si mesmo ou vou fazer você consegui-la.

Lançou a bravata antes que Wynthrope pudesse fazê-lo parar. Empurrou o dedo de Daniels para o lado.

- Exatamente como você pretende fazer isso?

O velho sorriu, e seu rosto era o de um doce homem de idade com alma de demônio.

- Seria uma vergonha se nada acontecesse com um daqueles seus irmãos ou uma de suas mulheres.

O sangue de Wynthrope gelou em suas veias.

- Você não faria isso.

Daniels sacudiu os ombros caídos.

- Talvez fizesse, talvez não fizesse. Quem sabe nada irá acontecer com eles afinal. Andei ouvindo histórias sobre você e Lady Aubourn. Tenho observado quanto tempo você passa na casa dela. Você achou que eu não ia notar? Achou que eu não ia somar dois e dois e entender que havia ali algo mais do que em uma de suas meras investidas? Se um pequeno acidente acontecesse com ela, você só teria a si mesmo para culpar.

Wynthrope sentiu um arrepio na espinha.

- É claro que seria mais fácil para você roubar a tiara se ela estivesse fora do caminho. Talvez esse seja o caminho a seguir. O que acha?

De dentes cerrados, Wynthrope lutava para se controlar, apesar do impulso de acabar com o sujeito que assaltava seu peito.

- Acho que é melhor você deixar Lady Aubourn fora disso.

De novo, o outro deu aquele maldito sorriso pretensamente charmoso.

- Mas, garoto, então você seria responsável. Se você fizer exatamente o que quero, ninguém será ferido, mas se agir de modo contrário alguém vai sangrar, e uma mulher de aparência frágil como a viscondessa está sujeita a se machucar facilmente.

O pouco controle de Wynthrope se esgotou. Desferiu um soco no queixo do velho, lançando-o de volta ao sofá. Agarrando-o pelas lapelas, levantou-o e armou o punho para outro soco.

Daniels olhou para ele, com o sangue escorrendo do canto da boca. Alguma coisa em sua expressão fez Wynthrope parar, impedindo-o de chegar mais perto. Então sentiu alguma coisa cutucando-o de encontro às costelas. Não precisou olhar para baixo para ver o que era.

Daniels puxara uma faca para ele. Provavelmente era a mesma faca que Wynthrope o vira usando para ameaçar outras pessoas anos atrás. Era uma linda lâmina espanhola, de cabo de marfim e suficientemente afiada para cortar um homem em tiras com nada mais que um ligeiro girar do pulso.

Abriu o punho devagar, soltando Daniels. O velho não se moveu, mas olhava Wynthrope com uma expressão que era puro veneno. Ali estava o verdadeiro Daniels. E pensar que ele já tivera consideração por esse homem, que quisera estimulá-lo. Seu verdadeiro pai teria sido um mentor melhor do que ele.

- Nunca mais faça uma coisa tão estúpida de novo, rapaz. – A voz de Daniels soava tão pesada e venenosa como sua expressão. – A menos que queira ser ferido – disse encarando-o.

- Não me importo com o que faça comigo – respondeu Wynthrope, fixando nele o olhar.

Daniels deu um sorriso irônico.

- Sei, mas se importa com seus irmãos e a linda viúva. Conheço você, garoto. Sei que você não vai querer arruiná-los nem ter o sangue deles em suas mãos. Você vai sentir isso de modo muito profundo.

Wynthrope não respondeu. Nem precisava fazê-lo. Daniels já conhecia a verdade. Agora já sabia o que Moira significava para ele, tudo porque não conseguira se controlar. Que raios havia de errado com ele, batendo no outro daquele jeito?

- Então, agora vai fazer o que lhe disse ou precisa que eu seja um pouco mais convincente?

Ser convincente para Daniels geralmente envolvia algo doloroso e pessoal. Nesse caso, não se trataria de dor física. Ele queria atingir Wynthrope por intermédio das pessoas que ele amava. Nem seria preciso que fosse necessariamente alguém da família. Podia ser um amigo. Podia ser uma amante.

Seria Moira.

Engolindo a bile e o orgulho, Wynthrope levantou o queixo.

- Vou conseguir a tiara para você.

Se Daniels notou que ele não concordava com o que lhe havia dito, não o revelou.

Simplesmente sorriu.

- É isso aí, garoto. Sabia que você ia recuperar a razão. Quando?

- Tenho que descobrir onde ela a guarda – disse Wynthrope dando de ombros.

O velho levantou a faca, apontando-a diretamente para sua garganta. Wynthrope não se mexeu nem se esquivou. Daniels não ia feri-lo – precisava muitíssimo dele. Podia ter sido alguma coisa em outros tempos, mas agora era apenas um homem velho, e não havia como pudesse entrar ele mesmo na casa de Moira e encontrar a tiara sem ser apanhado. Wynthrope sabia disso, e Daniels também.

- Você tem até o Dia de Reis. Quanto mais você me faz esperar, mais impaciente fico, e você sabe como sou quando perco a paciência.

A resposta de Wynthrope foi um leve piscar de olhos. Sim, ele sabia como Daniels ficava.

Tinha de encontrar a tiara logo ou o velhote cumpriria sua ameaça e começaria a ferir as pessoas.

- Já disse que a conseguirei.

Abaixando a faca, Daniels afastou-se.

- Bom. Então estamos entendidos. – Guardou a faca na bainha e a pôs no bolso. – Entrarei em contato em alguns dias. Não me desaponte, Wynn timer.

Em silêncio, Wynthrope olhou-o sair. Só então ele permitiu que seus ombros se relaxassem.

Foi até a porta e fechou-a novamente, resistindo à tentação de pôr também uma mesa diante dela. Daniels não voltaria, não naquela noite.

Foi até o quarto, tirou a roupa e se meteu na cama com um suspiro. Deitado de lado, dobrou os joelhos na direção das costelas e ficou olhando para a noite através da janela. Fechando os olhos, recusou-se a pensar em Daniels e suas ameaças. Em vez disso, resolveu pensar em coisas prazerosas.

Pensou em Moira, em seu sorriso, sua graça. Pensava em como, com tão pouco álcool, se tornara completamente impudica, e quando sua garganta se fechou e os olhos começaram a arder, ele continuou pensando nela. Pensou nela até sentir o rosto úmido por causa das lágrimas que escorriam de seus olhos, e então parou.

Como Wynthrope não chorava desde menino, ia ficar danado se fizesse isso agora, só porque se sentia um garoto.

Capítulo dez



Dia de Reis chegou para Wynthrope, tão cedo e mal recebido como uma nuvem CE

tempestade num piquenique de primavera.

Ele estava vestido de modo apropriado para o funeral de um amigo – com cuidado e grande consideração, como se a roupa fizesse alguma diferença. As calças estavam no comprimento e caimento perfeitos. A camisa e a gravata eram brancas como a neve. O colete, num tom de marfim impecável, mas permitindo liberdade de movimento. Ao menos se vestiria como um perfeito cavalheiro, embora na verdade estivesse longe disso.

Ao avaliar sua aparência no espelho pela terceira vez, sentiu-se como se estivesse indo para sua execução, embora não fosse o único que sofreria se não entregasse a tiara para Daniels pela manhã.

Wynthrope passara boa parte dos últimos dias com Moira. Em todas as oportunidades que tivera havia procurado o cofre, mas nada encontrara. Com cuidado, fizera-lhe muitas perguntas, sem obter nenhuma resposta satisfatória. Talvez não lhe tivesse feito as perguntas certas. Talvez uma parte dele tivesse propositalmente sabotando sua pérfida ação apenas para postergar o inevitável.

Aquela era a noite e a última noite que passaria com ela. Havia decidido, em algum momento do novo ano, que não podia enganá-la e continuar a vê-la. Por mais que quisesse prosseguir com seu relacionamento, não conseguia permitir que ele crescesse baseado numa mentira. Era uma decisão que apenas uma parte dele amaldiçoava, porque outro lado seu queria tanto estar com ela, que não se importava que tivesse de seguir mentindo. Esse lado não via problema nisso. Afinal, Moira nunca ia saber que era ele o culpado.

Nunca saberia que era ele o homem que havia roubado um presente de valor incalculável que ela ganhara do falecido marido. Ele podia não ter descoberto onde Moira guardava a maldita peça, mas sabia tudo o mais a respeito dela – como o fato de que raramente usava a tiara, por temer que algo pudesse acontecer. Ou pelo menos era essa a sua impressão.

Não fosse o fato de que Daniels podia ferir North ou Dev, ou a própria Moira, mandaria tudo para o inferno. Mas o velho sabia exatamente como atingi-lo, que fazer ameaças a alguém a quem Wynthrope amava era a única maneira de controlá-lo. O velho canalha seguiria com suas ameaças, só para manter Wynthrope sob seu domínio.

- Esta noite nos superamos, senhor Ryland – disse o criado com certo orgulho.

Wynthrope não conseguiu dar nem meio sorriso.

- Realmente. Tire o resto da noite para você, Charles. Não vou precisar de seus serviços.

O criado não fez nenhuma pergunta, apenas anuiu, disse boa-noite e saiu, deixando Wynthrope sozinho com sua consciência enquanto vestia o sobretudo. Era preto também, como o chapéu, as luvas e os sapatos. Não diferia em nada da roupa que usava em qualquer noite de festa, mas nesse momento ele se sentia mais como um agente funerário.

Ao sair do edifício, sua carruagem já o esperava lá fora. A noite fria cheirava a neve, cavalo e cidade. O calçamento sob seus pés ainda estava seco, mas aquelas nuvens pesadas acima de sua cabeça prometiam trazer uma tempestade antes da manhã. Se é que queria entrar na casa de Moira, teria de fazer isso antes que a neve caísse. Não deixaria pistas de nenhum tipo para o pessoal da Bow Street seguir.

Subiu à carruagem e bateu com os nós dos dedos no teto, para indicar ao cocheiro que podiam partir. Que pena não ser um bêbado incorrigível como seu pai e Brahm. Adoraria esquecer-se de si mesmo diante de uma garrafa, mas quanto mais covarde queria ser, menos o conseguia. Ou melhor, sua família e Moira não deixariam que fosse.

Era hora de enfrentar as conseqüências do passado.

Que idiota tinha sido! Jovem e cheio de ilusões, aceitara a oferta de Daniels de servir à pátria durante a guerra com Napoleão. Nunca lhe ocorrera investigar Daniels, ir a algum setor público ou fazer perguntas sobre o assunto. Se tivesse procurado North, tudo isso poderia ter sido evitado, mas acreditara em Daniels quando o irlandês lhe disse que todo aquele sigilo era necessário para a segurança da Inglaterra. Isso, em si, era uma confirmação de quão imaturo ele fora, mas não era desculpa para sua estupidez.

Se não tivesse crescido à sombra de Brahm, o herdeiro, poderia não ter feito isso. Se sentisse que o pai lhe queria do mesmo modo como tão obviamente queria a North, talvez não tivesse caído no logro de Daniels. Mas a verdade é que ele queria tão desesperadamente provar a si mesmo que tinha tanto valor quanto Brahm, o futuro visconde, e North, o destemido detetive da Bow Street, que cometera o maior erro de sua vida aliando-se a Daniels.

Não, o maior erro de sua vida fora corresponder ao olhar que Moira fixara nele aquele dia, muito tempo atrás. Não devia ter prestado nenhuma atenção nela. Se tivesse agido assim, não estaria preocupado com ela agora. Certamente ainda seria sua pretensa vítima e talvez ele estivesse mesmo tentando seduzi-la para conseguir a tiara, mas não se preocuparia com ela, porque nunca a teria conhecido. O charme de Moira – seu encanto, sua verdadeira essência – era como um vinho fino. Para sentir seu buquê, o processo exige trabalho e paciência e certo grau de concentração. Para apreciar Moira, era preciso que se dispusesse de tempo para conhecê-la. E essa tinha sido sua loucura.

Porque, como ocorre com qualquer vinho fino, quanto mais ele tinha Moira, mais a queria.

Não havia por que ficar obcecado com esse problema por mais tempo. Quanto mais pensava nisso, pior se sentia. Ele ia tirar proveito dessa noite – sua última noite –, e depois se afastaria dela. Não subitamente, é claro – o que poderia causar suspeita. Teria de esperar pelo menos uns poucos dias até que as notícias do roubo desaparecessem, e então terminaria o relacionamento. Teria de arranjar outra mulher. Lady Dumont ainda estava interessada. Talvez devesse circular com ela por algum tempo, até que Moira se convencesse de que ele era um safado sem coração, e então voltaria a ficar sozinho.

Ele odiava ficar sozinho. Preferia qualquer companhia à sua própria.

Sentiu quase um alívio quando a carruagem parou. Chegar à festa o fez lembrar que estava a um passo de trair Moira, mas pelo menos também lhe proporcionaria alguma distração. Havia algum conforto – embora em dose mínima – em saber que aquilo terminaria logo.

Ao descer da carruagem, pôs o chapéu e lentamente subiu os degraus diante da porta central da mansão elisabetana. Percebeu, ao bater na porta, que outra carruagem estava chegando.

A festa dessa noite era na casa de Leander Tyndale, o novo visconde Aubourn. Por ser solteiro, a anfitriã era sua irmã Annabelle. Receberam Wynthroe sorridentes e muito cordiais, inclusive para sua surpresa, já que não mantinha amizade com nenhum deles. Talvez fossem mais chegados a Moira do que ele acreditava. Não via outra razão para esse convite.

O salão de baile estava todo iluminado, e os pingentes de cristal dos lustres produziam minúsculos arco-íris por todo o aposento. Pessoas ilustres conversavam e dançavam, exibindo as jóias brilhantes. Riso e música enchiam seus ouvidos, e seu olfato se inundava de perfume.

Queria virar-se e sair – não só dessa festa, mas da Inglaterra. Por apenas um instante, permitiu-se alimentar a idéia de fugir.

Então a viu. Claro que a vira. Seus olhos se recusavam a ver qualquer outra pessoa, desde aquela noite em que ela lhe havia dito que deixasse sua irmã em paz. Céus! Como podia sequer pensar que ele se interessaria por Minerva quando ela estava ali?

Estava acompanhada de Octavia e uma de suas novas amigas, a condessa Angelwood.

Ambas eram mulheres atraentes, mas perto de Moira, mal eram notadas. Ela ria de alguma coisa que Octavia dissera, com os lábios docemente entreabertos enquanto seus olhos multicoloridos brilhavam.

Usava um vestido cor de ameixa que deixava à mostra o pescoço e o colo delicados. A cor de seu vestido não se comparava à cor natural de vinho de seus belos lábios, curvados num amplo sorriso. Os diamantes em suas orelhas e pescoço eram baços perto do brilho de seus olhos. Ela o transformara num maldito poeta, e ele nem conseguia se aborrecer com isso.

Sua vontade era ir para junto dela, talvez convidá-la para dançar, ou cair a seus pés e confessar-lhe tudo. Passaria satisfeito pó qualquer humilhação, se isso significasse que ela e seus irmãos estariam a salvo, mas o destino não era assim. A idéia de Daniels causar dano a Moira era ainda muito pior do que ter ele mesmo de feri-la.

Mas não foi ao encontro dela. Em vez disso, encaminhou-se para onde estavam seus irmãos, North, Devlin e Brahm, em pé bem à sua direita.

O fato de escolher Brahm como companhia era um claro sinal de quanto ele queria evitar Moira. Na verdade, estava surpreso de que o irmão tivesse sido convidado. A maior parte da sociedade evitava seu irmão mais velho, e por uma boa razão. Brahm podia estar sóbrio agora, mas houve um tempo em que ele era um tipo de bêbado que não estragava apenas as festas. Arruinava também a vida e a reputação de muita gente.

- Boa noite – disse Wynthroe alegremente ao se juntar a eles.

Os três olharam para ele. Seu rosto estava diferente, mas a expressão dos três era a mesma. Sabiam que alguma coisa o inquietava.

Brahm nada disse, mas Devlin respondeu:

- Boa noite, Wyn.

- Moira está aqui. Por que não está com ela? – disse North.

Wynthrope procurou fazer cara de inocente.

- Achei que podia parar e cumprimentar meus irmãos primeiro. Afinal, ia mesmo ter de passar por vocês.

Felizmente, isso pareceu apaziguar a curiosidade do irmão, e Wynthrope não podia nem suspirar de alívio. Não se atrevia a fazer nada que pudesse despertar suspeita em North. A única coisa que não queria essa noite era um ex-detetive da Bow Street de olho nele, especialmente um que conhecesse seu passado. Quando fosse revelado que Moira fora roubada, North imediatamente iria procurá-lo. Ele não compartilhava a ingênua confiança que Moira depositava nele. North não ia achar que ele era culpado, mas o investigador que havia nele não ia ignorar a evidência – ou sua intuição.

- Agora que cumpri com meus deveres familiares, acho que vou cumprimentar a dama. Ela é muito mais bonita que vocês. – O comentário casual vinha por aquela parte dele que era usada como uma roupa em situações sociais, com a qual Devlin e North já estavam acostumados.

Brahm, por sua vez, não parecia estar completamente convencido.

Por um segundo, o olhar de Wynthrope cruzou com o do irmão mais velho. Os olhos castanhos de Brahm não mostravam sinal de julgamento ou de decepção. Não, ele estava repleto de compreensão. Wynthrope podia tolerar quase tudo de Brahm, menos compreensão.

Brahm não o compreendia. Nunca fora capaz disso e nunca seria.

Devlin e North se despediram. Brahm continuava calado, mas sorriu. Seu sorriso também era de compreensão. Wynthrope hesitava entre bater nele ou pedir sua ajuda. Ele podia ser um canalha, mas Brahm era mais velho, e havia algumas coisas que nem o ressentimento podia mudar.

Com o coração pulsando fortemente, aproximou-se de Moira e de suas acompanhantes. Como num passe de mágica, as outras mulheres se afastaram assim que o viram. Normalmente teria sido divertido que todos soubessem que ele estava ali por causa de Moira, só por ela, mas essa noite isso o perturbava. Será que ninguém apareceria para resgatá-la?

- Senhor Ryland.

Ele fez uma mesura.

- Lady Aubourn. Posso lhe dizer que está encantadora esta noite?

Moira sorriu, e um rubor delicado lhe cobriu as faces. Ela corava facilmente, mais como uma garota inexperiente do que como uma mulher que já fora casada. Isso era ao mesmo tempo encantador e irritante. Por que ela não podia ser vulgar e cínica? Por que não podia ser uma dessas mulheres que não acreditavam em nada do que ele dizia? Por que tinha que acreditar em tudo?

Não, não era assim. Poucas semanas atrás ela não teria acreditado nele porque não se achava atraente. Ela só sorria agora porque sabia que ele a considerava atraente.

- O senhor está muito bem!

Havia em seu peito uma agitação, como se seu coração estivesse tentando mostrar-se orgulhoso pelo elogio. Ele sorriu e então deliberadamente permitiu que seu olhar pousasse na linha gentil que separava seus seios, antes de subir até as pedras que lhe rodeavam o pescoço. Como esperava, o olhar dele em seus seios a desconcertaram.

- Espero que você guarde essas bugigangas em um lugar seguro.

Com expressão de curiosidade, ainda ruborizada, olhou para ele.

Maldição! Já devia saber que não podia ser tão grosseiro com ela. Moira não era uma tonta – essa era uma das coisas que ele adorava nela, mas que agora era um obstáculo decisivo.

- Você tem se mostrado muito preocupado com o lugar onde guardo meus objetos de valor.

Ele deu de ombros, tentando parecer desinteressado, enquanto seu coração batia loucamente.

- Preocupo-me com o fato de você e Minerva viverem sozinhas. Vocês são um alvo e tanto para um ladrão. – Se soubessem quanto!

Moira sorriu para ele. Talvez não fosse tão inteligente, afinal. Não, esse era o lado empedernido dele tentando tornar as coisas mais fáceis para si mesmo. Ela sorria porque acreditava nele, confiava nele. Não lhe ocorria que ele fosse alguém de quem ela devia se proteger. Por que faria isso? Ele representara muito bem o seu papel.

- Você é muito gentil em se preocupar, mas pode ficar descansado. Tenho em meu quarto um cofre onde guardo todas as minhas jóias.

Seu coração quase parou de bater.

- E está bem escondido?

Ela obviamente confundiu a irritação em sua voz com tremor, porque respondeu sem hesitar:

- Claro. Atrás de um óleo de Narciso pintado por Tony.

Finalmente suas perguntas tinham dado resultado. Wynthrope esperava que parte dele pudesse se sentir exultante, mas experimentava apenas uma sensação de náusea.

- O primeiro lugar onde um ladrão iria procurar seria atrás de uma pintura.

Agora ela é que dava de ombros. Ele queria sacudi-la, fazê-la perceber como estava sendo ingênua.

- Se alguém perder tempo para invadir meu quarto, procurar atrás de meus quadros e arrombar meu cofre, então pode ficar com o que houver lá.

Seus dedos se fecharam em punho.

- Talvez pense de modo diferente se isso acontecer. Tem havido um bocado de roubos ultimamente. – Sim, roubos praticados por ele mesmo. Nada muito importante; um colar aqui, um objeto de prata ali, coisas pequenas que depois tinham voltado para locais onde seus proprietários poderiam achá-las sem muito esforço. Isso demandara um bocado de planejamento, mas ele tivera sucesso em fazer que boa parte da alta sociedade soubesse que havia um ladrão em circulação, mas sem alarde, para não provocar muito alarme.

Apenas o suficiente para que não fosse o primeiro suspeito a emergir na mente normalmente aguda de Moira. Era apenas precaução. Ele sabia que era uma das últimas pessoas de quem ela suspeitaria.

Sentiu um amargor lhe subir à garganta.

Moira pousou a mão em seu braço para tranquilizá-lo, mas ele queria retirá-la. Como ela podia tocá-lo? Mais importante que isso, como ele podia deixar que fizesse isso?

- Obrigada por sua preocupação, mas não há razão para sua ansiedade. Não sou descuidada quando se trata de segurança.

Não, apenas quando se trata de homens, ou melhor, de um homem.

De mente preparada, já planejando seu próximo passo, Wynthrope convidou-a pra dançar.

Dava os passos mecanicamente, sem errar, enquanto calculava o tempo e planejava detalhes depois da dança, levou-a de volta para junto de seus amigos, com a desculpa de que vira um conhecido com quem queria falar de negócios, prometendo que mais tarde voltaria para outra dança.

Planejava cumprir a promessa depois que roubasse a tiara. Já pensara em tudo. Depois de ir para casa trocar de roupa, arrombaria a casa de Moira, roubaria a tiara e a levaria para seu apartamento, onde a esconderia num compartimento secreto sob sua cama. Então trocaria de roupa de novo e voltaria para a festa. Com alguma sorte, ninguém notaria sua ausência, e se alguém percebesse Moira teria uma explicação. Era tudo muito simples.

Seu apartamento estava quieto quando entrou. Ele de certa forma esperava que Daniels estivesse ali no escuro, mas o velho felizmente não estava lá. O irlandês, sem dúvida, devia estar contando mentalmente o dinheiro que logo iria ganhar.

Wynthrope foi até o quarto e acendeu a luz. Então, metodicamente tirou o traje de festa e trocou-o por uma calça preta de lã, suéter e botas. Vestiu sobre o suéter um velho casaco preto que o manteria quente e não atrapalharia seus movimentos. Ele havia pensado em pôr uma máscara ou um capuz, mas isso o comprometeria se fosse apanhado nas vizinhanças. Vestido como estava, poderia levantar algumas suspeitas, mas arranjaría alguma explicação para a situação.

Já lá fora, circundou o edifício e foi até o estábulo, onde guardava seus cavalos. Selou King, um potro preto que corria como se o próprio diabo estivesse no seu encaixo, e o montou.

Então, pondo os calcanhares nas costas do animal, partiu em direção à casa de Moira.

A meio caminho, começou a nevar.

Wynthrope lhe mentira.

Não era justo o que estava pensando, mas Moira não podia evitá-lo. Dissera-lhe que ia tratar de negócios, mas já se passara mais de meia hora e não voltara a vê-lo. Havia muita gente circulando pelo salão de baile de Leander – o mesmo em que era ela a anfitriã –, mas não em numero suficiente para que não se notasse a ausência de um homem como Wynthrope.

Talvez ele e seu conhecido estivessem em algum lugar da casa onde podiam ficar à vontade enquanto conversavam. Essa era uma resposta bem plausível, e Moira não acreditaria nela nem por um segundo. Em seu íntimo, sabia que Wynthrope tinha deixado a propriedade. Saíra sem se despedir.

Para Moira, era fácil achar que era ela a causa de sua ausência, e como não se sentia inteiramente segura de ser uma mulher atraente, estava convencida disso. No entanto, nenhum

de seus irmãos parecia saber onde ele estava, nem North. Ele era o mais chegado a North. Se tivesse ido embora com intenção de não voltar, seus irmãos não saberiam? Ou será que receava que North dissesse alguma coisa a ela?

Bobagem. Wynthrope Ryland não era do tipo que sente medo. Pessoas que não têm muita alegria na vida nunca sentem medo. Era uma observação injusta mas talvez válida. Não havia muita coisa no mundo de que Wynthrope pudesse sentir falta se tivesse de se ir dele. Poderia talvez sentir falta de seus irmãos.

Sentiria falta dela, mas Moira não estava segura disso. Será que ela era alguém que ele lamentaria perder? Com certeza não, do contrário não agiria assim, desaparecendo dessa maneira. Ela só sabia que aquilo tinha algo a ver com ela. Podia sentir isso. Apesar de acreditar que ele era muito mais franco com ela do que essa situação parecia demonstrar, seu comportamento nos últimos dias só reforçava seus temores. Seus beijos não haviam mudado, assim como seu modo de falar, mas havia nele uma tensão não expressa cujo motivo ela não conseguia alcançar. Ele parecia preocupado e meio distante.

Talvez estivesse cansado dela e não quisesse magoá-la. Essa poderia ser a razão de não estar agindo como de costume. Por sua conversa na noite de Ano-Novo, isso era improvável, mas não impossível. Muita coisa podia ter mudado nos últimos dias.

Era só sua sorte. Havia finalmente encontrado alguém a quem achara que podia confiar o segredo de seu casamento, e agora ele já a estava deixando. O primeiro homem ao qual ela quisera se entregar parecia não a querer mais.

Não. Ela se recusava a pensar dessa maneira. Essa era a antiga Moira. Era tão fácil para ela pôr a culpa em si mesma, mas isso não era correto. Wynthrope não era o tipo de homem que fizesse alguma jogada sem uma razão. Talvez estivesse envolvido em algo que não queria discutir com ela. Talvez tivesse havido um problema com algum negócio ou sociedade em que investira dinheiro. Essa poderia ser muito facilmente a razão de sua mudança, não tendo, portanto, nada a ver com ela.

Apesar de seu raciocínio, sem ele perdera interesse na festa. Ela dançara com vários cavalheiros, alguns dos quais tinham flertado descaradamente com ela. Tinha que agradecer a Wynthrope por essa recém-descoberta popularidade. Ele mudara alguma coisa nela. Sentia-se mais à vontade em público agora. Podia manter uma conversação sem se sentir tola. Estava mais à vontade em sua própria pele. Essas mudanças eram evidentes não só para ela, mas também para os outros.

Mas isso não mudava o fato de que não queria ficar mais tempo ali.

- Octavia – disse, voltando-se para a amiga. – Não estou me sentindo bem. Gostaria de ir para casa.

O lindo rosto de Octavia mostrava preocupação.

- Quer que eu a acompanhe? – perguntou, de cenho franzido.

- Oh, não! Não estou doente. Apenas cansada.

Octavia semicerrou os olhos azuis. Às vezes ela enxergava longe.

- É Wynthrope, não é? Ele a aborreceu?

- Absolutamente – respondeu Moira, balançando a cabeça. Não era bem uma mentira. Estava preocupada com Wynthrope, mas não ia dar a ele todo aquele poder sobre ela.

Aquilo parecia ter tranqüilizado Octavia, mesmo que ela não se mostrasse inteiramente convencida.

- Poderia deixar Minerva a seus cuidados? - Antes que Octavia pudesse manifestar mais preocupação, ela continuou: - Se não for problema, cuide que ela chegue bem em casa.

Não seria justo pedir que a irmã se fosse agora, quando era visível que estava gostando da atenção que lhe dispensava Lucas Scott, um jovem rico e de família tradicional. Parecia que Minnie havia finalmente encontrado alguém que estava conseguindo manter seu interesse.

Talvez fosse isso. Minnie encontrara o homem com quem iria se casar. A casa ficaria vazia quando ela se fosse. Engraçado, apenas poucas semanas atrás, Moira teria feito qualquer coisa para se livrar da irmã, e agora percebia que ia sentir falta dela. A vida às vezes é muito intrigante.

- Claro que não há problema. – O sorriso da amiga era reconfortante. – North e eu a levaremos até a porta.

- Obrigada. Falarei com você amanhã. Vai me contar todos os mexericos, não é? – Moira lhe deu um leve abraço.

Octavia também ia certamente contar a Wynthrope, caso ele voltasse, que ela se fora. Faria isso espontaneamente, porque Moira nunca lhe pediria isso. Octavia nunca lhe escondera o fato de que, ao mesmo tempo que considerava Wynthrope um bom homem, também acreditava que ele precisava de um “pulso firme” para orientá-lo num relacionamento. Por alguma razão ela achava que Moira tinha essa qualidade. Isso a fez sorrir. Todo mundo parecia achar que ela era capaz de muito mais do que aquilo que jamais se atrevera a tentar.

Despediu-se dos amigos e deixou o salão de baile. Um criado fora buscar sua capa, deixando-a relativamente sozinha no vestíbulo.

- Você não está indo embora, está, Moira?

Ela sorriu quando o primo de Tony se aproximou dela. Leander Tyndale era um homem de cabelos cor de areia, com as feições características dos Tyndale e risonhos olhos castanhos. Era mais alto do que Tony, mais largo e corpulento. Era o tipo de pessoa que fazia que todos se sentissem seguros em sua presença.

- Receio que sim, Leander. Espero que me perdoe. – Ela manteve um tom leve, quase aborrecido.

- Não está se sentido mal, espero – disse ele, com ar preocupado.

Estava sendo gentil em preocupar-se. Todo mundo se preocupava com ela. Obviamente não achavam que fosse tão forte.

- Não. Apenas cansada. Nada que uma boa noite de sono não resolva.

- Se quiser descansar aqui em um dos quartos, esteja à vontade. – Apontou na direção da escada. – Seu quarto está exatamente como você o deixou.

Era um convite gentil mas meio estranho. Era como se ele não quisesse que ela fosse para casa; mas que diferença faria se ela ficasse?

Deus do céu! Ele não tinha intenções em relação a ela, tinha? Não, isso era ridículo. Talvez estivesse pensando assim porque seu comportamento solícito de agora era muito estranho.

- Obrigada, mas não. – Seu olhar percorreu tudo à sua volta, sentindo cada canto e desvão que lhe eram dolorosamente familiares. – Por mais que ame esta casa, ela já não é meu lar, e temo que meu quarto só me fará relembrar as noites que passei acordada, atenta a qualquer chamado de Tony.

Essa simples referência trouxe de volta aquelas terríveis lembranças da doença de Tony. Ele sofrera mais do que qualquer um devia sofrer, e no final quase convencera a si mesmo de que merecia aquilo pelo seu “desvio”, como ele dizia. Apesar disso, no final, a única pessoa que queria junto dele, além de Moira, era Nathaniel. Ele o amara até seu último alento, e Moira se recusava a crer que Deus o puniria por tal devoção.

Leander assentiu. Parecia um tanto distraído, até ansioso.

- Tenha cuidado, sim? Tem havido alguns roubos pela região. Detesto pensar em você sozinha em sua casa.

Deus meu, ele também? Moira tocou seu braço, tranquilizando-o.

- Não estou sozinha. Tenho muitos criados em casa. Você é um amor de se preocupar comigo, Leander, mas estarei bem.

Quanta gente preocupada com sua segurança e bem-estar! O que teria feito para merecer essa consideração? Bastava deixar um com receio, mas tantas pessoas, especialmente quando uma delas era alguém que raramente se preocupava com ela?

Um criado apareceu com sua capa e as luvas, e outro lhe informou que sua carruagem havia chegado. Leander não teve escolha senão desejar-lhe boa-noite e permitir que se fosse, evitando que ela pensasse que ele podia tentar retê-la ali.

Ainda estava com ar preocupado quando, antes de sair, se voltou para olhá-lo. Moira não podia tentar descobrir o que o estava perturbando. Seria porque pensava que ela corria risco de ser roubada ou haveria outra coisa que ele não quisesse lhe contar?

Deus do céu, ela estava em bela forma naquela noite! Todo mundo tinha um programa secreto – que pensamento ridículo!

Talvez ela precisasse realmente de uma boa noite de descanso. Deus sabia que naquele momento não era ela mesma.

Estava nevando quando desceu até a rua, e os grandes flocos de neve se acumulavam lentamente no chão ainda à vista. Provavelmente não ia nevar muito, mas em todo o caso ela estava contente por estar indo embora agora. A última coisa que queria era ter de ficar ali por causa de tempo ruim. Pelo menos Minnie iria para casa com Octavia e North. Moira não teria nenhuma companhia a não ser seus pensamentos, que já bastavam por uma noite.

Por sorte sua casa ficava a menos de quinze minutos dali. Um manto branco e brilhante cobria o passeio e os degraus, nada que a impedisse de passar. Não se incomodou de levantar a barra da saia para evitar que se molhasse, pois sabia que não havia risco de estragar o tecido. Depois de entregar seu agasalho a Chester, Moira pediu-lhe que preparasse um banho e foi diretamente para o quarto. Não costumava incomodar seus serviçais a essa hora, mas

precisava de alguma coisa para acalmar a mente, algo que a relaxasse. Um banho e um bom copo de vinho lhe dariam exatamente isso. Então se meteria na cama e, assim esperava, passaria a noite inteira dormindo em paz, em vez de ficar se atormentando com pensamentos desagradáveis como estava agora.

Não demorou muito para que lhe trouxessem a água, porque nessa época do ano normalmente havia um enorme caldeirão de água quente na cozinha. Os criados colocaram a banheira perto da lareira, que estava acesa, e despejaram nela os baldes de água. Uma camareira deixou um jarro de vinho e um copo, enquanto outra colocou toalhas macias junto ao fogo para aquecê-las.

Moira agradeceu-lhes e as dispensou, dizendo que deixassem a banheira ali até a manhã seguinte e desejando-lhes boa-noite. Ficando novamente sozinha, acrescentou óleo de essência de baunilha à água fumegante e encheu ela mesma um copo de vinho. Depois apagou as luzes do quarto e se despiu das roupas e jóias. Deixou cair o vestido no tapete e pôs o colar e os brincos no toucador. Por um momento, pensou nas advertências de Wynthrope e Leander sobre o ladrão. Ia guardar as jóias no cofre antes de ir para a cama. Deixara o cabelo preso para que não se molhasse e, de copo na mão, entrou na banheira. Um delicioso arrepio lhe percorreu o corpo enquanto a água quente tocava sua pele. Lentamente, com um suspiro de alívio, mergulhou na banheira de cobre, já aquecida pela água e pelo fogo próximo. Recostada na parte curva, reclinou a cabeça, fechou os olhos e deu um gole no vinho. O vinho banhava sua língua, aquecendo-a por dentro enquanto o banho quente a aquecia por fora. O crepitar do fogo e a água aromatizada rapidamente produziram seu efeito mágico, e ela sentiu que seus músculos se relaxavam.

Estavam num estado de perfeita languidez e sentia a cabeça e os braços pesados. O vinho terminara havia muito tempo. Foi então que ouviu um barulho estranho. Abrindo os olhos, Moira se assustou ao ver um homem vindo na direção das portas de sua sacada. Estava todo vestido de preto e andava sem fazer quase nenhum barulho. Só o movimento da maçaneta denunciou sua presença.

Bom Deus! Seria o ladrão sobre o qual Wynthrope e Leander a haviam prevenido? Lançou um olhar rápido para as jóias no toucador. Eram suas preferidas. Não havia como desistir delas sem lutar. Não se importava de ter de saltar fora da banheira e atacá-lo aos berros.

Estava exatamente a ponto de gritar quando ele se virou. Seus olhos se encontraram, e um parecia tão chocado quanto o outro diante do que viam. É claro que ele não esperava encontrá-la numa banheira. E ela não esperava vê-lo de jeito nenhum.

- Wynthrope? O que está fazendo aqui?

Capítulo onze

Congelada mesmo dentro da água quente, com o corpo mais tenso do que estava antes de

entrar no banho, Moira olhava para Wynthrope boquiaberta, ele a encarava do mesmo modo, e seu olhar se movia rápido da água da banheira para os olhos dela novamente.

O rubor queimava seu rosto enquanto ela cruzava os braços no peito.

- Vai me responder?

- Eu... – Ele olhou para as portas da sacada e de novo para ela, obviamente estava perplexo. – Não achei que você estivesse no banho.

Isso não soou como se achasse que não ia encontrá-la ali de modo nenhum. Mas aquilo era ridículo.

- Onde achou que eu estaria?

- Na cama.

Se ela ficasse mais ruborizada e quente, a água da banheira ferveria.

- Se você tivesse esperado uns poucos minutos, provavelmente estaria. Agora me diga, que diabo está fazendo aqui?

Ele parecia perturbado.

- Voltei ao baile e me disseram que você já se tinha ido. Eu queria... ver você.

E estava realmente vendo-a! Vendo mais do que ela estava à vontade de mostrar. E Moira não podia negar que parte dela estava muito excitada, tanto pela chegada dele quanto por sua estranha aparência.

- Você voltou ao baile vestido assim? – disse, apontando seu velho casaco e o suéter. Oh, céus, ela podia ver os pêlos de seu peito!

- Não – disse ele, relanceando os olhos por sua roupa.

Que situação embaraçosa! Parecia que ambos não sabiam o que fazer. Será que viera por achar que ela estava zangada com ele? E por que estava vestido daquela maneira? Só para subir pela grade até seu quarto? Se ela não o conhecesse bem, suspeitaria que era ele o verdadeiro ladrão sobre o qual a alertara.

Por que procurar a razão pela qual ele estava lá? Ele lhe disse que queria vê-la, e ela acreditara nele. Talvez o destino estivesse lhe dando uma ótima oportunidade de decidir se devia confiar a ele o segredo de seu casamento, e arriscar tudo, ou dizer-lhe para ir embora. Moira não sabia bem se era o vinho, a noite ou o fato de ela estar privada dos sentidos, mas subitamente se sentiu completamente tomada de coragem – e desejo. Tirando os braços do peito, segurou com ambas as mãos na borda da banheira e ficou de pé, com a água quente escorrendo pelo seu corpo.

- Por favor, pode me dar aquela toalha?

Wynthrope a encarava de queixo caído e olhos arregalados. Com vergonha, ela queria se cobrir, mas o orgulho a fez ficar exatamente onde estava. Ela podia não ter um corpo perfeito, mas era seu, e nunca permitira que nenhum homem o tivesse visto antes dessa noite. Estava

oferecendo a ele algo que jamais dera a ninguém, e quer ele achasse que ela era um prêmio ou não, Moira não se considerava nada menos que isso.

Ele caminhou na direção dela, com o som de seus passos absorvido pelo tapete. Nos ouvidos de Moira só ecoavam o crepitar do fogo e sua agitada pulsação. Nem respirava enquanto ele se aproximava. Wynthrope parou diante dela, e entre eles só havia a borda da banheira, bem acima de seus joelhos.

- E a toalha? – A voz dela era um murmúrio rouco.

Wynthrope percorreu seu corpo com o olhar, o que aqueceu sua pele gelada e tornou rijos seus mamilos. Sentia calor entre as pernas, enquanto seu pulso se acelerava. Fixou nela os olhos azul-escuros.

- Eu serei a sua toalha.

Tremendo, Moira olhava-o enquanto tirava o casaco, deixando-o cair de qualquer jeito no chão atrás de si. Fez o mesmo com as luvas. Estendeu as mãos e a alcançou, tocando seu pescoço como um tesouro precioso antes de deixá-las escorregar até o queixo. Sua pele, em contato com a dela, era seca e quente. Então acariciou seu rosto com polegares suaves, enquanto seu olhar circulava por ele.

- Você é linda! Não posso acreditar que seja real.

Moira entreabriu os lábios para responder, mas não conseguiu, pois ele abaixara a cabeça até a dela.

Sua boca era como um sinal, feito com ferro quente, marcando-a para sempre como propriedade dele. Moira tinha a cabeça zonz, como se ele dominasse seus sentidos. Para não cair, ela se agarrou a seus ombros. A língua dele invadiu sua boca, explorando-a de tal modo que ambas ficaram com sabor de vinho.

Um a um, ele foi tirando os grampos de seu cabelo. Ao cair na banheira, faziam um ruído característico quando batiam na água. Logo o cabelo estava solto e cobria seus ombros, e ele pôde mergulhar nele os dedos, acariciando seu couro cabeludo. Moira gemeu, encostando a cabeça em suas mãos.

Do cabelo seus dedos deslizaram por suas costas até a cintura. Ao sair da banheira, a água respingava no tapete enquanto ele a puxava para si. A lã de seu suéter era macia mas um pouco áspera em contato com seu peito e estomago. Seus mamilos chegaram a doer, e ela abriu os lábios, ofegante, mas ele os cobriu com os seus.

Ficaram unidos de cima a baixo por um instante, e Moira abraçou-o enquanto ele a levava para a cama. Colocou-a com cuidado sobre o acolchoado e se deitou ao lado dela. Ele a olhava de modo intenso e cheio de desejo.

- Está certa de que é isso que quer?

O tom terno de sua voz fez que Moira sentisse o coração apertado. Seus dedos deslizaram do peito dele até a cintura, para tirar seu suéter. Suas mãos escorregaram para dentro dele, ansiosas para sentir o calor acetinado de sua pele.

- Você é o que eu quero.

Ele a beijou de novo, suave, reverentemente. Sua língua procurava a dela com tanto ardor que parecia que ia devorá-la. As pontas dos dedos estavam ligeiramente ásperas ao deslizar até o peito dela e circundar seu mamilo. Seu peito se distendia e retraía ao seu toque, querendo mais. Quando seus dedos beliscaram o mamilo, Moira gemeu, enquanto continuavam se beijando. Se fazer amor produzia essa sensação, ela nunca ia sobreviver a ela.

Afastou os lábios de sua boca e começou a beijar o queixo, depois o pescoço e foi descendo pelo peito, produzindo com cada beijo aquele nó de antecipação em seu estomago.

Finalmente, o calor úmido de sua boca se fechou sobre o mamilo, substituindo seus dedos.

Moira gemeu de prazer, arqueando o corpo para perto dele.

A mão de Wynthrope passou por suas costelas, desceu pela barriga até o vale dolorido entre suas pernas. Seu corpo tensionava à medida que os dedos dele abriam seus pêlos pubianos e procuravam a fenda escondida neles. Moira se agarrou com mais força aos seus ombros, mas nada fez para impedi-lo de prosseguir. As sensações e sentimentos que ele estava despertando nela eram deliciosos e mais intensos do que qualquer coisa que já sentira, inclusive naquela noite na sala de visitas.

Um de seus dedos a abriu, sabendo instintivamente onde tocar para fazê-la gemer e estremecer. Ondas de prazer revolteavam em sua barriga, transformando-se numa dor pulsante, firme, que reclamava ser mitigada, mesmo que se deliciassem em atormentá-la.

Moira levantou seu suéter com mãos insistentes e começou a acariciá-lo. Sentia a suavidade de sua pele e dos pêlos de seu peito, quando os alisava. Os mamilos eram como pequenos seixos, endurecidos pelo seu toque, e quando as mãos dela deslizaram para a cintura de sua calça, ele sentiu que seu estomago tremia.

Wynthrope mordiscava seus seios, fazendo-a gritar. Levantando a cabeça de sua pele intumescida e brilhante, olhou para ela, enquanto seus dedos implacáveis ainda acariciavam a parte úmida entre suas pernas.

- Você quer que eu me dispa? – Wynthrope falava baixo e suavemente.

Moira assentiu, incapaz de falar. Ela o queria nu. Queria sentir o contato de cada centímetro de sua pele.

Wynthrope ficou de joelhos na cama, deixando por um instante de olhá-la com aquele ar sedutor ao tirar o suéter. Moira o observava fascinada, ao ver a pele suave e lisa de seu abdome. A malha de lã preta passou por sua cabeça e foi atirada no chão. Era um belo homem, de cor dourada, dos ombros bem modelados ao umbigo. Não era corpulento, mas seus músculos e o peito eram bem definidos, como se tivessem sido esculpidos por um mestre. Com os braços ao longo do corpo e um olhar que queimava no dela, perguntou:

- Devo continuar?

De novo, Moira fez que sim com a cabeça. Sua boca estava seca, parecia que toda a umidade de seu corpo se concentrara numa parte muito abaixo de seu rosto.

Wynthrope levou as mãos à cintura para tirar a calça, mas fazia isso deliberadamente sem pressa. Deixou escorregar uma perna para fora da cama e se pôs de pé para desvestir a peça de tecido preto. O olhar de Moira agora se movia das curvas musculosas de suas panturrilhas

e coxas para as costelas, onde o tronco se estreitava, e aquela parte saliente bem abaixo do abdome.

Embora a tivesse sentido naquela noite em sua biblioteca e relanceado os olhos na sua direção mais tarde, não o tinha visto em plena ereção. Era comprido e grosso, com uma cabeça em forma de bulbo e vermelha. Podia ser algo intimidante, mas Moira o achou fascinante.

E ela o queria. Queria-o dentro dela com uma ferocidade que ameaçava consumi-la. Queria senti-lo dentro de si, como se fosse uma parte sua. Nunca antes desejara tanto uma pessoa que ansiasse por ela, que tomasse posse dela como queria que esse homem fizesse ao possuí-la.

- Passei na inspeção? – Seu tom era sério, mas a voz soou mais baixo que o normal, até meio áspera. Moira sentiu um arrepio.

- Você é lindo – disse ela, repetindo o que ele lhe dissera antes. – Venha cá.

Não precisou pedir duas vezes. Ele subiu na cama de joelhos e se deitou por cima dela, e dessa vez, quando baixou a cabeça para perto da dela, não ficou nos seios, mas parou o suficiente para deixar os mamilos doloridos e distendidos de novo.

Sua boca foi descendo pelo vale abaixo de suas costelas, passando pela cintura e indo até o ponto onde suas pernas se juntavam. Será que ia fazer o que ela estava pensando? Sim, ia. Os quadris de Moira se levantaram quando Wynthrope começou a explorá-la com a boca e a língua, do mesmo modo que seus dedos já haviam feito. Quente, úmida e firme, sua língua era como veludo grosso roçando aquela carne sensível, tão insistente quanto haviam sido seus dedos. Ela levantava e abaixava os quadris como ondas quebrando numa praia, sem se importar se parecia uma devassa ou não. Sabia apenas que o que ele estava fazendo era incrivelmente bom, e aquele estremecimento provocado pelo contato com sua língua surgia instintivamente.

Mantendo as pernas dela abertas, Wynthrope a lambia, e a barba fina de seu queixo a friccionava de modo extremamente provocante. Com os dedos agarrados em seu cabelo, Moira levantou os quadris para ele. As ondas de pressão dentro dela foram crescendo, até que se tornaram quase insuportáveis. Se ele não fizesse logo alguma coisa, estava certa de que ia enlouquecer.

Ele então afastou dela a boca, apesar de seu gemido de frustração. Como Possêidon elevando-se acima do oceano, ele se pôs em cima dela, com o pênis ereto pressionando insistentemente a entrada em seu corpo. Parecia que o tempo havia parado quando ele ficou hesitante ali. Estava esperando que ela lhe desse permissão. Moira sabia disso. Não importava que ele a desejasse tanto quanto ela o desejava, ele não ia fazer nada que ela não quisesse. Tomar conhecimento disso a teria feito chorar, não fosse pelo fato de que emoções mais fortes a estavam tomando bem nesse momento.

Havia chegado o momento. Ele ia lhe dar o que ela tanto ansiava. Levantou os quadris para acomodá-lo, enquanto ele arremetia e introduzia o membro inteiro dentro dela.

Moira estava ofegante. Era como se ele a tivesse beliscado por dentro.

Wynthrope ficou paralisado. Ela podia senti-lo pulsando dentro de si. A expressão em seu rosto era de intensa realização, e Moira, por um momento, receou que ele pudesse sair de seu corpo. Fechou as pernas em torno dele para mantê-lo ali. Não ia deixar que ele saísse, agora não.

Com os braços trêmulos em volta da cabeça dela, ele a encarou.

- Por que você não me disse?

- Não sabia como – respondeu, o que era verdade, ainda que não inteiramente. – Podemos falar disso depois. Por favor, não me deixe.

- Deixar você? – perguntou com uma voz meio rouca, enquanto se punha de joelhos.

Levantando seus quadris, ele os ajeitou sobre suas coxas, com as pernas dela em volta de sua cintura.

- Você está bem? – ele perguntou.

Moira assentiu e disse logo:

- Por favor, não pare.

Ele murmurou algo que podia ser uma imprecisão, mas de algum modo Moira achou que era dirigida a ele mesmo e não a ela. Wynthrope pôs uma das mãos no abdome dela e a fez deslizar para baixo, até seu monte de Vênus. Gentilmente seu polegar o separou, como seus dedos já haviam feito, procurando e encontrando aquela pequena parte dela que lhe dera tanto prazer. Acariciou-a, reacendendo o fogo que estava abafado dentro dela, até que seus quadris começaram a se mexer, apesar do ardor naquele ponto em que seus corpos se juntavam.

Ele se movia dentro dela com arremetidas profundas mas delicadas, saindo apenas por segundos antes de entrar novamente. Isso mantinha a fricção entre eles e o desconforto da posse a um nível mínimo, além de permitir que Moira se concentrasse no prazer que suas mãos estavam lhe proporcionando. Agarrando-se aos flancos de Wynthrope, ela se curvou para cima, empurrando a pelve contra o corpo e a mão dele até que a tensão se tornou insuportável e finalmente se desfez, convulsionando seu corpo como se um redemoinho de prazer o atravessasse todo.

Meio ofuscada, ela estava consciente de que Wynthrope apressava suas investidas, já que o prazer de sua entrega dissimulara a irritabilidade provocada por seus movimentos. Então ele se separou dela e deixou que sua semente se derramasse no lençol.

Ela supunha que devia estar agradecida por ele ter tido controle suficiente para não ejacular dentro dela – e estava –, mas também se sentia estranhamente desapontada. Havia algo muito íntimo na idéia de que a ejaculação se desse dentro dela. Era como se ele deixasse nela algo de si mesmo, alguma coisa que ela podia possuir como ele a possuía. De modo realista, ela sabia que aquilo poderia resultar em gravidez, algo que uma mulher solteira não ia desejar e que, além do mais, parecia errado.

Ele ficou de costas ao lado dela, ambos olhando para o teto em silêncio enquanto o intenso calor de seu corpo se arrefecia e a tensão entre eles diminuía e passava da atração física a algo mais profundo.

Moira sentia nos olhos o ardor das lágrimas. Será que estava zangado com ela? Agora que se afastaria dela completamente? Será que na manhã seguinte descobriria que se enganara em relação a ele? Não, ele não era assim. Dissera-lhe que não era como aqueles homens que haviam zombado dela. E isso não era apenas uma desculpa para seduzi-la. Havia entre eles mais do que isso.

Wynthrope pôs a mão sobre a dela com uma pressão delicada que fez seu coração dar um salto, e os olhos começaram a arder.

Virou-se na direção dela, puxando o acolchoado dos pés da cama e cobrindo a ambos. Com o braço apoiado na cintura de Moira, pressionava o peito contra seu ombro, fazendo-a sentir o ritmo de seu coração. Ela mudou a posição das pernas para que ficassem sobre as coxas de Wynthrope, para evitar a umidade do lençol sob seus quadris.

Os olhos de ambos se encontraram, e ela tentava decifrar o que era aquela emoção indefinível que via em sua expressão, quando ele disse:

- Por que não me contou?

Ela podia mentir, mas para quê? Para proteger a si mesma? Já expusera sua vulnerabilidade quanto podia, e se não confiasse nele completamente, que outra razão haveria para confiar nele, afinal?

- Estava com medo – confessou. Por mais assustador que fosse, era um alívio dizer-lhe a verdade.

- De mim? – perguntou, surpreso.

Ela fez que não com a cabeça e disse:

- Do que faria se soubesse a verdade sobre meu casamento.

- Ele nunca se consumou – disse, de cenho franzido.

- Portanto, não era legal.

Encarando-a, Wynthrope disse:

- Você disse que foi um casamento de conveniência, mas mesmo assim considerei que se tratava de um casamento.

- Tony tinha suas razões para se casar comigo, e eu me uni a ele para fugir de minha família. Durante anos vivi aterrorizada pelo fato de alguém ficar sabendo da verdade. Se uma palavra sobre a ilegalidade de meu casamento transpirasse, eu poderia perder tudo e acabar voltando a ficar dependente de meus pais. Preferiria dançar nua em Covent Garden a ter de voltar para a casa deles.

- E estaria linda fazendo isso. Mas ainda não entendo por que ele nunca foi consumado.

Parecia que vocês dois tinham um bom relacionamento. Com certeza poderiam ter ido para a cama pelo menos uma vez.

Essa era a parte difícil. Contar-lhe seus próprios segredos era uma coisa, mas não tinha o direito de revelar os de Tony.

- Meu marido não tinha condições de desempenhar seus deveres conjugais. – Isso era uma mentira. Tony não tinha mais condições de fazer amor com ela do que teria com um bastão de madeira. Na verdade, o bastão seria mais útil do que ela. Não é que não a amasse,

simplesmente não achava atrativo nela. Ele costuma se queixar, dizendo que a vida seria muito mais simples se ele pudesse ser um marido de fato para ela.

Wynthrope parecia ter ficado satisfeito com sua explicação – pelo menos no tocante ao seu casamento.

- Por que nunca teve um amante?

- Pelo mesmo motivo por que receava estar com você. Tinha medo de que as pessoas soubessem da verdade. Não sabia se podia confiar em alguém.

Ele compreendeu todas as implicações que adviriam daí.

- Mas você confiou em mim.

- Sim – ela assentiu, com a garganta apertada ante o peso de seu olhar.

Ele a beijou novamente, não delicada mas furiosamente, com tanta emoção que encheu o coração de Moira de alegria. Soltou-a devagar, e ela percebeu uma coisa dura pressionando seu quadril. Ficou muito surpresa ao se dar conta do que era.

- De novo? – Oh, céus! Ela não sabia se estava pronta para fazer aquilo de novo. A ternura da primeira vez ainda não desaparecera.

- Não ligue, que ele acabará sossegando – preveniu-a, pondo os braços ao redor dela novamente. – Por mais ansioso que esteja, não quero machucar você. Vou compensá-lo quando você se recuperar.

O fato de saber que haveria uma próxima vez encheu-a de felicidade, e ela se aninhou nos braços dele. Era tão difícil acreditar que aquilo era real! Ela havia encontrado alguém que lhe dava tanta felicidade, que a fazia sentir-se tão completa! Queria que isso durasse para sempre. Ao fechar os olhos e quase caindo no sono, Moira se deu conta de que corria o grande risco de se apaixonar por ele. Mas não se tratava apenas disso, pois ela queria se apaixonar. O mais surpreendente é que acreditava firmemente que ele poderia ser capaz de retribuir esse amor.

Virgem! Bom Deus, que brincadeira era essa? Estava destinada a destruí-lo?

Deitado ao seu lado, Wynthrope olhou-a enquanto dormia. Se seu coração não estivesse lentamente se fazendo em pedaços em seu peito, ele teria rido de seu ressonar.

Moira era a mulher mais fascinante que conhecera. Estar dentro dela fora a coisa mais próxima de estar no céu que já experimentara, mas ouvi-la dizer que confiava nele o fazia sentir-se como se estivesse no inferno.

O que ela estava fazendo ali? Ele dispunha de tempo suficiente para roubar a tiara antes que ela voltasse para casa. Ela nunca voltava para casa antes da uma hora, se estivesse se divertindo.

Não voltava quando estava com ele.

Maldição! Moira deixara a festa porque ele não estava lá. Nunca lhe ocorrera que sua presença pudesse afetá-la de algum modo. Ele devia ter sabido. Se a situação fosse invertida, ele igualmente não estaria lá, especialmente se soubesse que ela não ia voltar.

O pior é que ele tinha a intenção de voltar. Como essa noite teria sido diferente se as coisas tivessem saído como planejara. Eles provavelmente ainda estariam na casa do visconde – que

fora de Moira -, dançando até altas horas. Teria levado ambas para casa, talvez pudesse ter-lhe roubado um beijo ou dois, mas se ia acabar em sua cama era um mistério.

Independentemente do que pudesse ter acontecido entre eles, o fato era que ele fora lá por uma única razão – para roubar a tiara. Isso não mudara, apenas fora adiado por algum tempo. Sua imagem na banheira, a pele pálida, dourada e brilhante à luz do fogo era algo que ele carregaria consigo para sempre. Nunca em sua vida vira coisa mais excitante. Era esbelta, perfeita, e estava um pouco mais cheinha, ao que lembrava. Havia aceitado sua sugestão e engordara um pouquinho – apenas o suficiente para ficar um pouco mais macia.

Wynthrope achou que seu coração fosse parar quando ela ficou de pé e lhe pediu a toalha. Realmente acreditava que ele ia deixar que se cobrisse de novo depois de ver tudo o que tinha a lhe oferecer? Queria envolvê-la inteira com seu corpo, tocá-la e prová-la, e fora bem-sucedido.

Estava impregnado do aroma dela – a doçura da baunilha misturada com o cheiro quente e provocante de mulher. Tudo o que ele queria era deitar-se ao lado dela, enterrar o rosto em seu cabelo e dormir para sempre. Mas não podia, pois tinha um trabalho a fazer.

Com todo o cuidado para não acordá-la, saiu de baixo do acolchoado e pegou suas roupas do chão. No fogo da lareira só restavam brasas, e ele teve de procurar suas coisas pelo toque. Finalmente se vestiu, pegou uma vela de um candelabro que estava sobre a mesa e acendeu o pavio na brasa que havia na grelha. Olhando na direção da cama para ter certeza de que seus movimentos e a luz da vela não a haviam acordado, caminhou silenciosamente na direção da pintura pendurada na parede diretamente oposta à cama. Era um bom lugar por onde começar a procurar o cofre. Felizmente havia poucos quadros no quarto.

Tocou em volta da moldura dourada, fechando os olhos, desapontado, quando encontrou o metal frio de uma dobradiça. É claro que acharia a pintura certa imediatamente. Era sua maldita sorte.

Com um pouco de pressão, o quadro se deslocou para a frente, com as dobradiças rangendo levemente. De novo Wynthrope olhou na direção da cama de Moira. Seu ressonar indicava que ela continuava dormindo.

Estava tão linda, tão tranqüila! Ao vê-la, seu coração doeu. Ele então se virou.

Levantando a vela até a frente do cofre, iluminou a fechadura. Teria ficado apreensivo quanto a arrombá-lo se não tivesse cometido aqueles outros roubos antes.

Concentrando-se no cofre, confiante no fato de que Moira dormia ali perto dele, seus dedos começaram a tarefa com destreza. Mais do que ouvir, sentiu o cofre para que ele lhe revelasse a combinação correta dos números. Se é que conhecia bem Moira como acreditava, já imaginava qual era a sequência correta. Tentou a combinação.

O mecanismo fez um clique, e ele sorriu com tristeza. A sorte estava mesmo com ele nessa noite, embora desejasse que não estivesse. A senha do cofre era a data do casamento de Moira. A maioria das pessoas poderia pensar que a escolhera por causa de seu amor por Tony, mas mesmo que não tivesse descoberto a verdade sobre seu casamento, ele ainda

saberia que escolhera essa data porque ela simbolizava sua liberdade, por ter saído da casa dos pais.

Ele os desprezava e não queria se encontrar com eles nunca, embora nesse momento desprezasse mais ainda a si mesmo.

Levantou a vela para olhar o interior do cofre. Estava cheio de porta-jóias de madeira, sacos e almofadinhas. Havia também papéis e outros itens pessoais, mas ele os ignorou. Só uma coisa lhe interessava, e era nisso que precisava se concentrar.

A tiara estava numa almofada de veludo, e suas pedras lançavam chispas brilhantes à luz da vela. Alcançando-a, pegou-a com cuidado, e seus movimentos eram lentos e sutis para não tocar em mais nada e nem fazer barulho.

Fora do cofre a tiara não parecia tão especial. Resplandecente no alto da cabeça de Moira, parecia um adorno feito para uma rainha – sua rainha preta. Ali não era nada mais do que uma intrincada combinação de pedras e metal – uma coisa pesada, insignificante.

Era a chave para sua liberdade. Tudo o que tinha a fazer era pegá-la e colocá-la no saco que havia trazido consigo e levá-la quando fosse embora. Então poderia dá-la a Daniels e tudo aquilo terminaria. Não teria que se preocupar com o fato de North, Devlin ou mesmo Brahm poderem ser atingidos por seus erros do passado. Também não teria que se preocupar com Moira e sua segurança.

Não teria que se preocupar com Moira de jeito nenhum. Nunca mais. O momento em que entregasse a peça a Daniels significaria o fim inevitável de seu relacionamento com Moira, a menos que se rebaixasse o suficiente para encarar um futuro construído sobre uma fraude. Houve um tempo em que ele provavelmente poderia ter feito isso, fazê-lo, mas não já não conseguiria, porque mudara. Em algum momento seu coração voltara à vida, florescendo lentamente sob os cuidados de Moira. Não havia se recuperado totalmente, ainda estava partido e empoeirado, mas de novo havia nele esperança e o conhecimento de que não estava tão perdido quanto temia.

Se fosse só seu coração que tivesse permanecido uma coisa morta, seca, tudo seria muito mais fácil.

Ele já tinha o prêmio que fora ali buscar. Tudo o que tinha a fazer era fechar o cofre. Então, por que não fazia isso? Ele ficou ali em pé, paralisado, incapaz de se mexer, com os olhos fixos no objeto brilhante que tinha nas mãos.

Não podia fazer isso. Não podia levar aquela peça porque recebera da mulher que dormia tranqüila a poucos passos dele uma coisa muito mais preciosa. Não se tratava de sua virgindade – algo que sempre fora tão supervalorizado quanto um prêmio.

Não, o prêmio dado a ele por Moira fora sua confiança – um segredo que ela guardara durante anos, que a impediria de viver plenamente, que a tornara precavida e cuidadosa. Wynthrope sabia tudo sobre esse tipo de segredo, ele próprio tinha muitos. Ele os confiara a ela?

Na verdade, não – não os mais íntimos. Escondera dela seu passado, mesmo tendo Moira lhe revelado seu próprio segredo.

Ela se entregara a ele, sem que a seduzisse ou a forçasse. Quando ficara em pé na banheira, revelando-lhe sua nudez, fizera isso por vontade própria. Queria que ele fosse o primeiro homem a saber como era estar dentro dela, e, Deus o ajudasse, a idéia de que ela jamais permitiria que nenhum outro a tocasse daquele jeito o enchia de um frio e perigoso sentimento de posse.

No início estava temerosa de que a usasse de alguma maneira – que fosse fazer dela uma espécie de troféu. Deus do céu! Se soubesse a verdade! Ela era um troféu – mas não da maneira como pensava. Era algo que valia a pena ganhar, uma mulher por quem valia a pena lutar, arriscar tudo só para possuí-la. O fato de que ele personificasse tudo o que ela temia e de que desconfiava o deixava doente, porque ele a convencera do contrário.

Diabos, ele quase convencera a si mesmo do contrário!

Ela era muito mais forte do que ele. Enfrentara o medo do que poderia acontecer se lhe revelasse a verdade. Se ele fosse o tipo de homem que gosta de comentar suas façanhas, poderia facilmente arruiná-la jactando-se de sua conquista. Ele conhecia muitos homens que faziam isso, sem nem pensar no que sua indiscrição poderia ocasionar à dama envolvida. Uma palavra dele e Moira poderia perder tudo e ter de voltar para a casa dos pais. Ela raramente falava neles, mas ele sabia quanto ela odiaria voltar a viver com eles. Morreria de fome antes de pedir-lhes qualquer trocado.

Não, definitivamente, ele era o mais fraco dos dois. Estava com muito medo de confiar nela. Poderia dourar a pílula e justificar sua ação dizendo que fizera aquilo porque havia outras pessoas envolvidas, que havia guardado silêncio para proteger seus irmãos, mas isso era besteira. Ficara calado porque não poderia suportar que ela o olhasse com expressão de desgosto. Preferiria que ela pensasse que era um patife sem coração a constatar que fora ingênuo ao se tornar um ladrão.

Wynthrope não queria que ela pensasse que a usara para conseguir a tiara. Gostara dela desde o primeiro momento que a vira, a tiara nada tinha a ver com isso, mas ela jamais acreditaria nessa verdade agora. Se ao menos tivesse contado a ela desde do começo, talvez pudesse ter conseguido alguma coisa. Talvez ela lhe vendesse a tiara. Se tivesse sido verdadeiramente cauteloso, poderia ter sido capaz de mandar fazer uma cópia – uma falsificação que nem Daniels poderia perceber.

Mas era muito tarde para pensar nisso. Agora era hora de tomar decisões. Tinha a tiara nas mãos. Pegava-a e se afastava de Moira? Ou pegava-a e escondia a verdade para sempre? Ou punha-a de volta e lhe contaria tudo, pedindo a Deus que ela o perdoasse? O que significava mais para ele – guardar seus segredos e proteger sua família ou ter Moira em sua vida?

Um grande homem escolheria a família. Um bom homem saberia que pôr os outros antes de si mesmo era o sacrifício maior.

Um homem bom perceberia que ela nunca poderia amar um mentiroso ou um ladrão. Um grande homem a deixaria livre.

Ele não era esse homem. Ele a queria, queria dar a ela tudo o que tinha a oferecer e mais. Queria Sr um homem bom, e não por sua família ou por si mesmo, mas por ela. E o homem bom para Moira não a roubaria. Um homem bom lhe diria a verdade e preferiria se arriscar a perdê-la definitivamente,

Daniels acharia outro jeito de conseguir essa tiara. North teria que lidar com seus atos do passado, assim como Wyntrope. Isso ia terminar essa noite.

Ao levantar a tiara para pô-la de volta no cofre, um som suave o congelou. Ele virou a cabeça, sabendo muito bem o que ela ia ver, mas sentindo-se ao mesmo tempo incapaz de evitá-lo. Moira estava sentada na cama, e o fogo ainda não extinto mostrava sua expressão completamente aturdida. Pela segunda vez naquela noite ela lhe fazia uma pergunta a que ele não queria responder:

- O que está fazendo?

Capítulo doze

Ele não podia estar roubando-a. apertando o acolchoado no peito para esconder sua

nudez, Moira não podia deixar de ver que Wynthrope estava completamente vestido e nem que tinha nas mãos a tiara que Tony lhe dera.

Como conseguira abrir o cofre? O mais importante para ela era saber *por que* ele estava ali.

A vela que Wynthrope tinha na mão iluminava seu rosto, lançando sombras escuras em seus olhos. Ele estava calado, sua boca era uma linha dura. Obviamente não estava contente de ver que ela acordara.

- O que está fazendo com minha tiara? – Talvez não respondesse a essa pergunta mais direta, já que não dera resposta à primeira. O que quer que dissesse, ela esperava que provasse que sua suspeita não era correta.

Ele devolveu a tiara ao cofre e o fechou.

- Eu ia roubá-la.

- *Isso?* – disse ela, soltando todo o ar dos pulmões. – Você é o ladrão de quem todo mundo está falando?

- Sim – disse, sem tentar fingir inocência.

Seu rosto empalideceu completamente, e ela começou a passar mal do estomago.

- Por quê? Está precisando muito de dinheiro?

Ele balançou a cabeça, sem olhar para ela.

- Dinheiro não tem nada a ver com isso. – Sua voz estava cáustica, sarcástica.

- Então faz isso por achar excitante, não é?

- Faço isso porque tenho que fazer. – Seu tom deixava óbvio que não esperava que ela entendesse. É claro que ela não entenderia. Como poderia?

- Tem que fazer? – Que coisa ridícula! – Por que teve que roubar um candelabro e um conjunto de pistolas de duelo?

Nesse momento ele quis olhá-la nos olhos e, quando o fez, era como se encarasse um estranho.

- Para que ninguém notasse quando eu fosse pegar algo mais precioso.

Algo mais precioso? Sua tiara, ou essa era simplesmente outra manobra para esconder as pistas? Oh, Deus, como doía pensar que ele estivera apenas usando-a! Havia suspeitado que ele estivesse atrás de uma única coisa – seu corpo. Nunca lhe ocorrera que a “única coisa” poderia ser algo de valor material.

- Você não parou para pensar que essas coisas talvez pudessem ter um valor sentimental para seus proprietários, apesar de não terem tanto valor real? – Como o fato de que ela somente valorizava a tiara porque fora Tony que a dera a ela.

Wynthrope cobriu o cofre com o quadro.

- Não tinha importância. Aquelas coisas todas voltavam às mãos de seus legítimos proprietários.

E isso resolvia tudo, não? Ele falara de modo tão desapegado, tão displicente! Esse era seu eu verdadeiro ou ele estava simplesmente fingindo? Essa pessoa estranha e fria não era o homem que ela queria para si.

- E minha tiara? Seria devolvida a sua legítima proprietária?

Seu silêncio já era uma resposta. Moira sentiu o peito se estreitar e doer, dificultando sua respiração. Se eu não tivesse acordado, você simplesmente ia pegá-la e iria embora, não é mesmo?

- Não. – Wynthrope balançou a cabeça com determinação. – Eu a pus de volta no lugar.

Esperava que ela acreditasse nisso?

A raiva esquentou seu sangue, reforçou sua decisão e a fez seguir em frente.

- E quanto a todas aquelas perguntas que você me fazia sobre onde guardava meus objetos de valor, você não estava preocupado com minha segurança, simplesmente queria saber onde procurar.

- Sim – disse ele, assentindo sem jeito.

Ela sabia que essa seria sua resposta, mas ainda lhe doeu ouvir isso diretamente de seus lábios.

- E todo o tempo que você passou aqui foi trabalho de reconhecimento, não foi? – Deus, todos aqueles beijos, as conversas que tanto tinha significado para ela, que a haviam mudado...

Seus olhos encontraram os dela, e foi como se lhe tivesse enfiado uma faca no peito.

- Todo, não.

Levando em conta o que dissera, podia entender que parte do tempo que passara com ela dedicara a planejar o roubo. A faca imaginária em seu ventre penetrou mais fundo.

- Você planejou tudo desde o início, não foi? – Sua voz estava entrecortada. – Desde o momento em que me conheceu.

A expressão de Wynthrope estava suplicante, e seu tom, resoluto.

- Não, Moira, não foi assim.

Ela agarrou e apertou ainda mais o acolchoado contra o peito. Mesmo protegendo-se assim, ela se sentia ainda mais nua do que quando estava na banheira. Como era horrível descobrir que estava tão errada sobre ele quando queria tanto estar certa.

- Tudo o que me disse... Você não levou nada a sério.

- Levei tudo a sério. – Sua voz estava estranhamente cansada, tranquila.

Ela o ignorou.

- Meu Deus, isso é pior do que qualquer aposta. Você não queria ganhar a aposta, queria um prêmio muito maior.

Wynthrope estendeu a mão como se pudesse tocá-la através da sala.

- Moira...

Os olhos dela se encheram de lágrimas, e sua garganta se fechou.

- Você veio aqui para roubá-la, não foi? Achei que tinha vindo por minha causa, mas foi por ela.

Ele deixou cair a mão sem nada a dizer. Nem precisava.

A umidade queimava o rosto de Moira enquanto uma lágrima escorria de seus olhos.

- Você fez amor comigo por uma jóia.
- Não! – exclamou ele num ímpeto, dando um passo na direção dela. – O que aconteceu entre nós não teve nada com isso – indicava o cofre com um gesto.
- Teve tudo a ver com isso! – Com raiva, ela enxugou as lágrimas que corriam por sua face. – Por que teve de fazer isso dessa maneira? Por que simplesmente não entrou em minha casa há algumas semanas? Por que me fez confiar em você?
- Nunca tive a intenção de que isso acontecesse. Já nos conhecíamos quando planejei roubar a tiara.

É claro que diria isso. Diria qualquer coisa para confundi-la.

- Por que a quer? Há outras muito mais bonitas entre as aristocratas.

Wynthrope passou a mão que tinha livre pelo cabelo. Estava constrangido? Ótimo.

- Eu não a quero. O homem para quem trabalho a quer.
- Para quem trabalha? – Pelo amor de Deus, há quanto tempo ele fazia aquilo? Fosse quanto fosse, era muito tempo. Se ele era o tipo de pessoa que podia tirar coisas dos outros sem pensar nas conseqüências, certamente não era o homem que ela imaginara que fosse. Ele balançou a cabeça.

- É uma longa história, que agora já não tem importância. O que importa é que não fiz isso por minha própria vontade. Você precisa acreditar em mim.

- Acreditar em você? – Ela ficou chocada com as palavras dele. – Por que deveria acreditar em qualquer coisa que você dissesse? Pelo que sei, tudo o que sai de sua boca é mentira.

Apontando um dedo para ela disse:

- Nunca menti para você, não sobre questões importantes.

Moirá deixou escapar uma gargalhada de descrédito.

- E você não acha que isso seja importante?
- Não estou mentindo para você agora.
- Não? Para quem trabalha? – Moira queria saber.

Ele coçou o nariz e suspirou.

- Para alguém que você nunca ia querer conhecer.

Se ainda havia nela qualquer vestígio de simpatia por ele, Moira resolveu acabar com ele naquele momento.

- Por que ele ia querer minha tiara?
- Pretende vender a alguém – disse ele, deixando cair a mão.
- A quem? – Quem queria tanto a tiara que contrataria alguém para roubá-la? Era uma peça bonita, mas certamente não valia tanto.

A mesma mão que ele deixara cair subiu novamente para coçar o queixo.

- Não sei.

Não sabia ou não havia essa pessoa?

- Por que essa pessoa a quer?
- Não sei.

- Por que o tal homem pediu para você roubá-la? – Se lhe dissesse que não sabia, ela atiraria alguma coisa nele.

- Eu costumava trabalhar para ele, pois sabe que sou bom.

Bom Deus, ele não estaria sendo convencido? Claro que estava. Ele não era apenas um ladrão desprezível e um salafrário, mas também era homem, afinal, e os homens sempre querem se promover alardeando suas bravatas.

Seus dedos apertaram o acolchoado.

- O que lhe ofereceu em troca?

- Isso importa? – Sua voz denotava frustração.

Por estranho que parecesse, importava.

- Sim. – Ela queria saber qual tinha sido o preço para mutilá-la daquela maneira. Queria saber se aquele período de tempo valera a pena.

Wynthrope levantou o queixo quase de modo desafiador, como se tivesse o direito de assumir essa postura com ela. Ela poderia bater nele.

- Ele estava me chantageando. Ameaçou ferir alguém que é importante para mim. Isso é tudo o que você precisa saber.

O punhal se enterrou um pouco mais – lembrando-a de quão pouco ela realmente significava para ele.

- Então você não costuma mentir para mim? Mas também não me diz toda a verdade.

Ele estava inflexível – parecia imune à angústia de Moira.

- Não vou dizer nada que possa lhe causar dano.

Isso era engraçado. Ele realmente esperava que ela acreditasse que se preocupava? Não depois de lhe dizer que ela sabia tudo o que precisava saber.

- Nada que você me diga poderia me deixar mais ferida do que já estou.

Talvez ela não devesse admitir quão profundamente sua traição a machucara, mas não conseguia evitá-lo. Queria que ele soubesse.

Ao se encaminhar na direção dela, o rosto de Wynthrope estava devastado pela emoção. Por um instante – só uns segundos – ela realmente acreditou que ele estivesse falando sério ao dizer que nunca quisera magoá-la. Mas como momentos atrás se mostrara tão frio, ela não sabia em que acreditar.

- Moira, concordei em roubar sua tiara porque achava que não tinha escolha.

O tom de súplica em sua voz feriu-a ainda mais. Que hábil mentiroso ele era.

- Você já disse isso.

- Mas quando surgiu a oportunidade de pegá-la, percebi que tinha escolha, sim. Escolhi pôr a tiara de novo no cofre. – Sua voz estava agitada, mas frustrada. Ele estava realmente incomodado por Moira não acreditar prontamente nele.

- Você a devolveu ao cofre porque o peguei! E agora é minha palavra contra a sua se eu alertar as autoridades. Sem dúvida dirá a eles que o acusei porque estava ofendida por ter sido rejeitada.

Ele teve a ousadia de se mostrar afrontado.

- Você realmente acredita que faria uma coisa como essa?

Deus, ela estava cansada, muito cansada e triste. Desapontada. Desiludida.

- Meia hora atrás eu não teria acreditado que você pudesse me roubar. Agora acredito que você é capaz de quase qualquer coisa.

- Moira, por favor!

Não, ela não queria ouvi-lo mais. Já lhe havia dado oportunidade suficiente para se explicar, mas ele não dissera nada que lhe desse algum motivo para perdôá-lo.

- Wynthrope, eu lhe dei minha confiança. Confiei a você meu segredo, confiei em você para ser meu primeiro amante, porque acreditava que não ia me magoar. Você me feriu mais do que qualquer outra pessoa o fez em toda a minha vida. Meus pais poderiam tomar aulas com você. Ele sabia a que tipo de insulto ela se referia. Moira podia ler isso no rosto dele.

- Coloquei a tiara de novo no lugar porque não queria traí-la. Se você não tivesse acordado, jamais saberia disso.

Ah, sim. Se ela permanecesse dormindo ainda estaria na bem-aventurada ignorância de sua duplicidade. Isso a levou a dizer:

- Diga-me uma coisa. Você continuaria aqui até de manhã? Teria tido a coragem de me encarar depois de me roubar ou teria escapulado tão sorrateiramente como chegou?

Ele novamente levou a mão ao cabelo. Ela se lembrou de como aqueles fios sedosos se entrelaçavam em seus dedos.

- Não teria sido necessário, porque não ia pegá-la.

- Qual era seu plano, Wynthrope? Claro, antes dessa sua repentina mudança de sentimento. – Por que estava fazendo aquilo a si mesma? Será que já não se magoara o suficiente?

Ele não abaixou a cabeça. Pelo menos teve a coragem de olhá-la no rosto.

- Ia ficar até de manhã.

O canalha. Ia se enfiar de novo em sua cama e ficar com ela – e possivelmente até fazer amor com ela pela segunda vez -, e então calmamente sairia de sua casa com a tiara.

- Não conheço você – murmurou, segurando o choro. – Pensei que o conhecesse, mas não. Ele estava ao lado da cama agora, e a luz da vela mostrava cada detalhe de sua expressão devastada.

- Moira, você me conhece melhor do que ninguém.

Ele era um bom ator. Se aquela traição não tivesse transformado seu coração em pedra, ela poderia realmente acreditar nele.

- Não. O homem que eu achava que conhecia nunca faria uma coisa dessas, não sem uma boa razão, e não creio que você tenha alguma.

- Eu lhe disse por quê. Alguém importante para mim está em perigo.

Sim, ele já lhe dissera isso.

- Mas não vai me dizer de quem se trata?

Ele apertou os lábios.

- Não. Essa pessoa não gostaria que você soubesse.

Como ia descobrir que ela sabia de quem se tratava se Wynthrope nada lhe disse? Ele não confiava nela para manter essa informação em segredo? Obviamente não.

- Pelo que sei, essa pessoa sem nome nem existe.

Seus graves olhos azuis cruzaram com os dela.

- Você pode confiar em mim.

Seu tom esperançoso seria de rir se não a tivesse atingido bem no íntimo. De todas as coisas fúteis e sem sentido que poderia ter dito, resolvera escolher aquela.

- Como se atreve a me pedir isso? Confiei em você mais do que você merecia.

O rosto dele se fechou.

- Suponho que você acha que agora vou sair contando para Londres inteira que seu casamento foi uma farsa.

- Não me surpreenderia. – E se fizesse isso? Ela estaria arruinada. Por estranho que parecesse, ela mal se importava com isso no momento. A única coisa em torno da qual construíra sua vida por mais de dez anos não significava absolutamente nada para ela agora que estava diante de tal possibilidade.

- E o que você vai fazer? – Estava de novo com aquela curva nos lábios. – Serei preso de manhã?

A idéia de sua prisão a deixava doente, mesmo sabendo que ele merecia isso.

- Deveria ser assim.

Ele pôs a vela na mesa ao lado, inclinando-se de modo a que seu rosto ficasse só a alguns centímetros do de Moira. Tão bonito e tão traiçoeiro! Ele era Lúcifer encarnado.

- Faço uma troca com você. Prometo guardar seu segredo se você prometer guardar o meu.

Um amargor subiu à garganta de Moira. Ela não tinha intenção de entregá-lo às autoridades – tanto por seu bem quanto pelo dele. Era fraqueza dela, sem dúvida, mas não via como poderia denunciá-lo sem que ninguém percebesse que eram íntimos. E fizesse o que fizesse, ela não poderia traí-lo assim, mesmo tendo sido traída por ele. O fato de ele estar tão preparado para chantageá-la só provava que ele não era o homem que ela imaginava.

Parte de seu desgosto devia estar refletido em seu rosto, porque os olhos dele mostravam tristeza.

- Não peço isso por mim, Moira.

Ela sorriu de modo sarcástico.

- Deixe-me adivinhar. Você está pedindo pela pessoa misteriosa que precisa proteger.

- Sim. Mais pessoas, além de você e de mim, sofreriam se uma única palavra sobre isso fosse revelada.

Ele estava certo. Havia outras pessoas em quem pensar.

- Prometo não dizer nada, mas não faço isso por você. Estou pensando em Octavia e North e no resto de sua família.

Ele relanceou os olhos ao longe, mas não antes que ela visse algo neles. Será que era em sua família que ele também estava pensando? Será que quem ele devia proteger era um de seus irmãos?

Deus, ela não estava realmente começando a acreditar nele, estava? A única pessoa que Wynthrope devia estar querendo proteger era a si mesmo.

- Obrigado – ele murmurou.

- Eu é que devo lhe agradecer.

Ele a olhou intrigado e perguntou:

- A mim?

- Sim. – Seu tom estava frio, que seus ossos gelaram também. – Pelo menos você se revelou antes que eu me apaixonasse por você. Teria sido cruel, até para você.

Suas palavras o atingiram de modo tal, que ele recuou como se ela o tivesse esbofeteado.

Talvez devesse ter feito isso, mas não ficaria tão satisfeita quanto agora que via a dor claramente estampada em suas feições. É claro que havia uma ponta de remorso na satisfação dela. Ou ele era um ator melhor do que ela imaginara ou estava verdadeiramente magoado com suas palavras.

Bem, ela quisera feri-lo. Se seu coração estivesse partido pelo menos parte do que estava o dela, ele sofreria o suficiente, e ela já se sentiria um tanto recompensada.

- Agora vá! E vou avisando – se essa tiara desaparecer a qualquer momento daqui para a frente, vou repensar minha promessa de não procurar as autoridades. Entendeu?

Ele fez que sim com a cabeça enquanto caminhava na direção das portas da sacada.

Provavelmente ele estava achando que lhe prestava um favor saindo do jeito que chegara.

Talvez pensasse que estava protegendo sua reputação ou alguma tolice dessas.

Lamentavelmente, de fato, estava.

Parando na porta, ele se virou para encará-la, com a expressão de remorso já quase desvanecida na escuridão.

- Moira?

De modo desafiador, ela levantou o queixo enquanto o fitava sem nada dizer.

- Também estou contente por você não ter se apaixonado por mim.

E então saiu para a neve que caía, deixando Moira sozinha com suas lágrimas.

Sob o olhar perscrutador do anjo do jardim de Moira, ele vomitou.

De ombros curvados no frio e na escuridão, Wynthrope limpou a boca com as costas da mão.

Com a outra se apoiava no anjo, de dedos agarrados à lisa superfície.

Inclinado sobre o anjo, seu mal-estar acabou se acalmando. Isso devia ser um sonho – um horrível pesadelo. As coisas não podiam ter saído tão mal assim.

Mas tinham acabado mal. Ele percebia a ironia da situação e achava que algum dia poderia até se divertir com ela. Nesse momento ela só servia para torná-lo amargo e doente. Havia guardado de novo a maldita peça, chegara à conclusão de que não podia trair a confiança de Moira daquela maneira, e então ela acordara.

Quem sabe fora o destino. Talvez ninguém tivesse nenhum controle sobre a direção que sua vida ia tomar, e ele fosse apenas um peão num jogo muito maior.

Se ele pelo menos tivesse conseguido fazer que ela compreendesse! Mas não havia razão para esperar que isso pudesse acontecer. Se a situação se invertesse, ele não compreenderia. Ela estava magoada e com raiva, e não importava o que ele dissesse ou que evidências apresentasse, ela não relevaria.

E certamente o fato de não poder lhe dizer toda a verdade não ajudara em nada. Contar-lhe sua ligação com Daniels não adiantaria, porque ela não estava a fim de ouvi-lo, mas podia ter-lhe falado sobre North. Dizer isso simplesmente não era da sua conta. Arriscar a retaliação dela contra ele era uma coisa, mas ele não queria comprometer a reputação do irmão. North obstruía a investigação de um crime para protegê-lo, e essa era uma coisa que a moral estrita de Moira talvez não compreendesse.

Isso não era muito diferente do fato de ela não lhe ter dito por que o marido não podia ter consumado seu casamento, embora fosse improvável que ela estivesse de acordo.

Doce, inocente Moira! Que tola devia estar se sentindo nesse momento. Estaria chorando por causa dele ou ainda sentia muita raiva para chorar? Se não houvesse perdão nenhum no céu, ela ainda estaria zangada. Ele não queria pensar que ela estivesse derramando lágrimas por ele.

Passando a mão pelo rosto, endireitou o corpo e se afastou do anjo. Não tardaria a amanhecer, e ele devia chegar a sua casa antes que alguém o visse. Isso provocaria comentários especulando sobre sua presença na casa de Moira a essa hora. A última coisa que ela merecia era ter a reputação destruída, além do coração partido.

Seu cavalo estava no estábulo da casa de Moira, onde ele o deixara. Montou no animal e se foi. Seus dedos estavam frios e duros nas rédeas, a neve que caía descia pelo seu pescoço, mas ele não se importou.

Ela lhe agradecera por tê-la magoado antes que se apaixonasse por ele. Se pretendia lhe dizer algo que o ferisse fundo, havia conseguido. Havia estado a ponto de se apaixonar por ele? Ele não sabia o que lhe doía mais – se o pensamento de que ela estivera a ponto de se apaixonar por ele ou o fato de isso ainda não ter acontecido.

Ele queria o amor de Moira, exatamente como uma criança quer um brinquedo que não pode ter. E agora que estava fora de seu alcance, ele o queria com um desespero tal que lhe apertava o peito e lhe fazia doer a cabeça.

Ainda assim, sentia certo alívio pelo fato de Moira ter descoberto a verdade. Ela sabia agora que tipo de homem ele havia sido, que tipo de homem era agora. Não precisava mais rezear que viesse a descobrir isso. Provavelmente devia ter-lhe dito tudo, mas ela não estava disposta a ouvi-lo. Se voltasse a se aproximar dele, e não havia muita chance de isso acontecer, então ele lhe diria tudo – se ela quisesse ouvi-lo.

Isso era o futuro, e ele tinha outras coisas em que pensar nesse momento. Precisava tirar Moira da cabeça, enxugar os olhos e pensar em Daniels e no que ia fazer agora.

O homem havia lhe dado o prazo até o Dia de Reis para roubar a tiara. Sem dúvida iria lhe fazer uma visita nas próximas horas, se é que já não estava esperando por ele. Não ia ficar contente por Wynthrope não lhe entregar a tiara, nem por ter mudado de idéia. Daniels podia

ser muitas coisas, mas era um homem de palavra; faria qualquer coisa que pudesse para arruinar North e o resto da família. Se Wynthrope não conseguisse mais tempo, teria que procurar seus irmãos e prepará-los para o pior. Ia ter que acabar contando a eles, mas queria ter tudo planejado antes de conversar com North. Também teria que garantir a segurança de Moira sem que ela soubesse. Uma mulher desprezada não era uma criatura racional, e ele não queria deixá-la indignada, para evitar que se pusesse em perigo só para magoá-lo.

Mas sua Moira não era uma pessoa rancorosa. Era doce, encantadora e boa, mas não em benefício próprio. A idéia de que ela pudesse comprometer essas qualidades era repugnante. Ela pensaria duas vezes antes de confiar em alguém de novo, e pensaria nele toda vez que fosse agir assim. Pelo menos pensaria nele às vezes mesmo que fosse de maneira negativa. Ele suspeitava que podia pensar nela o tempo todo pelo resto de sua vida, e sempre com arrependimento.

Quando chegou, estava todo coberto por uma fina camada de neve, com o rosto ardendo por causa do frio. No entanto, a friagem lá de fora não era nada perto da que sentia interiormente. Ele estava entorpecido, totalmente entorpecido, doente e cansado.

Assim, foi somente para concluir as coisas que Daniels estava esperando por ele quando subiu ao seu apartamento.

- Em boa hora você voltou.

- Encantado de vê-lo também. – Pelo menos não perdera a habilidade de ser sarcástico.

Sempre a teria.

- Onde está ela? – perguntou o velho num tom sarcástico.

Wynthrope balançou a cabeça para retirar o que restara de neve em seu cabelo e atirou o casaco em uma cadeira.

- Não está comigo.

O silêncio que se seguiu a essa afirmação foi tão denso que ele quase poderia tocá-lo.

Wynthrope acendeu uma lâmpada e voltou o rosto para o seu adversário.

- Simplesmente isso. Não está comigo.

Os olhos de Daniels emitia tanto calor quanto a lâmpada.

- Por que diabos não a trouxe?

Suspirando, Wynthrope passou a mão pelos olhos.

- Ela me pegou.

- O *quê*?

O tom do velho seria de rir se Wynthrope conseguisse se lembrar de como era rir.

- Ela acordou. Não pude roubá-lo. Tive sorte de sair de lá antes que ela desse o alarme. – Ele não sentia o menor remorso por não revelar detalhes a Daniels. Não era de sua conta o que se passara entre ele e Moira.

- Então, Você deitou e rolou, mas não conseguiu pegar minha tiara?

- Não – disse Wynthrope, sacudindo a cabeça.

O punho de Daniels caiu forte na mesa.

- Você pensa que sou idiota, garoto?

Wynthrope olhou-o diretamente nos olhos e sorriu.

- Acho que Você é um bocado de coisas, Daniels, mas ser idiota não está entre elas.

- Então Você sabe que pretendo fazer o que disse. Se não me entregar a tiara, você e seu irmão serão motivo do falatório que circulará por Londres inteira.

Wynthrope deu de ombros.

- Então tem que me dar mais tempo para pensar no novo plano. Não vou ser de nenhuma ajuda para você se toda a sociedade souber a verdade sobre mim. – Como soava calmo... Sem dúvida era porque já não precisava se preocupar com nada disso.

O rosto de Daniels estava impassível.

- Você não me dar ordens, garoto.

Wynthrope encolheu os ombros mais uma vez.

- Então, o que você sugere?

Os olhos azul-pálidos se estreitaram. Daniels não era estúpido, Wynthrope podia sentir a mudança nele.

- O que aconteceu, rapaz? Ela lhe deu o fora? Essa é a razão da falta de respeito comigo? A falta de respeito se devia ao fato de que Daniels não merecia nada, mas ele não disse isso. Aliás, não disse nada, e esse foi o seu primeiro erro.

Um sorriso displicente e astuto se estendeu pelo rosto do irlandês, e Wynthrope percebeu o poder que acabara de dar a seu antigo empregador.

- Sugiro que você dê um jeito de me entregar aquela tiara até o fim da semana, ou pagará por isso.

Wynthrope arqueou uma sobrancelha, apesar do mal-estar no estômago. O que será que o velho bastardo estava planejando?

- Vou tentar.

- Aquela Lady Aubourn é mesmo uma coisa bonita. Detestaria vê-la ferida. – Seu olhar perdeu parte do humor. – Vou machucá-la, e também a qualquer um que me dê na veneta.

Sabia o que estava para acontecer, sabia que o velho era capaz de cumprir a palavra, mas não conseguia reprimir a raiva que tomava conta de seu cérebro. Agiu sem pensar, apenas por instinto.

- Seu filho da puta! – O punho de Wynthrope acertou Daniels no rosto, impelindo a cabeça do velho para cima, enquanto ele caía girando para trás. Levado pela raiva, Wynthrope se preparou para novo ataque, agarrando o ex-mentor pelas lapelas, levantando-o do chão.

Foi então que sentiu a fria lâmina de aço contra a garganta.

- Calma aí, garotão – disse Daniels, com o sangue escorrendo do canto da boca. – Não vamos querer que essa sua bela cabeça se separe do resto do corpo, não é?

Wynthrope ficou imóvel. A lâmina já o havia cortado, e ele podia sentir o sangue escorrendo pelo seu pescoço. Mantinha o olhar fixo no do velho, mas permanecia em silêncio. Não estava com medo de morrer, mas temia o que Daniels poderia fazer para conseguir a tiara.

- Agora que tenho sua atenção – disse Daniels -, permita-me dizer-lhe como tudo vai ser. Você vai pegar aquela tiara para mim, entendeu? Não me interessa nem um pouco como você vai

fazer isso. Se não fizer, alguém vai ser ferido. E com “alguém” quero dizer uma pessoa com quem você se importa. Estamos entendidos?

Wynthrope não se atreveu a sair do lugar.

- Perfeitamente.

Daniels abaixou a faca com um sorriso de satisfação.

- Muito bem. Procurarei você em um dia ou dois para ter certeza de que não esqueceu.

Como se o ferimento na garganta não fosse suficiente para lembrá-lo.

- Faça isso.

Daniels balançou a cabeça grisalha, enquanto limpava a lâmina na calça.

- Rapaz, você sempre foi insolente. Entre outras coisas, era por isso que gostava tanto de você.

- Você nunca gostou de ninguém a não ser de si mesmo.

- Ah, isso não é verdade. Gostei de você até que me traiu. Parece que é um hábito seu trair as pessoas com quem você diz que se importa.

Daniels deu de ombros.

- Apenas lhe disse o que você precisava e queria ouvir, filho. Preencha o resto como quiser.

E aquilo era verdade. Daniels sempre soube exatamente o que dizer para fazer que Wynthrope acreditasse nele. Também soube que fies puxar para fazer um rapaz acreditar naquilo que ele queria.

Mesmo que fosse a última coisa que fizesse, queria ter certeza de que Daniels nunca mais enganaria nenhum jovem tolo.

- Conseguirei sua maldita tiara. Agora saia daqui e vá para o inferno.

Ainda exibindo aquele sorriso convencido, Daniels guardou a lâmina na manga e pressionou a mão no pescoço de Wynthrope, de onde ainda saía sangue.

- Melhor cuidar desse corte. Não vai querer cair de cama com uma febre, não é?

Ele não disse nada, embora o riso de zombaria do velho lhe desse vontade de feri-lo de algum jeito. Ele sabia que melhor do que isso era instigar Daniels. Seria muito mais fácil enganá-lo, se ele pensasse que era o único que detinha todo o poder.

Mas o que Daniels não havia percebido era que o equilíbrio entre eles mudara. De fato, havia possibilidade de que viesse a ferir Moira ou um de seus irmãos, mas agora Wynthrope sabia que havia cuidados que ele poderia tomar para evitar isso. Tudo o que tinha a fazer era engolir seu orgulho e admitir que não podia derrotar Daniels sozinho.

A porta se fechou com um clique quando Daniels saiu. Wynthrope esperou até que ele se fosse para tirar o lenço do bolso e estancar o sangue que escorria de seu pescoço. Ao retirá-lo, olhou a perfuração e viu a mancha vermelho-escura em volta dela. O corte era muito mais fundo do que pensara. Graças a Deus pelas gravatas, senão teria que inventar uma boa história, pois ninguém iria acreditar que seu mordomo o cortara enquanto o barbeava.

Uma coisa era certa. Daniels havia transformado aquilo numa guerra pessoal ao envolver Moira. Wynthrope e North, e até Dev e Brahm, eram homens crescidos que conheciam muito bem as consequências de seus atos. Todos eles traziam do passado demônios contra os quais

tinham de lutar de vez em quando, e estavam preparados para fazer isso se fosse necessário. Moira, no entanto, era inocente. Não tinha nada de que se arrepender, nada a lamentar, a não ser ter confiado nele. Mesmo que fosse a última coisa que fizesse, queria estar certo de que ela não ia pagar por seus erros.

Estava cansado de ser apenas um peão num tabuleiro de xadrez. Era hora de o destino saber quem de fato estava no controle.

Capítulo treze

A luz acinzentada da manhã chegou ao quarto como um convidado indesejado. De olhos avermelhados, Moira contemplou-a. À medida que o dia clareava, ela ia se sentindo cada vez mais distante do sono que a enganava. Sua mente se recusava a deixá-la descansar, ficava repassando ininterruptamente a noite anterior – não toda ela, apenas as partes melhores e também as mais dolorosas. Lembrava-se das carícias de Wynthrope mil vezes. E lembrava-se de sua traição duas vezes mais que isso.

Embora sua memória repetidamente a forçasse a repassar mentalmente aquilo, ainda havia uma parte dela que se recusava a aceitar que ele fosse tão horrível como ela estava achando. Era mais idiota do que jamais pensara que pudesse ser.

Finalmente, incapaz de permanecer deitada por mais tempo, atirou as cobertas para o lado e saiu da cama. Sentindo o ar gelado no corpo nu, vestiu um robe.

Uma mancha captou seu olhar, e ela voltou a atenção para a cama enquanto amarrava o cinto do robe. O lençol estava manchado – resultado dos momentos em que estivera nos braços de Wynthrope. Era a isso que estava reduzido seu relacionamento com ele – um lençol manchado. Sua traição a machucara muito mais do que quando tirara sua virgindade. Se seu coração sangrasse, a cama estaria encharcada de vermelho.

Mas aquela mancha não significava grande coisa, afinal, e era mais fácil de esconder da vista dos criados, que se a vissem logo saberiam da verdade.

Lentamente, Moira foi ao toucador, ignorando as pontadas que sentia entre as pernas. Elas passariam, assim como a dor de seu coração, embora um pouco mais rapidamente que esta, sem dúvida.

A garrafa de vinho estava exatamente onde a havia deixado. Ela a pegou e levou até a cama, abriu-a e com cuidado derramou o rico Borgonha sobre o lençol, cobrindo completamente a evidência de sua loucura.

Então, antes que o vinho pudesse passar para o colchão, tirou toda a roupa de cama, fez com ela uma bola, que rolou nas mãos até que o vinho embebesse tudo. Agora ninguém saberia. E ela poderia tentar fingir que nada acontecera.

Seu olhar percorreu todo o tapete e foi parar na parede onde estava o cofre. O quadro que o escondia ainda estava aberto, e ela se apressou em fechá-lo, com muito mais força do que era preciso. Sem lembranças. Não nesse dia.

A água da banheira estava fria, mas ela tomou banho assim mesmo. A necessidade de lavar de seu corpo o cheiro dele a estava oprimindo, consumindo. Finalmente, tiritando de frio e batendo os dentes, ela se secou e vestiu uma camisa limpa. Quando estava calçando as meias, sua criada chegou e ficou surpresa por ela estar acordada àquela hora.

- Não consegui dormir – alegou Moira, sabendo que a moça podia ver isso pelas suas olheiras.
- A senhora está gelada! – disse a criada, apressando-se a acender o fogo.

Em alguns minutos havia fogo na lareira, e Moira estava em pé diante dela, aquecendo as mãos enquanto seu cabelo era escovado. O fogo tirou o frio de sua pele, mas não podia aquecê-la por dentro. Nada conseguiria fazer isso.

Já vestida e aquecida, saiu do quarto, deixando que um criado esvaziasse a banheira enquanto a criada cuidava dos lençóis sujos. “Achei que um pouco de vinho me ajudaria a dormir, mas em vez de bebê-lo derramei-o.” É claro que a criada não fez perguntas. Mesmo que isso lhe tivesse ocorrido, ela conhecia seu lugar.

Lá embaixo, foi para a pequena mesa da sala de visitas onde sempre gostava de tomar café-da-manhã. Sempre pedia alguma coisa leve. Mas não agora.

- Quero presunto – disse à governanta -, ovos e salsicha. Traga-me também batatas fritas com a salsicha. Oh, quero pão. Bastante pão e um bule de café.

A pobre governanta a olhava como se ela estivesse doida, mas não disse nada.

Moira olhou pela janela e viu que começara a nevar. Mal se viam as pegadas de um cavalo solitário, já quase inteiramente cobertas. O suspiro que lhe escapou foi como uma lâmina atravessando seu coração.

- Aqui está seu café, senhora.

Já? Quanto tempo ficara ali olhando através daquela maldita janela?

- Obrigada, senhora Wright.

Seus dedos tremiam ao levantar o bule de prata. Moira encheu a xícara com o café quente, cheiroso. Normalmente bebia café preto porque isso ajudava a manter a forma, mas detestava tomá-lo assim. Felizmente a senhora Wright trouxera também creme e açúcar. Moira se serviu generosamente de ambos. O café foi um presente em sua língua. Deu-lhe prazer. Tiraria disso toda a satisfação que pudesse.

Algum tempo depois, quando Moira estava se fartando com seu delicioso café, Minnie entrou na sala. Deu uma olhada na mesa repleta e nas bochechas infladas da irmã, e sua expressão de alegria se transformou em aflição.

- O que está havendo?

- Café-da-manhã – Moira respondeu, com a boca cheia de ovo e presunto. – É maravilhoso!

Meio hesitante, Minerva se sentou na cadeira em frente, do outro lado da mesa, olhando atentamente o banquete diante delas.

- Está pensando em dividi-lo?

Moira olhou-a de um jeito que a mataria se ousasse tocar em alguma coisa.

- Estou certa de que a senhora Wright vai trazer seu próprio café-da-manhã. – Aquela comida era dela. Já passara fome por muito tempo; durante anos se havia negado a comer. Sempre tentara ser quem os outros queriam que ela fosse. Nunca mais. A partir de agora ia ser o que quisesse ser, e exatamente nesse momento o que queria era estar satisfeita, plena. Dor de estômago? Nunca mais, por ninguém.

Mas talvez uma dor de estômago fosse melhor do que essa sensação doentia.

- Quem sabe você devesse parar um pouco – sugeriu Minnie.

Engolindo o que tinha na boca, Moira assentiu.

- Talvez você tenha razão. Desculpe ter sido tão grosseira, Minnie. Fique à vontade e sirva-se.

Minerva pegou um pãozinho da cesta de pão e o partiu.

- Aconteceu alguma coisa entre você e o senhor Ryland?

Se falasse nele agora, realmente ficaria doente.

- Não.

Minnie olhou-a com uma expressão perspicaz. A garota era mais esperta do que fingia ser.

- Então está se empanzinando estupidamente porque...

- Porque estou cansada de me matar de fome.

- Matar de fome? Você faz o quê?

Moira deu um gole no café.

- Você se lembra de como eu era gorda?

Minnie balançou a cabeça.

- Ouvi falar. Tenho quinze anos menos que você, lembra? Tinha seis anos quando se casou e saiu de casa.

Sim, e nessa época Moira era uma versão muito mais magra de si mesma.

- Então vai ter que confiar em mim. Eu era gorda.

Minnie deu de ombros.

- Em criança eu também era, mas isso passou quando cresci. Nunca me matei de fome.

- Nossa mãe já não devia se importar com crianças gordas quando teve você.

Minnie arregalou os olhos.

- Você realmente a despreza, não?

Um dia antes Moira teria dito não, mas agora...

- Sim, casei-me com um homem a quem não amava para ficar longe daquela mulher – e de seu marido. Eu me negava comida para emagrecer porque senão ela não ia parar de me espicaçar.

– Moira bateu a mão na mesa antes de pegar outro pedaço de presunto e colocá-lo na boca.

Podre Minnie! Encarava-a com uma expressão entre preocupada e assustada.

- Moira, não a estou reconhecendo.

Moira engoliu e respondeu:

- É aí que você se engana, Min. Estou em vias de me tornar eu mesma. Isso tem algum sentido para você?

Minnie sacudiu a cabeça.

- Vou parar de me preocupar com o que as pessoas pensam de mim, com o modo como os outros acham que eu devia agir e parecer.

De agora em diante, vou fazer e dizer exatamente o que quiser e comer o que quiser.

Para provar isso, deu uma grande mordida num pãozinho com manteiga.

A expressão de Minnie mudou e ficou alegre.

- Que bom para você! Agora, vai me dizer o que provocou isso?

- É de admirar as alegrias que alguém pode experimentar durante uma noite sem dormir.

- Você parece cansada. O que não a deixou dormir?

Sua irmã obviamente não ia parar de fazer perguntas até que lhe dissesse alguma coisa. Além de ser curiosa, Minnie realmente parecia preocupada com ela, e na mesma medida que queria esconder sua vergonha, Moira não desejava causar-lhe preocupação.

- Não desejo discutir isso, mas vou lhe dizer que é muito provável que o senhor Ryland nunca mais volte a bater em nossa porta. – De modo surpreendente, ela procurou manter a voz inalterada, embora seus olhos ardessem só de mencionar o nome dele.

- Oh, Moira! – disse Minnie, de cenho franzido, estendendo o braço e pondo a mão cálida sobre a da irmã. – Sinto muitíssimo.

Moira deu de ombros. Tinha que mostrar indiferença, ou cairia no choro, e ela se recusava a dar essa satisfação a Wynthrope. Já chorara o suficiente depois que ele fora embora; agora não ia mais desperdiçar suas lágrimas com ele. Apostaria toda a sua fortuna que nessa manhã ele não estava fazendo isso por ela, então por que agiria de modo diferente?

- Os homens não prestam, Minnie. Estou convencida disso.

O rosto da irmã ficou meio abatido.

- Sinto ouvir você dizer isso, porque encontrei alguém com quem gostaria de passar o resto de minha vida.

Essa declaração foi como a bofetada de que Moira precisava para se livrar da melancolia que a oprimia.

- O que disse?

Minnie, ruborizada, mudou de posição na cadeira.

- Lucas Scott me perguntou se quero me casar com ele.

Moira ficou boquiaberta.

- Oh, Deus! – Empurrando para trás a cadeira, ficou de pé num salto. Minnie fez o mesmo, e logo as duas estavam rindo e se abraçando.

- Ele quer fazer as coisas da maneira correta – continuou Minnie, dando um passo atrás para que pudessem se olhar nos olhos. – Moira, como estou sob seus cuidados aqui em Londres, posso contar com você para lhe dar sua permissão?

- É claro! – Por tudo o que vira e ouvira sobre o rapaz, ele era o par perfeito para sua voluntariosa irmã. E tinha a idade certa! Moira se preocupava com a eventualidade de Minnie acabar escolhendo alguém muito mais velho que ela.

Graças a Deus, Wynthrope não tinha cismado com ela. Moira o teria matado se magoasse sua irmã.

- Oh, obrigada, Moira! – Minnie, feliz, abraçou-a novamente.

- Mas e quanto a mamãe e papai? Ele não vai querer a permissão deles também? – perguntou Moira.

Minnie levantou os olhos vivos.

- Mamãe e papai não negariam nada, Moira. Com certeza não vão impedir que me case com o marido que escolhi, especialmente pelas relações que tem e por sua enorme fortuna.

Ela estava certa. Afinal, eles praticamente haviam atirado Moira para cima de Tony quando descobriram que ele queria se casar com ela. Não fizeram nenhuma pergunta, a não ser sobre a fortuna dele.

- Além disso – disse Minnie –, sua bênção é mais importante para mim do que a deles.

Dessa vez Moira deixou que as lágrimas lhe viessem aos olhos, porque eram lágrimas de alegria e amor, e não de desespero. Ela estreitou a irmã num abraço carinhoso, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Como aquela garotinha mimada que viera ficar com ela apenas poucos meses atrás havia crescido e se tornado uma jovem e maravilhosa mulher?

- Devo toda a minha felicidade a você, querida. Se você não me tivesse tomado pela mão, nunca teria encontrado Lucas. Nem ele teria gostado de mim.

- A mim? – perguntou Moira, relaxando o abraço. – O que fiz?

Minnie sorriu amorosamente.

- Você se recusou a me deixar ser como era. Você me fez ver as pessoas de um modo diferente. Vi como as pessoas a adoram e sabia que você era o tipo de mulher que eu queria vir a ser.

- Oh! – suspirou Moira, sentindo um nó na garganta.

Rindo, Minnie abraçou-a mais uma vez.

- Isso não quer dizer que no início não tivesse ficado ressentida com Você, mas agora estou tão agradecida!

Continuavam se abraçando e rindo.

- Deus do céu! O que está acontecendo aqui?

Afastando-se, ambas sorriram e abriram os braços para um Nathaniel cheio de curiosidade.

- Minnie vai se casar, Nate.

Seu rosto angelical iluminou-se de felicidade, e Nathaniel foi ao encontro delas de braços abertos, juntando-se a ambas o abraço e na alegria.

- Querida Minerva, que notícia maravilhosa? Precisa me contar tudo. E depois do café-da-manhã, vamos começar a fazer compras para seu enxoval. Deus meu! Pra quem é toda essa comida?

Moira acompanhou o seu olhar pela mesa com um encolher de ombros.

- Para mim. Você se incomodaria de nos ajudar a acabar de comê-la?

- Minha querida, Você nunca conseguiria, nem um milhão de anos, acomodar toda essa comida dentro de Você.

Os três se sentaram à mesa, servindo-se dos vários pratos que já começavam a esfria e fazendo planos para o casamento de Minnie. Como Nathaniel tinha um gosto muito mais apurado do que o de Moira, ela deixaria a maioria das coisas ao seu critério; Só não concordava que as damas de honra devessem usar vestido castanho-avermelhado.

- Não me importa que a cor esteja na moda, ela me lembra um meio luto e me recurso a usá-lo.

– Cruzando os braços no peito, Moira se recostou na cadeira. – Sinto muito, mais é isso aí.

Minnie e Nathaniel trocaram um olhar.

- Não há como persuadi-la, Nathaniel. Ela está firmemente determinada a satisfazer apenas a si mesma de agora em diante.

Ele franziu a testa pálida.

- Há, é? – Nathaniel voltou a atenção para a loira. – O que provocou isso?

- Não é óbvio? – Minnie bebeu um gole de café da xícara de Moira. – Aquele patife do Ryland lhe partiu o coração.

- Minnie! – O tom de Moira era de advertência. Naturalmente ela pretendia discutir as coisas com Nathaniel, mas não exatamente naquele momento. – Não enquanto o pão ainda estava tão fresco.

A preocupação de Nathaniel ficou evidente quando ela retirou a mão que ele segurava. Não me precisava a Moira o que exatamente estava pensando. Perguntava-se se ela teria feito amor com Wynthrope.

Ela foi poupada de ter de dizer ou fazer alguma coisa pela chegada da senhora Wright.

- Desculpe, senhora, mas o senhor que lente Ryland está aqui. Devo mandá-lo entrar?

Moira sentiu uma reviravolta no estomago.

- Que senhor Ryland, senhora Wright?

A governanta olhou-a como se aquilo fosse uma coisa óbvia.

- O senhor Wynthrope Ryland, senhora.

Reunindo toda coragem que podia controlar o tremor das pernas, Moira começou a se levantar da mesa.

Não estava interessada em nada que ele tivesse a dizer e nem se importava que a pior parte de seu ser quisesse ver a pior parte do seu belo rosto de novo. Ia lhe dizer que não era mais bem-vindo em sua casa – e que jamais voltasse a pôr os pés ali.

A mão de Nathaniel em seu braço a fez parar.

- Deixe que eu vou.

- Você não precisa me proteger, Nathaniel – disse, tomada pela raiva.

O amigo se levantou e disse:

- Minha querida, sei disso. Mas o senhor Ryland precisa de proteção em relação a Você. – Sua expressão mudou de aborrecida para verdadeira preocupação. A voz estava calma quando lhe disse ao ouvido – Moira, se ele a visse agora ia saber que passou a noite enrolando na cama, sem dormir, por causa dele. Você quer dar a ele essa vantagem?

Ela não havia pensado nisso. Confiava ao querido amigo a tarefa de pensar por ela.

- Obrigada, meu amigo.

Ele lhe dirigiu um sorriso e então se foi, ligeira, para encarar o adversário. Moira voltou a se sentar e olhou para a irmã, do outro lado da mesa.

- Talvez tenha vindo porque estava com remorso – comentou Minnie.

Moira teria rido, se naquele momento fosse capaz disso.

- Posso ajudá-lo, senhor Ryland?

Wynthrope, que estava observando uma das pinturas do falecido visconde, virou-se ao som daquela voz. Não era Moira. É claro, soubera disso no momento em que ouvira os passos no vestíbulo. Seu coração teria saltado se fossem os passos de Moira. Seu coração continuava morto.

Então ela havia mandado Nathaniel Caylan, seu leal amigo e protetor, enfrentá-lo, é? Ele supôs que devia ter imaginado algo assim, mas esperava que ela tivesse passado uma noite tão péssima quanto a que tivera – sentindo talvez tanta falta dele quanto sentira dela.

Evidentemente, que isso era pedir muito.

Ele dispensava qualquer desculpa e foi direto ao assunto:

- Ela não quer me ver.

Nathaniel assentiu, embora Wynthrope não tivesse feito uma pergunta.

- Receio que não.

Seu tom não era nada pesaroso. Talvez Caylan não tivesse sido enviado. Talvez tivesse se oferecido para enfrentá-lo.

- O que ela disse?

O sorriso amável estava frio e nada amistoso.

- Nada. Não teve de fazê-lo.

O que aquilo queria dizer?

- Ela está bem?

- Não, senhor Ryland, não está, mas vai ficar. Não se preocupe com isso.

Ele assentiu. O outro falava como se o que dissesse fosse algo que Wynthrope não desejava, mas estava errado. Ele esperava que ela se recuperasse de sua traição. E mais rapidamente do que ele.

Ele devia ter imaginado essa espécie de recepção. Realmente não achava que ela fosse recebê-lo de braços abertos e o perdoasse. Claro que não, mas talvez uma parte dele esperasse só um pouco...

- Não vou retê-lo por mais tempo então – disse ele, pegando seu chapéu. – Diga-lhe apenas que vou manter minha promessa, sim? E diga-lhe... diga-lhe que, se quiser, o rei branco é dela.

Nathaniel franziu o cenho.

- Está bem.

Wynthrope esboçou um mero sorriso.

- Obrigado – disse e virou-se para ir embora.

- Senhor Ryland?

- Sim – respondeu, voltando-se de novo para Nathaniel.

Sua expressão não mostrava nenhum calor quando disse:

- Não sei o que o senhor lhe fez, mas, o que quer que seja, espero que viva o bastante para que alguém lhe faça a mesma coisa.

- Eu também – respondeu com outro sorriso.

Ele se foi e deixou Nathaniel pensando no que acabara de dizer. Lá fora, a manhã estava cinza e fria, e Wynthrope não perdeu tempo ao descer a passos largos os degraus brancos de neve fresca e pegar seu cavalo.

Relanceou os olhos pela casa enquanto conduzia King pelo caminho coberto de neve. Seu coração disparou ao notar a mulher em pé diante da janela do vestíbulo. Ele não conseguia vê-la claramente, mas, pelo verde-musgo de seu vestido e os ombros estreitos, sabia que era Moira. Então ela se virou de costas para ele e se foi.

Era um gesto de rejeição, que poderia ter abatido qualquer homem, por mais inteligente que fosse, mas Wynthrope não se sentiu assim.

Estava simplesmente feliz por tê-la visto mais uma vez.

- Que diabo, o que você quer?

Apoiado pesadamente numa bengala dourada, Brahm deu um sorriso enviesado.

- Boa tarde, irmãozinho, posso lhe fazer companhia?

O fato de dizer sim era um sinal de como Wynthrope se sentia: lá embaixo. Não queria ficar sozinho com seus pensamentos por mais tempo, e se Brahm era a única distração disponível para ele, então a aceitaria.

Eles estavam na cafeteria Blakney, cujo interior aquecido cheirava a café fresco e charutos.

Brahm tirou um charuto de uma caixa de prata, antes de oferecê-la ao irmão. Wynthrope não costumava fumar, mas tratava-se de um produto caro, e ele sentia certo prazer em tirar alguma coisa do irmão. Pegou um e agradeceu com um murmúrio.

- Isso deve ter lhe custado muito – observou Brahm com um sorriso pesaroso. – Agradecer-me por nada.

Wynthrope simplesmente engoliu em resposta e acendeu o charuto na vela que estava na mesa. Já era fim de tarde, e a noite já ia descendo sobre a cidade.

Ele realmente não sabia por que tinha tanto ressentimento em relação a Brahm. Sim, houvera as constantes comparações enquanto cresciam, e os constantes escândalos que o irmão mais velho impunha à família, mas Brahm nunca tentara fazer que Wynthrope se sentisse inferior.

Talvez seu ressentimento se devesse a isso. Se Brahm tivesse sido um valentão ou um canalha, Wynthrope talvez tolerasse ficar mais do que poucos minutos em sua presença.

Brahm pediu um bule de café para dois e acendeu seu charuto. Quando chegou o café, ele serviu duas xícaras e passou uma para o irmão.

- Você trouxe uísque? – perguntou Wynthrope.

O irmão lançou-lhe um olhar penetrante.

- O que você acha?

Houve tempo em que Brahm teria puxado um frasco do bolso e despejaria metade de seu conteúdo numa xícara e um pouquinho de café. Agora ele bebia café puro, sem licor ou qualquer outra bebida. Wynthrope sabia disso, estava apenas sendo cruel.

- Gosto de ser cruel com você. – Por que raios estaria admitindo isso? Porque ansiava por uma briga e esperava que seu irmão lhe proporcionasse isso. Estava zangado consigo mesmo pela

confusão em que se metera, que tinha necessidade de maltratar alguém além de si mesmo, ou explodiria.

Brahm franziu a testa enquanto inalava profundamente seu charuto.

- Não diga...

- Sim, não sei muito bem por quê.

Brahm se recostou na cadeira, e seus olhos castanho-avermelhados bruxuleavam, divertidos.

- Sempre comparei isso com uma criança que atormenta aqueles a quem ama.

Isso era uma piada.

- Você acha que amo você?

Brahm exalou uma bafurada de fumaça, com expressão impassível. Qualquer um sem dúvida se sentiria magoado com essa pergunta áspera, mas seu irmão não.

- Tanto quanto eu amo você.

Que resposta perfeita! Brahm habitualmente tinha uma resposta perfeita para tudo. Essa era uma das muitas coisas que ele sempre invejara no irmão, apesar do ressentimento. Wynthrope podia ser o que tinha o temperamento mais cáustico da família, mas Brahm era o único que podia fazer um insulto soar como elogio e vice-versa.

- Você me ama? – Era quase impossível disfarçar o tom de descrença de sua voz. – Você, o único que batia em mim sempre que podia quando éramos crianças? O que era melhor em tudo? Deus proibiu que eu fosse melhor que você em qualquer coisa. Você me deixou de olho roxo aquela vez que ganhei de você numa corrida.

Brahm deu de ombros.

- Nunca declarei que sempre *gostei* de você. Isso é um assunto completamente diferente.

Wynthrope bateu a cinza de seu charuto no cinzeiro de cristal que havia na mesa.

- Nunca teria adivinhado.

Brahm sorriu sarcasticamente.

- Você sempre foi um não-me-toques.

- E você era sempre perfeito. – Não conseguia deixar de desdenhar.

- Segundo quem? – perguntou Brahm com ar de descrença.

Ele não podia ser assim tão estúpido.

- Nosso pai.

Brahm inalou a fumaça com uma expressão desagradável e disse:

- Ele estava errado.

- Eu sei. – Ele não podia deixar de dizer coisas cortantes para o irmão, embora depois se sentisse mal. O que queria? Que Brahm lhe dissesse que não era o melhor? Isso não cabia a ele. A única pessoa que poderia lhe dizer isso e em quem talvez ele pudesse acreditar estava morta.

A fumaça saía dos lábios do irmão e fluía sobre a mesa.

- Você ainda guarda ressentimento em relação a mim. Ele fez que você se sentisse inferior, e você me culpou...

Wynthrope brincava com o próprio charuto.

- Sim, é verdade.

- E ele me fez sentir que tinha de ser o melhor em tudo ou não teria valor. Foi por isso que deixei seu olho roxo naquele dia, porque sabia que ele iria me repreender por isso mais tarde. Às vezes eu odiava você e os outros garotos por não terem de satisfazer essas expectativas. Wynthrope o encarou de maxilares cerrados, para não ficar de boca aberta. Nunca soubera que o pai fosse tão exigente com Brahm. E não sabia que Brahm se ressentisse por isso.

- Era uma situação injusta para nós dois, não acha?

Falando desse modo, de fato parecia injusta. Talvez fosse melhor não responder.

Brahm sorriu.

- É isso que acho. Poderia pedir desculpa, mas já que não fiz nada de errado, não vou pedir. Wynthrope franziu o cenho. Não podia simplesmente culpar um homem morto e pôr fim aos maus sentimentos.

- Pare com isso, Brahm. Você era um cavalo quando éramos garotos, e às vezes é pior ainda agora que não bebe mais.

O irmão apenas sorriu. Era uma expressão contagiante, e logo os lábios de Wynthrope também esboçaram um sorriso, embora seu julgamento em relação ao irmão tivesse melhorado.

Durante todos esses anos, nunca havia passado tanto tempo com Brahm, e achou o irmão estranhamente confortador. Provavelmente isso se devia ao fato de que ele preferia estar com qualquer outra pessoa a ficar sozinho, ou talvez fosse influência de Moira. Ela era tão boa, sempre queria tentar entender a pessoa antes de julgá-la. Ele nunca pensara muito em como tratava Brahm quando eram jovens, apenas que o irmão era o favorito. Ele tinha North como amigo e companheiro, e às vezes Devlin. E Brahm tinha a quem? O pai estava constantemente com ele, ensinando-lhe como ser o visconde seguinte – e provavelmente também fora o pai que o ensinara a beber ou o levava a isso. Wynthrope devia ter sido mais amigo do irmão, ou um irmão melhor.

- Continuo não gostando de você – murmurou, fazendo força para não sorrir.

- Não-me-toques!

- Cavalo!

Eles estavam tão bem um com o outro que por um instante Wynthrope achou que podia confiar em Brahm de um modo que não confiaria nos outros dois irmãos. Brahm não o conhecia tão bem quanto North e Devlin, e ele com certeza não sabia tanto de seu passado quanto North. Apoiando os braços na mesa, Wynthrope inclinou-se para a frente; seu charuto fora temporariamente esquecido no cinzeiro.

- Já lhe aconteceu de ter feito no passado alguma coisa que sempre volta para persegui-lo, mesmo que você tente mudar isso?

Brahm olhou-o com uma expressão irônica.

- Bem, não há muita gente que saiba disso, mas fui um bêbado insuportável.

Wynthrope teria rido de seu sarcasmo se Brahm não estivesse dizendo a verdade. É claro que o irmão devia entender o que era não conseguir fugir do passado – e Brahm tinha a desvantagem de que seus erros eram de conhecimento público.

- Você está sendo perseguido? – perguntou Brahm, inalando o charuto.

Wynthrope assentiu, com ar de tristeza.

- Sim. Achei que tinha enterrado aquilo bem fundo, mas a coisa voltou. Acha que devo procurar um padre?

Seu irmão não sorriu diante da tentativa de gracejo.

- Não vou lhe pedir detalhes, porque se você quisesse já teria me contado, mas vou lhe dizer o seguinte: seu passado é exatamente isso – seu passado. Se você permitir que ele afete seu presente, ele vai passar a afetar seu futuro, e isso sim vai lhe causar problema.

Isso soava como bobagem para Wynthrope, mas Brahm havia começado a se inteirar de algumas coisas de sua vida, e talvez soubesse algo que ele não sabia.

- Como devo agir para evitar que ele afete meu presente?

- Enfrentando-o. Não deixando que ele o controle.

- Mas outras pessoas podem se ferir.

- Sempre há aqueles que podem ser magoados, isso faz parte da vida. Ao tomar suas decisões pensando nessas pessoas, você não está vivendo sua vida, enquanto elas estão.

Seu irmão estava muito próximo da verdade.

- Meu Deus! Você está positivamente iluminado.

Brahm sorria enquanto apagava seu charuto.

- Sabe, seu sarcasmo só confirma que estou certo.

Wynthrope relanceou os olhos pela mesa. Uma súbita sensação de remorso tomou conta dele e não queria abandoná-lo.

- Você está certo. Queria que não estivesse. Gostaria de deixar de tomar esse tipo de decisão, mas não sei como.

- Nunca teria pensado isso de você. – A voz de Brahm tinha um tom de completa surpresa. – Sempre pensei que você fizesse exatamente o que queria, sem pensar em ninguém mais.

Wynthrope olhou-o de esguelha.

- É assim que eu queria que me visse.

Depois de algum silêncio, Wynthrope terminou de fumar seu charuto e bebeu o resto do café.

Brahm se serviu de mais uma xícara.

- E essa súbita ânsia de melhorar tem algo a ver com Lady Aubourn?

Havia razão para mentir?

- Tudo a ver – respondeu Wynthrope.

- E por que está tão mal em relação a isso?

Wynthrope passou a mão pelo rosto. Maldição! Como estava cansado!

- Porque tomei uma decisão que a fez sofrer.

Um brilho nos olhos escuros do irmão indicava que ele estava entendendo.

- E agora você está sofrendo por causa dela.

Seu irmão era astuto. Tinha que reconhecer isso.

- Mais ou menos isso.

- Não pode simplesmente falar com ela?

Será que não percebera que ele já pensara nisso?

- Tentei. Ela se recusou a me ver.

Brahm se mexeu na cadeira.

- Então continue tentando.

- Para você é fácil falar.

Virando a mão com a palma para cima na mesa, Brahm deu de ombros, dizendo:

- Do mesmo modo que é fácil para você fazer.

- E se ela continuar me rejeitando? – Ela podia ser uma pessoa compreensiva e disposta a dar aos outros uma chance, mas ele a ferira muito, e o orgulho de Moira podia torná-la muito, mas muito teimosa.

Brahm inclinou-se para a frente, deixando apenas alguns centímetros entre eles.

- Você quer realmente acertar as coisas com ela?

A voz de Wynthrope não passava de um murmúrio rouco.

- Sim. – Antes de perdê-la, não tinha percebido como Moira a cada dia significava mais para ele, mas agora a idéia de viver sem ela, de enfrentar o resto de seus dias sem tê-la ao seu lado, era como contemplar as profundezas do inferno.

Brahm marcava as palavras batendo com o dedo na mesa.

- Então continue tentando, e ela acabará querendo ver você.

Oh, sim, essa era uma ótima idéia. Wynthrope sorriu com malícia.

- Vencê-la pelo cansaço, é isso?

Brahm olhou para ele como se quisesse dar-lhe umas bofetadas.

- Porque ela vai saber que você está sendo sincero.

Será que iria? Se continuasse tentando e se recusasse a deixá-la separar-se dele facilmente, será que Moira lhe daria finalmente uma segunda chance? Será que ouviria sua sórdida história? Acreditaria na verdade, depois de ele a ter enganado de maneira tão vil? Ele só podia esperar que fosse assim.

Nesse momento, esperança era tudo o que tinha.

Capítulo catorze

A chuva caiu sobre Londres como uma vingança, tornando a neve escorregadia, em

seguida meio derretida e suja, para só depois lavá-la completamente. Mesmo quando as ruas já estavam limpas, a chuva continuava a cair. Às vezes era uma garoa quase imperceptível, só notada quando chegava a molhar o rosto da pessoa ou sua roupa. De vez em quando também podia cair em forma de granizo ou em grossas e geladas gotas que enregelavam e ensopavam, parecendo até que o tempo nunca mais ia ficar seco e quente.

Às vezes, como nesse dia, a chuva caía torrencialmente, um muro de água que despencava do céu, provocando enxurrada e inundando tudo, lançando a cidade inteira num triste aguaceiro cinzento.

Moira estava em pé na janela, olhando o cavalo preto se afastar de sua casa e tomar seu rumo. O homem que o montava estava com a gola levantada em volta do rosto e a aba do chapéu abaixada. O que ele esperava conseguir agindo daquela maneira tão tola? Devia ter saído de carruagem, onde estaria quente e seco. Será que achava que ia conquistar sua simpatia aparecendo montado num cavalo, expondo-se à intempérie? Pois estava dando certo, maldito! Desse jeito, ia acabar se matando, o idiota.

Como já estava se habituando a fazer, voltou o rosto na direção da janela ao passar diante dela. A forte chuva a impedia de ver claramente suas feições, mas Moira sentiu o impacto de seu olhar tão certamente quanto um raio de sol atravessando as nuvens. Seu coração já provara que era cego como um morcego.

Dessa vez fez a volta para ir embora antes que ela saísse da janela. Era uma coisa insignificante, mas foi como se o chão tivesse desaparecido sob seus pés. Será que ele estava perdendo a paciência tão rapidamente? Ela havia pensado que ele prosseguiria com a charada um pouco mais. Talvez o tivesse subestimando em todos os aspectos, não apenas no tocante à confiança.

- Não preciso perguntar quem era.

Sorrindo tristemente, Moira virou-se para olhar Nathaniel, quando ele entrou no aposento. Graças a Deus pela existência do amigo. Ele havia sido uma fonte da força de que ela muito precisara nesses últimos dias.

- Ele vai acabar deixando de vir. – Assim que visse que ia precisar de mais do que alguns passeios martirizantes sob a chuva para fazê-la mudar de idéia, ele desistiria.

No entanto, era um mistério a razão pela qual estava primeiro fazendo aquelas tentativas. Será que ele esperava de algum modo entrar de novo em sua vida a fim de que pudesse roubar a tiara, ou estava de fato arrependido? Talvez devesse simplesmente ficar frente a frente com ele por tempo suficiente para que ela mesma lhe perguntasse, mas sentia medo do que mais poderia acontecer se o visse. Aquele seu lado fraco sentia terrivelmente a falta dele e queria acreditar que ele, tanto quanto ela, era uma vítima e que tudo o que lhe dissera era correto. Ela

não sabia se sua outra parte ainda estava forte o suficiente para resistir a ele, porque era muito intenso o impulso de perdoá-lo, de tomá-lo nos braços e lhe dizer que tudo estava bem.

Ela queria que houvesse uma razão muito forte para que ele precisasse de sua tiara. Queria estar certa sobre ele, que Wynthrope fosse o homem que achava que ele era. Era por isso que ela se recusava a vê-lo, porque tinha medo de descobrir quão errada estava.

Ou, que Deus não o permitisse, que afinal estivesse certa.

O mais importante é que ele continuava indo vê-la. Será que não percebia o risco que estava correndo? A maioria das mulheres se sentiria ameaçada por essa atenção e iria direto se queixar às autoridades, mas ela não. Ela não tinha medo dele – não no aspecto físico. O que ele estava querendo provar? Que havia mais a dizer sobre sua traição? Que ele realmente se importava com ela?

Assim, qual deles era mais idiota agora? Ele por cavalgar na chuva, ou ela por querer acreditar que suas visitas significavam realmente alguma coisa?

Nathaniel se serviu de um cálice de xerez de uma licoreira de cristal do aparador.

- Há três dias que ele vem ver você, e toda vez você quer que eu o mande ir embora. Não creio que ele seja um homem que desista facilmente. Xerez?

Ela balançou a cabeça e disse:

- Não, obrigada. Você tem razão, ele não desiste facilmente, mas cedo ou mais tarde terá de fazê-lo.

O amigo franziu o cenho, pois achava que aquilo ainda podia demorar muito tempo.

- Tem certeza de que não vai vê-lo?

- Não posso. – Moira cingiu-se com os braços. Se pudesse tirar esse frio dos ossos! – Ainda me dói muito. Se o visse agora, não seria capaz de distinguir entre mentira e verdade.

Nathaniel bebeu seu xerez, e sua expressão demonstrava compreensão.

- Você não quer ao menos saber o que ele disse?

- Não. – Ela se abraçou com mais força. – O que disse?

- Deixe-me ver... oh, sim. Ontem disse que continuaria a vir até que você queira vê-lo. Hoje ele simplesmente quis que eu lhe dissesse que sente falta de você. – Deu outro gole no xerez.

Franziu de novo a testa, como se estivesse mergulhado em pensamentos.

Moira sentiu um aperto no coração. Será que dissera mesmo aquilo? Devia ser mentira, mas ela queria que fosse verdade. Estava tão confusa! O coração lhe dizia uma coisa e a mente, outra. A qual dos dois devia ouvir? Ou, melhor ainda, como fazer que ambos se calassem por um momento?

- Ah! No primeiro dia pediu para lhe dizer que vai manter sua promessa e que o rei branco é seu, seja lá o que isso signifique. – Nathaniel deu de ombros e se serviu de mais vinho.

Fechando os olhos, Moira lutava contra a tentação que a ameaçava. Ele sabia o que aquilo significava – o que ele queria que ela pensasse. Toda vez que jogavam xadrez, ele sempre ficava com as brancas. Muitas vezes se referia a ela como a rainha preta e gracejando dizia que ele era o rei branco.

- Ele quis dizer que *ele* é meu. Se eu o quiser.

Nathaniel entreabriu os lábios com uma expressão aflita.

- Oh, minha querida! Isso é terrivelmente romântico. Terrivelmente romântico mesmo. –
Balançou a cabeça, pesaroso. – Juro, Moira, se você consegue resistir a esse homem, é uma
pessoa muito mais forte do que eu.

- Ele só disse aquelas coisas na esperança de que eu fosse estúpida bastante para acreditar.
Ele só queria a tiara, nada mais que isso. – Se fosse verdade, por que nem sua cabeça nem
seu coração acreditavam inteiramente nisso?

Obviamente Nathaniel também não.

- Se ele queria apenas a tiara, por que simplesmente não vem pegá-la uma noite dessas?

- Ele não se atreveria. – Bravata não combinava com ela. Aquilo soava como coisa dita só da
boca para fora.

- Por que não? – disse Nathaniel, ao se afastar do aparador. Ele não estava sendo cruel,
apenas curioso. – Ele a encostou na parede, ou, na melhor das hipóteses, vocês dois estão
num impasse. Você não pode delatá-lo sem se arriscar a ter seu próprio segredo revelado, e
ele não pode revelar o seu sem se arriscar também.

Moira fez uma careta.

- Como se alguém fosse acreditar em mim! Sem dúvida ele me fez passar por tola – uma
mulher vingativa que ele rejeitou depois de ir para cama com ela.

Nathaniel se pôs a pensar em suas palavras, depois disse:

- O que deixa claro que ele desejava algo mais além da tiara.

Isso era tudo o que Moira não conseguia admitir para si mesma, enquanto seu coração
disparava esperançoso no peito.

- Nathaniel, tudo isso só mostra que não confiei nele. E ele não pode vir aqui roubá-la se você
continuar aqui, não é?

Ele levantou o corpo para ela e disse:

- O que não pode continuar por muito mais tempo, ou o escândalo resultará no nosso
casamento.

- Só por mais um tempo, por favor – disse ela num tom lamentoso, como uma criança. Era uma
mulher adulta e sobrevivera sozinha nos últimos dois anos. – Só até que eu tenha certeza de
que ele não voltará.

Nathaniel não deve ter percebido o pânico em sua voz, porque prosseguia com sua terrível
hipótese.

- Se ele é metade do homem que acho que é, vai continuar voltando. Ele não está a fim de
roubar nada, Moira. Está interessado em você.

- Isso não é verdade. – Se ela se abraçasse com mais força, ia desmaiar. – Ainda não tentou
roubar a tiara porque quer evitar um confronto físico com você.

Nathaniel riu.

- Querida, você é mais masculina que eu. Wynthrop Ryland não tem medo de me fazer gritar
como uma menininha. Se duvidar, é você que vai acabar me protegendo dele. Ele não ia
arriscar a me machucar e deixá-la ainda mais zangada com ele.

Nathaniel fazia que Wyndrope parecesse mais um super-homem do que um simples mortal – o que a fez exibir em resposta um ar sarcástico.

- Para conseguir o que quer, Wyndrope Ryland não se detém diante de nada.

- Então é melhor esperar que ele queira só a tiara. – Nathaniel caiu no sofá sem derramar uma gota do xerez. – Porque se ele quiser você, ele vai tê-la.

Moira ficou de costas para a janela. Deus a ajudasse, mas ela esperava que ele estivesse certo.

Wyndrope entrou na casa de North e Octavia, em Covent Garden, esperando e ao mesmo tempo sonhando encontrar Moira lá também. Infelizmente – ou felizmente, dependendo da maneira como visse isso – ela não estava.

Parecia tratar-se de uma reunião familiar – lá estavam Devlin e Blythe, com sua família, Miles e Varya e também Brahm.

Não era provável que Octavia, sendo anfitriã, não convidasse Moira, então por que ela não estava lá? Ou estava acontecendo alguma coisa? Não fosse pela presença de Miles e Varya, ele suspeitaria que sua família estava fazendo um complô contra ele. Mas onde isso ia levar? Ele ainda não dissera nada sobre Daniels e sua chantagem; a não ser com Brahm, ele não falara sobre Moira com ninguém. Brahm podia não ser a pessoa de quem ele mais gostava no mundo, mas confiava no irmão; sabia que ele nada contaria sobre o que lhe dissera.

North se aproximou dele assim que entrou na sala e cumprimentou todo mundo.

- O que você fez com Moira? – perguntou num murmúrio ríspido enquanto o empurrava para um canto da sala. Já fazia muito tempo que North não o tratava com essa brutalidade – desde a noite em que descobrira que era ele o ladrão que buscava.

Wyndrope se pôs a alisar as rugas de seu casaco. Isso lhe deu tempo para recuperar a compostura.

- O que o faz pensar que fiz alguma coisa?

- Porque da última vez que Octavia a convidou ela disse que Moira não parecia a mesma. Estava acanhada e pálida.

Wyndrope estremeceu intimamente ante a descrição. A idéia de sua Moira estar sofrendo era de cortar o coração. E saber que ele era a causa disso era intolerável.

- Talvez tivesse comido algo que lhe fez mal. – As palavras soaram ásperas, até para seus próprios ouvidos.

- Maldição, Wyn! Não venha bancar o canalha safado comigo.

- O que o leva a pensar que estou fazendo isso? – Não era um comentário impertinente, mas uma pergunta honesta.

North recuou um pouco, franzindo a testa enquanto o olhava.

- Você também não parece o mesmo.

Aquele não era o momento nem o lugar para isso.

- Se não estou sendo eu mesmo, então não tenho idéia de quem eu possa ser. – Mais tarde ele se perguntaria a mesma coisa. Quem era ele? Seria o homem que Daniels achava que era ou

aquele que Moira pensava que ele fosse? Ou seria o homem que todo mundo pensava que ele fosse? Quem sabe seria uma estranha combinação de tudo isso? Talvez fosse por isso que ele mal sabia quem era, ou porque não parecia ser capaz de decidir o que fazer, porque havia tantas opções, dependendo de quem ele estava tentando agradar.

North o olhava como se também não soubesse quem ele era.

- Aconteceu alguma coisa. O que é?

- Aquele excesso de imaginação está afetando você novamente. Não aconteceu nada.

- Nunca é minha imaginação quando se refere a você. Sempre que cai alguma coisa boa em seu colo parece que você sempre a descarta.

Descarta? North achava que ele havia se livrado de Moira? A ira quase explodia dentro dele.

Será que seu irmão pensava que ele desistiria por vontade própria de alguém como Moira se não fosse forçado a isso? Era por culpa *dela* que Wynthrope a perdera. Se North não o tivesse livrado de confusão há tantos anos, Daniels não teria nada com que chantageá-lo. É claro que teria tido de deixar o país ou ficar um tempo na prisão, mas o que importava isso agora?

Preferiria estar na França, onde não haveria Moira Tyndale, ou definir em alguma cela fétida a saber que havia ferido Moira.

Nem seus pais a tinham magoado tanto, ela lhe dissera isso.

- Você quer saber por que descartei de Moira, é? – perguntou com sarcasmo forçado. – É claro, me livre de sua saia e...

North levantou a mão, e sua expressão era de desgosto. Sem dizer uma palavra, deu as costas a Wynthrope e voltou a juntar-se ao grupo. Ele o viu afastar-se com menos remorso do que devia sentir. Não tinha prazer nenhum em provocar raiva no irmão, mas ao menos aquilo o havia livrado de perguntas às quais não queria responder.

Tudo o que queria era uma noite sem que a lembrança dela ocupasse toda a sua cabeça, impedindo-o de pensar em outra coisa. Devia ser capaz de fazer isso estando com sua família, apesar de essa sala lhe lembrar o modo como a segurara quando ela tinha caído da escada ao pendurar um enfeite. Naquele instante em que seus braços se fecharam em torno dela, percebera que nunca se satisfaria só em segurá-la, por isso havia tentado roubar-lhe um beijo, e quando finalmente o reclamara soube que nunca ficaria satisfeito apenas com um.

E agora que sabia como era estar dentro dela, ser parte dela, nunca iria se satisfazer com nenhuma outra mulher. Precisava tê-la de volta, mesmo que fosse só por um momento fugaz. Sentia necessidade de tê-la novamente.

Jesus Cristo! Ele mal chegara e já estava consumido, só pensando nela. Como pudera pensar que ali conseguiria escapar dela? Poderia ir embora, mas não havia lugar para onde fosse que ela não o seguisse. Moira estava em sua cabeça, em seu coração, e ela seguiria seus passos e o perseguiria em cada momento em que estivesse acordado.

Naquela tarde ele saía antes da frente da janela de Moira porque não podia suportar vê-la afastar-se dele de novo. O inferno não era um fosso de danação em chamas. Não, o inferno era a pessoa ter conhecimento de que havia ferido alguém que amava e não saber se poderia consertar o malfeito.

A salvação veio na forma inesperada como Brahm se aproximou. Alguma coisa cutucou a coxa de Wynthrope, que olhou para baixo e viu a ponta de uma bengala pressionando sua perna. Levantou os olhos, e seu irmão mais velho parecia estar sorrindo, embora não movesse os lábios.

- Outro dia fui até o sótão e encontrei alguns objetos de nosso pai. Pensei que talvez você pudesse querer passar por lá e escolher alguns.

Era imaginação de Wynthrope ou tido mundo estava olhando para ver sua reação à sugestão de Brahm? Não estaria sendo muito amigável, além do que, só porque ele se confidenciara com ele isso não significava que tivesse passado a gostar dele assim de repente. No entanto, parecia que já não guardava tanto ressentimento em relação ao irmão.

- Por que ia querer fazer isso? – Como se seu pai fosse querer que ele tivesse alguma coisa que pertencera a ele!

Brahm balançou a cabeça com uma expressão levemente sarcástica.

- Porque você é o único que achei que apreciaria um antigo jogo de xadrez.

Os olhos de Wynthrope se arregalaram. O tabuleiro de xadrez de seu pai? Brahm queria que ficasse com ele? Ele amava aquele conjunto.

Quando era menino se sentava sozinho e ficava jogando. Brahm odiava xadrez – provavelmente porque talvez fosse uma coisa em que Wynthrope era melhor que ele. Será que o pai o repreendia por isso também?

Procurou mudar de expressão para disfarçar sua excitação, mas viu que Brahm havia percebido. Ele assentiu desajeitadamente.

- Irei amanhã, se for conveniente para você.

A seu crédito, o sorriso de Brahm era apenas um sorriso. Não havia afetação, nenhuma emoção manifesta. Ninguém na sala jamais ia saber que a dinâmica entre eles havia passado por uma levíssima mudança – não se olhassem para Brahm.

- Está bem. Há muitas coisas que talvez possam lhe interessar também, alguns livros e outros objetos. Estou certo de que nosso pai preferiria que essas coisas ficassem nas mãos de alguém capaz de apreciá-las. – Então, antes que Wynthrope pudesse ao menos tentar lhe agradecer, Brahm girou o corpo e caminhou mancando até uma poltrona.

Wynthrope ficou olhando para o irmão enquanto ele se afastava. A perna devia estar lhe causando incômodo com esse tempo frio e úmido. Ela fora esmagada no acidente de carruagem que matara o pai. Ambos estavam bêbados, e ao que Wynthrope sabia o irmão não bebera mais desde então. Brahm nunca falava disso, não que ele soubesse. Será que nunca se perguntara se podia ter evitado a morte do pai? Será que a culpa não o consumia toda vez que a cena do desastre lhe vinha à mente e ele ficava pensando se podia ter feito alguma coisa? Ou será que estava tão bêbado que não o conseguia se lembrar de nada?

E por que Wyn se incomodava com isso? Nunca pensara nisso no passado, então por que agora se importava com o que o irmão sofria? Ninguém havia culpado Brahm pela morte do pai. O acidente poderia tê-lo matado mesmo que estivesse sóbrio. Naturalmente, talvez ele não tivesse acontecido se um dos dois estivesse sóbrio. Comentava-se que estavam apostando

corrida com outra carruagem quando se deu o acidente. Ninguém sabia ao certo. Parecia que Brahm não conseguia se lembrar, e não havia mais ninguém no local quando foram encontrados.

Que maravilha! Agora, em vez de Moira, ele estava obcecado com Brahm. Ele realmente precisava começar a se preocupar consigo mesmo, porque nesse passo logo estaria interessado em como ia o casamento de North e Octavia ou convidando Brahm para jantar, e então teriam de interná-lo em Bedlam por ter ficado maluco.

Felizmente, a voz de Octavia interrompeu seus pensamentos.

- Blythe, Devlin, por que não nos contam por que queriam reunir a todos nós esta noite?

O olhar de Wynthrope foi do irmão mais novo para sua sorridente mulher. Estavam sentados um ao lado do outro no sofá, como o rei e a rainha de alguma etnia mitológica de gigantes, trocando olhares como se compartilhassem algum segredo.

Devlin pôs o braço em volta dos ombros de Blythe, e ela sorria.

- Daqui a oito meses todos vocês vão ter um sobrinho ou sobrinha a quem mimar.

Admirados, todos se alegraram, e as mulheres correram para abraçar e cumprimentar Blythe.

Devlin também não foi poupado de sua efusão. Penduradas em seu pescoço, puxavam-no para baixo para conseguirem beijar seu rosto e abraçá-lo. Os homens foram mais comedidos, dando um beijo em Blythe e um aperto de mão em Devlin. A exceção foi Brahm, que sempre se comportara como um pai com o irmão mais novo. Abraçou-o, feliz, dando-lhe tapinhas nas costas.

Depois de cumprimentá-los, Wynthrope recuou um pouco e ficou olhando a comemoração com uma sensação de separação. Miles e Varya estavam muito felizes. Tinham seus filhos e estavam alegres porque o pequeno Edward e Irena, um bebê, iam ter um primo com quem brincar. North e Octavia, recém-casados, ainda não haviam começado a aumentar a família, mas era evidente, por sua expressão, que planejavam fazer isso logo.

Wynthrope os olhava com uma sensação estranha de confusão e inveja. Ter um filho não era novidade. As pessoas vinham fazendo isso durante anos a fio, então por que todo mundo agia assim? É claro que compreendia que aquele era um acontecimento muito feliz para sua família, mas ele realmente não achava que fosse motivo para todo aquele espalhafato.

Ao mesmo tempo, queria que parassem com aquilo, porque quanto mais todo mundo se excitava, mais agitado ele ficava. Tinha inveja de Devlin e Blythe, assim como de North e Octavia e de Miles e Varya. Invejava qualquer pessoa que tivera a sorte de encontrar alguém na vida – alguém afortunado o suficiente para conquistar o amor e a confiança incondicionais do outro. Ele desejava isso, e achava que nunca mais ia voltar a acontecer. A pessoa não tinha que apenas receber amor, tinha de conquistá-lo, e ele não tinha idéia de como fazer isso.

- Suponho que você será o próximo – disse Brahm aproximando-se dele, também observando toda aquela alegria à distância.

Wynthrope olhou-o com o canto dos olhos.

- Duvido. Aposto em você.

- Você ia querer um velho lesado como eu? – disse Brahm, rindo.

- Um velho rico, lesado e nobre – Wynthrope o lembrou.

- Um velho nobre escandaloso, rico e lesado.

Wynthrope deu de ombros.

- Garanto que há muitas mães que adorariam atirar as filhas em seu caminho. – Lá vinha a palavra “atirar” de novo.

- Você também é razoavelmente rico – disse Brahm em tom casual. – E se morrer sem...

Wynthrope virou a cabeça com uma expressão horrorizada.

- Você não vai morrer. Prometa que não vai.

Seu irmão riu.

- Talvez você morra antes de mim, e o título pode passar para o filho de Devlin. – Ambos sabiam que mesmo que North e Octavia tivessem dúzias de filhos, nenhum deles herdaria o título.

Ele assentiu. Aquilo soava muito melhor. Ele não queria de jeito nenhum que a responsabilidade do título caísse em seus ombros.

- No entanto, ainda acho que você vai ter filhos. Gosto da idéia de vê-lo atormentado por um monte de pirralhos aos berros. – Virou a cabeça para olhar para os outros mais uma vez.

Ouviu um tom de riso na voz de Brahm.

- Poderia desejar a mesma coisa a você.

Wynthrope balançou a cabeça.

- Isso nunca vai acontecer.

Ficaram então em silêncio, ali em pé, separados do resto da família. Ninguém pareceu notar que não estavam tão envolvidos quanto eles.

- Obrigado pelo jogo de xadrez – disse Wynthrope depois de uns instantes.

- Não há de quê. Só há uma coisa que quero lhe pedir em troca.

Wynthrope franziu o cenho. Devia saber que haveria uma armadilha.

- O quê?

Brahm olhou-o com uma expressão cheia de significado.

- Que você não vai desistir de ir atrás de sua viscondessa. Gostaria muito que ela fosse a mãe de *seus* pirralhos barulhentos.

E com isso se afastou, mancando. Wynthrope o fitou com uma expressão intrigada. Seu irmão tinha um talento invejável para saídas estratégicas.

Algum tempo mais tarde, depois que acabaram de comemorar a notícia da gravidez de Blythe com jantar, vinho e muita conversa, Wynthrope resolveu ir embora. Ele foi o primeiro a deixar o local; não agüentava mais aquele barulho e as pessoas felizes à sua volta. Todos lhe desejaram boa-noite, exceto North, que obviamente ainda estava zangado com ele. Disse a Wynthrope que iria procurá-lo de manhã. Wynthrope mal conseguia conter seu entusiasmo. Sua carruagem chegou, e ele entrou. O interior estava aquecido, mas mesmo assim ele se cobriu com a manta e bateu no teto. Pegara um pouco de friagem na ida à casa de Moira naquela tarde, e ainda tinha frio nos ossos. Bem-feito para ele por ter ido lá montado num

cavalo, mas achava que poderia ganhar um pouco de simpatia por parte de Moira, se ela visse como estava arrependido. Da próxima vez, saberia como agir.

Quando desceu da carruagem diante de sua casa, ficou surpreso ao ver alguém estendido nos degraus do edifício. Ele não era o único solteiro que morava lá, então cogitou se podia ser um dos outros inquilinos, que bebera além da conta. Estava uma noite bem fria, por isso parou para acordar o pobre sujeito.

Foi então que percebeu que a roupa do homem estava suja e rasgada em algumas partes, além de manchada de sangue. Se fosse um bêbado, por certo tinha se metido em uma briga aquela noite.

Wynthrope virou o corpo para cima com cuidado, evitando causar mais dano se a pessoa estivesse ferida. Quando viu seu rosto, notou que estava realmente ferido. Estava inchado e todo machucado, quase inteiramente coberto de sangue, tão grosso que nem a chuva conseguira lavá-lo.

A luz de uma vela iluminou o rosto desfeito, e então Wynthrope viu quem era.

- Deus do céu! Não!

Minnie e o jovem namorado haviam jantado com Moira aquela noite. Nathaniel tinha um encontro com Matthew, e Moira não teve coragem de pedir ao amigo que o cancelasse apenas porque ela estava com medo de que Wynthrope pudesse chegar. Ela ia acabar tendo de vê-lo. Talvez fosse melhor que isso se desse quanto antes, enquanto a dor de sua decepção ainda a mantinha forte.

Se por acaso a dor não fosse forte o suficiente, tinha Minnie e seu futuro noivo para lhe servir de escudo.

Depois que Lucas Scott chegou, não demorou muito tempo para que Moira decidisse que ele era o par perfeito para sua irmã. Logo viu que ele era suficientemente jovem para se relacionar com Minnie e compartilhar muitas das mesmas diversões, mas ao mesmo tempo tinha idade suficiente para saber da grande responsabilidade que lhe pesava nos ombros. Não era alguém que facilmente pudesse ser feito de tolo ou sair da linha, além de ser tão obstinado quanto Minnie, o que lhe seria conveniente quando discutissem.

E também era um rapaz bonito. Seu cabelo louro e os olhos azuis contrastavam perfeitamente com o cabelo e os olhos escuros de Minnie e sua pele pálida. E ria muito, o que era sempre um bom sinal. Pelo que ele soubera das conversas com Minnie, era de família grande e unida.

Dava-se bem com os pais e com todos os irmãos – uma situação realmente invejável para alguém que vinha da família Banning. Seria bom para Minnie fazer parte de uma família assim. Mas a maior qualidade do rapaz era sua evidente adoração por Minnie. Moira estava muito contente de ver como Lucas era atencioso. Conversava com ela e a ouvia atentamente sempre que falava com ele.

Sim, Moira não podia estar mais feliz por sua irmã mais nova, ou mais ciumenta. E ali estava ela, com mais de trinta anos e viúva, e sua inocente irmãzinha tinha aquilo que ela nunca fora

capaz de alcançar. Pouco tempo atrás, alimentara tolamente a idéia de compartilhar uma harmonia assim com Wynthrope, mas agora...

Oh, céus! Será que não podia passar pelo menos algumas horas sem pensar nele? Só uma ou duas horas, era tudo o que pedia. Isso parecia uma coisa impossível nesses dias. Ela nunca sentira tanta falta de alguém ou se enlutara pela perda de uma pessoa – nem mesmo de Tony. Depois do jantar, os três foram para a sala de visitas, onde o fogo crepitava na lareira. Moira serviu vinho para eles e então se deu conta de que não conseguia beber o seu porque fazia se lembrar *dele*.

Felizmente, nem Minnie nem Lucas notaram que ela não estava tão presente. Sentados no sofá, estavam muito ocupados trocando segredos. Mesmo separados por uma distância apropriada, a tensão jovial entre eles era óbvia. Deus, ela havia se tornado uma intrusa em sua própria casa!

Finalmente, Minnie tomou o namorado pela mão e voltou a atenção para a irmã.

- Moira, eu disse a Lucas que já conversamos, mas ele gostaria de lhe pedir algo.

Tentando da melhor maneira que podia sorrir para encorajá-lo – o que realmente não era assim difícil –, o olhar de Moira encontrou os olhos ansiosos do jovem rapaz. Seu sorriso era firme e verdadeiro – embora naquele momento estivesse um tanto hesitante.

- Lady Aubourn, minha estima por Minnie é inegavelmente óbvia para a senhora e para quem esteja presente quando olho seu rosto encantador. – Assim que disse essas palavras, voltou os olhos para a jovem.

Oh, que doce! Enquanto a alegria aquecia seu coração, Moira sentiu que a inveja o apertava. O amor devia ser assim. Minnie nunca iria acordar no meio da noite e deparar com Lucas traindo-a.

Lucas voltou a atenção para ela outra vez.

- O simples pensamento de viver o resto de minha vida sem ela é insuportável, por isso peço humildemente que a senhora me poupe deste tormento e me permita pedir formalmente sua mão em casamento.

Ela ia começar a chorar. Era tudo o que havia a fazer. Ele falara muito bem, e era evidente que estava sendo sincero. Apenas um verdadeiro amor poderia inspirar num homem essa idéia poética. Quando Tony a pedira em casamento a seus pais, a questão imediatamente mudara para dinheiro e a data da cerimônia. Naturalmente, ela também estava ansiosa para que o casamento se realizasse logo. Queria tão desesperadamente sair daquela casa que nunca lhe passara pela cabeça que essa idéia podia se tornar realidade.

Sentindo um nó na garganta, Moira sorriu carinhosamente para ambos.

- Querido senhor Scott, o senhor não tem apenas a minha permissão sincera, mas também a minha benção. – Ela se levantou e se aproximou deles, beijando-os no rosto, enquanto os dois irradiavam felicidade. Eles sabiam que ela diria sim, mas a emoção daquele momento era tão forte que os dominava.

- Imagino que vocês gostariam de ficar um pouco sozinhos para desfrutar juntos este momento – disse Moira, vendo como ambos estavam encantados. Só tinham olhos um para o outro, e se ela não saísse logo dali, eles podiam explodir.

Mas exatamente porque ela os invejava e estava feliz por eles, isso não significava que ela fosse lançar ao vento seus deveres para com Minnie.

- Vocês têm dez minutos – avisou com uma severidade brincalhona enquanto saía. – E estou deixando a porta aberta.

Não soube se eles a ouviram ou não.

Ainda sorrindo, atravessou o bem iluminado vestibulo, parando sob o quadro de Tony *Cupido e Psique*.

“Ah, Tony, se você e eu tivéssemos podido ser tão afortunados como esse dois!” Seus lábios se curvaram, num arremedo de sorriso. “Embora não necessariamente um com o outro.”

E se Tony gostasse de mulheres? Não, mesmo assim as coisas talvez não tivessem dado certo entre eles. Se Moira tivesse sido capaz de encontrar alguém por si mesma – alguém que pudesse ter sido para ela o que Nathaniel era para Tony! Quem dera Tony estivesse vivo! Não. Se tivesse encontrado um amante enquanto Tony estivesse vivo, poderia ter ficado ressentida com ele por ser um empecilho entre ela e o homem que realmente amava.

Casando-se com ela, Tony a poupou – durante alguns anos – da mágoa de amar alguém com quem não poderia ficar.

Ela teria preferido passar pelo tormento da dor causada pela decepção com Wynthrope a ficar ressentida com Tony por qualquer coisa. Ao menos Tony nunca a fizera acreditar que fosse alguém que na verdade não era. Isso só se dava com qualquer pessoa fora de seu círculo de amizade próximo.

Uma batida na porta ecoou pelo vestibulo, interrompendo suas elucubrações. Quem poderia ser? Ela não estava esperando nenhuma visita.

Atenta, ouviu quando a porta foi aberta. Assim que ouviu a exclamação espantada de Chester, foi até o vestibulo.

Seu coração parou de bater. A primeira coisa que notou foi que Wynthrope Ryland entrara em sua casa. Estava todo molhado, com o cabelo grudado na cabeça, os olhos arregalados e escuros na palidez gelada de seu rosto.

E só então notou que ele carregava um fardo pesado nos braços. Moira franziu a testa. Seria uma pessoa?

Wynthrope adiantou-se, mesmo sem que alguém o tivesse convidado a entrar. Suas costas estavam levemente arqueadas sob o peso que carregava, e assim que entrou Moira viu que era realmente uma pessoa.

Ela deu alguns passos à frente. Suas pernas pareciam ser de chumbo, seu coração batia descompassado. Ela estendeu a mão com os dedos entorpecidos quando ele parou bem na frente dela, oferecendo-lhe a pessoa que estava em seus braços, para que a visse, como numa espécie de sacrifício pagão.

Quando seus dedos tocaram o cabelo louro, úmido e frio, Moira deu um grito. Ele sabia quem era mesmo antes de ver o rosto pálido e ensangüentado aninhado no ombro de Wynthrope. Nathaniel.

Capítulo quinze

Nathaniel estava deitado na cama de Moira exatamente na mesma posição em que

Wynthrope o pusera lá. Não fosse pelo grande número de hematomas, seu rosto estaria pálido. Moira estava sentada numa cadeira junto à sua cabeceira, enquanto o doutor Griggs, o médico chamado por Wynthrope, o examinava.

- Ele vai ficar bom? – O medo fez que sua voz soasse fraca e rouca. Não conseguia afastar a terrível visão do rosto de Nathaniel, temendo que ele pudesse morrer enquanto ela não estivesse olhando.

O doutor Griggs dirigiu a ela um sorriso bondoso enquanto começava a limpar o sangue do rosto do paciente com uma toalha úmida e quente.

- Não tenho a mais leve dúvida de que vai se recuperar completamente.

O alívio que a invadiu era tão intenso que ela quase caiu no choro.

- Qual é a extensão dos ferimentos?

O médico enxaguou a toalha na bacia. Moira tentava não se fixar na água tingida de vermelho.

- Não tem nenhuma costela quebrada – respondeu, torcendo e retirando a toalha da bacia -, mas os golpes em volta dessa parte de seu corpo são sérios. Imagino que ele vai se sentir muito mal durante vários dias. Os cortes no rosto vão cicatrizar, mas o inchaço será realmente um problema nos próximos dias. Vai ficar pior, mas depois irá melhorando.

Moira relanceou os olhos pelo rosto ferido de Nathaniel. Um dos olhos já estava fechado, de tão inchado. Pobre de seu querido amigo. Quem poderia ter feito uma coisa tão vil?

Não fora Wynthrope, disse ela estava certa. Podia ter ficado com algum ressentimento por Nathaniel ter-se recusado a deixar que ele se aproximasse dela, mas Wynthrope não era um homem cruel. E tinha mais – se fosse ele o culpado, não teria ele próprio levado Nathaniel para sua casa. Teria deixado que ela mesma o encontrasse.

Também não teria olhado para ela com aquela expressão desolada de solidariedade nos olhos. Ela mal conseguia olhar para ele por causa do remorso que via em seu rosto. Não exibia esse olhar quando o descobrira com as mãos em seu cofre. Ou talvez ambos estivessem tão magoados e com tanta raiva que não notaram.

Poderia ser o tal Matthew o culpado? Será que apenas fingira gostar de Nathaniel, dissimulando compartilhar as mesmas preferências dele? Ele poderia ser um daqueles cavalheiros – e ela usava o termo de modo irônico – que desprezavam os homens meio afeminados?

Ou será que alguém vira Nathaniel e Matthew juntos e havia atacado os dois? Talvez Matthew também estivesse machucado em algum lugar. Bom Deus, e se isso fosse verdade? Precisava mandar um bilhete à sua casa para saber ao certo.

Independentemente de quem tivesse feito aquilo, por que fizera que Nathaniel fosse encontrado por Wynthrope e não por ela? Isso não tinha sentido, a menos estivesse indo para a casa de Moira quando o achara. Não havia pensado em perguntar onde o encontrara. Estava tão horrorizada, que praticamente lhe ordenou que fosse buscar um médico, imediatamente depois de carregar Nathaniel para o quarto. Não haviam trocado nada além de algumas palavras desde que voltara. E parecia que já tinha ido embora.

Pelo menos era isso que ela esperava. Mas ao mesmo tempo desejava que ele tivesse ficado. Na verdade, não sabia o que queria. Não, isso era mentira. Esperava que seu amigo ficasse bem e que o desgraçado que o havia ferido se desintegrasse no inferno.

O doutor Griggs terminara de limpar o rosto de Nathaniel, e suas feições, embora feridas e inchadas, já estavam menos assustadoras sem o sangue. Os ferimentos não pareciam tão terríveis quanto antes, especialmente agora que já haviam parado de sangrar. Mesmo assim, cortava-lhe o coração ver o amigo naquele estado. Nathaniel nunca seria capaz de ferir ninguém, e a idéia de alguém fazer isso com ele daquela maneira era inconcebível.

O velho médico lavou as mãos e tirou um pequeno pote de sua valise. Tirou a tampa e retirou com os dedos um pouco de pomada, que aplicou no rosto de Nathaniel.

- Isso vai ajudar a curar os ferimentos – disse ele. – Vou deixar este frasco com você. Durante os próximos dias você terá de cuidar deles para evitar que infeccionem. Troque as bandagens de manhã e à noite, lave as áreas comprometidas e aplique esta pomada antes de colocar nova bandagem.

Moira pegou o pote com um franzir de testa confuso.

- Tanta água não vai comprometer a cicatrização?

O doutor Griggs sorriu e respondeu:

- Pode parecer estranho, mas sei por experiência que os ferimentos que são mantidos limpos se curam mais depressa. A água não lhes causa nenhum mal, desde que seja limpa.

Moira assentiu. Um médico evidentemente sabia mais sobre essas coisas do que ela.

Depois de aplicar as bandagens no rosto de Nathaniel, o doutor Griggs limpou as mãos numa toalhinha branca e recolocou a tampa no pote, que deixou no criado-mudo. – Fiz tudo o que pude, Lady Aubourn. Se precisar de meus serviços novamente, sabe onde me encontrar.

Na verdade, ela não sabia de onde Wynthrope o trouxera.

- Mas eu gostaria que o senhor me deixasse seu endereço, por favor, doutor Griggs.

Sem perguntar por quê, ele tirou uma caixinha de prata do bolso interno de seu casaco e retirou dela um cartão.

- Aqui está. Ele contém todos os meus dados.

- Obrigada – agradeceu Moira, pegando com os dedos trêmulos e frios.

Por mais que quisesse permanecer ao lado de Nathaniel, sabia que seria uma grosseria não acompanhar o médico até a porta. Pôs o cartão de visita no criado-mudo, perto do pote de

pomada. Deixou uma das criadas com o amigo, com uma garrafinha de láudano para dar a ele se acordasse e estivesse sentindo muita dor, e acompanhou pessoalmente o doutor Griggs. Ele recebeu os agradecimentos de Moira com um sorriso carinhoso, mas não quis aceitar nenhum pagamento, dizendo:

- Meus serviços já foram pagos, Lady Aubourn.

Ela queria perguntar quem o fizera, mas não fora preciso. Wynthrope o havia remunerado, sem dúvida. Por quê? Por que fazer tudo aquilo por ela e Nathaniel, quando isso não era necessário nem ele bem-vindo?

Não, isso não era verdade. Apreciara sua ajuda. Sua presença é que não era bem-vinda. Ele tomara conta de tudo, com certeza para deixá-la em débito com ele ou por algo igualmente repreensível.

Depois que o médico se foi, seu primeiro impulso foi subir de volta as escadas e ficar ao lado de Nathaniel até que ele acordasse. Em vez disso tomou a direção do calidamente iluminado *hall* e seguiu pelo corredor até o vestíbulo, onde deixara Minnie e Lucas. Os dez minutos que lhes havia prometido tinham virado duas horas. Eles ainda estavam lá, esperando que ela fosse lhes dar notícias sobre o estado de Nathaniel. Ela sabia, de algum modo, que não ia encontrá-los sozinhos.

Não se enganara, mas a constatação disso a emocionava e assustava. Não, não assustava. Não tinha medo de Wynthrope, mesmo que parte dela achasse que devia ter. Ela estava irritada pelo fato de ele continuar em sua casa, e também porque podia estar presumindo que tinha o direito de estar ali.

Estava sentado numa poltrona perto do fogo, com um copo de uísque na mão. Ela se aproximou em silêncio, sem fazer ruído. Mesmo assim, parecia que ele havia percebido sua chegada assim que ela entrara na sala. Levantou a cabeça e voltou-a para ela, e seus olhos se encontraram enquanto ele terminava o que quer que estivesse dizendo para os dois jovens que estavam em sua companhia. Suas palavras chegavam sem sentido a seus ouvidos, pelo tom alto. Devagar, ele se levantou.

Tinha uma aparência péssima, mas mesmo assim seu coração disparou ao vê-lo. Estava pálido e abatido, e seu cabelo, todo desarrumado por causa da chuva e do vento. O casaco estava aberto, e ela podia ver que seu colete tinha umas manchas escuras. Era sangue – o sangue de Nathaniel. Sua camisa e as mãos também estavam sujas de sangue. Será que não lhe ocorrera pedir que lhe providenciassem água para que pudesse se lavar?

Não. Ela podia dizer isso pela profundidade de seu olhar. Pedira uísque e nada mais.

Vendo que a atenção de Wynthrope se desviara deles, Minnie e Lucas se viraram e também ficaram de pé. Minnie apressou-se na direção de Moira, com a preocupação estampada no lindo rosto.

- Como ele está? Como está o querido Nathaniel?

Moira pôs o braço em voltada irmã, tranquilizando-a. Mas isso também acalmou a inquietação de sua alma.

- Vai sentir muita dor quando acordar, seu rosto não vai ficar bonito durante algum tempo, mas o doutor Griggs espera que ele se recupere inteiramente em questão de dias.

A jovem suspirou aliviada.

- Oh! Que boa notícia!

Moira abraçou-a com carinho, mas sua atenção estava no homem parado perto do fogo. Ele tentava mostrar-se relaxado, tranquilo, mas ela podia ver que os nós de seus dedos estavam esbranquiçados pela força com que segurava o copo.

Moira mantinha o olhar fixo nele ao se afastar da irmã.

- Minnie, será que você e o senhor Scott se importariam de deixar ao senhor Ryland e a mim alguns momentos a sós? Tenho algumas coisas a discutir com ele.

A irmã lhe dirigiu um olhar que dizia tudo. Sem dúvida Wynthrope o entendeu também. Minnie não queria deixá-la sozinha com ele, o homem que lhe quebrara o coração. Querida Minnie. Não sabia nada, senão o pouco que Moira lhe contara, e acreditava firmemente que a irmã era a parte ofendida.

O que evidentemente era verdade.

Minnie também sem dúvida sabia que ela podia não fazer uma cena diante de Wynthrope e de seu noivo. Com relutância, convidou Lucas para acompanhá-la à biblioteca. Ele a seguiu sem nada perguntar, mas dirigiu a Moira um sorriso cálido e decidido.

- Faça-me saber se eu puder ser de alguma ajuda para a senhora, Lady Aubourn – disse ele cordialmente. O que ele queria dizer estava contido em seu olhar: "Faça-me saber se a senhora precisa de mim para pôr o senhor Ryland para fora de casa".

Moira retribuiu seu sorriso. É claro que sua irmãzinha contara ao noivo algo sobre sua desventura. Que maravilha! Quem mais sabia? Toda a Londres, sem dúvida. Deviam estar comentando o fato de que ambos não haviam sido vistos juntos em público ao longo dos últimos dias, e que ela se fechara em casa ultimamente. E em sociedade deviam ter notado como Wynthrope parecia irritado, embora continuasse lindo, apesar disso.

Depois que os dois saíram, Moira fechou a porta e atravessou a sala de pernas bambas para ficar mais perto da cadeira na qual Wynthrope estava sentado. Ele levantou os olhos para ela, e seu coração não ficou insensível à dor que viu neles.

- Se quiser, vou-me embora – disse ele, com uma voz tão cansada quanto parecia -, mas acho que você pode querer conversar.

Moira engoliu em seco, desejando ardentemente que sua voz saísse normal quando falasse. Talvez sua fadiga fosse sincera, mas ela não ia deixar que ele soubesse como estava mal, se pudesse evitá-lo.

- O que aconteceu? – Apesar de todo o seu esforço, sua voz soou como se ela tivesse um nó na garganta.

Ele tomou um gole de uísque antes de sacudir a cabeça.

- Não sei. Estava na casa de North e Octavia para comemorar a notícia da gravidez de Blythe. Que bom para Blythe! Essa pequena novidade, assim como o noivado de Minnie, eram bem-vindos diante de todo o horror dessa noite e dos últimos dias.

- Transmita a eles minhas felicitações, por favor. – Ela se alegrava mesmo com isso, mas mesmo as boas notícias não conseguiam afastar a terrível tragédia da noite. – Então, o que aconteceu?

Antes de continuar, ele a olhou com uma expressão estranha.

- Fui para casa. Quando cheguei, encontrei Nathaniel nos degraus. Imediatamente pensei em trazê-lo até você.

“Por quê?” Por que ela?

- Por que não o levou para sua casa? Ou para o doutor Griggs?

- Porque você o ama, e eu sabia que você ia querer ficar com ele. – Ele bebeu outro gole. – E porque não tenho a menor idéia de onde ele mora.

Poucos dias atrás ela teria rido disso, mas seus lábios pareciam incapazes de se expressar assim agora.

- Você tem alguma idéia da razão de ele ter ido para sua casa e não ter vindo para cá?

Wynthrope suspirou. Foi um som mais para pensativo do que triste.

- Não creio que ele tenha ido lá por sua própria vontade.

O medo se somou ao nervosismo de Moira. Ela havia suspeitado disso, e o fato de ele ter concordado com sua suspeita a perturbou.

- Você acha que ele foi deixado lá de propósito para eu você o achasse?

- Sim – ele assentiu.

Seu cenho se franziu. Havia algo que não lhe fora dito, e a terrível percepção desse fato lhe ocorreu nesse momento.

- Você sabe quem fez isso?

Ele assentiu novamente, esfregando os olhos.

- Não o responsável pela agressão física, mas quem a ordenou.

Moira sentiu o estomago revirar.

- O pessoal para quem você trabalha, eles fizeram isso.

Ele estava cinzento como uma estátua de mármore.

- resumo que sim.

- Por quê? – A descrença e o choque fizeram-na recostar-se na poltrona onde estava sentada diante dele, pressionando o estomago com a mão para tentar acalmá-lo. – Você e Nathaniel mal se conheciam.

Wynthrope a olhava com os olhos escuros em desespero.

- Não, mas você dois eram muito amigos.

Se fosse possível que uma pessoa literalmente enregelasse de medo, mira teria ficado assim nesse exato momento.

- Era um aviso.

- Sim.

- Para você. – A língua seca e áspera parecia mal caber em sua boca. – Porque você não levou a eles a tiara.

- Sim – respondeu entre dentes.

Ela riu de um modo áspero e desconcertante.

- E depois, eles virão atrás de mim?

- Ou de Minerva.

O choque de confirmar que estava certa não era nada comparado com a raiva que a atingiu à menção do nome da irmã.

- Se alguém fizer algum mal a minha irmã, eu o matarei.

Ele não parecia nada preocupado com essa decisão.

- Como você vai matar alguém que nem conhece?

- Você sabe de quem se trata.

Ele negou com um movimento de cabeça. Ela nunca o vira tão frustrado.

- Conheço um deles, mas não sei com quem está trabalhando.

Isso não era suficiente.

- Mas você tem contato com esse homem.

- Sim, mas não vou lhe dizer seu nome, para que você não faça alguma bobagem que possa vir a lhe causar dano. – Ele agitou o uísque e pôs o copo no chão, ao lado da poltrona.

A frustração a fazia cerrar os punhos. A raiva a fortaleceu.

- Diga-lhes que se alguém a quem amo for ferido, eu pessoalmente destruirei aquela maldita tiara.

Uma centelha de admiração iluminou o fundo azul de seus olhos. Por um instante ele a olhou como o Wynthrope que ela havia adorado.

- É por isso que amo você, mora. Parece tão frágil, mas tem uma espinha de aço.

O que ele *amava* nela? Era um pouco tarde para isso, não?

- Não tente me agradar, senhor Ryland. Meu amigo está gravemente ferido, e a culpa de tudo é sua. – Suas palavras eram ásperas, mas ela queria que ele negasse a acusação, que brigasse com ela por isso.

- Sim. – Ele não ia argumentar? – E estou me sentindo horrivelmente mal por causa disso.

- Não me interessa como se sente. – O que era uma horrível mentira, mas ela a disse de qualquer modo. – O que me importa é o que pretende fazer em relação a isso.

Ele esfregou a mão nos olhos e piscou para clarear a visão.

- Não estou certo. Procurar desviar a atenção deles de você e de Minnie.

- E como pretende fazer isso? – O homem para quem ele trabalhava obviamente sabia que a tiara estava com ela. O que o impediria de contratar outra pessoa para roubá-la? Era evidente que a queria muitíssimo, a ponto de causar dano a pessoas inocentes para consegui-la.

Wynthrope levantou o queixo e olhou para ela tão intensamente que Moira soube que ele seria absolutamente honesto com ela.

- Se tiver de fazer isso, me entregarei à polícia na Bow Street e contarei tudo.

Ela o encarou. Faria isso? Por ela e Minnie? Não, por Minnie não, mas por ela. Não havia como ela pudesse se enganar sobre o que ele queria dizer. Sua determinação em protegê-la era clara.

Moira se levantou e aproximou-se dele, apesar de saber que não devia fazê-lo. Mas ela não parou até ficar em pé diante dele, e então ajoelhou-se a seus pés, de modo que os olhos de ambos ficassem na mesma altura.

- Se é isso que eles fazem com alguém que não está envolvido nessa questão, o que farão com você? – Sua voz tremia ao formular a pergunta que lhe inquietava a consciência.

O silêncio dele encheu seu coração de medo. Lentamente, contrariando sua própria determinação, Moira levantou a mão e começou a passar os dedos ao longo de sua face, sentindo a barba por fazer.

Rápido como um relâmpago, ele segurou a mão dela e retirou-a de seu rosto.

- Não faça isso – disse.

Destemida, levantou a mão que estava livre e encostou-a na outra face. Será que ele não via que ela estava tentando refazer a ligação entre eles? Que estava tentando lhe dizer que mesmo que ele tivesse destruído sua confiança e dilacerado seu coração, ainda se importava com o que lhe acontecesse? A simples suposição de viver num mundo sem ele era ainda mais insuportável do que a idéia de ele não ser o homem que ela esperava que fosse.

Ele agarrou aquela mão também, e antes que ela percebesse o que estava acontecendo, perde o equilíbrio e tombou sobre ele. Ele a prendeu em seus braços, mantendo os olhos nos dela por pouco mais de um segundo antes de tomar sua boca e beijá-la.

Ele quase esquecera seu sabor. Wynthrope beijou-a intensamente, explorando com a língua os cálidos confins de sua boca doce. Ele a bebeu, e sua alma suspirava de prazer enquanto ela o completava. O calor penetrou em todas as suas partes estereis e frias, e ali onde poucos instantes antes só havia abismos escuros agora brilhava a luz. Suas mãos deslizavam por aquelas costas delicadas, enquanto ele abria os joelhos, puxando-a para mais perto, para assim poder sentir a pressão de seus seios delicados contra o peito, a barriga firme mas suave entre suas pernas.

Ela não opôs resistência a ele, o que muito o surpreendeu. Primeiro manteve as mãos finas unidas longe dele, depois as apoiou com alguma delicadeza em seus ombros. Qualquer pressão por parte dela o faria parar. Ele não queria, mas respeitaria sua vontade.

Não fazia pressão, ou melhor, não o empurrava para longe dela. Seus dedos estavam comprimidos em torno dos ombros dele, puxando-o para mais perto. Ele gemia de encontro à boca de Moira, enquanto sua língua buscava a dele.

Pela primeira vez desde aquela noite terrível – não, pela primeira vez desde que Daniels reaparecera em sua vida – Wynthrope sentiu que podia haver esperança, que tudo poderia realmente ficar bem. Moira estava em seus braços, beijava-o com tal ardor que ao mesmo tempo lhe doía e o enchia de alegria. Será que haveria chance de que ela o perdoasse? Que depois que tudo aquilo se acabasse, depois que Daniels sumisse, eles poderiam recomeçar? Seria possível que ela sentisse por ele algo além da animosidade que ele merecia?

Uma de suas mãos deslizou por baixo do tecido que lhe cobria as costas, acariciando-a em volta da região das costelas, acima da cintura. Ela engordara um pouco; podia sentir que os

ossos já não estavam tão protuberantes, e que os seios estavam mais arredondados. Nunca na história da humanidade havia existido uma mulher que tivesse seios mais bonitos que os de Moira.

Sentiu os bicos dos seios endurecerem sob suas carícias, e seu pênis se manifestou em resposta, enquanto ela gemia junto a sua boca.

Independente de qualquer coisa que sentisse por ele, de quanto pudesse desprezá-lo, ela ainda o queria. Não havia como negar a reação de seu corpo, o prazer que ela encontrava em seus beijos. Isso lhe dava mais esperança do que se atrevera a sonhar. Era evidente que ainda se sentiam atraídos um pelo outro, e agora, se pudesse, tinha de recuperar a confiança perdida.

Sua respiração chegou a um ritmo intenso enquanto a dança de beijos continuava lenta e desesperada. A mão de Wynthrope deslizou para acariciar o suave volume de suas nádegas. Os dedos em seus seios se tornaram mais persistentes, circulando seu mamilo através do tecido, acariciando-o de leve, até que ela gemeu e o pressionou contra sua mão.

As mãos de Moira deixaram seus ombros e foram para dentro de seu casaco acariciando-o e deslizando pelo seu peito.

Ela desfez o nó da gravata de Wynthrope e desembaraçou-se da faixa de linho que envolvia seu pescoço. A gravata foi atirada para o lado e seus dedos impacientes começaram a acariciar-lhe delicadamente a nuca, até tocarem no ferimento provocado por Daniels. Ele estremeceu ao contato, porque a ferida ainda estava aberta.

Moira se retraiu e examinou seu pescoço, segurando o colarinho aberto.

- O que aconteceu?

Ele envolveu as mãos dela com as suas e tirou-as de seu pescoço.

- Não foi nada. Cortei-me enquanto fazia a barba.

Ela o encarou, pálida e incrédula.

- Não me trate com uma tola, Wynthrope.

- Nem sonharia em fazer isso.

- Ele lhe fez isso, não foi?

Não era preciso perguntar quem era "ele". Ela com certeza não estava se referindo a Nathaniel, e o único outro homem sobre quem haviam falado naquela noite era Daniels – embora Wynthrope tivesse tomado o cuidado de não se referir a ele pelo nome. Ela o havia chamado pelo nome pela primeira vez desde que chegara. Estava preocupada com ele, e isso lhe deu esperanças.

- Sim.

Sua expressão parecia mostrar que ela estava se debatendo em meio a uma confusa combinação de emoções: preocupação, raiva, medo e... resignação?

- E isso aconteceu porque você falhou, não conseguindo o que ele queria? – Estava claro que ela agora pelo menos acreditava que ele de fato estava trabalhando para alguém.

Ele poderia mentir, mas ela veria isso e seus olhos – ou talvez em sua alma. Ele continuava sentindo que ela, quando queria, conseguia ler o que lhe ia ao coração.

- Porque bati nele.

Não satisfeita, ela o pressionou um pouco mais.

- Por quê?

Maldição! Nem tinha necessidade de lhe perguntar isso, não é? Para alguém que havia se recusado a falar com ele nos últimos três dias, agora ela certamente devia ter um bocado de perguntas a fazer. É claro que a única razão por que agora estava falando com ele era seu mais querido amigo ter sido ferido por causa dele.

- Porque ele ameaçou ferir alguém – respondeu, sem olhar para ela.

- A mim? – Apesar de ter certeza, vacilou ao falar.

- Sim, dane-se! – Ele a encarou, zangado por ela ter-lhe arrancado a confissão. – Ele ameaçou ferir minha família e eu não reagi. Ameaçou fazer mal a você, e perdi o controle. Está feliz? Surpresa e linda, ela olhou para ele e disse:

- Por que isso ia me deixar feliz?

Se fosse qualquer outra mulher, deixaria.

- Porque agora você sabe que para mim você está acima da minha família, embora eu não seja ninguém para você. – Isso era um grande exagero e ele sabia disso, mas uma parte dele queria que ela dissesse o contrário disso, assim como ela gostara de ouvir que uma ameaça contra ela o fizera apelar para a violência.

- Ninguém, não – foi tudo o que disse. Bem feito para ele por se atrever a esperar mais.

Ele queria fazer que ela sentisse nem que fosse só um pouco da culpa e do remorso que ele sentira.

- Eu lhe dei um soco quando ele ameaçou você, e então ele puxou uma lâmina e a pôs em minha garganta. Quando eu resisti, ele me cortou. Não há nada que faça uma pessoa se sentir mais vulnerável do que aço frio na garganta – especialmente quando ele já cortou um pedaço da sua pele.

Ela empalideceu ante a descrição. Bom. Talvez não tivesse direito de fazer isso com ela, mas precisava ver a cor sumir de seu rosto. Precisava saber que parte dela ainda se importava com ele, senão não havia por que continuar.

Moira se afastou dele completamente, e ele não tentou segurá-la, apesar do desejo de tentar seduzi-la para terminar o que haviam começado.

- Espere aqui – ela disse, e algo no tom de voz lhe disse que seria melhor fazer como ela queria.

Ela saiu da sala como um fantasma, e ele ficou ali, como um cão obediente, esperando que ela voltasse. Recolheu a gravata do chão e a pôs de novo no pescoço do melhor modo que podia, sem espelho e ainda com os dedos trêmulos. Será que havia tempo para mais um uísque? Poderia beber outra coisa. Os breves instantes em que a tivera nos braços haviam sido uma brincadeira cruel. Ele a queria mais, mas essa noite não haveria mais beijos, estava certo disso.

Wynthrope pegou o copo e foi até o aparador, onde havia várias garrafas. Abrindo a de uísque, derramou uma dose generosa no copo e bebeu-a de uma só vez.

Moira voltou exatamente quando ele estava pensando embeber outra dose. Trazia em uma das mãos um pote. A outra segurava uma caixa de carvalho entalhada, que deixou em cima de uma mesa.

- Venha cá! – ordenou.

Será que devia latir e abanar o rabo? Mal-humorado aproximou-se dela.

- O quê é?

Ela destampou o pote e disse:

- Tire a gravata. Isso vai ajudar a curar seu ferimento.

A gravata estava estranhamente apertada quando a tirou do pescoço. Muito tempo se passara desde que alguém lhe fizera um curativo, e o gesto repercutiu bem fundo nele, provocando uma onda de tremula emoção em todo o seu ser.

Com movimentos suaves, Moira aplicou a pomada. Já outra vez de gravata, ele lhe ofereceu seu lenço para que ela limpasse a mão, recusando-se a aceitá-lo de volta. Que ficasse com ela. Isso lhe daria alguma coisa para olhar quando no futuro se lembrasse dele com tristeza. Ela deixou o lenço na mesa ao lado e pegou a caixa de carvalho. Por um segundo ficou parada ali, olhando para a caixa, como se estivesse lembrando outro tempo em que a tivera nas mãos.

- Tome. – Saindo de seu devaneio, ela lhe ofereceu a caixa.

Wynthrope a pegou, e uma suspeita inquietante repercutiu em seu estomago. Retirou a tampa e, mesmo que no íntimo soubesse o que ia encontrar, seu mal-estar piorou.

A tiara. Brilhava diante dele, pousada numa almofada de veludo preto.

- Pegue-a. – Sua voz estava firme, talvez até um pouco áspera.

A tampa se fechou com um estalo e ele a olhou fixamente.

- Não posso – disse, empurrando a caixa na direção dela.

Moira deu um passo para trás, balançando a cabeça.

- É sua agora. Pode dá-la ao homem que tanto quer.

- Moira...

Ela franziu o cenho para ele. Era evidente que sua paciência chegara ao fim.

- Pelo amor de Deus, Wynthrope, quer pegar essa coisa idiota? Há alguns dias, você não teve nenhum problema para tentar roubá-la...

A observação lhe doeu, mesmo que a merecesse. Dizer-lhe outra vez que naquela noite ele havia decidido não pegá-la não serviria para nada. Ela não acreditaria nele.

- Por quê? – Talvez fosse tolice perguntar, mas ele tinha que saber. Será que havia chance de ela ainda sentir algo por ele? Seria possível que ele não tivesse conseguido destruir completamente aqueles preciosos sentimentos?

- Porque esse brilho não vale a vida de ninguém, nem a de Nathaniel, nem a de Minnie, nem a sua.

- Nem a sua – ele acrescentou, muito feliz por estar entre as duas pessoas mais importantes para ela.

- Nem a minha. Acho que você deve ir embora agora. – Seu olhar era impassível.

Ele pestanejou. O quê? Devia ter esperado isso. Acaso ele realmente pensava que nada havia mudado?

Não. E sem dúvida ela encarava seu beijo como uma fraqueza sua. Não estava disposta a deixar que ele voltasse a entrar em sua vida tão facilmente. Seu corpo – e mesmo seu coração – poderiam querê-lo, mas sua mente e seu orgulho não. E Moira era uma mulher muito inteligente e muito orgulhosa.

Levantando o queixo de modo desafiador disse:

- Você conseguiu o que queria. Não há mais necessidade de que se preocupe comigo.

- Preocupar-me com você? – Ele não conseguia conter seu aborrecimento. – É por isso que você pensa que fiquei aqui esta noite, na esperança de obter isso? – retrucou ele, segurando a caixa.

Ele balançou a cabeça.

- Não. Acredito que sua preocupação com Nathaniel é genuína, e lhe agradeço, mas acho melhor ir-se agora, antes que eu acabe decidindo que, afinal, você é um homem bom.

Isso machucou seu coração.

- Moira...

Ela lhe estendeu a mão.

- Por favor, apenas vá. Estava disposta a enfrentar o risco de um escândalo para estar com você, Wynthrope, mas recuso-me a arriscar a segurança daqueles a quem amo. Você parece ser um homem perigoso, e mesmo que eu pudesse vir a confiar em você de todo o coração, não tenho garantia de que Minnie e Nathaniel não pagariam um preço por isso.

Ele a encarou com um aperto na garganta. Era isso. Não importava que ele se esforçasse para conquistar seu coração novamente, ela não o entregaria, pelo menos enquanto seu amigo e a irmã estivessem em risco – não se ele continuasse escondendo ela toda a verdade. Ela não tinha idéia de que até recentemente havia anos que ele não roubava nada. Ela não sabia.

E ele não ia lhe dizer, porque nesse momento era melhor que ela soubesse o menos possível.

Se Moira soubesse toda a verdade, poderia sentir pena dele e, pior, arriscar-se a ajudá-lo. Ele não podia permitir que ela fizesse tal disparate. A única razão por que ele se importava com Nathaniel e Minnie era o fato de ambos serem importantes para Moira. Sua principal preocupação era ela, e ele preferiria morrer antes de deixá-la em perigo.

Ele respirou fundo.

- Obrigado por me ajudar.

- Não faço por você – ela replicou rápida e secamente. – Estou fazendo isso por meu amigo, deitado inconsciente em minha cama enquanto conversamos. Ele é uma pessoa inocente que não tem nada com tudo isso, e não quero vê-lo sofrendo nunca mais.

Wynthrope assentiu.

- Quaisquer que sejam suas razões, eu lhe agradeço, e juro que a recompensarei.

Moira engoliu em seco e cerrou os punhos.

- Você pode me recompensar indo embora.

De novo ele assentiu, pondo a caixa embaixo do braço e tomando a direção da porta. Moira tinha motivo para sentir-se assim, mas isso não fez que seu coração deixasse de doer. Queria pedir a ela que não o fizesse ir embora, que lhe desse outra chance, mas ainda lhe restava algum orgulho, e implorar não serviria de nada. O único modo de mostrar a ela que sentia muito era fazer exatamente o que ela queria. Ele a ferira tanto que afastar-se dela era o mínimo que podia fazer.

O mínimo.

Capítulo dezesseis

N a manhã seguinte, Moira e Minnie estavam sentadas na biblioteca fazendo a lista de convidados para a festa de noivado de Minnie, que seria dália duas semanas. Era a distração ideal para Moira, que preferiria fazer qualquer coisa essa manhã que não fosse pensar em Wynthrope Ryland.

Será que fizera a coisa certa dando a tiara a ele? Ou teria sido uma manobra bem articulada para tirar a tiara dela?

O que quer que fosse, agora não importava. Ele conseguira a droga da tiara – que Tony a perdoasse por tê-la dado -, e se realmente se importasse com ela, voltaria algum dia e tentaria conquistá-la novamente. Do contrário, que ficasse longe. Isso faria alguma diferença no final? Ele podia simplesmente ter acreditado que ela falara a sério quando lhe pedira que se afastasse dela.

Ela de fato queria. Por mais que lhe doesse, não poria a vida de seus entes queridos em risco associando-se a um ladrão. O pobre Nathaniel já havia sofrido o suficiente.

- Você sabe que tenho que convidar mamãe e papai.

Moira relanceou os olhos para a irmã, que a olhava com ar de preocupação.

- Sim, afinal eles são seus pais.

- E seus.

- Não é a mim que eles vêm ver. Estou certa de que Millicent, Margaret e Marissa vão querer vir também – disse com um sorriso enviesado.

Minnie franziu o nariz.

- Foi terrivelmente indelicado da parte de mamãe e papai dar a todas nós nomes que começam com a letra M.

Era verdade, mas Moira suspeitava que nenhum dos dois – especialmente sua mãe – jamais perdera o sono pensando em que nome dar para as filhas.

- Obviamente, você sofreu bastante com isso – respondeu Moira em tom seco. – Acho que terminei a lista. Há mais alguém que queira convidar?

Preocupada, Minnie perguntou:

- Devemos convidar o senhor Ryland?

- North? – Moira fez uma encenação olhando as folhas de papel que cobriam a escrivaninha. – Oh, sim, ele e Octavia já estão na lista.

- Você sabe a quem estou me referindo.

Suspirando, Moira viu o olhar ansioso da irmã.

- Você quer convidá-lo? – Se isso significasse a felicidade de Minnie, ela com certeza ia sobreviver a uma noite com Wynthrope. Eles viviam na mesma cidade, e ela em algum momento ia topar com ele.

Mas com certeza não com frequência. Felizmente.

- Não sei. Gostaria que viesse porque foi simpático comigo, e os outros membros de sua família foram convidados, mas não posso me conformar com o que ele lhe fez, Moira, mesmo que só saiba da metade do que houve.

Menos da metade, realmente, mas não precisava lhe contar. Ela com certeza faria muitas perguntas. Moira passara muito tempo pensando nisso, e não queria falar sobre o assunto.

O rosto de Moira era uma máscara de indiferença.

- Você devia convidá-lo. Estou certa de que ele vai apreciar a oportunidade de felicitá-la.

Isso não parecia ser o suficiente para sua irmã.

- Ele já me felicitou ontem à noite, quando Lucas e eu lhe contamos.

Moira fez uma pausa, pousou a caneta no tinteiro.

- Não duvido, mas fazer isso em público é outro assunto.

Ela molhou a pena na tinta e escreveu seu nome na lista antes que o nervosismo a vencesse.

- Você acha que ele virá?

Bom Deus, não tinha como fugir desse homem?

- Não sei, Minnie. – Sua paciência estava no fim.

- Você gostaria que eu fosse pessoalmente à casa dele e lhe perguntasse?

Os olhos de Minnie se arregalaram.

- Você faria isso por mim?

Moira estava a ponto de mandar a irmã para longe – muito longe – quando notou o brilho nos olhos da jovem. Ela estava gracejando, e fazia isso com perfeição.

- Não – respondeu, com um sorriso –, mas vou pedir ao cozinheiro que faça um chocolate para nós. O que acha?

- Oh, que bom! – Minnie bateu palmas como uma criança.

Depois que tomaram chocolate, Moira foi ver como estava Nathaniel. Ela ficara ali, sentada ao lado dele a maior parte da noite, descansando de vez em quando numa poltrona. Não foi só a cadeira que a fez ficar acordada, mas o fato de ficar repassando sem cessar os acontecimentos da noite, especialmente aquele beijo que ela e Wynthrope haviam trocado. Por que não conseguia controlar as coisas que se relacionavam com aquele homem? Ele a beijava e ela se derretia, esquecendo cada coisa ruim que lhe havia feito. Enquanto seu amigo dormia logo acima de onde estavam, com o corpo todo ferido e cheio de hematomas por causa de sua relação comum criminoso, Moira estivera a ponto de fazer amor no tapete com esse mesmo criminoso.

O rosto de Nathaniel estava em paz quando ela espiou pela porta meio aberta. Estava ainda mais inchado do que na noite anterior, e os hematomas, mais escuros, de um tom verde-arroxeadado, mas ele não parecia estar sentindo dor, e isso era bom.

- Estava me perguntando quando você ia aparecer – sussurrou, abrindo os olhos quando ela entrou no quarto. – Estou precisando muito ir ao toalete, e receio que você tenha que me ajudar.

Com outra pessoa qualquer Moira teria se sentido muito envergonhada, mas não com Nathaniel. Durante a doença de Tony, ambos haviam se revezado para cuidar dele, e isso incluía ajudá-lo a ir ao banheiro e esvaziar seu urinol. Depois de tudo isso, ela com certeza podia ajudar o amigo a pôr-se de pé para ir fazer suas necessidades.

- Também estou feliz de ver você – disse -, mas por razões inteiramente distintas.

Aproximou-se da cama e puxou as cobertas para um lado. Ele estava nu, e Moira relanceou os olhos pelas bandagens em volta de suas costelas antes de desviar o olhar para ele. A culpa inquietava sua consciência. Era por sua culpa que acontecera isso com ele. Se ao menos não tivesse se rendido à atração que sentia por Wyndrope!

- Pare de se culpar – ele lhe ordenou com voz rouca. – E dê-me um robe, por favor. Estou com frio.

Ela nunca vira Nathaniel de mau humor. É claro que também nunca o vira nu ou ferido, então isso não devia surpreendê-la. Moira lhe passou o robe que uma de suas criadas havia trazido da casa dele. Vesti-lo foi para ele uma tarefa lenta e dolorosa, mas, graças a sua obstinação, conseguiu fazê-lo. Então, apoiando-se nos ombros de Moira enquanto ela lhe envolvia as costas com os braços, Nathaniel ficou de pé.

- Tem certeza de que não quer um urinol? – Moira perguntou, respirando com dificuldade enquanto ambos faziam força para se equilibrar. – Posso lhe trazer um.

- Posso fazer isso no vaso, maldição!

E fez como disse. Levou quase quinze minutos para levá-lo de volta, e ele estava sem fôlego e transpirando até ser de novo acomodado na cama, mas estava aliviado. Moira registrou mentalmente que teria de pedir a um ou dois dos criados que levassem a cadeira sanitária para mais perto, para que Nathaniel não precisasse fazer tanto esforço.

Depois que ele se acomodou nos travesseiros novamente, - ainda vestindo robe -, Moira finalmente deixou que as lágrimas corressem.

- Nate, sinto muitíssimo.

Ele a olhou com ar zangado – ou assim lhe pareceu. Era muito difícil saber, pois seus olhos, de tão inchados, estavam quase fechados.

- Já lhe disse para não se culpar.

- Como posso não fazer isso? – disse num tom de choro. Estava muito aborrecida.

Aparentemente ele também notara isso, porque estava positivamente irritado.

- Porque isso não tem nada a ver com você.

- Claro que tem. – Era hora de confessar tudo e acabar com aquilo. – Foi tudo por causa daquela maldita tiara!

- Eu sei – disse ele, olhando-a com o olho bom.

Ela congelou.

- Você sabe?

- Sim. – Ele deu um arremedo de sorriso com os lábios repuxados. – Eles queriam garantir que eu soubesse que era uma mensagem para o seu senhor Ryland.

Moira sentiu que um gosto acre lhe enchia a boca.

- Ele não é meu senhor Ryland. Não é mais – disse isso olhando para longe. – Nem sei se já foi.

- Guarde o melodrama para quando estiver sozinha com seus pensamentos, minha cara. – O tom de Nathaniel era firme mas não cruel. – Aquele homem a tratou de forma abominável, esteja certa, mas ele se importa com você também.

- Não! – disse ela balançando a cabeça.

- Sim. Quando eu estava estendido naqueles degraus, no limiar da inconsciência, ouvi sua voz. Ele pedia a Deus e a quem pudesse ouvi-lo que me mantivesse vivo. E disse que ia me trazer para você, porque se alguém podia me salvar era “nossa Moira”.

Moira trincou os dentes para tentar controlar as lágrimas que lhe vinham aos olhos.

- Isso simplesmente significa que ele sabe como amo você.

- Diga o que quiser. – Nathaniel molhou os lábios, estremecendo quando sua língua tocou o corte do lábio inferior.

- Ele provavelmente salvou minha vida ao me trazer para você.

- Como pode dizer isso? Isso aconteceu com você por causa dele! – Quanto mais ela pensava nisso, com mais raiva ficava. A raiva lhe fazia bem. Era preferível à miséria que estava sentido ultimamente.

- Também não é culpa sua. - Lançou um olhar para a jarra que estava na mesa ao seu lado. – Seja um amor e dê-me um copo dessa água, sim?

Ela se levantou para pegar a água.

- Como pode perdoá-lo quando sabe que foi o homem que o contratou que está por trás da agressão contra você?

- Admito que fui escolhido porque somos próximos, e seja quem for que esteja por trás disso, conhecia esse fato. – Seu rosto se contorceu de dor quando ele se mexeu para ficar numa posição mais confortável. – Eles também sabiam que Wynthrope assumiria que tanto você quanto Minerva seriam alvo seguinte. Fizeram isso para exercer seu controle sobre ele. Ele é tão vítima quanto eu.

Moira lhe entregou o copo. Se não estivesse naquele estado, ela o teria atirado nele.

- Você está muito complacente.

Ela a olhou com seus olhos azul-claros desfigurados.

- Você está aborrecida comigo porque não consegue perdoá-lo, não importando quanto deseje isso.

- Não o perdooarei porque ele não me pediu, e mesmo que o tivesse feito, não merece ser perdoado.

- Por que não?

Ela não podia acreditar que ele não lhe pedira perdão.

- Porque me usou.

Nathaniel balançou de leve a cabeça e tomou um gole de água.

- Tony usou você.

- Não se trata da mesma coisa! – Como ele poderia sequer sugerir tal coisa? Se havia alguém que devia ser capaz de compreender os motivos de Tony para ter se casado com ela, era Nathaniel.

- Ah, não? – Ele mudou de posição nos travesseiros novamente, gemendo quando as costelas doeram. Devia ser muito difícil para ele achar uma posição confortável.

- Claro que não – respondeu ela com petulância. – Tony e eu tínhamos um entendimento mútuo.

- Sim, tinham. – Tomou outro gole de água. - E Wynthrope Ryland a usou para roubar a tiara, e você o usou para perder a virgindade. Acho que isso foi razoavelmente mútuo também, não acha?

O rosto de Moira ficou rubro.

- Claro que usou. Você não se apaixonou por ele à primeira vista, mas depois de conhecê-lo, depois de já ter decidido torná-lo seu amante. Você queria saber o que era toda aquela perturbação, e o escolheu.

- Não – disse ela balançando a cabeça. Ele fazia aquilo parecer calculado, e não tinha sido assim. Ela não pensava assim.

Ele pegou sua mão e apertou.

- Sim. E está certo. Você não fez nada de errado.

- Mas ele fez! – Seus olhos se encheram de lágrimas. – Eu me entreguei a Wynthrope, e ele tentou me roubar! Traiu minha confiança! – Qualquer coisa mais que pudesse ter dito ficou perdida num soluço. Ela não ia chorar, não agora.

Nathaniel a olhava enquanto ela enxugava os olhos com as mãos, procurando se controlar e inspirando o ar profundamente.

- Ele não precisava se tornar seu amante para roubar você, Moira. Poderia ter entrado em sua casa e levado a tiara sem que você nem percebesse, que é como agem os ladrões competentes.

Ela inspirou fundo de novo.

- Obviamente ele não é um ladrão competente.

- Discordo. Ele roubou seu coração, e achei que ninguém jamais fosse capaz de conseguir isso.

Essa discussão não a incomodava.

- Ele não perdeu tempo em devolvê-lo a mim.

- Não fez isso. Do mesmo modo que o tinha quando você o levou para sua cama, ele o tem hoje. Você não estaria tão magoada se ele tivesse renunciado àquilo que pretendia.

Moira se recostou na poltrona.

- Como queria não tê-lo conhecido!

Nathaniel sorria com ar bondoso.

- Em vez de se arrepender do que não pode ser desfeito, seria melhor que você lhe perguntasse por que esperou tanto tempo para trair você.

Seus olhos se estreitaram.

- O que você está querendo dizer?

Ele teria dado de ombros se pudesse fazer isso sem gemer de dor.

- Apenas que acredito que ele foi forçado a roubar a tiara depois que você e ele começaram a namorar.

Namorar. Ele fez isso soar como se ela e Wynthrope estivessem destinados a ir para a cama mais do que apenas uma noite.

- Acho que você deve estar sofrendo um tipo de febre cerebral – disse ela sorrindo secamente.

- Você lhe perguntou por que ele queria a tiara?

- Disse que tinha de entregá-la para alguém. Não quis me dar mais nenhuma informação, provavelmente por não ter conseguido pensar numa mentira de repente.

- Ou por estar protegendo alguém.

- Quem? – a pergunta saiu mais aguda do que ela pretendia.

- Não tenho idéia. – Ele franziu o cenho. – Talvez você deva perguntar a ele.

Moira revirou os olhos.

- Agora sei que você está mesmo com febre. Que garantia teria de que ele me diria a verdade se eu fosse suficientemente tola para lhe perguntar?

- Você poderia confiar nele – sugeriu Nathaniel.

- Ah, sim, porque tenho sido muito bem-sucedida nesse particular ultimamente.

Em vez de se ofender, Nathaniel sorriu.

- Você está falando exatamente como ele.

Moira já não estava se sentindo tão culpada em relação aos ferimentos de Nathaniel – a culpa estava dando lugar a uma sensação de contrariedade.

- Você o está defendendo porque caiu de amores por ele, por ter representado o cavaleiro que o resgatou.

O rosto de Nathaniel escureceu.

- Ah, porque sou um transviado e devo gostar de qualquer homem que encontre, é isso?

Moira, ofegante, disse:

- Não, é que não...

Ele a interrompeu, mais zangado do que jamais o vira.

- Bem, não sinto desejo por todo homem que encontro, Moira, não mais do que você. No entanto, sei reconhecer um homem bom quando vejo um, e não preciso me apaixonar por ele para ver se tem valor.

Ela devia desculpar-se por tê-lo insultado, mas não conseguiu deixar aquilo passar.

- Como é possível que seja justamente você quem diz que ele é um homem bom?

- Porque você o ama, e ele não ia merecer isso se não fosse.

Moira o encarou. Ele próprio parecia tão surpreso quanto ela por seu acesso de raiva. O suor formava gotas em suas sobrançelas. Essa conversa estava exigindo muito dele. Estava tão agitado que cada movimento, por menor que fosse, piorava seus ferimentos.

- Perdoe-me – ela murmurou, incapaz de pensarem qualquer coisa para dizer.
- Só se você me perdoa também – disse ele, apertando sua mão.
- Está bem. – Ela sorriu, com os olhos turvos por causa das lágrimas.
- Ele é um homem bom, Moira. Sinto isso em meu coração, e acho que você também – disse olhando-a nos olhos.

Ela foi poupada de negar ou confirmar sua opinião por uma batida na porta. Era a senhora Wright, que entrou com um sorriso alegre.

- Oh, graças a Deus acordou, senhor Nathaniel, pois chegou uma visita para o senhor.
- Quem é, senhora Wright? – Moira perguntou.
- Matthew Sedgewick, senhora.

Moira voltou-se para Nathaniel com um sorriso. Embora soubesse que Matthew não fora atacado, foi um alívio ouvir que ele estava ali de visita.

- Gostaria de receber visita? – perguntou Moira a Nathaniel.
- Sim – respondeu ele.
- Mande-o subir, por favor.

O amigo lhe lançou um olhar nervoso.

- Como estou?

Levantando-se, ela se abaixou para tocar sua testa com os lábios.

- Uma linda desordem. Com certeza isso vai lhe render muita simpatia.
- Oh, Deus! – disse, sorrindo.

Mira saiu do quarto. Encontrou-se com Matthew na escada. Ele parou para cumprimentá-la e se informar sobre sua saúde, embora estivesse ansioso para ver Nathaniel. Moira lhe indicou o caminho e continuou descendo, já sem sorrir.

Será que Wynthrope era um homem bom? Ela devia saber. Afinal, parecia que fora subitamente abençoada por já ter compartilhado parte de sua vida com dois dos melhores.

- Vocês devem, sem dúvida, estar se perguntando por que pedi aos três que viessem aqui esta noite.

Sentado na sala de seu apartamento, que era ao mesmo tempo sala de visitas, biblioteca e estúdio, Wynthrope olhava para cada um dos irmãos. Estavam sentados num semicírculo à sua frente, esperando e olhando-o com expectativa.

Foi Brahm quem falou primeiro.

- Como você nunca me convidou para vir aqui, estou muito curioso.
- Estou precisando da ajuda de vocês. – Falava como se estivesse engolindo lama, mas estava contente de se livrar dela. – Uma coisa – alguém de meu passado voltou a entrar em minha vida, e não estou conseguindo lidar com ele sozinho.

North estava olhando-o com uma expressão parecida com horror. Sabia o que Wynthrope estava querendo dizer.

- Talvez seja melhor que você nos diga quem é essa pessoa – sugeri Brahm, massageando a coxa da perna traumatizada enquanto a estendia à sua frente.

Sim, esse era um ponto bom para começar – do princípio e sem esconder nada.

Wynthrope tomou fôlego e disse:

- Vários anos atrás, aproximei-me de um homem que dizia que trabalhava para o governo.

- Wyn... – a voz de North tinha um tom de advertência.

Wynthrope o interrompeu com a mão levantada.

- North, tenho que fazer isso. Você logo vai entender.

North se calou, com uma expressão entre duvidosa e preocupada. O que Wynthrope estava para revelar o afetava também, mas não havia como evitá-lo. Ele precisava fazer isso; era a única maneira de pôr fim a esse pesadelo e de ter uma chance de reconquistar Moira.

- O tal homem – Daniels – me disse que eu poderia ajudar o país a combater Napoleão sem que fosse preciso recorrer à guerra. Como eu era jovem, tolo e cheio do fervor típico da idade, aproveitei a chance de fazer minha parte sem ter de sair de Londres. Afinal, eu era o segundo herdeiro de papai. E só Deus sabia o que podia acontecer com Brahm quando bebia.

Brahm levantou os olhos mas não retrucou.

Wynthrope tomou fôlego de novo.

- Assim, comecei a trabalhar para ele. Disse-me que éramos espiões e nossa missão era recuperar jóias que haviam sido adquiridas por franceses para ajudar a levantar fundos para as campanhas de Napoleão. Meu trabalho era tomar posse desses itens para que Daniels e seu pessoal, por sua vez, pudessem garantir seu apoio à Inglaterra.

- E você acreditou em tudo isso? – É claro que Brahm não podia ficar calado por mais tempo.

Wynthrope olhou o irmão com um ar que significava que sabia como havia sido tolo.

- Eu só tinha dezoito anos nessa época, e Daniels me tratava como homem feito. Ele se tornou um pai para mim.

O irmão mais velho assentiu.

- E com isso queria substituir seu pai de verdade, que você achava que não se importava com você.

Talvez o raciocínio do irmão fosse de fato correto, mas ficou aborrecido com ele, por Brahm ver tão facilmente o que se passava com ele.

- Sim, acho que foi isso. De todo modo, fiz o que ele me pedia. Tornei-me um ladrão, e dos muito bons. Foi só quando um detetive da Bow Street que investigava aquele caso se aproximou de mim que me dei conta da verdade. Eu era um garoto estúpido que havia sido enganado e se tornara nada mais que um criminoso comum.

Devlin e Brahm desviaram o olhar para North.

- Detetive da Bow Street? – perguntou Devlin. – Há quantos anos aconteceu isso?

North, de braços cruzados no peito, olhou para ambos.

- Sim, eu era o detetive. E foi por isso que saí da Bow Street. Vocês dois teriam feito a mesma coisa, para que seu irmão não fosse preso como o dois teriam feito a mesma coisa, para que seu irmão não fosse preso como o ladrão que toda a cidade de Londres já começaram a chamar de “Fantasma”.

Com a surpresa espantada no rosto, os irmãos se voltaram para Wynthrope.

- Você era o Fantasma? – O tom de voz de Brahm era de incredulidade. – Deus do céu, Wyn! Wynthrope assentiu. Em outro tempo, muitos anos atrás, ele teria ficado orgulhoso da expressão dos irmãos. Sua perícia e reputação eram coisas que ele usava como um manto invisível, mas agora não. Não depois que se deu conta de que isso não era algo de que devesse se orgulhar.

- Era – respondeu ele, relanceando um olhar de agradecimento a North, que ainda não parecia terrivelmente impressionado com ele.

- Se não fosse por North, teria ido para a prisão ou fugido do país em desgraça.

- Isso teria superado qualquer escândalo em que tivesse me envolvido – observou Brahm com menosprezo.

Será que nada perturbava esse homem? Agora estava fazendo piadas. Havia se surpreendido pelo menos por uns dois segundos? E agora estava agindo como se Wynthrope tivesse confessado que comera bolo no café-da-manhã.

- Por que nunca nos contou isso? – perguntou Devlin, num tom mais curioso do que ferido.

- Melhor dizendo – acrescentou Brahm, com uma expressão astuta -, por que está nos contando agora?

Wynthrope engoliu o que lhe restava de orgulho.

- Nunca lhes contei porque me senti um completo idiota. E não queria que Brahm soubesse que estúpido eu havia sido.

Brahm olhou para ele como se momentaneamente tivesse ficado perplexo. Então acenou levemente com a cabeça, como se aquela explicação tivesse um sentido perfeito.

- Estou lhes contando agora – disse ele, respirando profundamente – porque preciso de sua ajuda.

North dirigiu a ele um olhar tenso.

- O que é isso? Alguém encobriu a verdade?

Seu irmão estava preocupado com Wynthrope ou consigo mesmo? Com ambos, se fosse esperto.

- Pior. Daniels voltou.

A notícia nada significava para seus irmãos, mas North sabia de todas as suas implicações. Seu rosto perdeu um poço do habitual tom rosado.

- O que ele quer?

- Uma tiara de diamante. Ele me disse que a roubasse.

- E você roubou? – disse North, olhando-o com perspicácia e dureza.

Olhar nos olhos dos irmãos foi uma das coisas mais difíceis que ele já fizera.

- Falhei.

- A quem pertence essa tiara? – É claro que a pergunta só poderia ter vindo de Brahm.

Wynthrope baixou o olhar, fixando-o no brilho de seus sapatos.

- A Moira Tyndale.

Ouviu-se um coro de imprecações, mas a de North era a mais alta.

- Você a usou? Seu canalha! Ela é amiga de minha mulher. Como vou explicar isso a Octavia?

Lançou a North um olhar duro.

- Em primeiro lugar, você não vai dizer nada para sua mulher. – Desviou o olhar para Devlin e disse: - Isso serve para você também. Quanto menos pessoas souberem disso, mais seguros estaremos.

- Mais seguros? – perguntou North em tom de crítica.

Ele tirou a gravata para que pudessem ver o ferimento em seu pescoço.

- Daniels deixou-me isso. Creio que ele também está por trás de um ataque a Nathaniel Caylan, amigo de Moira.

North passou a mão na barba por fazer soltando imprecações que fariam queimar as orelhas do próprio diabo.

- Não consigo acreditar que você se deixou envolver nisso. Devia ter me procurado...

Será que North estava pensando que ele era tão estúpido de voltar à vida do crime? Teria tão pouca fé nele?

- Daniels ameaçou revelar que você me deu cobertura quando me envolvi com sua gangue.

Disse que tem provas que podem arruinar você. Não podia me arriscar a provocar um escândalo que mancharia o nome da família.

- Escândalo? – ecoou Brahm. – Quem se importa com escândalo quando há vidas em perigo?

Wynthrope virou-se para olhá-lo e disse:

- Não sabia que isso chegaria a esse ponto. Acredito que Daniels cumprirá suas ameaças. Ele é esse tipo de homem. Tornou-se violento desde que falhei, não lhe entregando a tiara.

Um músculo se mexeu no maxilar de North.

- Então você tentou roubá-la?

Wynthrope assentiu.

- Por Deus, Wyn! Como pôde fingir interesse em Moira apenas para roubá-la?

É claro que North ia pensar que fora assim. Ele passara tanto tempo lidando com marginais que seu primeiro impulso era imediatamente desconfiar dos motivos da pessoa, mesmo que se tratasse de seu irmão.

- Não fiz isso. Daniels se aproximou de mim depois que Moira e eu já havíamos iniciado nosso... relacionamento. Mais tarde, quando ele começou a perceber que eu podia estar gostando dela, passou a incluí-la nas ameaças também. O ataque a Nathaniel é um claro aviso de que Moira ou a irmã poderão ser atacadas também, se eu não lhe entregar a tiara da próxima vez.

- Próxima vez? – Agora o rosto de North estava vermelho. – O que quer dizer com *próxima vez*?

- O que acha que significa? Daniels não tem intenção de me deixar em paz. Isso não vai acabar até que eu consiga a tiara.

Fez-se um silêncio incômodo enquanto todos pesavam as implicações daquela ameaça – não apenas a Wynthrope, mas a eles próprios e também a qualquer um que significasse alguma coisa para ele.

- O que o impediu de ir até o fim na primeira tentativa? – Brahm perguntou.

Wynthrope fechou os olhos por um instante, tentando não pensar naquela noite.

- Moira me descobriu.

- Descobriu você? – North jogou os braços para o alto, olhando de um modo que parecia que ia ter um ataque, ou começar a rir. – Ótimo. Então agora ela também conhece seu passado?

Wynthrope balançou a cabeça.

- Não. Não lhe disse nada sobre você. Ela pensa que sempre fui ladrão. Ela pensa que a usei desde o começo.

- E você não lhe disse a verdade? – Quem falou foi Devlin, que era de poucas palavras.

- Não achei que devesse contar-lhe sobre North – disse Wynthrope, negando também com a cabeça. – Além do mais, é melhor assim.

- Ah, sim – acrescentou North causticamente. – É muito melhor você estar com essa aparência infernal e Moira se sentindo como se tivesse perdido seu melhor amigo. Melhor para todos os envolvidos.

- Você preferiria que eu lhe tivesse contado sobre você? – O fio frágil que mantinha o controle de Wynthrope estava a ponto de arrebentar. – Você mal havia começado uma promissora carreira na política. Acha que eu me arriscaria a arruiná-la?

- Você prefere arruinar a si mesmo. – O tom de Brahm soou notadamente calmo na pesada tensão da sala. – Você preferiria magoar a mulher que ama a fazer isso com qualquer um de nós, inclusive eu.

Era verdade, mas dito assim, em voz alta, soava tão... suave! Ele não se incomodava de tentar negar seus sentimentos por Moira. Nem sequer discutira isso. Que diferença faria? Além disso, ele não reconheceria o amor mesmo que ele o estapeasse no rosto. Talvez a amasse, mas esperava que não, pois assim seria muito mais fácil.

- Vocês são meus irmãos. – E caso isso não fosse uma explicação suficiente, acrescentou: - Eu faria qualquer coisa por vocês.

A sala mergulhou no silêncio mais uma vez. Seus irmãos trocaram olhares, comunicando-se sem palavras, antes de voltarem a olhar para ele.

- Você tem algum plano? – North perguntou, já mais calmo.

- Eu tinha, até a noite passada. – Atravessando a sala, Wynthrope pegou de uma gaveta de sua escrivaninha fechada à chave a caixa de carvalho que Moira lhe dera. Voltou para junto dos irmãos, abrindo a caixa para que olhassem seu conteúdo.

Brahm assobiou. Devlin não se impressionava com essas coisas brilhantes. E North praguejou.

- Pensei que você tinha dito que não a tinha roubado.

- E não a roubei. Moira deu-a a mim na noite passada.

Três olhares penetrantes o alfinetaram, mas só Brahm falou:

- Ela fez o quê? Por quê?

Wynthrope fechou a caixa e a pôs na mesa ao seu lado.

- Ela disse que não queria que ninguém mais se ferisse.

- Inclusive você? – North indagou em voz alta.

- Aparentemente, até eu – disse Wynthrope dando de ombros.

A expressão de Brahm era compreensiva, até um pouco zombeteira.

- Bem, isso mostra que ela é uma pessoa melhor do que eu.

- Que eu também – acrescentou Devlin.

North na verdade esboçou um meio sorriso, dirigido a Wynthrope.

- Creio que estamos de acordo que acabaríamos com ele, mas essa não é a questão. O fato é que agora temos o que Daniels quer. Apenas temos que decidir como faremos para que ele pense que vai consegui-la.

- Como faremos isso? – perguntou Devlin, sempre o primeiro voluntário a se apresentar para a batalha.

- *Você* não vai fazer nada – disse Wynthrope, antes que os outros dois pudessem falar. – Você tem uma mulher grávida em quem pensar. Vai ficar em cãs, para que eu não tenha pesadelos por ser o responsável por meu sobrinho ter perdido o pai.

Devlin franziu a testa, pronto para contestar, mas estava em desvantagem numérica. Brahm e North concordaram com Wynthrope. Devlin ficaria encarregado do plano, mas não se envolveria em sua execução, e ponto final.

- A primeira coisa que temos que fazer – North começou, andando de cá para lá – é que Daniels saiba que a tiara está com Wyn. Nós determinaremos o lugar para a troca... Wyn, dê-me papel, por favor, e um lápis.

E então a coisa começou. Os irmãos falaram e conspiraram durante horas, elaborando cada detalhe de seu plano. Era relativamente simples: atrairiam Daniels e o apanhariam. Esperavam conseguir prendê-lo antes que ele percebesse o que estava acontecendo.

Tudo dependia de Wynthrope fazer bem sua parte, e de North – e talvez Brahm – pedir alguns favores. Se havia alguém capaz de fazer isso funcionar, eram os três.

Wynthrope poderia ter ficado sentido de deixar Devlin fora da ação, mas seu irmão não parecia estar aborrecido. Anos de exército haviam lhe dado suficiente excitação e perigo para o resto da vida. O mais jovem dos Ryland gostava da vida calma que ele e a mulher levavam, enquanto Wynthrope preferiria morrer a viver no campo.

Devlin foi o primeiro a ir embora; estava ansioso para ir para casa e se encontrar com Blythe.

North saiu pouco tempo depois, embora fosse óbvio que quisesse ficar e questionar

Wynthrope, mas a mulher estava esperando por ele também, e como Brahm continuava ali, foi forçado a ir.

- O que há com Moira? – Brahm perguntou quando já estavam sozinhos. Isso já não deixava Wynthrope com a animosidade costumeira, embora ainda não estivesse pronto a desistir daqueles velhos rancores.

- O que há com ela? – repetiu Wyntrope, sentando-se no sofá.
Apoiando-se na bengala, Brahm sentou-se numa cadeira, esticando à frente a perna lesada. Devia sentir muita dor, pois a esfregava a cada momento.

- É evidente que ela se interessa por você.

- Você está enganado. Ela me disse que estaria mais segura se eu ficasse longe dela – disse Wyntrope, esboçando um sorriso tristonho.

- É claro que sim – disse Brahm, como se Wyntrope fosse um tolo por não se dar conta disso. Wyntrope franziu o cenho ante seu tom de superioridade.

- O que sabe você do amor? Nunca se apaixonou na vida.

- Já, sim, uma vez. – Brahm massageava a perna. Tanto tempo em pé a cansara. – Ou pelo menos achei que estava. Ela me abandonou, lembra?

- Você era um bêbado incorrigível. Fico surpreso por se lembrar dela. – Era difícil dizer isso, mas era verdade.

- Nunca a esqueci. Você também não esqueceria – disse Brahm, sorrindo tristemente. Não mesmo, ele sabia disso.

- Não sei o que poderia fazer. – Wyntrope parecia desanimado.

- Diga-lhe a verdade quando tudo isso chegar ao fim. – Apoiando-se na bengala, Brahm ficou novamente de pé. – E você poderá querer tentar lhe devolver a tiara, quando ela já não servir a nossos propósitos. Ela vai apreciar seu gesto. Agora, seja um bom garoto e me ajude a descer as escadas, sim?

Wyntrope acompanhou-o. Quando voltou à obscuridade do apartamento, serviu-se de um drinque, que não bebera antes em respeito a Brahm, e estendeu-se no sofá de copo na mão. Sentia-se bem por ter confessado tudo aos irmãos. Parecia que haviam retirado um fardo de cima dele. Esperava que seu plano funcionasse e ele pudesse finalmente deixar o passado no seu devido lugar.

E quem sabe Moira permitisse que ele lhe explicasse as coisas. Ela poderia até acabar permitindo que ele a visitasse novamente e talvez começasse a perdoá-lo. Mas se Brahm achava que a simples devolução da tiara ia fazer que tudo isso acontecesse, Wyntrope sentia muito por ele. O pobrezinho não sabia nada sobre as mulheres.

Capítulo dezessete

W

ynthrope não voltou a casa de Moira depois da noite em que levara Nathaniel até lá.

Os dias se passaram sem nenhum sinal ou palavra por parte dele.

Ela não devia estar surpresa por isso e em desapontada, já que havia dito a ele para ficar longe dela; assim, estava apenas atendendo à sua vontade. Devia sim estar contente, e de fato estava, em certa medida. Sua vida ficara mais simples e previsível sem ele. Tinha muito o que fazer no planejamento da festa de casamento de Minnie, e a última coisa que queria era um homem precisão de sua atenção. Ou melhor, dois homens nessas condições, porque Nathaniel ainda estava com ela, embora não por muito mais tempo. Estava se recuperando muito bem, e o doutor Griggs havia dito que ele poderia ir para casa em um ou dois dias.

Moira poderia sentir falta de sua presença junto dela, mas também apreciaria ter seu sossego de volta. Infelizmente passaria esse tempo, sem dúvida, com o pensamento fixo em Wynthrope. Ryland. Só poderia rezar para que esses pensamentos torturantes um dia cessassem.

Ou talvez o homem responsável por eles pudesse voltar e contar-lhe por que era um ladrão. Quem sabe pudesse confiar nela e falar de seu passado. Ou percebesse que, mesmo tendo pronunciado cada palavra com a convicção de que estaria mais segura longe dele, ela ainda o queria em sua vida.

Isso fazia dela uma tola? Provavelmente, mas havia dentro de sua cabeça ou talvez em seu coração uma voz que insistia em que ela não se enganara sobre ele quando se conheceram. Não era possível que houvesse fingido tudo aquilo. Havia compartilhado momentos maravilhosos. Havia rido, conversado e jogado xadrez. Seguramente aquilo tudo não tinha sido mentira. Ela não podia ter se equivocado tanto. Alguma coisa daquilo que ele lhe revelara tinha de ser verdade, e nesse caso existia como uma parte real do homem bom que um dia acreditara que ele fosse.

E homens bons não usavam as mulheres e fingiam se importar com elas. Homens bons não roubavam – não sem motivo.

Assim, qual era o motivo de Wynthrope?

Ela esperava esclarecer isso essa noite. Era um acontecimento social que ela não podia perder. Havia um jantar em Creed House para comemorar a paternidade iminente de Devlin e Blythe.

Moira se surpreendera por ter sido convidada para a festa, especialmente porque fazia pouco tempo que ela e Blythe se conheciam. Durante seu curto relacionamento, Moira passara a gostar muito daquela mulher enorme. E parecia que esse sentimento era mútuo. Era por essa razão que ela e Minnie estavam aconchegadas sob grossas mantas, com os pés apoiados em tijolos quentes, enquanto a carruagem sacolejava ao longo do calçamento irregular. Estavam a caminho da festa em Creed House. Moira se preparara para o evento, tomando um cuidado maior com a aparência – não porque quisesse agradar a Wynthrope, mas para provar-lhe que não ficara completamente desleixada desde que soubera da terrível verdade sobre ele.

Seu couro cabeludo doía por causa dos grampos que prendiam o elaborado penteado para que não se desmanchasse no meio da noite. Nas orelhas exibia brincos de safira, acompanhados de um colar combinando. O vestido era de um brocado suave, de cor creme, e destacava seu busto, dando-lhe uma aparência realmente atraente.

Não escolhera essa roupa com tal fim; o caso é que engordara um pouco desde que a comprara, antes de conhecer Wynthrope. Desde então parara de se preocupar com seu peso e se concentrava agora em como se sentia. Se estivesse com fome, comia. Matar a si mesma de fome para ficar magra, nunca mais – principalmente porque era a única pessoa que criticava a própria aparência. E tinha que admitir que apreciava o fato de ter seios mais atraentes.

- O que você vai fazer se ele vier falar com você? – Minnie perguntou, com a voz abafada pela manta de pele que a envolvia.

- Não creio que fará isso, mas se vier, suponho que simplesmente vou responder – disse Moira, esboçando um sorriso.

- Então vai falar com ele?

Ela deu de ombros e tirou um pelo que grudara em seus lábios. A maldita manta estava perdendo pelo.

- Talvez seja o mais correto a fazer. Eu odiaria estragar a festa de Lord Creed sendo fria com seu irmão. – Não queria admitir para Minnie que estava pensando em aceitar o conselho de Nathaniel e encostar Wynthrope na parede. Não que ele tivesse sugerido que lhe preparasse uma armadilha, mas o sentimento tinha sido o mesmo.

Ela precisava saber a verdade. Só então poderia decidir o que fazer. E saberia se ele realmente gostava dela ou se a levava para a cama apenas por ganância e um pouco de luxúria.

Não estava tão nervosa quanto temia. De fato, estava estranhamente calma em relação ao encontro com Wynthrope. Ficaria aliviada se ele lhe desse uma resposta. Ou ele lhe queria ou não. Ou estava querendo confiar nela e contar-lhe tudo ou não. E se não lhe queria, estava suspirando em devaneio por ele como uma garota tola. Ia procurar se refazer da decepção e tocar a vida. Não tinha expectativa de que isso fosse ocorrer da noite para o dia, mas sabia que ela ia acabar passando. Se Nathaniel havia conseguido gostar de alguém depois de ter perdido o amor de sua vida, Moira com certeza também o faria.

Bom Deus, ela não estava realmente considerando Wynthrope o amor de sua vida, estava? Ela o havia amado, disso estava certa, mas amara o homem que ele fingia ser. Moira precisava descobrir quem ele realmente era antes que pudesse definir seus sentimentos.

Quem ela estava querendo enganar com esse absurdo de definir seus sentimentos? Ela o amava, fosse ele quem fosse. E amava-o tão certamente quanto respirava.

Isso tornava ainda mais assustador aquilo que ela estava em vias de fazer. Planejava verificar essa noite se seus sentimentos eram retribuídos.

Creed House – ou Creed Manor, como alguns a chamavam – era uma linda mansão de pedra caiada idilicamente situada em Grovesnor Square. O caminho até a entrada era todo iluminado, para que os convidados pudessem ver os degraus da escada. Quando as duas chegaram diante da grande porta de madeira entalhada, Moira bateu nela com a pesada aldrava, e um homem já idoso, de estatura e pesos medianos, quase calvo, veio atendê-las.

- Lady Aubourn e senhorita Banning? – perguntou num tom agradável.

- Sim – respondeu Moira, sorrindo.

Ele se afastou para o lado, a fim de que elas pudessem entrar.

- Bem-vindas a Creed House, senhoras. Querem me dar suas capas?

Elas as tiraram e entregaram ao mordomo, que as repassou a um criado. Moira e Minnie seguiram-no pelo grande *hall*, inteiramente decorado em preto-e-branco. O piso parecia um enorme tabuleiro de xadrez. Não era de admirar que Wynthrope gostasse tanto desse jogo, já que fora criado nesse ambiente.

Para além do hall, uma porta levava a um corredor. Ao percorrê-lo, o olhar de Moira ia da esquerda para a direita, passando pelas diversas pinturas alinhadas ao longo das paredes – antepassados dos Ryland, sem dúvida, a julgar pelos sorrisos enviesados que apareciam nas reproduções. Por estranho que parecesse, esse era um traço predominante mais entre os homens do que entre as mulheres. Obviamente, elas não eram tão arrogantes quanto eles. Ou simplesmente eram mais dissimuladas.

Pararam duas portas antes do final do corredor. O mordomo as anunciou e ficou segurando a porta para que entrassem. Brahm já estava ali para recebê-las.

- Minha querida Lady Aubourn, senhorita Banning – disse ele, tomando as duas pelas mãos e beijando-as no rosto Minnie corou ante a atenção. Que mulher não ficaria assim? O visconde Creed era um homem extraordinariamente bonito. Enquanto Devlin tinha uma espécie de atrativo melancólico e North, uma aparência severa, Brahm, de todos os irmãos, talvez fosse o que parecia mais tranqüilo. Certamente era o de feições mais bem-delineadas. Ele se sentia à vontade naquele ambiente elegante.

É claro que, aos olhos de Moira, nenhum deles se comparava a Wynthrope. Sua beleza era cínica e vulnerável. Um anjo expulso do paraíso. Podia ser tanto indiferente e frio quanto, às vezes, descontraído e alegre.

Obviamente Wynthrope não estava ali. Ela o notou assim que passou os olhos pela sala, sorrindo e cumprimentando as pessoas. Não o vira, e seu coração se ressentiu um pouco.

Estaria simplesmente atrasado ou decidira levar suas palavras a sério e evitar as reuniões em que ela pudesse estar presente?

Bem, ela não ia deixar que isso lhe estragasse a noite. A festa era para homenagear Blythe e Devlin, e não para sofrer por um homem que podia ou não merecer isso. Pelo menos essa era sua resolução naquele momento. O que podia mudar a qualquer instante.

Foi ao encontro de Devlin e Blythe, dando-lhes os parabéns e desejando-lhes felicidade. Até os abraçou, tarefa não muito simples, conforme verificou ao ver-se com o rosto achatado contra o peito de Devlin. Se ele a apertasse um pouco mais, um dos botões de seu casaco iria deixar em seu rosto uma marca. Deus do céu, que homem forte! Tão grande e perigoso! Entretanto, Blythe parecia não se importar com isso.

Eles iam ter filhos gigantes. Pobre Blythe! Ainda bem que ela também era uma mulher alta e forte.

Moira se dirigiu então ao grupo formado por North e Octavia, Brahm, Miles e Varya. O assunto de sua conversa era se North e Octavia tinham planos para também começar a aumentar a própria família.

- Logo. – Octavia respondeu, sorrindo carinhosamente para o marido. – Não quero ser uma dessas mulheres que ficam casadas durante anos e não têm filhos. – Foi então que se deu conta da presença de Moira, e seu rosto se cobriu de rubor.

- Minha amiga, você não acha que me ofendeu, não é? – disse Moira, rindo. – Na verdade, a observação a atingira, mas não por considerá-la um insulto, mas por perceber naquele instante que, ao se casar com Tony, negara a si mesma o direito básico de ser mãe.

- Espero que não tenha se ofendido mesmo, Moira – disse a amiga, preocupada.

Ela fez um aceno com a mão como que descartando a preocupação da amiga e disse:

- Nunca tive filhos porque nunca tive filhos. – Isso era uma coisa fácil de responder. A pessoa não podia engravidar sem ter relações com o marido.

Octavia deu uns tapinhas carinhosos em sua mão enquanto dizia:

- Você pode se casar de novo.

Moira considerou a idéia. Casar novamente, sim, podia ser ótimo ter alguém com quem passar os dias e as noites. Quanto a filhos, nunca realmente pensara muito nisso. No entanto, se voltasse a se casar, seria por amor e por nada mais. A vida era muito curta para que cometesse o mesmo erro duas vezes.

Bom Deus, ela realmente nunca achara que o casamento com Tony fora um erro, não é mesmo? Não; talvez lastimasse alguns aspectos de sua união com Tony, mas sempre lhe seria grata por ter permitido que ela se afastasse dos pais.

Seus pais. Só de pensar neles lhe doía o estomago. Eles viriam para a festa de noivado de Minnie. Pela primeira vez, desde a morte de Tony, Moira teria de encarar a mãe de novo.

Nesse momento, como se lesse seus pensamentos, North lhe estendeu uma taça de champanhe.

- Tome, Moira. Vamos fazer um brinde a Devlin e Blythe.

Moira lhe agradeceu e pegou a taça que ele lhe oferecia. Notou que Brahm não estava bebendo champanhe. Se seu nariz não a tivesse enganando, era cidra, provavelmente sem álcool.

- Vocês não vão fazer nenhum brinde sem mim – disse uma voz às suas costas, fazendo Moira sentir na espinha um arrepio ao mesmo tempo terrível e delicioso.

Ele havia chegado.

Moira se virou, respirando fundo ao vê-lo. Parecia um pouco cansado, mas apesar disso era a própria perfeição masculina naquele traje de noite sóbrio, recém-barbeado e com o cabelo bem penteado.

Sorrindo com genuíno prazer, cumprimentou Devlin e Blythe, abraçando a cunhada e beijando-a no rosto. Aceitou a taça de champanhe que North lhe estendeu e se virou.

Foi então que a viu. Seu sorriso se apagou um pouco, mas não desapareceu. Deus sabia que ela estava feliz em vê-lo, e o tremor de suas pernas era sinal disso. Malditos olhos azuis!

Wynthrope fora muito ousado ao encará-la tão francamente. É claro que ela lhe devolveu o olhar.

Seu contato visual foi interrompido pela voz de Brahm. Ele permitiu que Miles, como irmão de Blythe, fizesse o primeiro brinde, e em seguida foi sua vez. North e Wynthrope seguiram-se aos dois, cada um contando algum fato da infância de Devlin.

- Ao meu irmãozinho gigantesco – disse Wynthrope terminando a saudação com um sorriso. – Espero ser um dia a metade do homem que ele é.

Disse isso de modo tocante, e North acrescentou:

- Você já é metade dele, em peso.

A sala se encheu de riso, e quando todos se juntaram em volta do radiante casal de honra, Moira aproveitou a oportunidade para chegar mais perto de Wynthrope. Ela não tinha idéia do que dizer depois de tê-lo mandado embora, mas precisava pensar em alguma coisa.

- Boa noite. – Nada original, mas não soava mal.

Ele pareceu surpreso.

- Sim, realmente é uma boa noite.

Abaixando a cabeça, Moira mordeu o lábio inferior por um momento, antes de levantar os olhos para ele.

- Queria lhe pedir desculpas por algumas coisas que disse da última vez que nos vimos.

- Não faça isso. Você estava certa quando disse que sua vida seria melhor sem mim – disse ele, sacudindo a cabeça.

Moira estremeceu quando suas palavras lhe foram devolvidas.

- Nunca disse que seria melhor.

Ele deu de ombros e tomou um gole de champanhe.

- Mais segura, então. De qualquer modo, estava certa. Você precisa ficar longe de mim por um tempo.

Suas palavras poderiam tê-la magoado mais se ela não tivesse percebido um tom de desejo em sua voz. Ele não estava lhe dizendo para ficar longe, mas pedindo, até suplicando.

- Wynthrope, o que você está planejando?
- Não posso lhe dizer. – Em vez de olhar para ela, relanceou os olhos na direção de onde estava sua família.
- Você ainda não confia em mim – disse Moira com um aperto no peito.
- Não. – Wynthrope agora olhava para a taça de champanhe.
- Entendo. – Ela estava fria, muito fria. Na verdade, entorpecida. Não conseguia sentir a taça de champanhe que tinha na mão.
- Não, não entende. – Sua voz soava como um murmúrio áspero quando ele se virou e ficou de frente para ela. – Não lhe conto nada porque não posso confiar em que você não vá fazer alguma tolice como tentar ajudar ou, Deus não permita, salvar-me.
- Salvá-lo?* Deus meu, o que ele estava planejando fazer?
- Eu não...
- Você faria isso, sim, porque é exatamente esse tipo de mulher. – Ele bebeu o resto do champanhe de uma só vez. – Você é uma pessoa boa. A melhor coisa que pode fazer para me ajudar neste momento é ficar longe de mim.
- Claro. – Ela engoliu com dificuldades e então se virou para se afastar dali. Moira sabia que ele tinha alguma razão assustadora para lhe dizer aquelas coisas, mas isso não mudava o fato de que ainda não lhe confiaria a verdade. Só queria saber se ele um dia confiaria nela; então, o risco de ficar ouvindo aquela conversa humilhante teria valido a pena.
- Pondo-se diante dela, Wynthrope a impediu de prosseguir, protegendo a ambos de eventuais olhos curiosos.
- Moira, sei que não tenho direito de pedir, mas preciso que você confie em mim. Prometo que quando isso terminar lhe contarei tudo.
- Vai fazer isso? – perguntou ela sentindo a esperança brotar em seu peito. – Vai?
- Certamente – disse Wynthrope com um olhar sincero e firme.
- Ótimo – disse apenas, esforçando-se para não rir como uma tonta. Talvez ele não pudesse confiar nela agora, mas confiaria mais tarde. Sua vontade de rir cessou. Não ia lhe contar nada senão quando aquilo já não importasse. Isso não era ter confiança em alguém. Equivalia a ela ter-lhe contado que era virgem depois que ele descobrira isso por si mesmo. Qual era o problema?
- Ficarei longe e esperarei que você venha me procurar. – Suas palavras continham um tom de amargura.
- Ele sentiu seu descontentamento, e seus olhos estavam suplicantes.
- Você não vai ter que esperar muito tempo.
- Mmmm. – Ela se afastou para o lado, esquivando-se dele. – Wynthrope, não faça mais promessas.
- Por que não? – perguntou, de cenho franzido.
- Antes de seguir em frente, Moira lançou-lhe um olhar penetrante e disse:
- Porque eu poderia esperar que as cumprisse.

Que diabo significava aquilo?

Wynthrope ficou olhando Moira deslizar pela sala como uma rainha, com aquele vestido creme que dava a seus seios uma tentadora aparência de opulência. Ela não precisava ter se incomodado de se arrumar tanto para agradar a ele – ou para provocá-lo. Ele a acharia linda mesmo vestida com trapos, como a Gata Borralheira.

Mas de onde tirara a ousadia de lhe dizer que não fizesse mais promessas? Nunca lhe prometera nada que não pudesse ou não quisesse cumprir. Só estava zangada porque Wynthrope não quisera lhe dizer o que ia fazer. É claro que não tinha dito porque não podia. Se lhe tivesse dito que ia arriscar a própria vida para entregar Daniels à justiça, ela o teria censurado e até poderia fazer alguma tolice para tentar ajudá-lo. As mulheres não costumavam agir com racionalidade quando se trata de assuntos de homens. Pois Octavia não tinha se atrevido a enfrentar o homem que tentara matar North por ter achado que podia fazer alguma coisa? Octavia certamente agira assim por amor. Wynthrope podia não ter a sorte de ser amado por Moira, mas sabia como ela era protetora em relação às pessoas com quem se preocupava.

Por essa razão já fizera a tolice de lhe dar a tiara. Ele não deixaria que fizesse mais que isso, especialmente arriscando a própria segurança. Se Daniels pusesse as mãos nela... Bem, Daniels poderia acabar morto, mas isso não garantiria que Moira ficasse protegida. E ele não ia se arriscar a perdê-la, quando nem a havia reconquistado.

O que sentiu na hora seguinte foi mais dolorido do que arrancar um dente. Tanto Blythe quanto Octavia suspeitavam que ele havia feito alguma maldade com Moira, e a expressão de desaprovação que exibiam acompanhava-o aonde quer que fosse. E ainda havia Minerva – a verdadeira campeã na defesa de Moira. Se olhares matassem, Wynthrope já estaria morto. Era hora de se despedir. Moira não voltara a falar com ele; na verdade, estava se saindo muito bem ao fingir que ele nem existia. Mas não era por isso que ele ia embora, mas porque mais tarde, naquela noite, ia se encontrar com Daniels para trocar a tiara pelas informações que o velho tinha sobre ele. Precisava se preparar. Devia tomar algumas providências para o caso de que algo saísse errado. Tinha que se assegurar de que, se morresse, Moira ficaria com o jogo de xadrez que ganhara de Brahm e que pertencera a seu pai. Ela ia gostar disso e também da carta que o acompanhava.

É claro que havia a chance de que Daniels não o matasse, e então ele poderia contar-lhe pessoalmente o conteúdo da carta. Era esse o resultado que esperava.

Assim que viu North sozinho, aproximou-se dele.

- Estou indo embora.

No mesmo instante todo o corpo de North se retesou, embora sua expressão permanecesse a mesma.

- Já?

- Preciso fazer algumas coisas antes.

- Você não vai tentar nos passar a perna, vai? Seria uma estupidez. – North o olhava com ar de suspeita.

- Não. Estarei na casa da Russell Street à meia-noite. Vamos os ver então – disse Wynthrope sorrindo e balançando a cabeça.

North segurou-o pelo braço quando começava a se afastar.

- Tome cuidado.

- Claro – disse Wynthrope, sorrindo -, bancar o herói é um estilo seu, não meu.

Mas ao sair da casa do irmão, Wynthrope se deu conta de sua imprudência. E tudo por causa de uma mulher.

A mulher que ele traía.

A mulher sem a qual ele achava que não podia viver.

- Você a trouxe? – O tom de voz de Daniels denunciava sua ansiedade.

A casa estava às escuras, exceto pelo fogo que crepitava na lareira, embora ele pouco aliviasse o ar gelado da casa, que ficara vazia por algum tempo. Será que alguém acharia aquele fogo suspeito? Wynthrope esperava que sim. Mal passara da meia-noite, mas Covent Garden era um lugar escuro e perigoso até para os criminosos que o freqüentavam. Por exemplo, se alguém entrasse ali naquele momento para saber o que estava acontecendo, muito provavelmente acabaria com a lâmina de Daniels no peito, pois o velho estava no limite. Já era hora de acabar com aquilo.

- Mostre-me os papéis – disse Wynthrope, abrindo a caixa.

Daniels mostrou-lhe uma pasta cheia de folhas de papel amarradas com barbante e perguntou:

- Satisfeito?

Não inteiramente, mas logo estaria. Wynthrope, com um gesto de cabeça, disse:

- Ponha-a ali na mesa.

- Você primeiro – insistiu o velho.

- Você – disse Wynthrope, com um sorriso frio.

Ficaram se encarando por um momento, e finalmente Wynthrope venceu. Daniels colocou a pasta na mesa rústica. Wynthrope, sem tirar os olhos do antigo mentor, alcançou-a com cuidado e a puxou para si.

- Agora é você – exigiu Daniels.

Primeiro Wynthrope abriu a pasta para ter certeza de que ela continha o que devia. Satisfeito, colocou a caixa na mesa, empurrando-a para Daniels.

- Ah, garoto, estou orgulhoso de você! – disse o irlandês ao agarrar a caixa, com o rosto iluminado pela ganância, louco para abri-la.

Wynthrope não tomou conhecimento do comentário. Não sentia nenhum prazer ao fazer aquilo. Ele a conseguira à custa da perda de Moira.

- Você vai sair da Inglaterra agora e nunca mais voltar.

O velho assentiu sem nem ouvi-lo. Provavelmente nem percebera que aquilo era uma ordem e não uma pergunta.

- Sim, sim, o que quiser.

A tensão de Wynthrope já estava quase se relaxando, quando Daniels fechou bruscamente a caixa e puxou do bolso um revólver. Seu coração disparou.

- O que é isso agora? Vai me matar?

Daniels fez uns estalidos com a língua.

- Isto é um tiquinho de insegurança, mocinho. Só quero me certificar de que você não vai tentar nenhuma gracinha enquanto fujo.

- Gracinha? Eu? – As palavras tinham um tom falsamente inocente, até para ele mesmo. E que diabos seria aquela “gracinha”? A situação não tinha nada de engraçado, embora bater várias vezes a cabeça de Daniels contra a mesa pudesse fazê-lo sorrir.

Os olhos de Daniels se estreitaram.

- É, como tentar se fazer de herói ou algum absurdo do gênero. Voe é o tipo de homem que poderia tentar arrancar de mim esta beleza para conquistar o coração da bela donzela.

- Ela não é uma donzela – Wynthrope replicou. – E não há no mundo suficientes pedras brilhantes para conquistar seu coração. – Não sabia por que estava falando de Moira ao canalha. Só sabia que a ânsia de defendê-la havia ido além de todo senso comum, o que poderia tê-lo ajudado a esconder seus verdadeiros sentimentos por ela.

- Então não é uma donzela – Daniels dirigiu a ele um olhar de pena por trás da arma. – Muito ruim para você. Espero que ela nunca descubra nossa transação, garoto. Ela não o perdoaria. As palavras estavam mais próximas da verdade do que Wynthrope gostaria. Desde quando Daniels era um especialista em mulheres? Conhecera muitas, com certeza, mas nunca tivera nenhum relacionamento duradouro, que ele soubesse. Daniels não tinha nem idéia do que Moira faria ou não.

Mas a verdade é que acertara em cheio.

- Gostaria de discutir com você detalhes de minha vida privada, mas como tem que dar o fora do país...

- É, tenho. – disse o velho, sorrindo – Adeus, mocinho. – Virou-se e tomou a direção da porta com a caixa da tiara debaixo do braço. Sem tirar os olhos de Wynthrope, abriu o trinco, e a escuridão o engoliu. A porta se fechou, e Wynthrope ficou sozinho com as sombras sinistras e a chama crepitante.

Ele não perdeu tempo. Assim que ouviu o ruído do trinco se fechando, abriu a pasta e começou a retirar os papéis. Atirou-os no fogo da lareira, sorrindo de satisfação enquanto eles desbotavam e viravam cinza. Estava tão concentrado na tarefa que decidiu ignorar a agitação que havia lá fora. Sem dúvida era melhor assim.

Queimando o último papel, com os restos enegrecidos de seu passado transformados em cinza, Wynthrope atirou também a pasta no fogo. Era isso. Fim.

Remexeu as brasas com o atizador para certificar-se de que não havia deixado nenhum traço ou evidência e então pôs as luvas e o chapéu. Não é que achasse que Daniels lhe dera a única cópia da prova, mas não queria ser apanhado com aqueles papéis. Devagar, caminhou pelo piso que rangia, abriu a porta e saiu para a noite fria e barulhenta.

Havia uma dúzia de homens a cavalo com rifles apontados para um homem ajoelhado no chão. Dois homens acabavam de algemar seus pulsos e tornozelos e o levantavam. Um terceiro segurava a caixa de carvalho. Wynthrope olhou para trás antes de se aproximar, com os gritos furiosos do prisioneiro retumbando em seus ouvidos.

- Não tenho nada a ver com isso! Foi Ryland. Ele é o homem que vocês querem. Tenho prova de que ele é o Fantasma.

Quando Wynthrope se aproximou, o homem que estava com a caixa virou-se.

- Isso é verdade, senhor Ryland?

Daniels parou de vociferar e ficou encarando-o. Pela segunda vez naquela noite Wynthrope se deu conta de sua sorte, porque se olhares matassem...

Wynthrope lançou um sorriso frio ao magistrado da Bow Street.

- Com um irmão como o meu, senhor Reed? Jamais conseguiria esconder isso.

Duncan Reed não parecia muito convencido, mas Wynthrope não achou que isso lhe importasse. O Fantasma era uma história antiga, e o pessoal da Bow Street havia apanhado Daniels com a tiara da viscondessa Aubourn nas mãos – roubo denunciado por North Sheffield-Ryland.

- Ele está mentindo – Daniels gritava. – Posso provar que ele é um ladrão!

- Não tenho idéia do que ele está dizendo – disse Wynthrope, dando de ombros -, mas vocês são muito bem-vindos para fazer uma revista em minha casa, assim como em mim.

Reed refletiu por um instante antes de sacudir a cabeça.

- Não é preciso. Para mim, é óbvio que o verdadeiro vilão está aqui. Obrigado por ter ajudado na prisão deste criminoso, senhor Ryland.

- Ajudado! – Daniels lutava como um selvagem, enquanto os homens o levavam embora.

- Você pagará por isso, Ryland! Juro por Deus que você vai pagar!

Seus gritos foram ficando mais baixos, até se tornarem incompreensíveis, quando os oficiais o carregaram para dentro do veículo e fecharam a porta.

Depois que levaram Daniels e tudo ficou mais calmo, Reed voltou-se para encarar Wynthrope.

- Tenho muito respeito por seu irmão.

- Sei disso. E ele também pelo senhor.

- Nunca o pressionei para que me explicasse por que ele deixou a Bow Street, e não quero saber disso agora. No que me diz respeito, essa investigação termina aqui. Estou sendo bastante claro, senhor Ryland?

- Perfeitamente – disse Wynthrope sorrindo e engolido em so. Graças a Deus por sua sorte. Graças a Deus por North e suas ligações. Não fosse isso, o magistrado poderia sentir-se tentado a dedicar um pouco mais de cuidado ao passado de Wynthrope.

- Apreciaria se o senhor pudesse comparecer à Bow Street pela manhã. Gostaria de tomar depoimento de todos os envolvidos. Estou particularmente interessado na razão pela qual Daniels acha que o senhor poderia ter roubado a tiara para ele.

Sem dúvida estava. Obviamente, North não pensara nisso, e Wynthrope teria de pensar em alguma coisa. Maravilhoso. Que raio de explicação ele poderia dar?

- Ele sabia que eu estava cortejando a viscondessa, e ameaçou fazer um escândalo sobre nosso relacionamento se eu não o ajudasse. É claro, fui direto atrás de meu irmão.

- Claro – De rosto impassível, Reed assentiu. – Boa noite, senhor Ryland. Verei o senhor pela manhã.

- Boa noite, senhor Reed. – Só depois que o magistrado entrou em sua carruagem e se foi, seguindo o carroção com o prisioneiro é que Wynthrope soltou a respiração.

- Bom trabalho – comentou North, que vinha atrás dele. – Encontrei uma cópia da prova nos aposentos de Daniels.

Wynthrope suspirou ao ver que Brahm se aproximava pelo outro lado.

- Excelente!

Um som de pancadas surdas e passos atrás deles lhe chamou a atenção. Devlin saía da escuridão com o rifle debaixo do braço.

- Que diabo, onde você estava? – Brahm perguntou.

- No teto – respondeu o mais novo dos Ryland. – Vocês três não acharam realmente que eu ficaria de fora, não é?

Wynthrope riu. Durante todo aquele tempo Devlin poderia ter esmagado Daniels como se ele fosse uma mosca, que ninguém jamais ia saber o que tinha acontecido. É claro, seu irmão não mataria ninguém se não fosse absolutamente necessário. Não era sua natureza.

- Vamos embora – sugeriu Brahm, encaminhando-se ladeira abaixo até onde estava a carruagem. – A manhã chegará logo, e dois de vocês têm compromisso com a Bow Street.

- Obrigado – disse Wynthrope quando chegavam à carruagem. – A todos. Vocês não têm idéia de quanto apreciei sua ajuda.

- Você devia ter-nos procurado mais cedo. Poderíamos ter-lhe evitado um bocado de problemas – disse North dando-lhe uns tapinhas nas costas e subindo na carruagem, seguido de Devlin.

Brahm pôs a mão no ombro de Wynthrope antes que ele subisse também e disse:

- Poderíamos ter poupado a você um bocado de problemas do coração se você tivesse confiado em nós.

Wynthrope ensaiou um sorriso de automenosprezo.

- Não tenho facilidade para confiar.

- Bem, então – disse o irmão, tirando-o do caminho para que pudesse subir primeiro – é hora de começar, não acha?

Wynthrope ficou pensando na sugestão enquanto entrava por sua vez no veículo. Sim, já era hora. Na verdade, tinha passado da hora.

Capítulo dezoito

A intimação para que Moira comparecesse à Bow Street chegou cedo na manhã seguinte.

Seu coração quase parou. O que a Bow Street podia querer com ela? Será que acontecera algo ruim com Nathaniel de novo? Ou seria alguma coisa com Wynthrope? Será que fora pego durante um roubo? Será que se entregara? Deus do céu, será que morrera?

Agora, a idéia de viver sem ele era inconcebível. Mesmo que as coisas nunca se acertassem entre eles, mesmo se ela nunca mais voltasse a sentir a doçura de estar em seus braços, não poderia suportar nem o pensamento de que ele não mais existisse. A dor de não voltar a vê-lo seria infinitamente pior do que vê-lo e não poder tê-lo.

Era melhor não pensar em tal coisa. Isso só lhe fazia o peito doer e arder os olhos.

Talvez essa intimação não tivesse nada a ver com ele. Isso tinha mais sentido. Quem sabe ela própria fizera alguma coisa errada, embora não tivesse idéia do que poderia ser. Vestiu-se rapidamente e rabiscou um bilhete para Minnie, avisando-lhe que saíra e voltaria o quanto antes.

O pobre cocheiro parecia que ainda não havia acordado, já que dificilmente era chamado a essa hora. Moira pediu desculpas pela inconveniência e disse-lhe que seguisse para a Bow Street.

Quando chegaram ao destino, seus pés e dedos pareciam entorpecidos pela falta de aquecimento na carruagem. Não havia tido tempo de mandar aquecê-la, e a manta com que se cobria estava gelada. Seu nariz também, e ela batia os dentes. Devia ter calçado meias mais grossas e escolhido um vestido e um casaco de lã, mas não tivera tempo para pensar nessas coisas.

Devia estar com uma aparência curiosa, a julgar pela reação da mulher que a recebeu na sala de espera.

- A senhora deve ser Lady Aubourn – disse ela, pousando delicadamente a mão em seu ombro. – Sou a senhora Periwinkle, a nova assistente do senhor Reed, embora seja mais uma

babá do que qualquer outra coisa – disse sorrindo. – Vamos para o escritório principal, que lá já vai se aquecer um pouco.

Mesmo que quisesse, Moira não conseguia abrir a boca para responder. Como suas pernas estavam duras e não ajudavam, permitiu que a senhora Periwinkle a conduzisse até a porta fechada, ao lado da sala de espera. A mulher bateu na porta uma vez e já foi entrando, sem esperar que a atendessem. Ela praticamente teve de empurrar Moira para dentro da sala. Ah, mas ali estava quente. Moira já conseguia sentir o calor passando através de suas roupas. No ar havia um cheiro predominantemente de café e de fumaça e cera. Um homem sério, de olhos claros e atentos, estava sentado a uma imponente mesa de carvalho.

Moira notou que ele não estava sozinho na sala. Havia outras pessoas, e todos olhavam para ela. Brahm Ryland, Devlin Ryland, North Ryland e Leander Tyndale - que diabos ele estava fazendo ali? E Wynthrope Ryland, que não exibia seu costumeiro sorriso.

Santo Deus! Ela devia ter feito alguma coisa! Por que estariam todos ali? Era impossível. Nunca infringira a lei em sua vida. Bem, quase nunca.

Um pensamento súbito, irracional lhe ocorreu. Será que Wynthrope a havia acusado de ter feito alguma coisa errada e convencera os irmãos a apoiá-lo contra ela? Não. Wynthrope lhe havia feito algo terrível, é verdade, mas dissera que tinha suas razões, e ela queria acreditar nele. Mais do que isso, no fundo já acreditava e sabia que ele nunca faria isso, especialmente por se tratar de algo relacionado com ela.

Todos se levantaram, e o senhor Reed indicou a Moira a única cadeira vazia, bem de frente para ele, enquanto os demais homens presentes a ladeavam. Nada como fazer uma senhora sentir que não tinha chance de fugir.

- Por favor, Lady Aubourn, sente-se. Peço-lhe desculpa pela inconveniência de trazê-la aqui tão cedo. Aceita um café?

Seria bom tomar um café. E quente.

- Sim. Obrigada, senhor Reed.

Ela se aproximou da cadeira, tomando cuidado para evitar o olhar de Wynthrope enquanto se sentava.

- Posso perguntar de que se trata?

- Claro. – Antes de dizer ou fazer qualquer outra coisa, o magistrado esperou que a senhora Periwinkle entregasse a Moira sua xícara e deixasse a sala.

Depois de fechada a porta, com todos encerrados no escritório aquecido, o senhor Reed abriu uma gaveta de sua mesa e retirou uma caixa que a Moira parecia muito familiar. Ela franziu o cenho enquanto bebia seu café, segurando a xícara com ambas as mãos para aquecê-las.

Será que aquilo era o que ela estava pensando?

- Creio que isto lhe pertence, minha senhora.

Moira estava muito consciente do olhar vigilante de Duncan Reed sobre ela. Qual seria a melhor maneira de agir? Ela não denunciara o roubo da tiara, portanto, não era o caso de simplesmente lhe agradecer.

Depositou o pires com a xícara na mesa. Tentando fazer o melhor que podia para demonstrar mera curiosidade, ela pegou a caixa e a destampou.

Certo, era a tiara.

Levantou a vista para Reed, embora quisesse voltar os olhos para Wynthrope e ver se conseguia uma explicação.

- Onde a encontrou?

Segurando o queixo, o magistrado a olhava com uma expressão desprovida de qualquer emoção.

- Foi encontrada com um homem que prendemos na noite passada.

Noite passada? Deus do céu! Essa seria a razão da presença de Wynthrope ali também? Ele fora preso? Moira precisou de toda a sua força para não se voltar para ele.

O que fazer? Admitir ter dado a tiara a Wynthrope ou fingir inocência? Moira olhou para as pedras brilhantes e escolheu o caminho menos direto.

- Como soube que era minha?

- O senhor Ryland, que colaborou conosco na prisão, a reconheceu.

- Obrigada – disse Moira voltando-se para North. Como fizera aquilo? Wynthrope teria falado com ele? Ou será que apanhara o irmão com a tiara?

- Oh, não, não fui eu. Foi meu irmão – disse North, apontando para Wynthrope.

Teria que fazer de tudo para esconder sua surpresa. Wynthrope? Traíra seu parceiro para se salvar, assim como a havia traído, ou seu plano sempre fora esse?

Moira dirigiu a ele o olhar mais rápido que pôde, porque se fosse mais demorado poderia revelar confusão. Ele simplesmente levantou ligeiramente a cabeça, de modo natural. Moira virou-se novamente para Duncan Reed com expressão confusa e esperou que ele lhe explicasse. Não teve que esperar muito.

- Parece que o ladrão tentou fazer chantagem com o senhor Ryland para roubar sua tiara, ou ele tornaria público seu... *relacionamento*. Ele imediatamente procurou o senhor North, e eles elaboraram um plano para apanhar a aranha em sua própria teia.

Moira resistiu à vontade de deixar que sua expressão dissesse exatamente o que ela pensava daquela explicação. Eles não haviam tido um “relacionamento” até a noite em que Wynthrope tentara roubá-la. Ele mentira para o pessoal da Bow Street, e incluía North no esquema também. North seria completamente inocente ou sabia do passado de crimes do irmão? E exatamente que diabos estavam fazendo ali os quatro irmãos Ryland?

Ela se voltou para Wynthrope com uma expressão de pesar.

- Você devia ter me contado seus planos.

- Não quis arriscar sua segurança, minha querida – disse Wynthrope.

Sua querida... Na boca desse homem nem manteiga derreteria. Moira odiava fazer parte desse teatro, mas não podia revelar a verdade, não diante de todas aquelas pessoas que ali estavam.

Não queria se arriscar a dizer nada que pudesse prejudicar North. Octavia era sua única amiga, e ela faria qualquer coisa para não magoá-la. Podia agüentar viver com seu próprio desgosto, pelo menos até que pudesse ficar a sós com Wynthrope e pedir-lhe uma explicação.

Ela nem se incomodou de responder à falsa doçura de Wynthrope; em vez disso, voltou-se para Leander.

- E por que está aqui, Lord Aubourn? – Achava estranho chamá-lo por seu título de nobreza, mas em público era a forma socialmente recomendada.

Leander se ruborizou até a raiz do cabelo.

- Por alguma razão, o ladrão declarou que eu o contratei para roubar a tiara.

Por mais ridículo que isso soasse, havia no tom de Leander alguma coisa que deixou Moira intrigada. Teria sido ele quem havia contratado Wynthrope e seu parceiro? Ele jamais ia querer fazer mal a ela ou a Nathaniel. Mas podia não ter sido capaz de controlar o que seus contratados faziam em seu próprio interesse.

Mesmo assim, aquilo não tinha sentido. Por que não lhe pedira a tiara? Ele se conheciam havia necessidade daquele artifício todo.

Moira olhou para o senhor Reed.

- Isso é simplesmente ridículo. O visconde é meu parente. Se quisesse a tiara, ele a teria pedido a mim. Não pediria, meu senhor?

Leander mudou de posição na cadeira, incomodado, mas olhou-a diretamente nos olhos.

- Por que lhe pediria algo que significa tanto para você?

Significava tanto para ela? Aquilo era um adorno, pelo amor de Deus! Era como se o próprio Tony a tivesse elaborado. Não fazia parte da coleção de jóias pertencente ao título, mas permanecera durante anos com a família de Leander e Tony. Certamente ele tinha mais direito de reclamá-la do que ela. E havia algo tão estranho em seu modo de agir...

Santo Deus! Será que naquela sala ninguém era o que parecia ser?

Sim, estava acontecendo alguma coisa estranha ali. Era mais do que estranho que Wynthrope tivesse declarado haver encontrado a tiara ou de repente estar agindo em parceria com a Bow Street. Talvez fosse esse o segredo que não podia revelar a ela – que afinal não era um criminoso, mas um herói.

Devia estar imaginando coisas.

Sua cabeça começava a doer.

- Agradeço-lhe por ter recuperado a tiara para mim, senhor Reed.

- Não me agradeça. Simplesmente assegurei que meus homens estivessem preparados para fazer a prisão. Agradeça ao senhor Ryland.

Moira olhou pra Wynthrope com uma expressão cuidadosamente estudada, mas sabia que não conseguira apagar totalmente dos olhos a decepção.

- Sim, tem razão.

A seu crédito, Wynthrope já se perturbou com essas palavras, como se admitisse para ela que não merecia seu agradecimento. Apesar de querer acreditar que ele era inocente, apesar de desejar perdô-lo, algo a impedia de lhe agradecer. Por que agradecer? Por tentar roubar sua tiara só para devolvê-la? Ou por ter partido seu coração e não confiar nela o suficiente para lhe dizer por quê? A única coisa que ela queria era uma explicação.

Queria que ele dissesse que sentia muito. Wynthrope havia feito coisas maravilhosas, mas ainda não lhe havia pedido que o perdoasse. Ela não queria a maldita tiara. Queria que ele se sentisse tão mal quanto ela, queria que lhe promettesse nunca mais magoá-la assim de novo. Moira queria que ele fosse o homem que ela sabia poderia ser, e não aquele que se empenhava em representar para os demais. Esse Wynthrope não era um homem, era apenas uma carapaça, e certamente não era o homem que ela tinha chegado a adorar.

Voltando a atenção para o homem sentado à escrivaninha, disse:

- Há algo mais que o senhor queira saber de mim, senhor Reed? Estou muito ocupada esta manhã. – Isso não era bem uma mentira. Tinha muitas coisas a fazer, como compras para o enxoval de Minnie e o planejamento da festa de noivado. Tudo tinha que estar perfeito – não apenas por Minnie, mas também por causa de sua mãe. Ela seria a primeira pessoa a achar defeito nas providências tomadas, e a última coisa que Moira queria ou precisava nessa hora era que sua mãe dissesse como estava desapontada.

- Não – Reed respondeu. – Obrigado por ter vindo, Lady Aubourn. Grato ao senhor também, Lord Aubourn. Ambos estão liberados agora.

No entanto, os irmãos Ryland não estavam. Embora Moira tivesse gostado de pôr Wynthrope contra a parede e pedir-lhe uma explicação, isso ia ter que esperar – se é que já recebera alguma. Se pensava que devolver a tiara bastava para aquietá-la, ele realmente não a conhecia.

- Bom dia, senhores – disse ela aos irmãos e o magistrado, sem se dirigir particularmente a nenhum deles. Que Wynthrope pensasse que aquela situação lhe era tão indiferente quanto para ele. Que ele pensasse o que quisesse. A essa altura, ela não sabia em quem acreditar, e talvez fosse melhor não acreditar em nada.

Todos se levantaram e lhe desejaram bom-dia. A voz de Wynthrope soava baixa e pessoal, e Moira sentiu um arrepio ao ouvi-la. Ele ainda estava representando para Reed que era seu amante. Ela o ignorou.

Fora do escritório, ela tomou o braço que Leander lhe oferecia e se encaminhou para a saída ao lado dele. Moira esperou que estivessem na rua, com o burburinho da cidade à sua volta, para falar. Eles estavam em pé ao lado de sua carruagem, e a de Leander estava estacionada logo à frente.

- Leander, posso falar com você?

Ele se voltou para ela, de cenho franzido, preocupado.

- É claro.

Como pôr em palavras o que tinha a dizer? Devia ser delicada para não se arriscar a insultá-lo.

- Tony me deu muitas coisas que guardarei como um tesouro, mas isto – levantou ligeiramente a caixa – não está entre elas. Não estou insinuando nada, nem lhe pedindo uma resposta neste momento, especialmente porque ainda estamos bem à vista do escritório de Reed, mas se quer que lhe dê esta tiara, pode ir me visitar esta noite para buscá-la. Não quero nada em troca, só respostas, e depois nunca mais voltaremos a falar disso.

Ele a encarou com um misto de horror, confusão e alívio. Tinha sido ele, disso Moira agora estava certa. Havia sido ele que contratara Wynthrope ou seus sócios. Estranhamente, isso lhe causou mais sofrimento do que se dar conta de que Leander inadvertidamente era o responsável pelo que acontecera com Nathaniel.

Leander abriu a boca, mas Moira o interrompeu antes que pudesse dizer qualquer coisa.

- Não diga nada agora. Se quiser esta caixa, então vá a minha casa esta noite. Se não vier, vou pô-la de volta em meu cofre com minhas outras jóias, onde ficará até que eu resolva tirá-la de lá de novo. – Ou seja, nunca. Ela nunca usaria a tiara novamente sem pensar em Wynthrope e em todo o desgosto que lhe causara. Preferia não usá-la, pois pensaria toda vez que fizesse isso.

E preferia que Leander simplesmente ficasse com ela em vez de contratar alguém para tentar roubá-la de novo. Mesmo que isso nunca acontecesse, ela passaria o resto da vida preocupada, provavelmente desconfiando de qualquer pessoa que mostrasse o menor interesse por ela.

Ou de alguém que a avisasse que havia um ladrão à solta. Tanto Leander quanto Wynthrope haviam feito isso.

- Agora preciso ir. Minnie deve estar me esperando.

- Você é uma mulher extraordinária, Moira – observou Leander enquanto a ajudava a subir na carruagem.

Moira, ao se sentar, voltou o olhar para ele, em pé diante da porta.

- Não mais do que qualquer outra, Leander. As circunstâncias é que são extraordinárias. Bom dia!

Sorrindo levemente, com ar meio preocupado, ele fechou a porta da carruagem e disse ao cocheiro que podia partir. Moira acenou para ele quando a carruagem se pôs em movimento. Seu olhar se desviou para a janela do escritório de Duncan Reed. Havia um homem em pé atrás da vidraça. Não era Reed. Ela sabia quem era, como sabia que Leander iria à sua casa aquela noite.

E não sabia qual deles a desapontara mais.

Wynthrope passara o resto do dia e o início da noite em seu apartamento, esperando que Moira fosse visitá-lo.

Ela não lhe mandara nenhum aviso dizendo que iria vê-lo, por isso não alimentara essa expectativa, mas no fundo tinha esperança de que ela pudesse aparecer, agora que recuperara a tiara. Mesmo que ela não acreditasse que ele fizera tudo aquilo para apanhar Daniels, devia estar muito curiosa.

Mas ela não foi. Sem dúvida estava esperando que ele fosse vê-la, o que significava que ainda estava zangada com ele. E magoada. Talvez a cena daquele dia na Bow Street tivesse servido apenas para eu ela se indispusesse ainda mais contra ele. Talvez agora o estivesse considerando a pior espécie de patife. Só Deus sabia o que ela estava pensando. Era mulher, afinal – e assim, notoriamente imprevisível.

Quando se convenceu que Moira não viria, pensou em ir procurá-la, mas se ainda estava zangada, o melhor seria deixá-la sozinha por algum tempo. Por mais que quisesse vê-la e finalmente confessar tudo, queria que ela estivesse disposta a ouvir. Toda a verdade do mundo não valeria nada se Moira não quisesse acreditar.

Então resolveu ir à casa de Brahm. Seu irmão mais velho havia lhe mandado um bilhete convidando-o para jantar. Normalmente ele não teria concordado em ir, mas Brahm mencionou que Devlin e North, com as esposas, também estariam lá. Embora Wynthrope não quisesse que Brahm alimentasse a idéia errada de que eles iam ser os melhores amigos, não podia negar que não queria passar a noite sozinho. E Brahm havia feito tanto por ele ultimamente, que devia estar agradecido.

O irmão não era o vilão que ele sempre achava que fosse, mas ainda não estava preparado para considerá-lo um santo. Provavelmente estava sendo mesquinho, mas sua vida dera uma cambalhota desde que começara o ano, e ele ainda não se sentia preparado para assumir mais mudanças.

Quando chegou a Creed Manor, sua família já estava reunida. Sentados na sala de visitas, tomavam um drinque – exceto Brahm –, esperando que o jantar fosse anunciado. Tudo parecia perfeitamente normal, mas Wynthrope detectou alguma coisa no ar, uma certa tensão, e ela vinha de North. Será que seu irmão ainda estava zangado com ele por causa de Moira? Se estivesse, esperava que North guardasse isso para si naquela noite. Ele não estava com disposição para discutir o que fizera. Naquele momento, pareceu-lhe que era a única coisa que podia ter feito. Não ia se defender perante seu próprio irmão, principalmente quando ia precisar de toda a sua força para se defender quando falasse com Moira.

Depois do jantar, Blythe e Octavia os deixaram a sós com o café, em vez do porto e dos charutos. Isso era decididamente estranho, porque usualmente a família toda ia para a sala de visitas ao mesmo tempo. Obviamente Blythe e Octavia tinham assuntos para discutir, ou Octavia sabia que North queria ficar sozinho com os irmãos.

Depois que ambas saíram, nem chegara a se passar um minuto quando North perguntou aos três irmãos:

- Vocês ouviram?

- Ouvimos o quê? – Brahm perguntou, levantando a xícara.

North se inclinou para a frente, apoiando os braços na mesa de cerejeira envernizada.

- Daniels já foi mandado para Nova Gales do Sul.

- O quê? – disse Wynthrope, quase engasgando com o café. – Isso era impossível. Não se passaram nem vinte e quatro horas desde que foi preso.

- Eu sei – concordou North, com os olhos brilhando.

- Onde você ouviu isso? – Devlin perguntou. – Sua fonte pode ter se enganado.

O irmão fez que não com a cabeça.

- Foi o próprio Duncan Reed que me disse. Ele não se convenceu com o fato de Bow Street ter negligenciado a oportunidade de interrogar Daniels sobre seus comparsas em Londres.

Graças a Deus por não terem feito isso. Wynthrope sempre se mantivera muito consciente do risco que corria desde o momento em que ele e os irmãos haviam começado a traçar o plano para enganar Daniels. Reed não devia ter acreditado quando Daniels primeiro insistira em que havia uma ligação entre ele e Wynthrope. Ou talvez tivesse acreditado, mas não podia provar. Acreditasse o magistrado ou não, seria apenas uma questão de tempo Daniels começar a falar e levantar suspeitas. A lealdade de Reed a North só ia até o ponto em que esbarrasse em sua moral, e então ambos seriam investigados.

Ele e North podiam ser mestres em se esconder quando queriam, mas Duncan Reed ensinara a North tudo o que ele sabia. Não havia como se esconder dele por muito tempo.

- Reed lhe disse o que aconteceu? – ele perguntou.

- Aparentemente não havia muito a dizer. Ninguém havia dado a Duncan nenhuma informação além das que possuíam – disse North voltando os olhos azul-claros pra ele.

Devlin olhou para cima e se serviu de outra xícara de café.

- Basicamente nada, então.

- Exatamente. – A própria expressão de North era um isto de resignação e curiosidade. – Comentou-se que Pitt estava envolvido na decisão, mas não consegui descobrir mais nada além disso.

Fez-se silêncio em volta da mesa, enquanto os irmãos ponderavam sobre a situação e bebiam seu café. Foi então que Wynthrope se deu conta de que Brahm não havia demonstrado surpresa com o desenrolar dos acontecimentos. De fato, Brahm não havia dito absolutamente nada, o que era estranho em se tratando do irmão mais velho, que geralmente parecia se considerar um especialista em todas as coisas.

Wynthrope franziu o cenho e se concentrou na sua xícara de café. Lentamente, sem levantar a cabeça, virou-a para olhar o homem sentado à cabeceira da mesa. Brahm parecia desinteressado, frio, impassível e despreocupado. Imediatamente Wynthrope começou a sentir certa apreensão.

Quando Devlin e Blythe tinham iniciado seu relacionamento, ele dera uma surra no conde de Carnover, que até então era seu amigo, porque achava que ele havia tomado liberdade com a mulher que agora era a senhora Devlin Ryland. Dominado pela culpa, Devlin tinha enveredado por um caminho de autodestruição. Todos tinham procurado por ele mas Brahm é que o encontrara meio morto numa taverna do porto. Brahm não descansara até salvar o irmão mais novo. Também havia dado a Devlin a prova de que ele precisava de que era amado pelo pai. Exatamente na temporada passada, quando North já se preparava para sacrificar seu amor por Octavia por causa do perigo inerente à sua profissão, fora Brahm que o fizera desistir da idéia. E quando Harker, um bandido, apontara uma arma para North, pronto para matá-lo, Brahm é que acabara com o vilão. Sua intenção era evitar que irmão o fizesse, porque isso comprometeria sua carreira política.

Em ambas as ocasiões Brahm surpreendeu a todos. Nas duas vezes o mais velho dos Ryland interferiu em favor dos irmãos e mudou as circunstâncias para permitir que cada um fosse capaz de prosseguir com o tipo de vida e o amor que merecia.

Com Daniels longe, não apenas North mas também Wynthrope certamente ficariam tranquilos. Já não havia perigo de que o passado vergonhoso de Wynthrope pudesse ser revelado. Não havia mais o que o impedisse de contar tudo a Moira, porque não precisava mais se preocupar com a segurança dela.

Bom Deus!

- Foi você – disse num tom rouco.

Os irmãos o encararam. Ele podia sentir o olhar de Devlin e North, mas manteve seu próprio olhar focalizado apenas em Brahm. Wynthrope achava que ele e North eram bons atores – mas não chegavam nem perto do irmão mais velho.

A expressão de Brahm era de perfeita inocência.

- O que disse?

Wynthrope não recuou.

- Você arquitetou a deportação de Daniels. Não sei como fez isso, mas foi você.

Brahm parecia estar se divertindo com as afirmações de Wynthrope.

- Aprecio sua crença em minhas habilidades, Wyn, mas como, em nome de Deus, poderia um pária como eu conseguir essa façanha?

- Não sei, nem me importa – respondeu Wynthrope. – O que quero saber é: por quê?

Brahm tentou negar de novo, mas dessa vez foi Devlin que o fez parar.

- Ele está certo. Foi você, não foi, Brahm? Você foi o responsável por tudo isso: livrar Wyn de Daniels, livrar North de Harker e me livrar do medo que me separava de Blythe.

- Céus! – exclamou North abismado. – Como conseguiu fazer isso?

Sob a pressão da convicção dos três, Brahm desistiu de negar. Suspirando, empurrou a xícara para o lado e se recostou na cadeira.

- O modo como fiz não é importante.

- Como não é importante? – North encarou-o, estupefato. – Acho que me interessaria muito saber como um "pária" teria influência sobre um dos mais poderosos homens da Inglaterra, e você deve ter, para conseguir tão rápido enfiar Daniels num barco.

- Alguém me devia um favor. – Brahm fixou nele um olhar indicando que não haveria mais discussão.

- Que favor devia ser, hein? – disse Devlin, deixando escapar um assobio.

- É isso? É tudo o que vai nos contar? – Os olhos de North se estreitaram.

- Já é mais do que precisam saber – disse Brahm com firmeza.

- Não – rebateu Wynthrope. – Nós... eu... preciso saber por quê.

Os olhos escuros do irmão revelaram uma emoção que provocou um aperto no peito de Wynthrope.

- Porque você é meu irmão.

O que era isso? Essa era a sua explicação?

- Um irmão que tem sido um completo canalha para você desde que éramos crianças? Mas meu irmão, apesar de tudo – disse Brahm encolhendo os ombros largos.

- Não – Wynthrope sacudiu a cabeça quase com violência. – Isso não basta. Talvez bastasse quando você entrou em ação para ajudar Devlin e North, porque acho que você tem um sentimento profundo por eles, mas não por mim.

- Por que por você não? – Brahm franziu o cenho.

- Porque não acredito em toda essa coisa de amor fraternal. Você nunca gostou de mim, então por que está fazendo isso agora?

Ele não esperava uma risada como resposta.

- Éramos crianças! Nunca abriguei o mesmo ressentimento que você tinha por mim. E mesmo que o fizesse, você acha honestamente que eu poderia ficar parado, vendo sua vida ser arruinada, se isso era algo que eu podia evitar?

- Por quê? – Wynthrope sustentava seu olhar.

- Por quê? – Devlin e North repetiram em uníssono.

Dessa vez Brahm não tinha como escapar dos três irmãos.

- Porque eu tenho uma dívida para com vocês.

- Conosco? – North engoliu em seco. Que raios isso significa?

Empurrando a cadeira para trás, Brahm se apoiou na bengala e ficou de pé. Por um momento Wynthrope pensou que ele fosse sair da sala. Em vez disso, foi coxeando até a lareira e ficou olhando o retrato do pai que estava pendurado lá.

O falecido visconde Creed havia sido um homem bonito. Brahm se parecia muito com ele, exceto pelos olhos castanhos. Wynthrope tinha os olhos do pai; North também, até certo ponto, embora os seus fossem mais claros. Os olhos escuros de Devlin e Brahm vinham de Lady Creed.

A bebida e outros excessos haviam cobrado seu preço na aparência do pai. No final da vida estava com profundas olheiras e aquele inchaço no rosto que os bebedores contumazes costumam apresentar. Wynthrope não conseguia se lembrar do pai sem um copo de conhaque ou de uísque na mão. Ele preferia uísque.

Wynthrope tentara beber com o pai uma noite, mas o velho não sabia quando parar, e seu consumo era sempre mais alto do que a média ingerida por um homem. Brahm era o único que conseguia acompanhá-lo. E até conseguira superá-lo. Em certa época, Wynthrope chegou a lhe invejar essa habilidade também, mas isso foi antes de ver o que a bebida fizera com ele. Quando estava bêbado, Brahm Ryland não era alguém que se desejasse ter por perto. Podia ser jovial e complacente ou transformar-se num selvagem. Quando bebia, era completamente imprevisível e totalmente incontrolável.

Brahm ficou em pé diante do quadro, olhando-o fixamente por um longo tempo. Os irmãos trocaram olhares indagadores, tentando decidir silenciosamente o que deveriam fazer a seguir. Por fim Brahm se virou, encarando-os.

- Tenho uma dívida para com vocês porque sou responsável pela morte de nosso pai.

Os irmãos o olharam, surpresos.

- Aquilo foi um acidente – Devlin o lembrou.

- Você disse que não se lembrava de nada – observou Wynthrope em tom mais áspero do que pretendia.

- E não me lembro esmo, não de muita coisa – Brahm assentiu. – Lembro-me de que aconteceu quando estávamos correndo na direção de Pemberton.

- Quando aconteceu o quê? – Era North que se atrevia a perguntar.

Brahm voltou a olhar para o retrato, como se isso o ajudasse a pinçar detalhes na memória.

- Estávamos indo tão rápido que praticamente voávamos. Disse a papai que me desse as rédeas. Achei que ele não estava em condições de controlar os cavalos.

- E você estava? – Wynthrope gracejou, merecendo um olhar de reprimenda de North.

Brahm dirigiu a ele um olhar triste.

- Talvez não, mas acreditei que estava. Não havia bebido tanto quanto ele naquela noite.

- O que aconteceu depois? – North perguntou.

Apoiando-se na bengala, Brahm voltou a atenção de novo para a pintura.

- Lembro-me dele rindo para mim, mandando-me ir para o inferno, dizendo que podia controlar seus próprios cavalos. – Seu tom era uma mistura de alegria e tristeza. – Os cavalos corriam descontrolados. Tentei tomar as rédeas de suas mãos, mas ele lutou. Nenhum de nós dois estava prestando atenção na estrada. Finalmente, consegui tirar as rédeas dele. Então tombamos. Lembro-me de ter sido lançado no ar enquanto o veículo tombava. Então, não vi mais nada.

- Você não se lembra deter-se arrastado pela estrada para pedir ajuda? – North perguntou, incrédulo.

Brahm balançou a cabeça, ainda de costas para eles.

- Não, embora ao acordar minhas mãos estivessem envoltas em bandagem por causa dos cortes provocados pelas pedras. Não me lembro de ter encontrado ninguém. Não me lembro de ter sido trazido para casa. Como não me lembro de ter dito que papai estava morto. Tudo de que me lembro é de ter pegado as rédeas, e depois, de acordar uma manhã sem poder andar e ser informado de que papai seria enterrado naquele dia.

- O médico disse para você ficar na cama – Devlin observou.

Brahm olhou por cima do ombro para o irmão mais novo.

- Vocês me levaram ao enterro numa cadeira de rodas.

Talvez dois deles tivessem apreciado recuperar essas lembranças, mas Wynthrope não. O que relembrava daquele dia era que já não havia mais chance de mostrar suas qualidades ao pai. A maioria das pessoas provavelmente teria sentido uma estranha sensação de perda, mas tudo o que Wynthrope sentira era o alívio de um peso que trazia nas costas. Nunca admitira isso a ninguém, nem mesmo a North.

- O que isso tem a ver com o que você fez por nós três? – perguntou Devlin.

Brahm se voltou para eles. O retrato do pai pendia acima dele como um estranho espectro do passado.

- Eu tirei seu pai de vocês – explicou Brahm, quase sussurrando. – Se eu não tivesse tentando tomar as rédeas, hoje ele poderia estar vivo.

- Ou ambos podiam ter morrido – disse North, acalorado. – Bom Deus, Brahm, você é a última pessoa de quem eu poderia esperar esse tipo de comportamento emotivo.

- É verdade – Devlin concordou. – Especialmente depois de toda aquela conversa sobre eu perdoar a mim mesmo.

O irmão mais velho sorriu tristemente.

- Não era conversa, era a sério. Sei que tenho de viver com as coisas que fiz, e acho que me perdoei por isso. Mas como chefe da família tenho a responsabilidade de cuidar de vocês três, de suas esposas e filhos. E se alguém tentar ameaçar vocês, eu removerei essa ameaça.

Wynthrope franziu a testa.

- Então você fez Daniels ser deportado por uma questão de senso de dever?

Brahm olhou sério para ele.

- Fiz o que fiz porque você é meu irmão, seu tonto. Quero que você tenha uma vida boa, que seja feliz. Não quero que passe os dias se perguntando se o fato de ter agido de outra forma poderia ter mudado alguma coisa. Não quero que você tenha os arrependimentos que eu tenho.

- A morte de nosso pai não foi culpa sua – insistiu Devlin.

- Talvez não. Agora isso não importa. Mas tenho feito muito mal a esta família ao longo de minha vida. Se puder fazer alguma coisa boa... se puder fazer qualquer coisa para vocês três, eu farei. Você compreende?

Wynthrope estava começando a acreditar que compreendia. Aquilo não era dever. Não era culpa. Era apenas amor. Não estava certo de que o merecia, mas estava apreciando aquilo. E jurou, do fundo do coração, que um dia retribuiria o favor.

- Muito obrigado – disse simplesmente, buscando o olhar dos irmãos. Brahm parecia surpreso com essas palavras, mas Wynthrope se recusou a retirá-las. Ele podia não ter gostado sempre de Brahm, mas tinha uma leve suspeita de que estava começando a amar aquele sujeito.

Capítulo dezenove

Wynthrope deixou passar mais dois dias se nenhuma palavra por parte de Moira antes de ir procurá-la.

O dia estava frio, cinza, com uma leve garoa adensando o ar. Os guarda-chuvas eram inúteis, a umidade penetrava em cada poro da pele. A chuva era parecida com Moira, pensava ele enquanto se acomodava no assento da carruagem. Apesar das precauções que havia tomado, apesar de se acreditar preparado, não conseguia impedir que ela invadisse todos os recônditos de sua alma.

Ao subir os degraus da entrada e bater a aldrava na porta, notou que a casa estava muito calma e silenciosa.

Nathaniel não estava esperando para lhe dizer que fosse embora, como fizera tantas vezes. E Chester, educado mas sem se mostrar jovial como sempre, permitiu que ele entrasse. Podia-se pensar que nada havia mudado, que tudo estava exatamente como ele e Moira haviam deixado antes daquela noite horrível.

Não, horrível não. Fazer amor com Moira havia sido a coisa mais incrível de sua vida. Foi só o que aconteceu depois que a tornou tão terrível.

Ela estava na biblioteca, exatamente onde esperava que estivesse. Usando um rico vestido verde-musgo que lhe destacava o brilho dos olhos e a pele, era a mulher mais encantadora que já vira. Suas faces se ruborizaram quando levantou o rosto e viu que ele entrava na sala. Não se mostrou insensível a ele. Isso era bom. Naquele momento, até a raiva era preferível a absolutamente nada.

- Senhor Ryland – ela o cumprimentou friamente, deixando o livro de lado e pondo-se de pé. – Que surpresa!

- É? – disse ele, fechando a porta. Depois estendeu as mãos para cumprimentá-la.

- Sim. Achei que, agora que deu um jeito de se desembaraçar dessa situação desagradável, ia querer mantê-la assim.

Será que ela acreditava realmente naquilo? Ela devia saber que ele não deixaria as coisas como estavam.

- Eu lhe prometi uma explicação. Vim para dá-la, se você quiser me ouvir.

Sua curiosidade natural levou a melhor, e isso aqueceu o coração de Wynthrope.

- Tudo bem. – Se ela verdadeiramente estivesse contra ele, teria dito para ele ir embora junto com sua explicação.

Ela se dirigiu a uma poltrona em vez de se sentar no sofá, onde estava, sem dúvida para que ele não se acomodasse ao seu lado. Ele se sentou numa poltrona em frente à dela, para olhá-la nos olhos.

- Essa história remonta a muitos anos atrás – disse ele, surpreso pelo súbito nervosismo que o assaltara. – Tentarei ser o mais breve possível.

- Como quiser. É sua história. – Ela disse isso como se já tivesse decidido que viriam mais mentiras.

A frustração consumia Wynthrope. Que diabos tinha de fazer para agradar a essa mulher? Ele cometera um erro terrível, é verdade, mas ela não podia perdoá-lo? Era como se acreditasse que fizera aquilo para feri-la, como se essa tivesse sido sua intenção desde o começo.

Ele respirou fundo antes de dizer:

- Eu era apenas um garoto, acabara de voltar de meu Grand Tour*, quando um homem chamado Daniels se aproximou de mim numa taverna. Perguntou-me se eu tinha interesse em servir à pátria. Se eu conhecesse melhor a vida, não teria acreditado nele, mas era jovem e estúpido.

Ele continuou contando toda a história de como Daniels o enganara, de como havia confiado no velho e fora feito de bobo. Falou-lhe também sobre o envolvimento de North e como Daniels o chantageara para que a roubasse, ameaçando revelar tudo o que sabia sobre essa história. Agora ele estava certo de que Moira não repetiria a informação a ninguém. Não diria isso a Octavia. Apesar disso, nesse momento, ser honesto com ela era mais importante do que North e Octavia.

- Assim, essa foi a razão do meu comportamento na Bow Street – ele concluiu. – Sinto muito tê-la deixado numa situação embaraçosa, mas não podia deixar Reed saber a verdade, para não prejudicar North.

- É claro – respondeu ela suavemente, mas ele não tinha idéia se ela estava sendo sincera ou não. – Obrigada por me contar. Agora acredito e posso compreender seus motivos. No entanto, gostaria que tivesse compartilhado essa informação comigo antes. Teria evitado um bocado de sofrimento.

Será que estava se referindo a Nathaniel ou si mesma? Será que o culpava pelos ferimentos do amigo? Ela devia saber que ele teria evitado isso se pudesse. Teria ele próprio levado aquela surra para poupar-lhe mais dor.

- Você tem sua tiara de volta, certamente aquilo tudo valeu para alguma coisa. – Ele se deu conta da bobagem que dissera. Deus, não poderia ter dito nada pior naquele momento.

*Viagem de turismo pela Europa, que antigamente era considerada parte necessária da educação de jovens aristocráticos britânicos e americanos. (N.T.)

A expressão dela lhe dizia que não valera muito, afinal.

- Na verdade, não. Eu a dei.

Ele ficou atônito. Depois de todo o esforço que fizera para garantir que ela tivesse a tiara de volta!

- Você o quê? – não devia ter ouvido direito.

Ela alisou a saia de maneira exagerada, como se não pudesse suportar olhar para sua cara de descrença.

- Eu a dei de presente.

- A quem?

- Isso não lhe diz respeito – disse Moira, ainda sem olhar para ele.

- Como não? – A conversa já não estava tão tranqüila. – Arrisquei minha vida para recuperar a maldita tiara para você!

- O que você fez? – perguntou ele com ar de desconfiança. – Achei que a havia recuperado para si mesmo, para salvar a própria pele. Ou talvez prefira que eu diga que foi para salvar a pele de North.

- Nada disso! – disse, trincando os dentes. Ele abria a alma para essa mulher, revelara a loucura de seu passado, e ela reagira com menos emoção do que se lhe tivesse dito o que comeria no café-da-manhã. – Fiz aquilo por você.

Moira cruzou as mãos no colo como uma professorazinha comportada. Ele queria acreditar que fizera isso porque elas tremiam, mas não havia absolutamente nada em sua aparência ou em seu comportamento que denunciasse nervosismo.

- Bem, obrigada, mas se você tivesse discutido isso comigo, teria descoberto que não precisava ter-se preocupado.

- Pensei que a tiara significasse alguma coisa para você. – Todo mundo pensava assim. Jesus, essa era uma das razões por que ele sentia que roubá-la fora tão terrível!

- E significava. – Moira teria sorrido se não estivesse conversando com ele, e sua expressão devia revelar isso. – Era um belo presente de meu marido, mas não valia todo o problema e sofrimento que causou a pessoas que me são caras. Não valia Nathaniel ter sido ferido. Agora ela pertence a alguém que lhe dá muito mais importância do que eu.

Quando ele começou a compreender o que ela acabava de dizer, ficou ainda mais surpreendido. Se se tratasse de outra pessoa ele não acreditaria, mas sabia que não podia duvidar de Moira. A tiara agora pertencia a alguém que a queria tanto que chegara a contratar alguém para roubá-la.

- Aubourn. Você a deu ao novo visconde.

Ela não confirmou suas suspeitas. Não precisou fazê-lo. Só de olhar para ela soube a resposta.

- Então Daniels estava dizendo a verdade quando disse que Aubourn é que o havia contratado.

E ele acreditara que aquela era apenas outra mentira do velho.

Wynthrope ficou encarando-a, até que, ruborizada, ela assentiu.

- Sim.

Seu punho desceu de modo tão duro no braço da poltrona, que ele sentiu o golpe reverberar por todo o braço, até o ombro.

- Aquele filho da mãe!

- Que direito tem de julgá-lo? – Seu olhar era tão agudo que parecia tê-lo alfinetado na poltrona. – Não tem absolutamente nenhum.

- O *quê*? Então, tem pena dele, mas não de mim? – Não podia deixar de se irritar com o estranho senso de lealdade dela. – Ele é responsável por todo esse desastre.

- Por todo ele não – disse, levantando o queixo desafiadoramente.

Não, o resto era provavelmente sua culpa, mesmo que ele tivesse sido tão vítima quanto ela em alguns aspectos.

- Então você não o culpa pelo ataque a Nathaniel?

- Não. Ele insistiu em que não tinha nada a ver com aquilo, e acreditei nele. Então lhe disse que podia ficar com a tiara.

- É claro que disse. – Zombar dela talvez não fosse a melhor coisa a fazer. – E ele não mentiria para você, não é?

Um forte rubor tingiu seu rosto.

- Nem todo mundo tem que mentir e usar as pessoas para conseguir o que quer.

Wynthrope ignorou o insulto.

- Com certeza foi honesto, não foi? – Ele não estava disposto a deixar que Moira agisse como se Aubourn fosse um pobre-coitado depois de tudo o que os fizera passar. – Você mesma disse que ele podia simplesmente ter lhe pedido o raio da tiara.

Moira corou ainda mais. Ele não sabia se atribuía isso a sua linguagem o ao fato de ter repetido suas palavras. No entanto, ela não se retraiu. Se tivesse feito isso, não seria a mulher que ele imaginava.

- Leander sofria porque achava que eu nunca lhe daria a tiara, pois pensava que Tony e eu nos adorávamos.

- Assim, decidiu roubá-la. Que amor!

Os olhos de Moira se estreitaram ante seu sarcasmo.

- Ele sabe que errou. Tentou pôr um fim em seu trato com Daniels, mas ele não admitiu isso. Leander nunca quis que ninguém fosse ferido, nunca disse nada sobre isso e nem sabia da violência contra Nathaniel.

Isso podia ser verdade. Daniels nunca agira a mando de alguém, mas o que lhe doía era que ela prontamente acreditara em Aubourn e nele, não. Ele não havia feito nenhum acordo com Daniels – a não ser sob ameaça -, e mesmo assim ela absolvía Aubourn de tudo. Estaria doida? O homem contratara alguém para roubá-la. Pelo menos Wynthrope havia sido chantageado para traí-la. O visconde não tinha essa desculpa.

Por que era muito mais difícil que ela perdoasse a ele do que a Leander Tyndale? Seria porque havia ido para a cama com ela? Ou porque seus sentimentos por ele eram mais profundos do que ousara esperar?

Ou quem sabe era só porque havia ferido seu orgulho? Sentira-se usada e descartada, e isso nenhuma mulher podia suportar.

– Você não foi tão compreensiva quando viu o corte que recebi na garganta ao tentar me recusar a fazer o que Daniels queria.

Moira se retraiu como se ele a tivesse agredido.

- Eu lhe dei a tiara. Mesmo assim você mentiu para mim e me usou. Dei-lhe o que queria para que não o ferissem de novo.

- E para proteger a si mesma, a Minerva e a Nathaniel – lembrou-lhe. Por que estava agindo como um idiota? Com certeza não estava com ciúmes de uma garota e um almofadinha, estava?

Moira se levantou da poltrona, e ele fez o mesmo, sem saber que movimento ela faria a seguir. Caminhou direto para ele, com um dedo trêmulo em riste.

- Eu teria lhe dado aquela maldita tiara há muito tempo se você tivesse sido honesto comigo. Se tivesse me procurado para contar sobre Daniels, eu a teria dado sem perguntas, mas você não confiou em mim.

Maldição, o que via nos olhos dela eram lágrimas?

- É claro que não! Ainda nem nos conhecíamos direito!

- Mas certamente ficamos conhecendo um ao outro, não é? – Sua voz estava carregada de dor. – E mesmo assim você escondeu isso de mim.

É verdade, ele errara, mas por que ela continuava insistindo nisso? O queria dele?

- Não queira me dar lições sobre segredos, Moira.

- Não se atreva a fazer comparações, Wynthrope! – Sua voz, profundamente emocionada, tremia de raiva. – E caso tenha se esquecido, eu lhe confiei meu segredo. E veja o que consegui com isso. Fiz papel de boba.

Ele entendia aquele sentimento. Pois não lhe confessara exatamente a mesma coisa poucos minutos antes?

- É por isso que está tão zangada? Por estar embaraçada? Essa é a única diferença que há entre mim e seu caro Leander. Ele não feriu seu orgulho. Eu sim.

- É claro que você me feriu, seu patife! – Sua mão espalmada bateu com força no peito de Wynthrope, jogando-o para trás, mas sem conseguir desequilibrá-lo. – Você me fez acreditar que se importava comigo. Fez-me acreditar que eu podia ter confiança em você, mas provou apenas que isso não era verdade, e que você não confiava em mim.

- Não podia confiar em você para que não tentasse me ajudar de alguma maneira. – Maldição! Já não haviam falado disso?

- É claro que ia tentar ajudar você, mas não de modo a pôr você nem ninguém mais em perigo. Teria lhe dado a tiara, e tudo isso podia ter sido evitado. Nathaniel não teria sido ferido. Você também não. – Havia tanta dureza em seu olhar que ele mal conseguia sustentá-lo.

- Agora é fácil para você dizer isso. – Tão fácil quanto era para ele ver que ela estava certa, que ele devia ter sido honesto desde o começo.

- Eu não teria sido magoada. – As palavras eram quase imperceptíveis.

Sua garganta estava tão apertada que as palavras não saíam, mesmo que ele soubesse como responder.

- Para mim, é fácil dizer essas coisas porque é verdade o que digo. Eu confio nas pessoas que têm importância para mim, Wynthrope. – Agora parecia triste e resignada. – E mesmo que não o conhecesse tão bem, já havia começado a me importar com você. E, embora não venha ao caso, eu o teria ajudado por você fazer parte da família de Octavia.

- Por quê? – Era um absurdo dizer essas coisas. Ninguém poderia ser tolo a ponto de confiar num estranho. Ele sabia muito bem disso. – Como ia saber que podia confiar em mim?

- Não tinha como saber – ela admitiu. – Mas havia uma chance, e a aproveitei. Você não entende isso, não é?

- Não. – O que pensava que ele era, um completo idiota? – Quando aproveito essas chances, as pessoas podem acabar se machucando.

Moira realmente olhava para ele com pena, como ele se fosse o único a ter idéias boas.

- Não. As pessoas se machucaram porque você não aproveitou a chance. A única pessoa que pode se ferir por aproveitar uma chance é você, e acho que é disso que você realmente tem medo.

- Isso é uma grande bobagem – retrucou ele, sacudindo os ombros.

- Não é mesmo. – Ela não arredava o pé. – Você está com medo de confiar porque acha que vai se magoar, ou, pior ainda, que poderia magoar alguém. Sinto muito, Wynthrope, mas tenho que lhe dizer isso: o risco de que isso ocorra, quando você não tem confiança nas pessoas, é maior não só para você mesmo mas também para os outros.

- Você não compreende. – E provavelmente nunca ia compreender. E isso deixava ambos zangados e tristes. Como seria possível que tivessem um futuro juntos se um não entendia o que o outro estava dizendo?

- Entendo que você tenha feito alguma tolice quando era muito jovem. Você acha que é a única pessoa que já cometeu esse tipo de erro? Eu me casei com um homem que nunca poderia me amar só para sair de casa de meus pais. Isso não foi uma tolice?

- Ótimo! – Ele estava tenso. – Você quer saber a verdadeira razão por que não lhe falei sobre meu passado?

- Adoraria saber. – Sempre fora cáustica assim ou aprendera isso com ele?

- Você está certa. Eu estava com medo. Temia o que podia acontecer quando você descobrisse. Tinha medo de que você não entendesse. Tinha medo de perder você.

Moira olhou para ele com ar triste.

- Eu teria tentado, se você tivesse me dado uma chance. E no que deu a mentira? Ainda acabou mal, não foi?

Acabou. O coração de Wynthrope deu um salto. Era assim? Realmente havia acabado? Ele não admitira, havia pouco, que tinha sido terrível perdê-la, ainda que no início de seu relacionamento? Moira nem mesmo se dera conta da importância daquela revelação. Ele nunca dissera a nenhuma mulher que tinha medo de perdê-la. Só faltava dizer que a amava,

mas isso Wynthrope não estava disposto a admitir. Entretanto, lhe doía muito pensar que talvez não voltasse a abraçá-la.

Bem, o que ele esperava? Que ela o recebesse de braços abertos?

- O que você quer de mim, mira? – Estava sendo patético, mas não se importava. Ele faria o que ela lhe pedisse, o que mandasse, desde que o aceitasse de volta.

Ela estava pálida, parecia resignada, e todo o rubor de seu rosto desaparecera. Vê-la assim lhe causava muita dor.

- Não quero nada... não, espere.

Seu coração disparou de novo.

- Tenho uma pergunta que gostaria que me respondesse honestamente.

- Tudo bem. – Isso não iria piorar aquela conversa desastrosa.

Mas ele estava a ponto de descobrir que podia.

- O que aconteceria se eu não acordasse aquela noite? – Seu olhar estava límpido, o queixo tremia sutilmente enquanto o encarava. – Seu plano era roubar a tiara e continuar nosso relacionamento pelo tempo que lhe conviesse, até escapar da suspeita, depois que eu denunciasses seu desaparecimento?

Santo Deus, dito por ela, aquilo soava tão frio! Quando se lembrou de que era exatamente o que ele havia planejado, sentiu um arrepio. Ele não ia fazer aquilo para feri-la, mas para proteger todos os envolvidos.

Para proteger a si mesmo.

Mas mudara de idéia. Decidira não roubá-la, e justo nesse momento ela acordara. Mesmo assim, esse fato não alterava sua intenção ao arquitetar o plano antes de ir à casa dela aquela noite.

- Seu silêncio basta como resposta. – Seu tom era de desgosto. Não, de desilusão.

- Moira, você não entende. – Wynthrope segurou seu braço quando ela se virou para deixar a sala. Precisava se explicar. Tinha que fazê-la entender que nunca tivera a intenção de magoá-la.

- Não – disse, balançando a cabeça e lançando um olhar triste na direção dele. – Não creio que possa. Quero, mas não posso.

- Diga-me o que fazer para remediar isso, e eu o farei. – Ele voltava a tornar-se patético.

- Não funciona desse jeito, Wynthrope – ela observou, puxando o braço que ele segurava. Ele a deixou ir, embora pudesse tê-la forçado a permanecer ali. – Você quer fazer isso pensando em mim, mas tem que fazer por você mesmo. Se eu lhe dissesse, sempre iria me perguntar se estava sendo sincero, e você poderia se arrepender de ter submetido seu orgulho à minha exigência.

- Você não pode estar falando sério. – Wynthrope a olhava sem acreditar. Ela ia jogar fora tudo o que tinham vivido porque ele não conseguia ler sua mente? Que tipo de lógica era essa?

- Estou, sim. – Moira estava muito triste. – E agora acho que é melhor você ir.

Sim, ele concordava, porque com certeza enlouqueceria se ficasse.

Depois que Wynthrope se foi, Moira se sentou sozinha na biblioteca, tremendo e soluçando descontroladamente.

Estava errada em mandá-lo embora? Queria desesperadamente parar de lutar com seus instintos e simplesmente abraçá-lo, dizendo que tudo estava bem, mas não podia. Isso seria uma mentira, e ela nunca saberia se ele se havia realmente lamentado o que fizera ou não. Ah, ela sabia que ele ficara abalado por ter sido apanhado, mas não sabia se ele realmente se arrependera de ter provocado toda aquela situação. Mesmo que não tivesse intenção de magoá-la, que tivesse planejado devolver-lhe a tiara depois, devia saber que seus atos a magoariam, que ela suspeitaria que seu real interesse era a posse da tiara, que ele não queria dizer nada daquilo que lhe dissera.

Moira havia acreditado em Wynthrope todas as vezes que ele falara do efeito que exercia sobre ele. Acreditara quando ele disse que lhe queria. Sim, ele ferira seu orgulho. E esse era um grande obstáculo para que o perdoasse. Mas o pior de tudo isso era ele não perceber que ainda tinha que lhe pedir perdão.

Ele lhe pedira muitas coisas: por exemplo, que dissesse o que queria dele. Mas Moira não estava disposta a facilitar as coisas para ele. Se lhe pedisse para se desculpar, ele o faria sem pestanejar, e ela sempre duvidaria de sua resposta. E ela sabia que estava certa – um dia ele poderia muito bem vir cobrá-la por tê-lo feito engolir o orgulho daquela maneira, e talvez ficasse se perguntando se ela realmente o perdoara.

E por mais que pensasse, não tinha a menor idéia do que ele queria, ou do que poderia lhe agradar. Ela ainda estava ferida e zangada, e se ele não lhe pedisse perdão como ela necessitava que fizesse, o ressentimento a corroeria a ponto de destruir qualquer espécie de relacionamento que houvessem construído. Não, se ele lhe queria, precisaria se desculpar – ou não a teria de jeito nenhum.

Não é que ela se achasse melhor do que ele, ou que merecesse mais confiança ou compreensão. Era tão tola e insegura como ele, mas por motivos diferentes. Moira realmente acreditava que ele não confiava nas pessoas porque isso o fazia sentir-se mais seguro. Ela às vezes tinha dificuldade de confiar nas pessoas, mesmo querendo, porque não conseguia acreditar que pudessem gostar dela. Wynthrope começara a mudar isso. Tinha conseguido fazer que ela se sentisse melhor em relação a si mesma. Quando ele estava por perto, não se preocupava com o que as outras pessoas pensavam dela, e não porque só lhe importasse a opinião dele. Não. Ele a fazia sentir-se maravilhosa e respeitável. Sua própria opinião sobre si mesma havia mudado, e ela realmente começara a pensar em si mesma como uma pessoa boa, forte e bonita.

Então ele acabara lhe tomando tudo, fazendo que ela voltasse a se sentir a mesma garota gorda que nunca conseguia agradar à mãe, que estava sempre abaixo das irmãs. Moira odiava se lembrar daqueles sentimentos, detestava pensar em voltar a ser como aquela garota.

Talvez as coisas que ele lhe dissera não fossem verdade, mas sua reação havia sido. Levaria algum tempo, mas ela queria, mais do que qualquer coisa, recuperar aquela sensação de ser apreciada, o conforto de estar em sua própria pele. Um dia se sentiria assim

novamente, embora fosse levar algum tempo. E isso não se daria porque um homem – ou qualquer outra pessoa – lhe houvesse proporcionado essa sensação, mas porque ela acreditaria em si.

Não ia sair derrotada dessa situação, mesmo porque começara essa relação perfeitamente consciente do risco que corria oferecendo-se a Wynthrope Ryland. Apenas não havia considerado que poderia estar se arriscando a perder algo muito mais vulnerável do que sua posição social. Realmente não havia pensado no que podia acontecer se ele a decepcionasse. Ou se ela se apaixonasse.

Talvez tivesse sido simplesmente seu intenso desejo de amar que a levava a se entregara ele, mas se fosse assim teria feito isso muito antes. Não é que não conhecesse nada do amor. Seus pais não eram um modelo nessa matéria, mas os avós e tios a amavam, em especial a tia Emily. Tony a amava, e sua família a acolhera como um deles. Moira sabia o que era ser amada e ser aceita, só que não por um homem. Não do modo como um homem ama uma mulher.

E como Wynthrope não a amava – pelo menos assim pensava -, continuava sem saber. Por mais que seu coração ansiasse por isso, sua razão lhe dizia que seria melhor que não a amasse. Se para ele o amor era isso, o presságio era que seu futuro não seria nada bom. Finalmente ela parou de chorar, secou os olhos e assoou o nariz várias vezes. Só mais tarde percebeu que o lenço que usara era dele. Que ironia! A cabeça lhe doía e os olhos ardiam, mas o pior era o vazio irremediável que sentia no peito. Moira sabia o que aquilo queria dizer. Estava apaixonada por Wynthrope Ryland.

O fato de ter sido magoada por ele não importava, ela ainda o amava. Na verdade, amava-o ainda mais por várias razões. Ele a traía para se proteger, sim, mas sua preocupação maior era proteger o irmão. Como ela não poderia amar alguém que colocava a família antes de si mesmo? Se se esforçasse, poderia entender sua lógica, até o motivo por que não confiara nela, mas pensar nisso não poria fim a sua dor. Como não acabaria com aquela sensação de que tudo o que havia entre eles se havia desvanecido.

Deus, aonde isso ia parar? Se continuasse assim, ia ficar doida! Nunca mais iria se arriscar a apaixonar-se de novo, se era isso que estava reservado para ela. E pensar que lamentava não ter se casado por amor. Agora estava contente por isso.

- Vejo que cheguei bem na hora.

Ela sorriu ligeiramente quando Nathaniel entrou na sala, caminhando com dificuldade. Apesar do remorso que sentia pelo seu estado, ele era bem-vindo, pois a distraía – embora sem dúvida fosse querer falar sobre Wynthrope. Ele era alguém a quem ela podia se apegar, que a apoiaria até ela conseguir voltar a si. Poderia ajudá-la a entender a situação e lhe dizer se havia sido muito dura com Wynthrope ou não o suficiente.

Nathaniel ajudaria também a pensar mais racionalmente, já que perdera toda a capacidade de fazer isso por si mesma.

Mais importante que tudo isso, ela poderia chorar em seu ombro.

- Você é a distração mais bem-vinda para esta melancolia – disse ela sentando-se na outra ponta do sofá.

Ele se recostou e pôs os pés dela em seu colo.

- Bom. Hoje é o primeiro dia sem chuva em toda a semana. Você merece uma folga.

Moira sorriu para ele. Nathaniel sempre achava um jeito de fazê-la sentir-se melhor.

E por sorte ele também estava com outra aparência. O rosto parecia ter voltado ao normal, a não ser por uns pequenos cortes que ainda não haviam cicatrizado bem e um resto amarelado de alguns hematomas. Ele dissera às pessoas que levava um tombo no gelo diante da casa de Moira. Isso podia justificar os ferimentos e o fato de ter ficado em sua casa a seus cuidados.

Era outra pessoa que mentia para proteger Wynthrope Ryland e seus segredos. Até dava para pensar que os segredos dele eram mais importantes que os de todo mundo. Na verdade, os segredos de Wynthrope eram coisas que as pessoas se esforçavam para guardar, segredos que podiam arruiná-lo ou mandá-lo para a prisão, mas seriam eles piores do que os de Nathaniel? Os próprios segredos de Moira podiam ter acabado com sua vida, mandando-a de volta para uma mãe que a odiava. Acaso seus segredos eram menores que os de Wynthrope?

- Então, por que as lágrimas, meu amor? – Nathaniel deu alguns tapinhas em seus joelhos. – Ele não veio hoje também?

Ambos sabiam de quem se tratava.

- Realmente, esteve aqui antes que você chegasse.

O amigo franziu o cenho, confuso.

- Então por que as lágrimas? Ele não se atirou a seus pés implorando que o aceitasse de volta?

- Disse que faria o que eu quisesse – respondeu, esfregando o nariz.

A confusão de Nathaniel persistia.

- E qual é o problema então?

Ela o encarou. Não era óbvio?

- Eu não devia ter lhe dizer o que fazer; ele devia saber!

Ao ouvir seu tom petulante, ele começou a rir, mas não para zombar dela ou para feri-la.

- Minha querida mocinha, ele é *homem*. Não pode esperar que ele saiba o que você quer. Eles nunca sabem!

Será que seu amigo não percebia que ele também pertencia àquele gênero?

- Todo mundo devia saber que precisa pedir desculpas por seus atos – ela insistia, pois acreditava firmemente nisso. – Ele não. Na verdade, age como se eu devesse saltar de alegria por ter a chance de perdôá-lo.

- Provavelmente era justamente esse o seu desejo – Nathaniel disse em tom seco. – Você quer perdôá-lo?

- Raios, quero! – Ela mantinha o lenço todo amarrotado na mão cerrada. – Quero perdoar aquele malvado, mas não consigo.

- Orgulho! – disse Nathaniel, sacudindo a cabeça como se tivesse entendido.

- Não se trata só de orgulho! – Moira tirou os pés de seu colo e ficou de pé. Orgulho ferido!

Ficava passada quando alguém lhe dizia que o obstáculo era seu orgulho. Isso não era verdade! – É uma necessidade. Como vou saber que ele sente muito, se não me diz?

Nathaniel a olhou compassivo, o que não lhe agradou nem um pouco naquele momento.

- Por seus atos, meu bem.

- Seus atos! Como posso confiar neles? Ele agiu como se me adorasse depois me roubou! – Deus, sua cabeça estava estourando.

- *Tentou* roubar você.

- Não discuta ninharias comigo, Nathaniel! – Não era hora de perder tempo com detalhes. A intenção estava lá, e ele admitira que se ela não o tivesse apanhado nunca saberia a verdade.

– Tudo o que quero é um simples pedido de desculpa. Quero que me diga que sente muito. Quero que me peça para perdôá-lo e que prometa que no futuro vai confiar em mim. Isso é pedir muito?

Nathaniel balançou a cabeça, já não achando graça.

- Acho que não.

Moira abaixou a cabeça, enquanto as lágrimas ameaçavam cair de novo.

- Não quero que pense que meu perdão está garantido. Dei-lhe minha confiança, dei-lhe meu corpo, e ele pegou tudo o que lhe ofereci e mais. Quero que ele se ofereça a mim. Quero saber que só eu tenho seu coração, que ele fica completamente vulnerável quando está comigo.

Talvez isso seja pedir muito, mas é o que eu quero.

Nathaniel passou os braços em torno de seus ombros enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto e estreitou-a contra seu peito. O peso sobre suas costelas devia lhe causar algum desconforto, mas ele parecia não se importar.

- Oh, minha querida menina! Você está apaixonada por aquele bruto, não está?

- Receio que sim – disse ela assentindo, com o queixo roçando a lã do casaco dele.

- Você tem idéia de quais são os sentimentos dele por você? – Ele acariciava seu cabelo enquanto falava.

Dessa vez Moira balançou a cabeça e enxugou os olhos com as costas da mão.

- Deve sentir alguma coisa, ou não estaria tentando me reconquistar com tanta insistência, não acha? – Talvez fosse apenas uma tola cheia de esperança por dizer tais coisas, mas no fundo de seu coração acreditava nelas.

- Acho.

- Tenho medo de confiar nele, Nathaniel. – Levantando-se, olhou para ele e disse: - Tenho medo de acreditar no que diz, e mais medo ainda de ouvir meu coração, que me diz para esquecer meu orgulho e pedir que ele retribua meu amor.

- Implorar amor nunca é uma boa idéia – ele replicou, dando tapinhas em seu ombro. – Não fica bem para a pessoa que suplica e a deixa em desvantagem.

- Fala por experiência própria? – brincou, ensaiando um sorriso.

- Claro! – confirmou ele, às gargalhadas. Não se referia a Tony, estava certa disso, e nem a Matthew Sedgewick. Devia se tratar de alguém de seu passado, que Moira desconhecia.

- O que eu faço? – perguntou Moira suspirando, encostada no vidro frio da janela.
- O que você acha que é melhor para você – respondeu Nathaniel dando de ombros.
- E não pode me dizer o quê? – Olhou-o com esperança e animação pela alegria que começava a sentir. Ainda não se dava por vencida.

Ele riu e balançou a cabeça.

- Não. 'Se fosse lhe dar um conselho, no entanto, diria que desse um pouco mais de tempo. Pode ser um homem como os outros, mais não é estúpido. Afinal, se a merecer, vai perceber o que precisa fazer.

- E se não perceber? – Deus do céu, como parecia perdida!

Ele lhe sorriu com simpatia.

- Então ele não merecia você, minha querida.

Moira sorriu também, apesar do que estava sentindo.

- Temia que dissesse isso. – Ele estava certo, embora não fosse isso que ela queria ter ouvido. Não podia fazer Wynthrope ser o homem que queria que fosse. Só esperava que não estivesse errada sobre ele desde o princípio.

- Normalmente eu lhe diria que, se você lhe quer tanto assim devia ir atrás dele, mas isso não seria a melhor coisa a fazer. Não em se tratando de você. – Ele tomou sua mão nas dele. – Você precisa de um tempo para pôr os pensamentos em ordem. E ele, de um tempo para recuperar o juízo.

- E o que faço enquanto isso? – perguntou ela, massageando a testa com os dedos. – Parece que estou ficando louca.

- Organize a festa de noivado de sua irmã. Faça compras de roupas para o casamento. E almoce comigo, claro. Saia de dentro de casa um pouco – respondeu Nathaniel sem hesitar.

- O que eu faria sem você? – Ela apertou ligeiramente a mão dele. Sem seu apoio, Moira teria perdido o rumo há tempos.

- Sem mim, sua desorientação não seria nem a metade da minha sem sua amizade – respondeu, beijando-a na testa. – E agora por que não pedimos alguns sanduíches e chá? Você precisa comer.

- Comer? – Ela riu. – Assim como estou, meus vestidos já estão ficando muito apertados.

- E você nunca esteve tão bonita. – Ele se pôs de pé e a levantou também. – Comeremos sanduíches de pepino, seus preferidos. E muitos bolinhos.

Mesmo não sentindo vontade de comer, ela nunca iria discutir. Nathaniel sabia melhor que ela do que precisava. Ela puxou o cordão da campainha e disse à senhora Wright o que queriam. Vinte minutos depois ela voltou trazendo um carrinho com sanduíches, bolinhos, chá e todo o necessário para servi-los.

Como sempre, seu amigo estava certo. O que ela mais precisava era de comida. Não só a fortalecia, como era algo que com ocupar sua atenção.

- Chega de falar de mim e de meu melodrama – disse, pegando outro sanduíche. – Diga-me o que tem feito. Você está com ótima aparência.

Ele se ruborizou com o elogio.

- Obrigado. Desde que saí de seus cuidados, tenho passado um tempão sob os mimos do doce Matthew.

Moirá levantou as sobrancelhas. Isso é que era notícia. Boa notícia.

- É mesmo? Ele lhe deu alguma indicação de suas intenções?

O rubor no rosto do amigo se aprofundou, deixando-o com uma aparência jovem, inocente e apaixonada.

- Digamos apenas que seu interesse ficou evidente.

Moirá estava morrendo de curiosidade, mas não queria ser intrometida. Ora, pros diabos com isso!

- Conte-me tudo.

Depois que Nathaniel terminou de enumerar todas as virtudes, as proezas e tudo o mais sobre seu querido Matthew, Moirá se sentiu muito feliz por ele, mas também com muita inveja.

Nathaniel e Matthew pareciam não ter problemas quanto a confiar um no outro ou demonstrar emoções. Talvez fosse assim porque ambos eram homens. Quem sabe a dificuldade com ela e Wynthrope estivesse principalmente na diferença de gênero.

Também podia ser que fosse porque ambos tinham passado tanto tempo procurando se proteger, que haviam esquecido como era deixar que outras pessoas se aproximassem.

- Ele me disse que meu colete vinho me fazia parecer um passarinho de peito avermelhado – contou Nathaniel.

Moirá riu. Matthew tinha razão.

- Estou certa de que terá ânimo para perdoá-lo.

A expressão de Nathaniel subitamente ficou séria.

- Isso nos traz de volta ao seu dilema. Não quero ficar chovendo no molhado, mas o que vai fazer?

- O que vou fazer? - Moirá tinha uma vaga idéia do que ele estava insinuando, mas queria ouvir dele mesmo, para saber se não estava errada. Não seria ela que traria Wynthrope novamente à conversa.

- Se ele lhe pedir perdão, você acha que terá ânimo para aceitá-lo?

Moirá respondeu sem hesitar.

- Oh, sim. – Era isso que ela queria, afinal. – Mas não creio que ele vá fazer isso.

Capítulo vinte

No dia da festa de noivado de Minnie, Moira ficou escondida em seu quarto o mais que

pôde. Quando chegou a hora de se arrumar para a noite, isso já não foi difícil.

Era a primeira a admitir quando estava sendo covarde, mas nessa questão não era bem esse o caso. Estava se escondendo não por medo de enfrentar a mãe, mas porque temia perder o controle e agredi-la.

Eloise Banning parecia uma tirana. Entrou na casa de Moira e imediatamente tentou tomar conta de tudo. Felizmente, os criados de Moira sabiam o que fazer. Uma viscondessa estava muito acima de uma simples senhora, mesmo que se tratasse de sua própria mãe. A cada nova ordem que Eloise dava, os criados iam atrás de Moira, e isso a fazia perder o dobro do tempo com suas ocupações, já que precisava desfazer as ordens que a mãe havia dado.

Tempos atrás Moira teria tentado agradar à mãe, pois passara a maior parte da vida fazendo isso.

Mas agora não. Tudo o que Moira queria era dizer à velha bruxa que parasse de se intrometer nas coisas. Ela a evitava quanto podia para não ter de lhe dizer exatamente isso.

Era evidente que a casa de Moira não era bem decorada, que ela não sabia se vestir, que fizera tudo errado a respeito dos preparativos para a festa. Sabia que não devia ter deixado essas coisas nas mãos dela.

- Mamãe, foi Minnie que escolheu a decoração da festa – disse-lhe Moira. – Por isso, se não estiver satisfeita, precisa falar com ela.

É claro que a mãe nada disse a Minerva sobre a decoração.

- Você engordou – comentou a mãe com um olhar de desdém para Moira. – Espero que não volte a ficar tão gorda como era.

Essa foi a última gota. Moira, de mãos na cintura, encarou a mãe sem baixar a cabeça e perguntou:

- E por que espera que não engorde, mamãe?

- Ficaria constrangida de ter uma filha corpulenta, já que sou tão magra. Não ia gostar que as pessoas se referissem a você como minha “filha gorda” – respondeu a mãe, fungando.

Só a menção de que era filha dela já era odiosa para Moira.

- Um pouquinho de peso a mais rejuvenesce a mulher, mamãe. Devia pensar nisso.

A mãe a olhou como se não estivesse bem certa se tinha sido ou não insultada. Moira sorria docemente.

Com o cenho franzido e comum muxoxo de desaprovação, a mãe lhe deu as costas e se foi dali. Moira não voltou a vê-la pelo resto do dia, o que foi uma bênção.

Para piorar as coisas, as outras irmãs também haviam chegado, mas haviam tido o bom senso de ficar numa hospedaria e não na casa de Moira. Ela de modo geral se dava bem com as irmãs, se a mãe não estivesse por perto. Mas sob sua influência direta, ficavam muito parecidas com a matriarca. Por que tinha de ser a única diferente? Minnie estava se revelando mais parecida com Moira do que com as outras irmãs, mas se a mãe estivesse presente se tornava mordaz e orgulhosa. Quantas vezes já a havia repreendido sobre seu comportamento? As irmãs, e a mãe obviamente, diziam a Moira que deixasse Minnie em paz.

Graças a Deus todos iriam embora no dia seguinte. Felizmente, uma visita curta, e então só teria de vê-las novamente por ocasião do casamento, naquele verão.

Uma coisa boa, no entanto, foi que Moira quase não tivera tempo de ficar pensando em Wynthrope. Minnie o convidara para a festa dessa noite, mas Moira ficaria surpresa se ele viesse. Devia estar em casa, amuado – pelo menos era o que ela esperava. Será que já descobrira o que ela queria dele? Que queria seu arrependimento sincero? Que queria seu coração numa bandeja de prata?

Estaria pronto para lhe dar isso? Ou chegara à conclusão de que ela não valia o esforço?

Quando a criada entrou em seu quarto para penteá-la, Moira olhou para o relógio. Dali a três horas os convidados começariam a chegar, e então ela ficaria sabendo se valia o esforço dele ou não.

- Que surpresa você ter-se decidido a ir à festa esta noite!

Ao ouvir a voz de North, Wynthrope levantou os olhos do copo. Eles estavam na pequena sala de visitas da casa de North e Octavia. North estava tomando café, enquanto Wynthrope bebia *Bourbon*. Ele precisava se fortalecer um pouco para a noite que tinha pela frente.

- É claro que vou. Fui convidado.

- Você acha que Moira vai ficar contente de ver você? – disse North levando a xícara aos lábios.

- Acho que não, mas vou assim mesmo. Quero que ela saiba que não desisti dela. E nem tenho intenção de desistir.

Havia sido numa das muitas noites que passara sem dormir desde a última vez que a vira que tinha tomado essa resolução. Em vez de ficar pensando e se lamuriando como um idiota apaixonado, decidira encarar a situação. Não ia permitir que ela o desprezasse. E se Moira não quisesse dizer o que queria, ele ia continuar tentando, até descobrir, nem que fosse por acidente. Não lhe importava quanto tempo isso levasse, ela teria de ser novamente sua.

- Nunca soube que você fosse tão teimoso – disse North com a testa ligeiramente franzida. – Não depois que você cresceu.

- Tenho fingido ser outra pessoa há uns bons anos, meu irmão – Wynthrope comentou, sorrindo. – Já é hora de parar com isso.

- Entendo. – Talvez entendesse, talvez não, mas lhe fazia bem dizer isso. – Mas por que a mudança de sentimento?

- Ela me disse que eu estava protegendo mais a mim mesmo do que os outros e que acabaria me magoando. Estou disposto a desistir de tudo isso, se for para reconquistar Moira.

- Está falando como um homem apaixonado. – North o olhava de modo estranho ao dizer isso. Só de ouvir essa palavra, seu coração disparou. Wynthrope olhou para seu copo quase vazio.

- Sim, acho que estou. – Admitir isso foi como tirar um enorme peso dos ombros.

North começou a rir. Só Deus sabia o que ia dizer. Felizmente, a aproximação de Octavia poupou Wynthrope de qualquer gracejo por parte do irmão. Toda a atenção de North se voltou para a mulher, que estava linda num vestido de seda cor de bronze acompanhado de um conjunto de topázios e diamantes.

Wynthrope desviou sua atenção de ambos enquanto se beijavam e trocavam palavras de amor. Formavam um casal perfeito, perfeitamente à vontade um com o outro, e a emoção que os unia era tão forte que transparecia. Isso era amor, supunha Wynthrope. Será que algum dia as pessoas pensariam a mesma coisa dele e de Moira?

Com certeza, sim, se dependesse dele.

Wynthrope terminou seu drinque e se pôs de pé. Os murmúrios às suas costas estavam se tornando incômodos.

- Vamos? – perguntou animadamente, voltando-se para o irmão e a cunhada.

A expressão de North e Octavia ao olhá-lo era idêntica. Eles acharam graça no fato de ele querer ir embora. Que rissem. Honestamente, não se importava com o que pensassem, desde que concordassem com seu desejo.

- Sim – North concordou. – Acho que devemos ir. Você sem dúvida está querendo que esta noite termine logo.

Seu irmão nem podia imaginar como queria. E a razão era que quando aquela noite estivesse terminada ele esperava ter feito algum progresso na reconquista de Moira.

Como havia nevado, as ruas do trajeto até a casa de Moira ainda estavam em parte cobertas de neve, e era lenta a circulação por elas. As carruagens se moviam com cuidado para não deslizar. Quando finalmente chegaram à porta de Moira, Wynthrope estava tenso, com os nervos à flor da pele.

Para piorar as coisas, Moira, Minnie e sua família estavam recebendo os convidados numa sala à parte do local da festa. Moira ia perceber seu estado de espírito e culparia a si mesma. Respirando fundo e exalando o ar lentamente, assumiu aquele ar aristocrático que lhe era tão familiar: frio, reservado, charmoso e às vezes sarcástico. Certamente podia fazer isso, manter a encenação por essa noite.

Octavia e North haviam conseguido se adiantar a ele e já haviam sido recebidos. Estavam lá dentro com os outros convidados quando Wynthrope se aproximou para cumprimentar a família.

Tanto Moira quanto Minnie se mostraram surpresas e alegres ao vê-lo. Ao menos esperava que o que vira no rosto de Moira fosse felicidade. Era isso ou ela estava à beira da histeria. Moira e a mãe eram as primeiras. A senhora Banning o encarou como se ele estivesse pendurado num gancho de açougue – meio interessada, mas enojada. Mesmo que nada tivesse ouvido de Moira sobre essa mulher, imediatamente sentiu que não ia gostar dela.

- Boa noite, Lady Aubourn. A senhora está belíssima esta noite. – Esse cumprimento fora um pouco além das conveniências, mas ele não se importou. Estava fazendo valer seus direitos sobre aquela mulher, e queria que todo mundo soubesse que ela lhe pertencia.

Moira ficou lindamente ruborizada, evidentemente perturbada pela atenção dele.

- Obrigada, senhor Ryland. – Então se virou para a mãe. – Mamãe, gostaria de lhe apresentar o senhor Wynthrope Ryland. Senhor Ryland, minha mãe, Eloise Banning.

Wynthrope se inclinou sobre a mão da velha.

- Senhora...

- É parente do visconde Creed, senhor Ryland? – perguntou, de sobranceiras acintosamente levantadas.

- Ele é meu irmão. – Algo no tom da mulher o intrigou.

- Que pena para o senhor.

Maldita velha! Curvava o lábio ao falar, como se ela fosse melhor que Brahm. Em outro tempo Wynthrope poderia ter concordado, mas agora não. Ela não podia ter feito essa pergunta a North – com certeza porque sabia de sua condição de filho ilegítimo, e não ia se rebaixar.

Wynthrope teria se surpreendido se a velha encarquilhada falasse com North.

- Na verdade, tenho muita sorte, senhora. Há gente com relações de parentesco bem menos atraentes do que as minhas. – Essa versão que adotara de si mesmo podia não ser a certa, mas o sarcasmo era.

Ela percebeu claramente o que ele queria dizer. Prova disso era o rubor em seu rosto e os olhos apertados.

Wynthrope virou-se para Moira, que parecia bem incomodada.

- Esta noite a senhora se superou, Lady Aubourn.

- Obrigada, senhor Ryland – disse ela, encarando-o como se não estivesse acreditando na troca de farpas entre ele e sua mãe.

- Se as senhoras me desculparem, acho que agora vou cumprimentar o casal feliz. – Por mais satisfação que tivesse sentido com aquela disputa verbal, não queria deixar Moira ainda mais embaraçada do que já estava.

Seguindo o movimento dos convidados, passou do pai de Moira para Minerva e o noivo.

Permaneceu poucos instantes com eles, dando um beijo no rosto da garota e trocando um aperto de mãos com o rapaz. Estavam realmente apaixonados e muito felizes. Wynthrope os

invejou. Tinham a vida diante de si. Esperava que permanecessem juntos por muitos anos, livres dessas bobagens de orgulho e segredos.

Dali foi para a sala de visitas, que fora aberta e se comunicava com a sala de música, permitindo que se dançasse. Havia também uma sala com uma mesa preparada para a ceia, por volta da meia-noite, após o que poderiam continuar dançando e festejando até altas horas. Será que Moira dançaria com ele? Comemoraria com ele?

Ele ficou observando-a por toda a noite, mas não conseguiu se aproximar dela o suficiente para uma conversa a sós. Ela circulou a noite toda como uma borboleta. A mãe não saía de trás dela, e ele percebeu pela tensão de seu rosto que a mulher punha defeitos em tudo o que ela fazia.

Como uma pessoa tão doce e generosa como Moira podia ter nascido de uma víbora como aquela? Tudo o que ela queria era confiança e amor, e alguém que a tratasse como merecia. Ele lhe oferecera isso, mas jogara tudo fora da maneira mais tola. Nessa noite, do modo como a vira, começou a entendê-la um pouco melhor. Era muito mais fácil ver claramente as coisas quando não permitia que seu orgulho ou as emoções obstruíssem seu caminho.

Mais tarde, depois de ver como Moira agüentara o abuso da velha por tanto tempo, ele se surpreendeu indo na direção de onde elas estavam. Era hora da ceia, e é claro que a senhora Banning vira algo de errado na arrumação da mesa.

- Eu devia ter estado aqui para tomar essas providências – dizia a mãe, alto o suficiente para que muitos dos convidados pudessem ouvir. – Sabia que não devia ter deixado a seu encargo essas importantes decisões. Você estragou tudo.

Moira ficou pálida; seu rosto refletia a humilhação que estava sentindo. Wynthrope se sentiria constrangido também, mas não porque ela tivesse feito algo errado, mas porque aquela harpia rabugenta era sua mãe.

- Creio que Lady Aubourn tomou todas as providências de acordo com as preferências de senhorita Minerva – disse para a mulher, enquanto se aproximava de Moira. - Não foi assim, Lady Aubourn?

Moira olhou-o de um modo que parecia estar pedindo que não se envolvesse, mesmo concordando com ele.

- É verdade, senhor Ryland.

A senhora Banning fixou os olhos em Wynthrope. Era estranho, mas se fosse uma mulher um pouco mais amável, Moira poderia se parecer com ela. Mas nunca seria tão mesquinha e rancorosa quanto essa mulher.

- Senhor Ryland, isso não tem nada a ver com o senhor – disse a mulher, friamente. – Por favor, cuide de seus próprios problemas.

Agora havia alguns convidados assistindo à cena, mas Wynthrope nem se importou. Se aquela mulher queria duelar verbalmente com alguém, havia escolhido a pessoa errada.

- Lady Aubourn é minha amiga – replicou ele -, portanto, ela é problema meu.

Ele também estava consciente de uns poucos olhares que alguns convidados trocavam. Estavam especulando a respeito de quão boa “amiga” ela seria para ele. Moira encarou-o com uma expressão que se poderia dizer de horror.

A senhora Banning franziu a testa, e nela apareceram profundas rugas. Com certeza fazia isso sempre.

- Sou a mãe dela, e isso não lhe diz respeito.

Wynthrope deu aquele seu sorriso zombeteiro.

- Sim, estou ciente do tipo de mãe que a senhora tem sido.

Moira o segurou pelo braço e enterrou nele os dedos, insistindo em que parasse, mas ele a ignorou. Ela podia estar disposta a agüentar aquela mulher horrível, mas ele não ia suportar nem permitir que ela fosse tratada daquela maneira, por isso prosseguiu:

- Sei que, apesar de seus esforços, Moira cresceu e se tornou uma pessoa doce e generosa.

Sei que se tivesse conseguido seu intento ela teria se tornado uma bruxa malvada como a senhora. E sei que, se eu fosse ela, a teria posto para fora desta casa, mas ela é uma pessoa melhor do que eu.

Entre a pequena multidão que já se formara, os risinhos, embora silenciosos, já se faziam ouvir. Moira estava ruborizada, assim como a mãe.

- Seu patife insolente! – gritou a senhora Banning. – Só podia esperar que esse modo de falar vulgar viesse de um Ryland!

Isso foi dito como um insulto, mas Wynthrope simplesmente riu. Durante muitos anos ficara ressentido pelo que Brahm havia feito à reputação da família, e agora sentia prazer com essa notoriedade.

- Considere-se afortunada por eu ter me limitado a falar.

A mulher ofegava. Os dedos de Moira apertaram o braço de Wynthrope com mais força ainda.

- Depois de tudo o que fez a ela, devia se ajoelhar e pedir-lhe perdão – disse ele, sério.

- Wynthrope – sussurrou Moira, aflita -, por favor.

Ele se virou para ela e viu seus olhos suplicantes. Entendeu que a deixara constrangida por falar tão alto e rispidamente com sua mãe, mas Moira não parecia estar zangada com ele. Na verdade, olhava-o como se estivesse louca para beijá-lo.

Era isso que ela queria dele? Uma declaração pública do que sentia por ela? E então lhe ocorreu a resposta, como se tivesse sido plantada em sua mente por um dos anjos de Moira. Perdão. Tinha tudo a ver com perdão. Era o que queria dele. Naquela instante, entendeu. Tudo o que tinha a fazer era pedir que o perdoasse. Ela queria que ele lhe provasse seu amor e lhe desse motivo para confiar nele novamente. Era tão simples! Tudo o que tinha a fazer era engolir o que lhe restara de orgulho.

Então ele se voltou para ela e disse:

- Devo pedir que me perdoe – declarou claramente, sem se importar que todo mundo pudesse ouvir.

Empalidecendo, Moira se deu conta de que seus instintos dessa vez haviam funcionado.

Relanceou os olhos pela multidão que os cercava, que começava a crescer.

- Wynthrope, não.

Pelo que se via, ela não perdera completamente a habilidade de ver sua alma, porque parecia saber o que ele ia fazer.

Ele se ajoelhou diante dela. Já nem se lembrava de sua mãe. A sala zumbia com sussurros ansiosos. Não podia ouvir nenhum deles e nem queria saber o que diziam. Mantinha o olhar fixo apenas em Moira, e as mãos pendentes ao longo do corpo. Abaixando-se, pusera-se numa posição vulnerável, e tinha que olhar para cima para falar com ela. Agora só faltava dar o passo final.

- Por favor, levante-se – Moira murmurou, torcendo as mãos.

- Quero que você me perdoe. *Preciso* que me perdoe. Por tudo o que fiz, por tirar vantagem de sua bondade, por não confiar em sua inteligência e sua força. Pela falta de fé em você ou em seus sentimentos, peço-lhe perdão. Por não ter consideração por suas emoções, por não ter-me atrevido a esperar que você pudesse chegar a gostar de mim. Por não confiar meus segredos a você, por não ter sido capaz de sacrificar meu orgulho para ter você em meus braços, peço que me perdoe.

- Por favor, levante-se – disse ela com os olhos cheios de lágrimas.

- Até me desculparei por ter insultado sua mãe, se você quiser – disse ele sacudindo a cabeça.

– Mas não posso me levantar, até que você me perdoe. Você é tudo para mim, Moira Tyndale, e não me importa quem possa saber disso. Se tiver que fazer isso, pedirei seu perdão toda noite, pelo resto de minha vida. Mas você poderia poupar meus joelhos da dor, aqui e agora, dizendo a este homem sem merecimento que pode passar o resto de seus dias de um modo melhor, demonstrando quanto a ama, quanto adora você.

Moira o olhou fixamente, com as lágrimas escorrendo pelas faces.

O que era aquele som abafado no canto da sala? E ouviu outro. Obviamente sua fala havia atingido mais gente, além da mulher que estava à sua frente.

Ele acabara de se expor ao ridículo. Todo mundo iria falar sobre isso no dia seguinte. Talvez então, quando seu orgulho tivesse avaliado a situação, ele fosse se importar com isso mais do que se importava nesse momento. Certamente ia ser motivo de riso.

Então Moira fez uma coisa extraordinária. Ela poderia ter simplesmente dito que o perdoava, ou ter-lhe dado as costas e ido embora. De qualquer jeito, ele ainda seria o único alvo dos falatórios no dia seguinte. Mas ela não fez num uma coisa nem outra. Em vez disso, abaixou-se e ajoelhou-se diante dele, ficando ambos face a face no frio chão de mármore. Ele mal conseguia crer no que estava vendo.

Moira tomou o rosto de Wynthrope nas mãos delicadas e com os polegares começou a acariciar suas faces.

- Perdoarei você – sussurrou -, mas só se você me perdoar por tê-lo levado a fazer isso.

- Não há nada a perdoar – disse ele, cobrindo as mãos de Moira com as dele. – Iria de joelhos até Bond Street se isso significasse voltar para você.

- Eu o quero de volta.

Wynthrope pôs-se de pé; levantando Moira junto com ele. O coração saltava em seu peito, ameaçando explodir de alegria. Tomando-a pelas mãos, puxou-a atrás de si através da multidão dos convidados, que cochichavam admirados, passando pela sala de visitas, seguindo pelo corredor e depois subindo a escada.

- Aonde estamos indo? – perguntou Moira, dando um tropeção atrás dele, embora soubesse para onde a estava levando. Estava feliz demais para se scandalizar com seu comportamento, sensibilizada demais para censurá-lo.

Ele lhe pedira perdão de um modo que ela jamais imaginaria que fizesse. Um homem tão orgulhoso humilhar-se assim por ela... Tinha dito que a adorava. Dissera perante todo mundo que a amava. Sentia um aperto no coração só de se lembrar disso. Ele a amava. Nada mais parecia importar agora.

Assim que chegaram ao quarto e a porta se fechou atrás deles, Wynthrope viro-se para Moira e começou a tirar seu vestido, ao mesmo tempo que lhe devorava os lábios.

Oh, Deus, era tão bom abraçá-lo, sentir seu corpo! Mas havia convidados lá embaixo certamente especulando sobre aonde teriam ido e o que estariam fazendo.

- Wyn, não podemos fazer isso. Todo mundo vai saber – disse Moira, afastando-o de si.

- Não me importo. – Enfiou a mão dentro de seu vestido e começou a acariciar seus seios, fazendo seus mamilos endurecerem. – Você se importa?

- Nem um pouco. – Especialmente quando ele a tocava como agora.

Segundos depois já estavam na cama, ela com a saia levantada até a altura dos quadris. O tecido da calça de Wynthrope roçava suas pernas, enquanto seu membro enrijecido pressionava até o fundo aquela parte suave entre suas coxas.

Ela sentiu como que um calor em forma líquida espalhando-se bem fundo dentro dela. Como o queria. E esse desejo era tão forte que ia além da necessidade física. Tinha de possuí-lo, tinha de mantê-lo ali dentro tanto quanto pudesse, pois só assim saberia que aquilo não era um sonho.

Seu casaco voou até o outro lado do quarto, assim como seu colete, a camisa e a gravata.

Então, com o belo peito nu, deitou-se em cima dela e a olhou com aqueles extraordinários olhos azuis.

- Nunca mais mentirei para você ou esconderei segredos de você – disse Wynthrope com voz rouca. – Gostaria de poder prometer que nunca mais vou magoar você, mas não estou certo de que alguém possa manter essa promessa. Dou-lhe minha palavra que tentarei ao Máximo nunca magoar você de novo.

Sorrindo, ela passou as mãos em suas costas macias.

- Também não quero lhe fazer mal, e nunca mais haverá segredos entre nós, prometo.

Com o cabelo caído na testa, parecia vulnerável, o que suavizava suas feições. Parecia tão jovem, doce e aliviado! Tinha certeza de que não havia mais segredos entre eles.

- Você me ama?

Como soara esperançoso! Então o tolo não sabia? Como podia não saber?

- Desde o momento em que o vi – ela admitiu. – Embora naquele tempo achasse que era apenas uma paixão passageira.

Apoiou o peso num braço e levou a mão ao seu seio, acariciando-o através do vestido.

- Eu a vi na rua há vários meses, lembra-se?

- Sim – afirmou ela.

Com o olhar preso ao dela, seus dedos tocavam seu corpo com delicadeza, levando-o a um delicioso estado de excitação.

- Você me olhou como se pudesse ver minha alma. Soube naquele momento que, se você pudesse fazer isso sem ficar decepcionada, seria uma mulher que eu gostaria de conhecer melhor.

As mãos dele deslizaram até as nádegas para acariciar suas firmes protuberâncias, o que fez Moira levantar os quadris de encontro aos dele.

- Nada sobre você poderia me decepcionar. Não me importa o que tenha feito no passado. Só sei que você me faz sentir-se a mulher mais bonita e inteligente deste mundo.

- E você é – disse ele, sorrindo.

Ela sentiu um aperto na garganta ao ouvir isso. E a conversa ficou para depois, quando seus lábios voltaram a exigir os dela. A conversa podia esperar. Tinham a vida inteira para conversar. E para que conversar agora? Ela já sabia que tudo ficaria bem entre eles. Não havia obstáculo que não pudessem superar, enquanto fossem sinceros um com o outro.

Moira nunca poderia esquecer a expressão de sua mãe quando ele a pusera no seu lugar. Por mais constrangedor que aquilo tivesse sido, também fora delicioso. Ele a salvara. Ninguém jamais a socorrera, mas ele por duas vezes pelo menos já fizera isso – quando a tinha segurado ao cair da escada na casa de Octavia e agora.

Oh, e também a salvara evitando que passasse o resto da vida temendo confiar seu segredo a qualquer pessoa. Ele a salvara, enfim, do medo de confiar.

Ele desabotoou o vestido com dedos firmes, maldizendo cada botãozinho. Finalmente conseguiu tirar a seda brilhante que a cobria. Não atirou o vestido no chão como havia feito com as próprias roupas, mas dobrou-o e o colocou numa cadeira, o que a deixou estranhamente comovida.

Mas parecia que fazer isso consumira toda a sua paciência, porque nem se incomodou em tirar as outras peças de roupa, nem as meias ou sapatos. Por cima da seda beijou seus seios, umedecendo o tecido com a língua, até que os mamilos rosados ficassem rijos. Cada movimento de sua língua e dos lábios sugando seus seios com insistência provocava um choque de pura luxúria entre suas pernas.

Seus quadris se contorciam contra os dele. O membro ereto era sólido como uma pedra de encontro a seu corpo, enquanto com os dedos ele acariciava a parte interna de suas pernas abertas. Ela os queria dentro dela, estimulando aquela parte que ansiava por seu toque e pelo prazer que só ele podia lhe proporcionar.

Finalmente Wynthrope deu o que ela queria. Puxando a camisa para baixo pelo decote, começou a beijar seus seios. Enquanto saboreava aquela pele nua, seu polegar deslizou por

entre os caracóis úmidos no meio de suas coxas para dentro da fenda úmida, em busca daquele ponto que se tornava maravilhosamente vivo ao seu toque. Ofegante, Moira levantava os quadris enquanto ele a tocava.

Ela se apertava contra a mão dele, e um dedo deslizou para dentro dela, fazendo-a gemer.

Com a língua ele estimulava seu mamilo, levantando-a ao auge do prazer sexual.

Desesperada para tocá-lo, Moira levou a mão ao fecho de sua calça. Ela se atrapalhou por uns segundos, mas logo conseguiu deixar livre o pênis cáldo e sedoso. Estava intumescido e pesava em sua mão, e a cabeça redonda escorregava ao seu toque. Ele gemia de encontro ao seu seio, pressionando-se contra a mão que agarrava seu membro. De modo um tato desajeitado no início, começou a movimentá-lo, até que instintivamente atingiu um ritmo que o fazia introduzir e retirar o dedo de dentro dela, fazendo-a pensar que ia enlouquecer de prazer. Então, ele sumiu. Por um momento, Moira ficou confusa. Onde estava? Um segundo antes pesava, quente, em sua mão, e agora já não estava ali.

Alguna coisa roçou a parte interna de suas coxas, e Moira percebeu que era cabelo... de Wynthrope. Teve apenas um instante para intuir o que ele ia fazer antes que sua língua úmida e dura impelisse seus quadris para cima, com as costas elevando-se numa grande curva. Sua boca estava ali, a língua dentro dela, empurrando-a como se estivessem fazendo amor. E então ele levou a língua mais para cima, fazendo-a gemer enquanto tocava o centro de seu prazer com uma pressão enérgica.

Moira se agarrou em seu cabelo enquanto os quadris se ondulavam sob as investidas dele. E a sensação que despertava nela era indescritível. Fazia coisas que ela jamais imaginara que fossem possíveis – ou mesmo remotamente adequadas. Ela devia estar embaraçada, ou consciente da aparência de seu corpo nessas posições, mas tudo o que podia pensar era como ele a fazia sentir-se bonita. Aos olhos dele ela era linda, qualquer que fosse a posição de seu corpo. Para ele, ela não tinha defeitos, apenas qualidades que faziam que ele a amasse ainda mais. Ela compreendia isso agora, porque era assim que se sentia em relação a ele também.

E então não conseguiu pensar em mais nada, porque com sua língua ele a levou ao maior prazer que já experimentava, envolvendo-a num clímax inimaginável.

Sem esperar que se recuperasse, pressionou-se para dentro dela. Moira gemeu ante a investida, dobrando os joelhos para permitir um acesso mais profundo ao seu corpo. Senti-lo contra suas paredes internas provocava nela pequenos choques que ondulavam por todo o seu corpo. Saindo de dentro dela e entrando de novo, ela a deixava cada vez mais perto de outro orgasmo.

E então aquilo aconteceu. Exatamente quando se aproximava dela nova tempestade de prazer, Moira sentiu que Wynthrope estava rígido em cima dela, o frenético movimento de seus quadris haviam cessado. Ele estremeceu, suas costas se curvaram, e a cabeça foi atirada para trás.

Maravilhada com o que presenciava e sabendo que ela era a responsável, Moira envolveu os quadris dele com as pernas, apertando-o firmemente dentro dela enquanto ele atingia o orgasmo.

Mais tarde, quando já estavam relaxados, eles se deitaram, um nos braços do outro, sob o mesmo acolchoado que os cobrira da primeira vez que haviam ido para a cama. Só que dessa vez ele não estava diante do cofre quando ela acordou.

Wynthrope brincava com uma mecha do cabelo dela, ao se aconchegar a ele. Não iam volta para festa, não assim. Para ele, estava tudo bem; não estava disposto a compartilhá-la com ninguém, pelo menos agora.

- Você está assumido um grande risco, não permitindo que me retire – disse ele. Essa noite podia ter dado origem a uma criança. Por estranho que parecesse, essa idéia não o aterrorizou como ele imaginava.

- Há riscos que vale a pena correr – disse Moira, dando de ombros. Depois, levantou a cabeça e olhou para ele meio sonolenta. – Foi você que assumiu um grande risco, ao se ajoelhar diante de mim na presença de todos.

- Há riscos que vale a pena correr – repetiu as palavras dela, sorrindo, enquanto acariciava seu rosto. Como era suave sua pele!

Ela riu.

Ao olhar para a pintura do outro lado do quarto, o sorriso de Wynthrope se desfez. O cofre estava atrás daquele quadro.

- Talvez você devesse trocar a combinação de seu cofre – observou ele. – Se ainda não o fez. Ela o encarou por um momento e depois deu um sonoro beijo em sua boca.

- Não é preciso. Confio em você.

Suas palavras o atingiram bem fundo mais até do que sua declaração de amor, porque significavam muito para ambos.

- Mesmo em relação a seus objetos de valor? – disse ele meio brincando, para disfarçar a emoção, antes que fizesse alguma tolice, como chorar.

Ela aconchegou o rosto em seu ombro, roçando sua pele com os lábios.

- De todo o coração. Só você o possui.

Ele a abraçou do modo mais forte que podia, mas isso não era nada comparado com a onda de amor que enchia seu peito.

- Você também tem o meu.

Fez-se silêncio então, e ele não se importou. Estava feliz só de abraçá-la, e quando finalmente adormecera, e até depois, ele ainda a abraçava.

Wynthrope se foi da casa de Moira de manhã cedo, mas voltou mais tarde, à noitinha, indo encontrá-la na biblioteca.

Beijou-a sonoramente, admirando com a maneira como ela correspondia a seus agrados. O corpo macio de Moira se juntou ao seu como um molde e nele se fundiu. Um só beijo já o deixara excitado.

- Podemos jogar uma partida de xadrez? – ele sugeriu, depois do beijo.

Ela o olhou como se quisesse estrangulá-lo.

- Xadrez? Você quer jogar xadrez?

Era evidente que sua rainha sedutora tinha algo em mente. Ele notou que a casa estava estranhamente silenciosa. Teria dispensado todo mundo para que pudessem ter alguma privacidade?

- Sim quero – respondeu ele, lutando para não desatar a rir. – Podemos?

Moira concordou, meio mal-humorada.

- Eu monto o tabuleiro – ele se ofereceu, indo até a mesa onde costumavam jogar. – Não faz objeção a que eu jogue com as brancas, não?

- Escolha as que quiser.

Ele riu enquanto preparava a mesa para jogar. Saber que ela lhe queria tanto, que o desejava como ele a ela, era maravilhoso.

Arrumou as peças, voltou-se para ela e estendeu-lhe a mão.

- Venha jogar.

Ela a tomou, ainda de ar amuado, e deixou que ele a levasse até a cadeira.

Moira não estava nem um pouco interessada no jogo. Podia ver isso pela sua postura e pelo modo como estava sentada. Ele fez o primeiro movimento – mudou a posição de um peão. Não eram suas peças que importavam.

Ela pegou a rainha preta, levantando a peça para olhá-la. Havia em volta dela um anel dourado, e uma esmeralda resplandecia incrustada no centro da peça de ouro.

- Case-se comigo – pediu, interrompendo o silêncio.

Moira o olhou, espantada, boquiaberta.

Wynthrope pegou a rainha de suas mãos trêmulas e retirou dela o anel. Então, segurando a mão esquerda de Moira, colocou-o na ponta de seu dedo.

- Diga sim e farei o que você mandar.

Moira assentiu com os olhos inundados de lágrimas.

- Sim, mas não quero mandar em você.

O anel deslizou facilmente pelo dedo, ajustando-se perfeitamente em seu lugar. Ele acertara o tamanho. Soltou sua mão, ainda que relutasse em fazer isso. Não importava que ela não quisesse lhe dar ordens – ele faria o que ela quisesse até o fim de seus dias.

Moira se levantou da cadeira e contornou a mesa, aproximando-se dele. Ele mal teve tempo de se afastar um pouco antes que ela se lançasse em seus braços, cobrindo seu rosto de beijos.

Ele ria de alegria. Ela dissera sim!

Essa exuberância jogou-os da cadeira para o tapete, onde caíram, com a saia dela em volta dos dois. Ele estava por cima dela, sentindo a doce suavidade de sua entrega a ele.

- Amo você, Wynthrope Ryland – murmurou Moira, com o rosto resplandecendo.

Seu coração quase parou diante dessas palavras. Ele suspeitava eu seria assim para sempre.

- Amo você, Moira Tyndale.

Trocaram um sorriso antes que seus lábios se encontrassem. E enquanto Wynthrope fazia amor com sua noiva no tapete, sob a mesa de xadrez, percebeu que se havia prazer em roubar um coração, havia infinitamente mais alegria quando ele era dado espontaneamente.

FIM!!!

Digitado por: Ana

